



-R-

FERNANDO JORGE AFONSO DIOGO

OS POBRES FACE À EXCLUSÃO

ANÁLISE DE UM BAIRRO SOCIAL EM PONTA DELGADA



Lisboa, 1995

42535

Dissertação do curso de mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ÍNDICE

	pg.
Agradecimentos	7
Introdução	8
a) O que se pretende demonstrar	
b) Porque escolhi este tema	
c) Comentário analítico do índice	
 I PARTE: PROBLEMATIZAÇÃO	 13
 1. DEFINIÇÕES E ANÁLISE DA POBREZA	 14
1.1- ABORDAGENS CLÁSSICAS	15
a) Pobreza absoluta	
b) Definição de pobreza a partir das necessidades básicas	
c) Explicação pelo rendimento	
d) Teoria da privação relativa	
1.2- TRABALHOS SOBRE A POBREZA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	 23
a) Trabalhos realizados noutras ciências sociais	
b) Trabalhos na área da Sociologia	
b.1) o exemplo de Jean Labbens	
b.2) Equipas de investigação em Portugal	
b3.) A abordagem de Rainwater	
b.4) O exemplo de Castel	
b.5) Estudos na tradição da escola de Chicago	
b.6) A equipa de Pierre Bourdieu	
1.3- SÍNTESE OPERACIONAL: INVENTÁRIO DOS INDICADORES MAIS UTILIZADOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DA POBREZA	 38
a) Categorias sócio-profissionais, emprego e desemprego	
b) Nível de escolaridade	
c) O género	
d) A idade	
e) A saúde	
f) A habitação	
g) A pertença étnica	

2- O ENQUADRAMENTO TEÓRICO ESCOLHIDO	47
2.1- PORQUÊ BOURDIEU?	47
2.2- A DEFINIÇÃO DE CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA A PARTIR DE BOURDIEU	49
a) A importância de factores económicos	
b) Dimensões da condição social objectiva	
b.1) A classe social	
b.2) A trajectória social	
b.3) A estrutura de capitais dos agentes	
2.3- A IMPORTÂNCIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA DEFINIÇÃO DE CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA	59
a) Contextualização da teoria das representações sociais	
b) Definição de representação social	
b.1) A objectivação	
b.2) A ancoragem	
c) Os <i>media</i> na produção e reprodução das representações sociais	
d) Relação representação social/Habitus	
2.4- A EXTERIORIZAÇÃO DA CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA	65
a) O habitus	
b) O gosto	
c) O estilo de vida	
d) Exteriorização da condição social objectiva	
e) Espaço físico e espaço social: o sublinhar da visibilidade da pobreza	
2.5- CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA E DOMINAÇÃO SIMBÓLICA	72
2.6- PERCEPÇÃO SUBJECTIVA E ESTRATÉGIAS DE MINIMIZAÇÃO DO IMPACTO NEGATIVO DE UMA BAIXA CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA	74
a) Percepção da condição social objectiva	
b) Sobre o conceito de estratégia	

3- A HIPÓTESE/APRESENTAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE	79
a) As hipóteses	
b) Estratégias conformistas	
c) Estratégias de fuga à pobreza ou de distinção social	
II PARTE: DESENVOLVIMENTOS EMPÍRICOS	85
1- ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E TÉCNICAS	86
1.1- OBSERVAÇÃO	86
a) Inquérito	
b) Matriz de dados	
c) Entrevistas	
d) Entrevistas a testemunhas privilegiadas	
e) Observação participante	
1.2- ORIENTAÇÕES DA ANÁLISE	90
1.2.1- ANÁLISE ESTRUTURAL	90
a) Noção de código	
b) Tratamento de materiais volumosos	
c) Regras de construção dos gráficos	
1.2.2- A ANÁLISE FACTORIAL DAS CORRESPONDÊNCIAS	99
2- APRESENTAÇÃO DO BAIRRO ESTUDADO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UMA REALIDADE	101
2.1- APRESENTAÇÃO FÍSICA DO BAIRRO	102
a) Aspectos físicos	
b) História do bairro	
2.2- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BAIRRO: A VISÃO DOS <i>MEDIA</i>	107
a) Demarcação do Bairro em relação à cidade	
b) Definição das problemáticas sociais existentes no Bairro	
c) Distinção entre um "passado" mais negro e um "presente" mais risonho	

d) Apresentação dos habitantes do bairro como passivos, pois as preocupações e as iniciativas existentes partem de entidades exteriores

2.3- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BAIRRO: A VISÃO DOS TÉCNICOS DO PROJECTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL	115
3- CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO DO BAIRRO	120
3.1- INQUÉRITO	121
3.2- MATRIZ DE DADOS	133
4- MODELOS DE REPRESENTAÇÕES	143
a) Identidade	
b) Espaço	
c) Tempo	
d) Curso e ocupação	
CONCLUSÕES	179
a) Aspectos teóricos	
b) Aspectos empíricos	
b.1) Estratégias de distinção: críticas aos vizinhos	
b.2) Estratégias de distinção: críticas a entidades exteriores	
b.3) Estratégias conformistas	
c) A ambiguidade na utilização das diferentes estratégias	
d) Estratégias de distinção e reprodução social	
e) Lacunas e pistas para outros trabalhos	
Bibliografia	190
Anexos	198
Anexo 1 - Ficha de Constituição da Base de Dados	199
Anexo 2 - Notícias Sobre o Bairro nos Jornais	200

Anexo 3- Modalidades Activas e Contribuições da Análise Factorial das Correspondências	201
Anexo 4- Tiras do Corpus Usadas na Análise Estrutural	202
Anexo 5- Protocolo do Inquérito	233

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem as seguintes ajudas que, desde já, agradeço:

Ao Prof. Doutor Casimiro Balsa cuja Orientação, conselhos e indicações foram preciosos.

À Universidade dos Açores e ao Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, encarnado na pessoa da directora que deu luz verde à realização deste mestrado, pelas facilidades concedidas.

Aos colegas Gilberta Rocha, José Resende e Octávio Medeiros que tiveram ocasião de ler este trabalho, em diferentes fases da sua elaboração, tendo-me dado sugestões que me ajudaram a desbravar a pequena parcela da realidade social sobre a qual me debrucei.

Ao Padre José Constância que apoiou este trabalho e sempre mostrou simpatia por ele, embora pudesse ter posto obstáculos à sua realização.

A todos os que colaboraram na recolha de informações: moradores que acederam conversar, testemunhas privilegiadas que se disponibilizaram a perder o seu tempo comigo e responsáveis por fontes de informação que mas cederam.

Finalmente, realço o papel dos funcionários do Centro de Informática e do Departamento de História Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores que deram uma importante contribuição, nas respectivas áreas, poupando-me tempo e dinheiro e, o que não é o menos, ajudando a tornar este trabalho melhor.

Introdução

O trabalho de uma tese de mestrado não deve, em meu entender, servir apenas para a realização dos objectivos académicos que normalmente se lhe associam: a aprendizagem do processo de investigação e a atribuição de um grau académico.

Querendo assumir o comprometimento social da Sociologia gostaria de dar ao trabalho uma dimensão prática, fazendo com que ele possa, de alguma forma, contribuir para compreender e agir a realidade social. Com isto, não pretendo reduzir a ciência a uma mera tecnologia do social. Defendo, sim, a ideia de uma Universidade que, salvaguardando a especificidade do discurso que a institui, assume a sua quota parte na produção do tecido social em que se insere.

Assim, penso que um trabalho se encontra verdadeiramente realizado quando é objecto de interesse e de discussão por parte dos actores e interventores sociais, ou quando é utilizado como ponto de partida para a mudança social ou ainda quando esclarece uma situação social, e não, ao contrário de que é estereótipo academista, quando o seu destino é perder-se num canto poeirento de uma qualquer biblioteca acedido apenas por alguns especialistas.

a) O que se pretende demonstrar

Em relação ao objectivo deste trabalho, procurou-se descobrir em que medida é que os sujeitos considerados em situação de pobreza utilizam a sua capacidade de manobra face aos constrangimentos sociais para darem de si, a si próprios e aos outros, uma imagem mais positiva do que aquela que a sua condição social objectiva permite antever¹. Ou seja, procurei descobrir de que forma é que a percepção da condição social objectiva, dos agentes pobres, está na base de estratégias que procurem melhorá-la, aos olhos dos próprios e dos outros, minimizando as conotações negativas que lhe estão associadas.

Outras preocupações importantes no âmbito do estudo da pobreza apresentam-se como secundárias para este trabalho. Designadamente, a

¹ Na linguagem de Goffman, o indivíduo estigmatizado tem tendência a "representar" para dar uma melhor imagem de si, acrescentando nós, também a si próprio. Cf. Erwing Goffman - *Stigmaté: les usages sociaux des handicapés*, Paris, Minuit, 1975, p. 25.

pobreza enquanto processo dinâmico², a nível das condicionantes históricas do seu estado actual de desenvolvimento, ou as dimensões macrossocial e sócio-demográfica.

b) Porque escolhi este tema

A escolha como realidade a estudar, em termos de trabalho de campo, de um Bairro social em Ponta Delgada, S. Miguel, estigmatizado como um Bairro a evitar, onde grassaria pobreza e violência, é motivada, em primeiro lugar, pela concepção que partilho do trabalho científico. No entanto, um projecto é sempre, multideterminado por um conjunto de opções e contingências que intervêm nos mais diversos níveis e que contribuem, progressivamente, para lhe dar a sua estrutura e movimentos particulares.

A primeira dessas contingências foi, ao integrar a Universidade dos Açores, ter sido confrontado com um pedido para desenvolver um projecto que, de alguma forma, envolvesse a Região. Esta política do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais é responsável pela escolha do terreno de investigação.

À medida que fui tomando conhecimento dos estudos existentes sobre as representações que os próprios pobres têm da situação em que vivem verifiquei a existência de poucos trabalhos desenvolvidos. A constatação desta carência orientou também a opção de investigação por que enveredámos e a escolha da área onde situamos o nosso modesto contributo.

Como em qualquer trabalho deste género, este contou com as tradicionais limitações de tempo e de dinheiro, às quais foram acrescentadas as dificuldades devidas à distância-custo às bibliotecas, às livrarias, às discussões com colegas e à orientação criadas pela barreira económica, mais do que geográfica, que constituem os cerca de 1200 quilómetros que separam S. Miguel de Lisboa, apesar, refiro mais uma vez, das facilidades concedidas pela Universidade e Departamento.

² Cf. Robert Castel - *Les métamorphoses de la question sociale*, «L'espace du politique». Paris, Fayard, 1995 e Robert Castel - "De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation" in Jacques Donzelot - *Face À l'exclusion*, Paris, Ed. Esprit, 1991, pp. 137/168.

c) Comentário analítico do índice

Este trabalho está dividido em duas partes, sendo que a primeira é a parte teórica e a segunda a que apresenta os aspectos relacionados com o trabalho de campo.

No primeiro capítulo da primeira parte apresento a revisão da literatura existente, de onde ressalta a carência de trabalhos dentro da problemática particular da pobreza que elegi para o meu estudo.

Como veremos a maioria dos trabalhos apresentados preocupam-se, sobretudo, com as dimensões macrosocial e objectiva da realidade em que se inserem os agentes considerados em situação de pobreza.

Neste sentido, procuro mostrar que as definições científicas de pobreza existentes se preocupam, sobretudo, com a análise da dimensão económica, tendo a dimensão social sido introduzida mais tarde, enquanto os aspectos microsociais, dependentes das acções dos actores concretos, não são levados em linha de conta.

Continuarei a explorar esta ideia quando, num segundo momento, expuser alguns dos principais trabalhos existentes, pois a maioria fundamenta-se em perspectivas pouco relacionadas com as minhas preocupações. No entanto, não deixarei de pôr em evidência as questões e desenvolvimentos que interessam mais directamente à temática que escolhi.

Na última secção deste primeiro capítulo sintetizarei um conjunto de características sócio-demográficas, que os autores estudados atribuem geralmente aos agentes em situação de pobreza de forma a, mais tarde, poder mostrar que, no que diz respeito à condição social objectiva, os agentes sociais residentes no Bairro as partilham, pelo menos em grande parte, sendo por isso, e de acordo com estes critérios, pobres.

No segundo capítulo está exposto o enquadramento teórico escolhido, começando-se por justificar a opção pelo modelo teórico de Pierre Bourdieu como perspectiva teórica deste trabalho.

A partir desta opção inicial são apresentados os aspectos importantes para a definição dos conceitos que consideramos chave: condição social objectiva, representação social, estratégia e factores relacionados com estes conceitos que permitem afirmar que os agentes são condicionados pela sua condição social objectiva mas que dispõem de uma margem de manobra a partir da qual, usando o seu sentido prático da prática, implementam estratégias para atingirem os seus fins.

O modelo de análise é apresentado no terceiro capítulo, pretendendo com ele sintetizar o que foi exposto anteriormente formulando uma hipótese central, explicitando uma hipótese subjacente e mostrando de que forma é que os dados têm de se apresentar para invalidar a hipótese de partida.

No capítulo seguinte, o primeiro da segunda parte, numa primeira secção descreverei brevemente os instrumentos de observação utilizados e as principais contingências, neste nível, que condicionam este trabalho para, numa segunda secção, apresentar as opções metodológicas e técnicas seguidas, dedicando particular atenção à Análise Estrutural de conteúdos, explicando a sua importância para o trabalho e a sua especificidade enquanto técnica e, de forma mais resumida, faço também algumas considerações sobre a Análise Factorial das Correspondências utilizada na exploração dos resultados de uma matriz de dados sobre a população do Bairro em estudo.

No segundo capítulo, procuro descrever o Bairro onde foi feito o trabalho de campo física e historicamente, além de tentar mostrar a representação social negativa que existe sobre ele a partir das visões jornalística e técnica. Esta última a partir do projecto de intervenção social no Bairro.

Apresento um perfil da população residente através da análise dos dados recolhidos, no terceiro capítulo, com quadros e com a utilização da Análise Factorial das Correspondências.

Tratam-se, tão só, a este nível de abordagens preparatórias que pretendem confirmar os pressupostos da hipótese central.

Os resultados da Análise Estrutural, centrais no trabalho, são mostrados no quarto capítulo desta segunda parte.

Finalmente, no último capítulo, exponho as conclusões, onde se constata que a hipótese é parcialmente validada uma vez que se todos rejeitam a representação social negativa que lhes é associada, as estratégias de demarcação que daí resultam passam por recusas mais ou menos profundas.

Finalmente, optei por utilizar, em algumas partes do trabalho, a primeira pessoa do singular em detrimento da primeira do plural, mesmo correndo o risco de por vezes parecer pretensioso, devido à quixotesca convicção de que em Portugal se perde demasiado tempo e gastam-se demasiadas energias na luta pela apropriação e manutenção dos símbolos hierárquicos e do poder associado, em claro detrimento de questões mais

substanciais. Considero o "nós" como um pequeno exemplo desses desperdícios.

É porque a única forma de modificar as coisas é modificá-las que dou este modesto contributo para a mudança deste traço cultural.

Trata-se pois de uma questão ideológica que era necessário explicitar de forma a evitar enfiamentos na produção deste trabalho.

I PARTE: PROBLEMATIZAÇÃO

1. DEFINIÇÕES E ANÁLISE DA POBREZA

Neste capítulo é mostrado que a pobreza, enquanto fenómeno estudado pelas ciências sociais, começou por ser um problema discutido sobretudo por economistas e em termos económicos. Nesta perspectiva dá-se atenção ao rendimento e ao consumo, do ponto de vista macroestrutural e objectivo, enquanto a dimensão social só recentemente foi introduzida, e de forma limitada, pois contempla apenas os aspectos macrossociais e objectivos.

Os trabalhos produzidos em Sociologia aqui expostos, influenciados pela anterior e pujante tradição económica, posicionam-se de forma semelhante embora dando mais atenção aos factores sociais. Uma outra explicação poderá ser a relativa facilidade de operacionalização dos critérios económicos (e sócio-demográficos) e a sua fácil utilização política³ que leve as Ciências Sociais em causa a seguirem o caminho com menor inércia (mais fácil).

Este estado das coisas significa que poucos trabalhos têm tido em conta as dimensões microsocial e subjectiva desta problemática.

Apesar disso, foram feitos alguns trabalhos nesta sub-área, sendo os mais importantes para esta análise aqui referenciados.

Assim, as formas como os agentes vivem a sua situação de pobreza estão mal estudadas. Defendo a importância que têm para a compreensão desta, quer como fenómeno, quer como processo, na medida em que a forma como os agentes lidam com a sua condição social objectiva pode ser no sentido de procurarem a reprodução ou a mudança.

Ao usar a expressão "pobreza objectiva" pretendo significar que o estudado são as condições de vida dos agentes, os constrangimentos que condicionam as suas opções, independentemente da percepção que estas pessoas têm da sua própria situação e das estratégias que usam para modificar, em seu favor, as condições sociais objectivas a que estão sujeitas.

³ Esta facilidade é, como veremos, ilusória.

1.1- ABORDAGENS CLÁSSICAS

Em termos científicos, a discussão sobre este fenómeno social teve início na Economia Política⁴ no século passado, tendo os economistas elaborado uma tradição de investigações sobre a pobreza⁵, constituída como uma escola de pensamento que tem influenciado decisivamente a grande maioria dos estudos realizados sobre este assunto.

a) Pobreza absoluta

Os trabalhos efectuados especificamente sobre a pobreza pelos economistas Rowntree e Booth sobre Londres tiveram, segundo Townsend⁶, grande influência desde os anos 90 do século XIX até às primeiras décadas do nosso século. Estes autores definem a pobreza a partir do mínimo de subsistência. A teoria assim elaborada tem sido designada como a do *limiar da pobreza absoluta*⁷, em que se define como pobre o agente que não tem um rendimento suficiente para o manter vivo.

As principais críticas a esta teoria prendem-se sobretudo com a dificuldade de definir cientificamente o limiar da pobreza⁸. Isto porque utilizar como critério as necessidades básicas, entendidas como comida, roupa e abrigo⁹, não permite conhecer adequadamente a realidade, pois estas não são invariantes da natureza humana, dado que são diferentes de sociedade para sociedade.

Assim, a mesma refeição poderia ser escassa para um europeu e substancial para um indiano hindu (admitindo que os alimentos em causa são comestíveis nas duas culturas, o que nem sempre acontece. Veja-se o exemplo da carne de vaca). Mesmo na própria sociedade ocidental as necessidades básicas são diferentes de agente para agente, consoante a sua

⁴ Peter Townsend - *The International Analysis of Poverty*, Hemel Hempstead (Inglaterra), Harvester Wheatsheaf, 1993, p. 2.

⁵ Else Øyen - "Sobre la pobreza", *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, nº 134, Dec\1992, pp. 647/660, p. 648.

⁶ Townsend, 1993, p. 30, § 2.

⁷ Também é conhecido como mínimo vital, cf. Lionel Stoleru - *Vaincre la pauvreté dans les pays riches*, Paris, Flammarion, 1974, p. 24, § 5.

⁸ Alfredo B. Costa; Manuela Silva; J. Percirinha; Madalena Matos - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985, 1985, p. 21, § 4.

⁹ Segundo Townsend, 1993, p. 31.

idade, sexo, massa muscular e papéis sociais que desempenhe (existem profissões de elevado desgaste calórico, por oposição a outras de baixo consumo de calorias)¹⁰. Isto, apesar das tentativas de anular os efeitos de algumas das variáveis que influenciam o limiar de subsistência, como por exemplo, a massa muscular e a idade¹¹.

Outra crítica prende-se com a existência de uma objecção de fundo, estatística, à utilização de variáveis contínuas em que todas as divisões em categorias são arbitrárias e por isso contestáveis. Esta objecção pode traduzir-se numa única frase: porque é que um agente que consome um número X de calorias é considerado abaixo do limiar de subsistência e outro que consome X+uma caloria já não? Afinal a diferença é insignificante. Por aqui se pode concluir que a medição das necessidades básicas não é assunto pacífico.

A tendência a substituir o conceito de necessidade pelo de consumo, por razões de operacionalização, leva a que fiquem excluídos os aspectos que não se traduzem em consumo¹², o que reduz a pertinência da utilização desta teoria e respectiva definição de pobreza.

Finalmente, é importante referir que a utilização desta teoria nas actuais sociedades desenvolvidas é problemática, dado que a expansão do nível de vida levou ao quase desaparecimento da pobreza absoluta (medida através do limiar de subsistência) o que pode criar a ilusão de que a pobreza está em desaparecimento¹³.

b) Definição de pobreza a partir das necessidades básicas

Townsend, refere uma tentativa de alargamento da teoria da pobreza absoluta: a teoria das necessidades básicas, da responsabilidade do *International Labor Office*. Nesta nova definição de pobreza, o conceito de necessidades básicas do ser humano tem um significado alargado, pois inclui as necessidades básicas de consumo (como comida, abrigo, vestuário e equipamento doméstico) e os serviços essenciais, (água potável, saneamento básico, transportes públicos, saúde, educação e serviços culturais).

¹⁰ Cf. Stoleru, 1974, p. 26, § 10, onde o autor demonstra com o exemplo americano que o limiar de subsistência varia de sociedade para sociedade.

¹¹ Veja-se o exemplo em Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 27, nt. 1.

¹² Townsend, 1993, p. 31.

¹³ Eliane Mossé - *Les riches et les pauvres*, Paris, Le Seuil, 1985 (imp.), p. 38, § 3.

As críticas que fizemos à teoria de Rowntree e Booth também são aqui válidas, nomeadamente a questão de que os agentes não têm só necessidades físicas, mas, também necessidades sociais (onde avultam as relacionadas com as obrigações inerentes aos papéis sociais que desempenham), cujo não preenchimento significa a passagem dos agentes a uma situação de exclusão e de estigmatização¹⁴ em relação à sociedade e, por isso, a uma situação de pobreza.

c) Explicação pelo rendimento

Townsend¹⁵ acrescenta uma outra crítica, na medida em que a operacionalização dos conceitos acima expostos leva, por um lado à análise dos montantes e da estrutura dos rendimentos dos indivíduos e, por outro lado à definição dos rendimentos necessários para a satisfação das necessidades. Este autor argumenta que, enquanto o conceito de pobreza for restringido a desigualdade de rendimentos haverá uma grande facilidade de argumentar que o crescimento da riqueza leva, automaticamente, à redução da pobreza. Trata-se do argumento liberal de crescer primeiro e dividir depois. A experiência inglesa veio demonstrar que o crescimento da pobreza e o desenvolvimento económico podem ser dois fenómenos concomitantes¹⁶.

Mossé¹⁷ critica as abordagens exclusivamente centradas no rendimento (mesmo considerando a ausência de preocupações sociais) referindo que a esta variável é necessário acrescentar outras com influência na determinação da condição social do agente, nomeadamente o património (por exemplo, a propriedade da residência pode permitir um certo desafogo económico a famílias com rendimentos baixos), e também a própria estabilidade do rendimento, dado que um rendimento baixo e estável protege mais da pobreza do que um rendimento mais elevado mas instável.

Assim, em minha opinião, a utilização da variável rendimento na determinação da pobreza está longe de ser um assunto pacífico devido aos seguintes factores: a) os agentes quando questionados tendem a ocultar a verdadeira dimensão dos seus rendimentos, dado que quanto menos

¹⁴ Sobre este conceito veja-se, mais à frente, a definição de pobreza que damos.

¹⁵ Townsend, 1993, p. 33, § 3.

¹⁶ Cf. Anthony Giddens - *Sociology*, Cambridge, Polity Press, 1993 p. 247, §3.

¹⁷ Mossé, 1985 (imp.), p. 38, §3.

declararem mais ajuda da Segurança Social têm¹⁸; b) mesmo que os agentes não mintam, o seu rendimento é dificilmente quantificável pois, os próprios, não sabem a quanto monta¹⁹ dado que as pessoas pobres se caracterizam (em geral): b.1) pela precariedade do trabalho; b.2) pela multiplicidade de pequenas fontes de rendimento esporádicas ("os biscates") e b.3) pela inexistência de uma gestão do orçamento doméstico, em que entre a chamada racionalidade económica típica das classes médias, aliás, inútil dada a quase impossibilidade de prever o seu próprio futuro²⁰. Todos estes factores tornam difícil a um indivíduo normal indicar uma média mensal dos seus ganhos (cf. alínea e) desta argumentação); c) pela existência, em muitos casos, de um conjunto de ajudas ao agregado em dificuldades, por parte de parentes e vizinhos, que são dificilmente quantificáveis mas que interferem na qualidade de vida dos agentes em causa e, por isso, são fontes de rendimento; d) existe uma objecção de fundo, estatística, à utilização de todas as variáveis contínuas como o rendimento, já que todas as divisões em categorias são arbitrárias e por isso contestáveis (argumentação já apresentada acima, a propósito da variável necessidades calóricas); e) qualquer estudo baseado no rendimento tem de ter em conta a dimensão diacrónica, pois os rendimentos das pessoas pobres, dada a sua precariedade, tendem a variar fortemente no tempo²¹ (o que também implica que o agente desconheça os seus rendimentos, pois não é fácil ter presente, por mais do que uns dias, um rendimento sempre diferente²²); f) finalmente, os agentes pobres têm, em geral, poucas habilitações escolares, o que afecta a sua capacidade de

¹⁸ Cf. Ruweu Ogien - "Culture de la pauvreté: Oscar Lewis et sa critique", *Cahiers International de Sociologie*, vol. LXV, 1978, pp. 284/314, pp. 284/314, p. 289, § 3 e Nicolas Binet - "Géographie de la pauvreté", *Urba*, n° 216, Nov. 1986, pp. 53/55, p. 53, col. 2, §5 e Rainwater, referido por Nicolas Herpin, "L'urban underclass chez les sociologues américains: exclusion sociale et pauvreté" *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXIV, 1993, pp. 421-439, p. 434, §3, pois o que está em jogo é, muitas vezes, um subsídio vital para a sobrevivência física (ou social) dos indivíduos, uma casa, ou um emprego...

¹⁹ Neste sentido veja-se Stoleru, 1974, p. 46, § 4.

²⁰ Devido à instabilidade da sua própria vida, nomeadamente dos rendimentos, reflectida na gestão doméstica.

²¹ Cf. Ruweu Ogien - *Théories ordinaires de la pauvreté*, Paris, PUF, 1983, p. 25, § 4 e Labbens, 1978, p. 3, § 5.

²² Os responsáveis pela elaboração de questionários sabem que se devem evitar as perguntas que impliquem o apelo à memória dos indivíduos, pois os resultados são, em geral, pouco fiáveis.

fazer a contabilidade rudimentar necessária à quantificação do rendimento disponível.

Até os agentes mais próximos da corrente económica tradicional criticam a utilização exclusiva das variáveis rendimento ou consumo na definição de pobreza²³.

Em resumo, as dimensões sociais do problema da pobreza, a começar pela exclusão social, não são consideradas nesta perspectiva. As preocupações centram-se nos aspectos estruturais objectivos, sendo completamente ignorados os aspectos microsociais e subjectivos que também são importantes para a compreensão do fenómeno.

d) Teoria da privação relativa

Numa tentativa de ultrapassar as críticas feitas às teorias e definições de pobreza anteriormente expostas, Townsend desenvolveu a teoria da privação relativa²⁴, cuja principal inovação foi a introdução de uma dimensão histórica e de uma dimensão social na definição de pobreza. Esta teoria apresenta, também, uma certa permanência dado que continua a assentar na comparação relativa entre agentes ocupando posições diferenciadas na estrutura social.

A principal distinção entre esta teoria e as referidas anteriormente diz respeito à introdução de um princípio de relatividade, ou seja, a pobreza passa a ser relativa aos padrões de consumo de um dado espaço social.

Tal definição implica que um aumento generalizado de rendimento pode não conduzir a qualquer modificação na situação dos pobres, se houver uma translação da estrutura das diferenças sociais para cima.

Quer dizer, quando existe progresso económico num determinado espaço social e os seus frutos são distribuídos de forma relativamente equitativa pelos seus membros, as posições relativas dos agentes mantêm-se, o que implica continuar a existir a mesma distância relativa entre pobres e não pobres (medida em termos de rendimento). Nestas condições existe um enriquecimento absoluto de todos os membros de um espaço social, mas as distâncias entre eles mantêm-se.

²³ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 43, § 2 e Manuela Silva - "A pobreza em Portugal: algumas reflexões", *Brotéria*, nº 134, 1992, pp. 534/545, p. 535. § 7.

²⁴ Townsend, 1993, pp. 33/34.

Nesta teoria, parte-se do princípio que a pobreza é um fenómeno social que sofre modificações ao longo do tempo. Esta assunção tem como consequência o facto das teorias da pobreza terem de se modificar de forma a adequarem-se às novas realidades que a mudança social proporciona²⁵.

De uma forma menos abstracta, podemos dizer que dentro do espaço social se modificam as necessidades sociais dos agentes²⁶, concomitantemente com o surgimento constante de novos produtos e a melhoria generalizada das condições de vida, que o progresso económico tem proporcionado. Ou seja, as necessidades dos agentes, entendidas como o mínimo necessário para a participação nos consumos padrão do espaço social, transformam-se e surgem novas²⁷.

Nesta teoria, são definidos como pobres os agentes excluídos dos padrões de vida, socialmente aceites como normais e desejáveis, de um dado espaço social²⁸. Por outras palavras, são pobres os agentes que estão excluídos do modo de vida dominante (em termos materiais, culturais e sociais)²⁹.

"Os agentes estão relativamente em privação se não podem obter, de todo ou suficientemente, as condições de vida -quer dizer, as dietas, as distrações, os níveis de vida e os serviços- que lhes permitam desempenhar

²⁵ Um exemplo de uma nova realidade a que as teorias da pobreza tem de dar explicação é o fenómeno dos chamados novos pobres, cuja pobreza resulta da reestruturação industrial, que tem implicado o despedimento de milhares de trabalhadores (com a consequente supressão de postos de trabalho, que ficam, assim, indisponíveis, quer para os indivíduos despedidos, quer para indivíduos recém-entrados no mercado de trabalho), a que se vem juntar os efeitos da crise económica, da dificuldade de criar novos empregos que a economia europeia tem sentido, da concorrência dos novos países industrializados do Pacífico, dos do Leste e da crise do Estado-Providência.

²⁶ Pode-se argumentar, com esta ideia, que a teoria da pobreza absoluta deixou de ser aplicável aos países industrializados dado que a evolução social levou a que as necessidades básicas, tal como esta teoria as define, estejam satisfeitas para a grande maioria dos indivíduos (se bem que a crise do Estado-Providência e a crise económica tenham vindo aumentar o número dos que vivem próximo do limiar da pobreza absoluta), mas, ao mesmo tempo, pode-se alegar que novas necessidades básicas (entretanto criadas) não foram satisfeitas.

²⁷ Sem esquecer, como vimos, que as necessidades variam entre sociedades e entre grupos sociais diferentes na mesma sociedade.

²⁸ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 21, § 5.

²⁹ Mossé, 1985 (imp.), p. 37, § 2.

papéis, participar nas relações e seguir o comportamento comum que é esperado deles em virtude da sua condição de membros da sociedade. Se não têm recursos, ou se estes lhes são negados, para obter acesso a estas condições de vida e, assim, satisfazer a sua condição de membros da sociedade pode-se dizer que estão na pobreza."³⁰.

Na prática, consideram-se pobres os agentes que tenham determinado valor num índice constituído por variáveis materiais relacionadas com o rendimento, habitação, vestuário, serviços comunitários (anteriormente referidos a propósito da teoria das necessidades básicas), mas também indicadores de carácter social, por exemplo, de integração na comunidade, educação, participação formal nas instituições e lazer³¹.

Esta abordagem continua a ser insuficiente, pois centra-se exclusivamente nas variáveis relacionadas com a satisfação das necessidades. A redução conceptual às desigualdades resultantes do rendimento (expresso nos recursos necessários à satisfação das diferentes necessidades), não permite medir um fenómeno que se caracteriza pela sua multidimensionalidade.

O autor centra as suas preocupações nos aspectos que se traduzem em consumo, acentuando a dimensão de escassez de recursos, dando menos importância à exclusão social do estilo de vida dominante, apesar de apresentar a preocupação com este aspecto como característica inovadora em relação às teorias referidas anteriormente.

Outra crítica que se lhe pode fazer é a qualidade macro-estrutural da teoria em causa, pois apresenta os indivíduos como joguetes nas mãos dos constrangimentos económicos e sociais, quando, na realidade, estes têm uma margem de manobra que lhes permite manipular, até certo ponto, os constrangimentos e a sua condição social objectiva³².

Em síntese, estamos perante um conjunto de definições de pobreza da responsabilidade de economistas, que têm em comum o facto de serem baseadas no rendimento, ou em sua substituição, no consumo; e de terem todas conceitos de pobreza objectivos e estruturais. Apesar disso, temos

³⁰ Townsend, 1993, p. 36.

³¹ Townsend, 1993, pp. 71/74 e p. 93.

³² Sobre este conceito veja-se o capítulo II.

vindo a assistir a um esforço para considerarem nos seus estudos dimensões sociais de que é exemplo o trabalho de Townsend.

Mas, como referimos, a pobreza é um fenómeno multidimensional, demasiado complexo para ser estudado apenas através da sua dimensão objectiva. Esta é, muitas vezes, reduzida à subdimensão material, que pode ser medida com maior facilidade, e esta, por sua vez, reduz-se, como caso extremo e frequente, à subdimensão monetária, o rendimento ou o consumo.

Assim, há que explicar a capacidade de sobrevivência destas teorias e definições num ambiente científico que reduz, cada vez mais, o papel dos factores puramente económicos no estudo da pobreza.

A inércia observada pode ser explicada, quer como resultado da pressão que políticos e Aparelhos de Protecção Social fazem para obterem formas facilmente operacionalizáveis e quantificáveis de conceitos sobre a pobreza para a elaboração de políticas, quer como resultado das ideologias institucionais produzidas nas referidas instâncias.

Qualquer trabalho que pretenda debruçar-se sobre a pobreza enquanto fenómeno social deve ter em atenção que se trata de um fenómeno social total³³. A dimensão subjectiva, a pobreza sentida, deve ter um papel importante na sua compreensão, pois são os agentes concretos com experiências de vida concretas que estão em situação de pobreza e não abstracções, estatísticas, variáveis ou tendências.

³³ Fenómenos que exprimem várias dimensões da vida social. Cf. Marcel Mauss - "Essai sur le Don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques" in *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 6^e ed., 1978, pp. 143/279.

1.2- TRABALHOS SOBRE A POBREZA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O que vimos a propósito das teorias e definições da pobreza com origem em trabalhos apresentados por economistas tem uma certa correspondência com o que se passa em Sociologia, como o pretendem ilustrar as análises a seguir apresentadas.

Townsend e Bertaux dividem os trabalhos que têm sido feitos em Ciências Sociais em dois grandes grupos: os que se centram na pobreza enquanto problemática individual e os que se centram na pobreza enquanto problemática estrutural.

O primeiro refere, concretamente, que o desenvolvimento das ciências sociais, ao longo do século XX, tornou o debate científico sobre este assunto mais alargado, pois deixou de ser monopólio da Ciência Económica. Apesar disso, a maioria das teorias dominantes sobre a pobreza ou são individualistas, colocando a pobreza como um "problema dos agentes", ou estruturalistas³⁴, considerando-a exclusivamente como um problema de disfunção nas estruturas sociais. Esta situação implica que as teorias sobre a pobreza sejam sempre incompletas pois, ora não dão conta dos factores estruturais, ora não dão conta dos factores subjectivos.

A análise de Roger Bertaux³⁵ indica-nos que a Sociologia da Acção Social (no sentido de protecção social) tem sido atravessada pelas grandes correntes da Sociologia.

Apareceram primeiro as teorias do consenso a partir do funcionalismo, com raízes em Durkheim e na ideologia humanista³⁶, às quais, a partir dos anos 70, reagiram os partidários das teorias do conflito que o autor engloba sob a designação de teorias da Sociologia Radical cujo objectivo era desmistificar o trabalho social como uma espécie de sacerdócio assente no amor ao próximo, denunciando-o como um aparelho de dominação simbólica ao serviço das classes dominantes.

³⁴ O que implica a existência subjacente, nestas teorias, das dicotomias social/individual e estrutural/singular, cf. Townsend, *ob. cit.*, p. 96, §1.

³⁵ Roger Bertaux - *Pauvres et marginaux dans la société française*, Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 1994.

³⁶ Bertaux, 1994, pp. 24/27.

Uma segunda grande dicotomia atravessa a Sociologia da Acção Social. Trata-se das abordagens holistas cujo assento tónico estava nos constrangimentos estruturais versus as abordagens individualistas mais preocupadas com as definições que os agentes fazem das situações e com o sentido que dão aos seus actos (baseadas em Durkheim e Weber).

a) Trabalhos realizados noutras ciências sociais

Além da ciência Económica, várias têm sido as ciências sociais onde se produziram trabalhos sobre a problemática da pobreza³⁷. Vejamos alguns destes, antes de nos referirmos aos produzidos pela Sociologia:

Em Psicologia, segundo Furnham³⁸, a maioria dos trabalhos sobre este tema desenvolveu-se segundo três eixos principais: a) elementos que levam à persistência das condições de pobreza; b) as causas da pobreza (a nível psicológico) e c) as atitudes para com os pobres.

O próprio Furnham realizou trabalhos sobre a pobreza em Inglaterra. Nomeadamente, sobre as atitudes das pessoas em relação aos pobres relacionadas com a crença de que o mundo é justo³⁹ e sobre os tipos de razões que as pessoas têm para explicar a pobreza⁴⁰.

Em Antropologia, existem sobretudo monografias utilizando as técnicas de observação participante ou entrevistas aprofundadas. É nesta disciplina que se enquadra a teoria que Oscar Lewis⁴¹ designou como da "cultura da pobreza" e cuja influência foi muito importante nos anos sessenta, sobretudo nos Estados Unidos⁴².

³⁷ João Ferreira de Almeida refere-nos que "as ciências sociais nasceram a analisar a pobreza e a exclusão social.", destacando alguns dos principais autores da sociologia que estudaram esta matéria - "Integração social e exclusão social: algumas questões", *Análise Social*, vol. XXVIII, nº 123/124, pp. 828/834, p. 830. Veja-se, também António Teixeira Fernandes - "Formas e mecanismos de exclusão social", *Sociologia*, 1ª Série, 1º vol., 1991, pp. 9/66.

³⁸ Adrian Furnham - "Why are the poor always with us? Explanations for poverty in Britain", *British Journal of Social Psychology*, nº 21, 1982, pp. 311/322, p. 311 e Adrian Furnham e Barrie Gunter - "Just World Beliefs and Attitudes Toward the Poor", *British Journal of Social Psychology*, nº 23, 1984, pp. 265/269, p. 265, § 1.

³⁹ Furnham e Gunter, 1984, pp. 265/269.

⁴⁰ Furnham, 1982, pp. 311/322.

⁴¹ Sobre o trabalho deste autor, veja-se Fernando Diogo - "Cultura da pobreza: uma abordagem crítica da teoria", *Arquipélago*, nº 7/8, 1992/93, pp. 15/30.

⁴² Townsend, 1993, p. 96.

Este autor distingue entre a escassez de recursos e a cultura da pobreza, indicando-nos que o primeiro factor não implica necessariamente o segundo e vice-versa. Para Lewis, um agente só é pobre se tiver os valores e os comportamentos típicos da cultura da pobreza.

Esta é mais do que um estado de privação de recursos económicos, pois implica uma adaptação dinâmica dos pobres aos condicionalismos das suas condições de existência através da elaboração de mecanismos de defesa⁴³.

Estes mecanismos são incorporados pelos pobres que, através da socialização, os transmitem entre gerações, como valores e receitas de actuação face a situações similares, quer dizer, como uma autêntica subcultura.

Esta transmissibilidade através das gerações é uma das características basilares que permite a Lewis afirmar que estamos na presença de uma subcultura da pobreza.

A outra característica é a relativa inelasticidade que esta cultura apresenta, ou seja, os valores dos agentes pertencentes à cultura da pobreza são resistentes à mudança, mesmo quando as condições que os geraram já deixaram de existir. Esta propriedade resulta da interiorização subjectiva dos constrangimentos da condição social objectiva dos pobres, transformando-se em parte da personalidade sócio-cultural destes, de tal forma que só a modificação desta personalidade levará a modificações no estilo de vida gerado pela cultura da pobreza.

A subcultura de que temos vindo a falar caracteriza-se por ser uma forma de resolução dos problemas de sobrevivência física e social, postos pela extrema escassez de recursos. Trata-se de uma dimensão positiva, de adaptação ao meio, que extravasa a visão da pobreza como escassez (material) de recursos.

Esta teoria tem sido objecto de inúmeras críticas na comunidade científica. A principal radica no facto de se centrar excessivamente na dimensão micro social da pobreza (ao nível da família e do agente), quer dizer, trata-se do problema oposto ao das teorias produzidas pelos economistas...

As conclusões a que tem sido possível chegar indicam, no entanto, que as causas da pobreza se encontram, muitas vezes, nos

⁴³ Oscar Lewis - *Os Filhos de Sánchez*, Lisboa, Moraes, 1973, p. 25.

constrangimentos estruturais que influenciam a vivência dos agentes em situação de pobreza⁴⁴.

Outras críticas à posição de Lewis foram agrupadas por Ruweu Ogien⁴⁵ em dois grupos :

a) no primeiro estão as críticas que indicam que o conceito de cultura da pobreza é inútil⁴⁶, pois as características reunidas nesta teoria podem ser explicadas como adaptações à extrema escassez de recursos e a uma posição social inferior, o que é uma alternativa mais simples à sua explicação como criações culturais internas aos agentes⁴⁷.

b) O segundo grupo de críticas engloba as que dizem que Lewis não teve todos os cuidados na obtenção dos dados, acabando por obter, não uma imagem genuína do que os pobres pensam e são, mas uma representação (no sentido teatral) propositadamente encenada para os agentes que possuem posições importantes⁴⁸. Estes procuraram, ao mesmo tempo, corresponder às expectativas de Lewis e defender os seus interesses (dando a melhor imagem de si).

De qualquer maneira, o trabalho de Lewis é, de entre os apresentados, um dos que se aproxima mais da forma como pretendo estudar o problema, com o mérito de se centrar a nível microssocial e nas vivências dos agentes.

⁴⁴ Veja-se, para Portugal, o trabalho da equipa de Manuela Silva e de Alfredo Bruto da Costa e, mais recentemente o trabalho da equipa de João Ferreira de Almeida: Alfredo Bruto da Costa; Manuela Silva; J. Percirinha; Madalena Matos - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985, p. 34; Manuela Silva - *A pobreza infantil em Portugal*, s.l., Comité português para a UNICEF, 1991 (d.l.), p. 1; João Ferreira de Almeida; Luis Capucha; António Firmino da Costa; Fernando Luis Machado; Isabel Nicolau e Elisabeth Reis - *Exclusão social - factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta, 1992, p. 1; Pierre Hiernaux - "Pauvreté e marginalisation en Europe - Realités communes, stratégies convergentes?", *Service Social dans le Monde*, vol. L, n° 1/2, 1992, pp. 3/17, p. 13; Antonios K. Papantoniou - "Chômage et pauvreté L'expérience de quatorze projects", *Service Social dans le Monde*, vol. L, n°1/2, 1992, pp. 19/31, p.23, § 6/7 (embora este último só se refira ao desemprego).

⁴⁵ Ogien, 1983, pp. 63-65.

⁴⁶ Dean Harper no seu artigo: "Culture de la pauvreté: concept utile ou inutile?", *Cahiers International de Sociologie*, vol. LIIV, 1972, pp. 289/295 cujo próprio título é perfeitamente ilustrativo desta posição, indica-o claramente.

⁴⁷ Charles A. Valentine - *Culture and Poverty: Critique and Counter-Proposal*, Chicago e London, University of Chicago Press, 1970/72 (1ª ed. 1968), pp. 113/117.

⁴⁸ Ogien, 1983, pp. 66-67.

b) Trabalhos na área da Sociologia

Sendo este um trabalho sociológico, dedico particular atenção aos trabalhos realizados no âmbito da Sociologia sobre o estudo do fenómeno social designado como pobreza.

Nesta disciplina, o estudo da dimensão subjectiva da pobreza está mais desenvolvido do que na Economia, mas não o suficiente.

Existe em Sociologia uma tradição de estudar a dimensão subjectiva dos sujeitos sociais, que se opôs ao objectivismo funcionalista e estruturalista, procurando a construção de sentido realizada pelos actores sociais. Exemplos clássicos são o interaccionismo simbólico e a etnometodologia⁴⁹.

A tradição sociológica anglo-saxónica, de que foi expoente o funcionalismo de Talcott Parsons, dominante até à década de setenta, tem privilegiado a dimensão objectiva e empírica do social, enquanto a tradição francófona (com particular destaque nos marxistas), tem assentado grande parte das suas preocupações sobre a classe social. Em qualquer destas escolas, o estruturalismo e o funcionalismo objectivistas tem sido dominante em relação às correntes subjectivistas (como as já referidas etnometodologia e interaccionismo simbólico) e em relação às correntes que pretendem integrar e tornar complementar, em vez de opostos, os pólos do actor e da estrutura, do objectivo e do subjectivo⁵⁰.

A tradição da ciência económica e as preocupações macrossociais influenciaram a Sociologia da pobreza, levando-a a preocupar-se mais com os aspectos objectivados facilmente mensuráveis e, quando isto não acontece, a pobreza é sempre vista como fenómeno objectivo (por oposição a subjectivo) e estrutural.

⁴⁹ Cf. Jean-Michel Berthelot - *La construction de la Sociologie*, «Que sais-je?», Paris, PUF, 1991, pp. 95/104.

⁵⁰ Se bem que as tentativas de síntese sejam muito mais recentes e, por isso, ainda não tiveram tempo para se impor como grandes tradições estruturadoras da produção científica, de que são exemplo autores como Raymond Boudon, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, cf. Berthelot, 1991, pp. 92, § 2 e pp. 120/121.

b.1) o exemplo de Jean Labbens

Um exemplo importante é o trabalho de Jean Labbens⁵¹, considerando pobres os que não têm dinheiro e/ou poder. Este último é composto pela capacidade de exigir aos outros trabalho e, também, pela capacidade de reivindicar com alguma probabilidade de sucesso. O autor acaba por sugerir que é em termos de estratificação e mobilidade social que a pobreza deve ser estudada⁵², sendo necessário ter em atenção a importância do prestígio social⁵³, ou da ausência dele, na determinação do estatuto social do agente e da sua condição de pobre.

Em síntese, o trabalho de Labbens procura demonstrar que a pobreza assenta, sobretudo, na falta de poder associada a determinadas posições no espaço social. O autor conclui que a verdadeira pobreza afecta um número escasso de agentes nas sociedades industrializadas e que estes são sobretudo imigrantes, cuja despossessão (de poder e de posição social) os coloca nos mais baixos escalões de uma sociedade. Admite que os pobres existentes nos países industrializados, para além dos imigrantes, se situam em áreas de economia arcaica ou em depressão económica (com falta de poder económico e reivindicativo em relação à totalidade do país), onde as profissões dos agentes não têm nada a ver com a economia de mercado "normal", sendo muitas delas profissões que resistiram no tempo à industrialização⁵⁴.

A abordagem da pobreza como ausência de poder, definido enquanto capacidade reivindicativa e capacidade de mobilizar o trabalho dos outros, aproxima mais esta problemática da sua dimensão social que, como vimos, tem sido descurada pelos economistas. No entanto, ainda não permite a ligação entre os aspectos objectivos (independentes da vontade do agente), que contempla, e os aspectos subjectivos, ou seja, a forma como o agente se vê a si próprio, a maneira como vê a posição que ocupa na sociedade e como acha que os outros o vêem, no fundo, a forma como o actor social produz o sentido das suas acções e interacções e as estratégias que o agente implementa para contrariar a estigmatização social⁵⁵.

⁵¹ Labbens, 1978.

⁵² Labbens, 1978, p. 4.

⁵³ Labbens, 1978, pp. 4/5.

⁵⁴ Labbens, 1978, p. 6, § 4 e p. 14, § 5.

⁵⁵ Usando uma terminologia próxima do interaccionismo simbólico.

b.2) Equipas de investigação em Portugal

Podem ser apresentados outros exemplos, nomeadamente em relação ao caso Português, onde o trabalho dos sociólogos sobre esta matéria é escasso⁵⁶.

Em Portugal, os trabalhos que focam as questões da pobreza, de um modo científico só começaram a surgir recentemente. A equipa de Bruto da Costa e Manuela Silva reclama para si o facto de ter feito o primeiro estudo compreensivo sobre a pobreza no nosso país em 1985⁵⁷. Isto apesar de, como refere Manuela Silva⁵⁸, já se saber, desde o censo de 1981, que no nosso país um terço da população é considerada pobre.

Um dos trabalhos de maior fôlego é o produzido por João Ferreira de Almeida, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Isabel Nicolau e Elizabeth Reis, encomendado pela Comissão das Comunidades Europeias e depois transformado em livro⁵⁹. O grosso deste trabalho é dedicado à apresentação de variáveis objectivas e, na sua maioria, macro-estruturais. É no capítulo 5 que se discute os modos de vida dos pobres, mas não é apresentada qualquer referência empírica ou explicação da forma como foram construídos⁶⁰, embora seja referido que o que presidiu à sua elaboração foram os dados e as experiências de projectos de investigação-acção. (voltaremos aos estudos publicados em Portugal).

A equipa do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa tem desenvolvido um conjunto de trabalhos sobre a pobreza, de

⁵⁶ A preocupação com este problema encontra-se sobretudo no ISCTE e ICS (cujos investigadores/docentes são muitas vezes os mesmos), no Grupo de Ecologia Social do LNEC e no grupo de trabalho da Cáritas.

⁵⁷ Alfredo Bruto Costa; Manuela Silva; J. Pereirinha e Madalena Matos - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985, p. 17, §1 e Alfredo Bruto da Costa - "Quelques facteurs d'appauvrissement dans un pays méditerranéen: le cas du Portugal", in Paul Marc Henry - *Pauvreté, progrès et développement*, L'Harmattan, 1991, pp. 166/303, p. 167.

⁵⁸ Silva, 1992, p. 537.

⁵⁹ João Ferreira de Almeida; Luís Capucha; António Firmino da Costa; Fernando Luis Machado; Isabel Nicolau e Elisabeth Reis - *Exclusão social - factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta, 1992.

⁶⁰ Almeida *et al.*, 1992, pp. 83/95.

onde se destacam os publicados por Luís Capucha⁶¹, em 1990, sobre o bairro da Ajuda em Lisboa, onde a diversidade étnica é grande. E a tese de mestrado deste mesmo autor sobre modos de vida num bairro social de um concelho da periferia norte de Lisboa⁶².

O trabalho de maior destaque desta equipa foi o dirigido por João Ferreira de Almeida⁶³ para a Comissão das Comunidades Europeias, apresentado como livro em 1992.

Ambos os trabalhos apresentam aspectos estruturais. As preocupações com os modos de vida dos pobres aparecem sobretudo nos realizados por Luís Capucha, aproximando-se mais da abordagem proposta neste trabalho.

A Equipa de Manuela Silva e Alfredo Bruto da Costa tem sido a que mais trabalhos produziu. Para a Cáritas (organização da Igreja Católica) realizaram dois livros⁶⁴ pioneiros no estudo deste fenómeno no nosso país. O seu trabalho é realizado através do aproveitamento de dados estatísticos já recolhidos e de inquéritos elaborados⁶⁵ propositadamente. De qualquer das formas a atenção fica essencialmente focada sobre os aspectos macro-estruturais e económicos, reservando um papel muito pequeno para as questões que saem fora da esfera económica e da esfera objectiva, em geral.

Nestes, tal como noutros trabalhos⁶⁶, as principais conclusões dos autores apontam no sentido da pobreza em Portugal ser um fenómeno macro social, cujas explicações podem ser encontradas no modelo de desenvolvimento económico do Estado Novo, em que a pobreza rural é particularmente importante. Os autores chamam, ainda, a atenção para os chamados novos pobres, resultantes da reestruturação industrial (sobretudo

⁶¹ Luis Capucha - "Associativismo e modos de vida", *Sociologia: Problemas e Práticas*, nº 8, 1990, pp. 29/41.

⁶² Capucha - *Problemas da pobreza: conceitos, contextos e modos de vida*, Lisboa, Dissertação de mestrado, 1992.

⁶³ Almeida *et al.*, 1992.

⁶⁴ Alfredo B. Costa; Manuela Silva; J. Percirinha; Madalena Matos - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985 e Manuela Silva e Alfredo B. da Costa (coord.) - *A pobreza Urbana em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1989.

⁶⁵ Estes dois instrumentos são utilizados em Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 13, 1.

⁶⁶ Manuela Silva - "Crescimento económico e pobreza em Portugal (1950-74)", *Análise Social*, Vol. XVIII, nº 72/73/74, 1982, pp. 1077/1086; Silva, 1991; Silva 1992, pp. 534/545.

nos distritos de Setúbal e Lisboa. O seu trabalho poderia ser actualizado de forma a incluir, por exemplo, o Vale do Ave).

b3.) A abordagem de Rainwater

Um terceiro exemplo é o trabalho de Rainwater, citado por Herpin⁶⁷, onde a pobreza é definida como a incapacidade de satisfação dos papéis sociais centrais, causada por um baixo rendimento acabando por haver uma certa solidão, causada pelo rompimento dos laços afectivos com a família, os vizinhos e os colegas⁶⁸.

b.4) O exemplo de Castel

Uma outra abordagem do problema é a produzida por Robert Castel⁶⁹. A sua reflexão está centrada na importância do assalariado e do seu estatuto. É a partir destes que desenvolve a noção de *desafiliação*.

O autor constata a existência de um numeroso grupo de supranumerários, isto é, indivíduos sem um lugar claro na sociedade, no sistema produtivo e na esfera relacional, marcados pela incerteza em relação ao futuro⁷⁰, referindo que as principais categorias que definem este grupo são: os trabalhadores desempregados com idades rondando os 50 anos; os jovens em busca do primeiro emprego, entretendo o seu tempo entre ocupações precárias e subemprego e os desempregados de longa duração⁷¹.

No fundo, estes são parte significativa dos desempregados, cuja característica que os agrega numa categoria e os diferencia dos restantes é a fraca esperança de conseguirem um emprego.

Associada à questão dos supranumerários, aparece a da precariedade do emprego por oposição aos empregos estáveis com contratos efectivos.

⁶⁷ Herpin, 1993.

⁶⁸ Herpin, 1993, pp. 434/435.

⁶⁹ Robert Castel - *Les métamorphoses de la question sociale*, «L'espace du politique», Paris, Fayard, 1995 e Robert Castel - "De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation" in Jacques Donzelot - *Face À l'exclusion*, Paris, Ed. Esprit, 1991, pp. 137/168.

⁷⁰ Castel 1995, p. 21 e p. 461.

⁷¹ Castel 1995, p. 411/413.

O número dos que se encontram em situação de precariedade face ao trabalho tem vindo a crescer, em relação e à custa dos empregos efectivos⁷².

O autor defende que, em relação ao mercado de trabalho, a questão não se pode pôr apenas em termos de desemprego⁷³, sendo necessário não esquecer as consequências socialmente significativas da diminuição do número de empregos estáveis, na medida em que a nossa sociedade é fortemente estruturada pelo assalariamento (implicitamente significando assalariado com contrato efectivo)⁷⁴.

Castel, defende a existência, cumulativamente às mudanças no trabalho, de mudanças a nível da instituição familiar e da cultura popular, embora esta última seja apenas referenciada no seu trabalho de 1991, desaparecendo no de 1995.

A instituição familiar é referenciada pelo aumento da sua vulnerabilidade a partir de duas dimensões: em termos jurídicos (e, acrescento, de práticas) a família tornou-se uma realidade mais transitória, dependente da existência de consensos realizados pelos seus membros; em termos sociais, algumas famílias são vulnerabilizadas pelo seu baixo estatuto social e pela precariedade económica⁷⁵.

A dimensão cultural aparece para justificar a degradação das redes informais de solidariedade operária existentes em habitats socialmente homogêneos e propiciadores de identidade face aos outros. Esta degradação é mais sentida pelos jovens cuja dificuldade em encontrar emprego os vai desinserindo destas redes⁷⁶.

Embora o autor considere não ter informação empírica suficiente para propor uma articulação coerente entre as várias dimensões⁷⁷ propõem-nos, a partir das considerações acima expostas, um modelo de leitura da desafiliação social. Este tem como base o cruzamento de dois eixos: o de integração/desintegração nas redes sociais e o de trabalho estável/não estável⁷⁸.

⁷² Castel 1995, p. 409.

⁷³ Castel 1995, p. 400.

⁷⁴ Castel 1995, p. 385.

⁷⁵ Castel 1995, p. 415.

⁷⁶ Castel 1991, p. 157. e p. 162.

⁷⁷ Castel 1995, p. 415.

⁷⁸ Castel 1995, p. 12/13.

A partir daqui encontra três zonas:

A de integração, caracterizada pelo trabalho estável e plena integração social;

A de desafiliação, cujas principais características são a ausência de um trabalho estável e a desinserção das redes de solidariedade local;

E a de vulnerabilidade, associada à precariedade no trabalho e à fragilidade das redes sociais, numa frase, a instabilidade surge como estruturadora dos indivíduos que reúnem estas características.

O autor relativiza o modelo considerando, por um lado, que uma posição forte num dos eixos pode compensar uma posição fraca no outro; e, por outro lado, que as fronteiras entre as duas zonas não são estáveis, variando com as conjunturas (e, acrescento, com as mudanças estruturais). Se estas forem de crise, a zona de vulnerabilidade cresce à custa da de integração e alimenta a de desafiliação. Em conjunturas de crescimento passa-se o inverso⁷⁹.

Apesar de não o referir explicitamente, o autor considera que vivemos uma situação em que as mudanças estruturais levam ao aumento das zonas de vulnerabilidade e de desafiliação, enquanto a de integração diminui, embora continue a ser a dominante.

Neste trabalho interessa-me o estudo da vulnerabilidade e, sobretudo, o da desafiliação.

Estes conceitos são utilizados pelo autor em oposição aos tradicionais, de forma a realçar a importância da história na questão. Isto é, a desafiliação e a vulnerabilidade são parte de um processo dinâmico de mudança social que o autor pretende estudar, em oposição aos conceitos tradicionais como o de exclusão que são estáticos⁸⁰, no sentido de não explicarem a parte da realidade que depende de desenvolvimentos do passado.

Neste contexto o autor afirma que a desafiliação, enquanto forma de dissolução dos laços sociais, é um processo diferente da pobreza tradicional na medida em que é alimentada por uma nova conjuntura⁸¹ que não é mais do que o resultado actual dos processos históricos. É necessário a compreensão desses processos para entender a desafiliação e a sua dinâmica actual.

⁷⁹ Castel 1995, pp. 13/14.

⁸⁰ Castel 1995, p. 415 e 1991 pp. 167/168.

⁸¹ Castel 1991, p. 166.

b.5) Estudos na tradição da escola de Chicago

Na tradição da *Escola de Chicago* e, sobretudo, do *interaccionismo simbólico*, seleccionamos um conjunto de estudos que se preocupam com a ecologia social e, mais profundamente, com a forma como os actores jogam com os papéis que desempenham⁸².

Para Ogien⁸³, na linha de Coser, o pobre é o agente que adquire o estatuto de assistido pela Segurança Social, que sofre uma transformação ritual onde perde direito a ter uma vida privada, pois a Segurança Social vai querer intrometer-se nesta para o apoiar⁸⁴.

A equipa do Grupo de Ecologia Social do LNEC, produz os seus trabalhos a partir das teorias da escola de Chicago⁸⁵, sendo as questões da ecologia social a sua maior preocupação. O trabalho que tem desenvolvido insere-se, assim, nas preocupações da Sociologia Urbana.

No nosso país têm aparecido outros trabalhos onde, apesar da pobreza não ser tema central, é focada indirectamente, por terem sido realizados junto de populações que se podem considerar pobres. É o caso do trabalho de Ana Nunes de Almeida⁸⁶, sobre as estratégias familiares em relação ao trabalho feminino, implementadas por migrantes rurais residentes em bairros de barracas nos arredores de Lisboa; e da equipa constituída por Ana Benavente, Firmino da Costa, Fernando Luís Machado

⁸² cf. Nicolas Herpin - *A Sociologia americana: escolas problemáticas e práticas*, Porto, Afrontamento, 1982, pp. 73/105, especialmente: p. 75, §1, p. 78, §3 e p. 85, §3; Jean-Pierre Durand e Robert Weil - *Sociologie Contemporaine*, Paris, Vigot, 1989, pp. 166/175, especialmente: p. 171, §2, 174, §4.

⁸³ Ogien, 1983.

⁸⁴ Ogien, 1983, p. 52, § 1.

⁸⁵ João Lutas Craveiro e Mariluci Menezes - "Ecologia social de um bairro degradado de Lisboa: a Quinta da Casquinha nas vésperas da mudança", in *Estruturas sociais e desenvolvimento. Actas do II congresso português de Sociologia*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 139/155; Hortense Lopes Maia, Maria João Freitas e Luís Faisca - *Para um estudo das representações sociais da pobreza em meio urbano*, Lisboa, LNEC, 1992 e Maria João Freitas e Luís Faisca e Paula Castro - "Vale do Azeiro - reflexões acerca de uma realidade multiétnica", Lisboa, LENC (policopiado).

⁸⁶ Ana Nunes de Almeida - "Trabalho feminino e estratégias familiares", *Análise Social*, vol. XXI, n.º 85, 1985, pp. 7/44.

e Manuela Neves sobre o insucesso escolar no bairro da Ajuda em Lisboa e estratégias para a promoção do sucesso escolar⁸⁷.

Curiosamente, são trabalhos em que a preocupação com a integração das dimensões macrossocial e subjectiva está presente, nomeadamente nas questões relacionadas com a experiência vivida dos agentes em estudo.

Finalmente, veja-se os trabalhos publicados nas *Actas do encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia*⁸⁸, nomeadamente o artigo de Marielle Gros⁸⁹ que desenvolve uma análise das identidades sociais dos habitantes de um bairro estigmatizado do Porto, com realce para as defesas que estes têm face à sua estigmatização e do local onde habitam⁹⁰.

Serge Paugam⁹¹ é mais um dos autores que pretende produzir um trabalho onde se conjuguem as dimensões macro e micro sociais e as objectiva e subjectiva. Para este autor, na linha de Simmel, o pobre é o assistido, ou seja, aquele que é reconhecido como pobre pelas instituições de assistência⁹².

Na primeira parte do livro referido, Paugam salienta a importância da Segurança Social na produção da estigmatização dos assistidos. Mas não se esquece do papel que estes desempenham na sua própria estigmatização, pois têm uma margem de manobra que lhes permite

⁸⁷ Ana Benavente; António Firmino da Costa; Fernando Luis Machado e Manuela C. Neves - *Do outro lado da escola*, «Terra Nostra», Lisboa, Teorema, 1991 (d.l.).

⁸⁸ VV - *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local - Actas do encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, 1994.

⁸⁹ Marielle Christine Gros - "Estratégias identitárias num território desqualificado" in VV - *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local - Actas do encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, 1994, pp. 471/494.

⁹⁰ Gros, 1994, p. 479.

⁹¹ Serge Paugam - *La désqualification sociale: essai sur la nouvelle pauvreté*, Paris, PUF, 1991.

⁹² O que deixa de lado três categorias de pobres: a) os que têm vergonha de recorrer à assistência - pobreza envergonhada; b) os que não recorrem porque a sua desposseção cultural é tão grande que não estão informados dos seus direitos ou, se estão, a complexidade burocrática afasta-os e c) ou que não recorrem porque não querem mudar de modo de vida (vagabundos...).

negociar a aceitação deste estatuto em troca de subsídios e outros apoios da Segurança Social⁹³, tentando maximizar estes proveitos.

Não se ficando por aqui, mostra-nos que os indivíduos em situação de assistidos se vão acomodando, produzindo racionalizações justificativas desta posição e perdendo a vontade de trabalhar, de uma forma progressiva. Os diferentes graus de racionalização, concomitantemente com a progressiva perda de vontade de trabalhar, constituem-se como uma verdadeira "carreira" com várias posições.

Na segunda parte do seu trabalho Paugam analisa a auto-imagem dos habitantes de um bairro social de uma cidade da Bretanha. Conclui que estes percebem correctamente as suas posições sociais objectivas e a estigmatização que daí advém, para, depois, nos mostrar as estratégias de distinção destes agentes face aos mais desprestigiados de entre os seus pares e a forma como participam na construção da representação social negativa que os outros têm de si.

No livro *La pauvreté, un destin?*, Brigitte Brébant, utilizando as contribuições da teoria da pobreza de Lewis, do interaccionismo simbólico de Goffman e da sociologia de Baudrillard⁹⁴, procura, na linha de Weber, conhecer o sentido que os agentes sociais atribuem às suas acções, assim como os constrangimentos que limitam essas atribuições de sentido e, indirectamente, as acções dos agentes.

A autora refere que os pobres percebem correctamente a sua posição social, quer directamente ao partilharem as mesmas categorias de avaliação das posições sociais, quer indirectamente ao perceberem as reacções dos outros face a si⁹⁵.

A percepção de si, torna necessário aos indivíduos pobres encontrarem formas de se aproximarem das posições socialmente valorizadas, embora aos olhos de outros indivíduos, os comportamentos expressos com este fim possam parecer irracionais⁹⁶.

É, pois, na procura da compreensão dos sentidos que os indivíduos atribuem às suas acções, tendo em conta as limitações que a

⁹³ Paugam, 1991, pp. 28/29. Este autor conclui que a condição social objectiva dos pobres é-lhes imposta exteriormente, mas que estes têm uma margem de manobra que lhes permite sobreviver com um baixo estatuto social.

⁹⁴ Veja-se, nomeadamente, Jean Baudrillard - *O sistema dos objectos*, S. Paulo, Perspectivas, 1973 (c 1968).

⁹⁵ Brigitte Brébant - *La pauvreté, un destin?*, Paris, L'Harmattan, 1984, pp. 114 / 116.

⁹⁶ *Idem*, p. 122, § 3 e 5.

interiorização subjectiva da condição social objectiva lhes impõem que se situa o trabalho desta autora.

b.6) A equipa de Pierre Bourdieu

Outro trabalho resulta da recente preocupação de Pierre Bourdieu e da sua equipa com o problema da pobreza⁹⁷. Trata-se de mais uma tentativa de articulação entre as experiências vividas dos agentes e a sua condição social objectiva. Este trabalho tem a particularidade de ser, em grande parte, constituído pela transcrição de entrevistas, (de onde, ao contrário da formulação de Lewis, as perguntas não estão suprimidas) e por artigos mais teóricos, onde os autores fazem a ligação entre o subjectivo e o objectivo⁹⁸. Bourdieu já antes se tinha debruçado com estas questões, sem que a pobreza não lhe tivesse, no entanto, merecido um trabalho aprofundado⁹⁹.

Em conclusão, são sobretudo trabalhos mais recentes e em menor número que levam em consideração a maneira como os agentes sentem e agem o social, dimensão com base na qual construímos o fulcro do nosso trabalho.

A grande diferença entre estes trabalhos e os produzidos algum tempo antes, até à década de oitenta, é a presença da preocupação, entretanto surgida, com a integração das várias dimensões da realidade social de forma a não limitar a compreensão e a explicação da pobreza aos constrangimentos exteriores aos agentes ou às acções dos agentes (como no trabalho de Lewis).

⁹⁷ Pierre Bourdieu (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993.

⁹⁸ Veja-se sobretudo os artigos: Patrick Champagne - "La vision de l'État", in Bourdieu, 1993, pp. 261/269 e Patrick Champagne - "La vision médiatique", in Bourdieu, 1993, pp. 61/79.

⁹⁹ Veja-se o exemplo de *La distinction*, em que das classes populares foi excluído o subproletariado e os dados sobre estas são menos ricos comparativamente aos dados sobre as outras classes, cf. Pierre Bourdieu - *La distinction - La critique social du jugement*, Paris, Minit, 1979.

1.3- SÍNTESE OPERACIONAL: INVENTÁRIO DOS INDICADORES MAIS UTILIZADOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DA POBREZA

Existe um conjunto de atributos que, podemos afirmar, são típicos dos pobres. Quer porque é a partir deles que os estudos científicos definem quem é pobre¹⁰⁰, quer porque fazem parte da condição social objectiva que define a posição e o status que o agente ocupa no espaço social.

Estes atributos poderão ajudar-nos a compreender melhor a caracterização sócio-demográfica do Bairro em estudo, mostrando-nos a partir das teorias mais clássicas a importância dos agentes pobres no conjunto do Bairro.

a) Categorias sócio-profissionais, emprego e desemprego

O primeiro destes atributos é o conjunto das profissões típicas dos pobres e as características que lhes estão associadas. Estas últimas são, por exemplo, as baixas qualificações, quer escolares, quer profissionais.

Segundo Manuela Silva¹⁰¹, os agentes considerados pobres são sobretudo empregados por conta de outrem. O seu emprego caracteriza-se, geralmente, por baixa produtividade, pela instabilidade/precariedade, e consequente grande mobilidade entre empregos.

A questão da precariedade no emprego (e da ausência ou precariedade de rendimentos provenientes do trabalho) é central¹⁰² para alguns autores, sendo esta identificada, como a causa da pobreza¹⁰³.

Os contratos de trabalho, quando existem, são, na maioria das vezes, a termo certo ou a prazo¹⁰⁴. Em geral, a ausência de contrato de

¹⁰⁰ Esta secção é realizada a partir dos trabalhos objectivistas e macrosociais de economistas e sociólogos, com especial incidência sobre os realizados em Portugal.

¹⁰¹ Silva, 1989, p. 5.

¹⁰² Mossé, 1985, p. 57, § 2; Pierre Hiernaux - *Lutter contre la pauvreté en Europe - Aqais et perspectives de la confrontation transnationale des expériences de terrain*, Bruxelas, Programa europeu de luta contra a pobreza - serviço de animação e de difusão, 12/1989, p. 1, § 5 e p. 6.

¹⁰³ Vercanteren referido por Labbens, 1978, p. 13.

¹⁰⁴ Freitas e Castro, s.d., p. 11, § 2 e Benavente *et al.*, 1991, p. 158, § 2.

trabalho escrito está associada à ausência de protecção social¹⁰⁵, o que tem como consequência que qualquer doença ou acidente (de trabalho ou outro) implique a suspensão do rendimento proveniente do trabalho e a obrigatoriedade do agente pagar as suas despesas de saúde (o que é tanto mais difícil quando o rendimento do trabalho desapareceu).

Sobre a precariedade do emprego convém, ainda, salientar que a estabilidade dos rendimentos protege da pobreza¹⁰⁶. Neste sentido, as pensões são muito mais desejáveis, se não forem demasiado baixas, dada a regularidade de pagamento que apresentam¹⁰⁷.

A questão do emprego está fortemente associada à do rendimento. Na nossa sociedade o emprego é imprescindível para a obtenção do rendimento que permite a sobrevivência física e social dos agentes. E, para a maioria, o trabalho assalariado é a única fonte de rendimento.

É necessário fazer aqui duas pequenas reflexões. Em primeiro lugar, devemos referir que o rendimento não ofusca, em importância para a definição do estatuto social de um agente, o emprego, dado que este último, além de fornecer um rendimento contribui, por um lado, para a definição da identidade social¹⁰⁸ e, por outro, permite aos agentes que contactam com o ego¹⁰⁹ classificá-lo na sua grelha de prestígio (ou mérito) social.

A segunda reflexão prende-se com o facto de muitos trabalhadores industriais em Portugal desenvolverem estratégias de conservação das terras, através da pluriactividade, o que lhes permite acrescentar algum rendimento ao relativamente baixo salário industrial¹¹⁰.

Estes pluriactivos são, assim, uma excepção parcial à regra do emprego como única ou quase única fonte de rendimento.

¹⁰⁵ Freitas *et al.*, s.d., p. 11, § 2; Labbens, 1978, p.1, § 1; Benavente *et al.*, 1991, p. 158, § 2; Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 47, § 4 e Silva, 1982, p. 1081.

¹⁰⁶ Mossé, 1985 (imp.), p. 38 e p. 43.

¹⁰⁷ Labbens, 1978, pp. 7/8.

¹⁰⁸ Quer no sentido da pertença ou referência dos agentes em relação a grupos, quer no sentido da distinção destes face a outros, fixando distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas. Cf. José Madureira Pinto - "Considerações sobre a produção social de identidade", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Julho de 1991, pp. 217/231, p. 218.

¹⁰⁹ Entendemos por ego, neste contexto, o indivíduo imaginário onde nos centramos para entendermos um processo ou fenómeno.

¹¹⁰ Almeida *et al.*, 1992, p. 4, § 4.

As qualificações exigidas pelas profissões mais comuns entre pobres são sempre baixas, quer falemos em termos escolares, quer em termos de formação profissional. Assim, a grande maioria dos pobres em Portugal tem a quarta classe ou menos.

A formação profissional, exceptuando o caso de algumas grandes empresas, é uma inovação recente no nosso país¹¹¹, fruto da adesão à então C.E.E., e dirige-se, esmagadoramente, a agentes com algumas qualificações escolares. Por exemplo, para se ser electricista encartado ou receber formação profissional adequada é preciso ter o nono ano de escolaridade¹¹².

A variável habitat introduz uma distinção interessante: no meio rural são pobres os pequenos patrões agrícolas, os isolados e os assalariados agrícolas¹¹³, enquanto no habitat urbano as profissões mais características são as da construção civil, (pedreiros, sobretudo ajudantes, carpinteiros de toco, pintores, cantoneiros, roçadores...), dos serviços pessoais e domésticos¹¹⁴ (empregadas de limpeza, mulheres a dias) e outros trabalhos variados como vendedores (ambulantes e feirantes), carregadores e descarregadores. De uma forma geral, são agentes com baixos salários e baixas produtividades.

É interessante notar que a maioria destas profissões, quer sejam mais comuns em meio rural ou em meio urbano, são, como vimos anteriormente no trabalho de Labbens, marginais ao mercado de trabalho moderno: muitas são resquícios de um mundo anterior à Revolução Industrial (veja-se o caso dos vendedores, das mulheres a dias, dos carregadores e descarregadores); os agentes que as ocupam têm uma situação face ao trabalho caracterizada pela precariedade e, muitas vezes, pela ausência de contratos formais; salários geralmente inferiores aos normalmente praticados no mercado de trabalho para actividades equivalentes; e ausência de Segurança Social (o que se torna problemático em situações de doença, velhice e desemprego).

¹¹¹ No caso concreto dos Açores veja-se o trabalho por nós realizado sobre a juventude açoriana em que 75% dos jovens nunca frequentaram qualquer curso de formação profissional (quadro 22). Gilberta Rocha, Octávio Medeiros e Fernando Diogo - *Juventude Açoriana: Caracterização, Valores e Aspirações*, Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude, 1995.

¹¹² Trata-se de mais uma área de onde a maioria dos pobres, devido as suas baixas qualificações escolares, estão excluídos.

¹¹³ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 58 e Silva, 1982, p. 1081.

¹¹⁴ Os trabalhadores dos serviços pessoais e domésticos são sobretudo mulheres. Cf. Freitas *et al.*, s.d., p. 13 e Silva, 1989, p. 5.

No caso particular da agricultura há que acrescentar que, em Portugal, as fracas produtividades na maioria dos sub-sectores que a compõem e as estruturas de qualificações, de idade, de tamanho e dispersão da propriedade leva-nos a pensar que a agricultura portuguesa é, ela própria, relativamente marginal ao processo de modernização económica¹¹⁵. A consequência das baixas produtividades agrícolas é o empobrecimento relativo dos que vivem deste sector económico.

O desemprego é uma porta de entrada ou de agravamento da pobreza. Pois como diz Room:

*"O emprego fornece normalmente não apenas um rendimento, mas também o principal meio de integração social para uma pessoa. O desemprego tem tendência a significar a exclusão social do mercado de trabalho e a perda de bastantes outras formas de participação na sociedade."*¹¹⁶.

Estar desempregado é sofrer um conjunto de exclusões, com início no mercado de trabalho e com repercussões em todas as esferas da vida social de cada agente¹¹⁷.

O desemprego inscreve-se na condição social objectiva do agente, mas os seus efeitos não se limitam aí. Estar desempregado afecta a percepção subjectiva que o agente tem de si próprio, afecta a sua auto-estima e a sua confiança no futuro, acabando por afectar a capacidade que o agente tem de encontrar novo emprego. Ou seja, a interiorização subjectiva da condição social objectiva e das oportunidades sociais que lhe estão associadas, afecta a atitude (optimista ou pessimista) que os agentes têm face ao mundo e as decisões que tomam em relação à sua conduta.

Trata-se, mais uma vez, de um fenómeno social objectivo, o desemprego, intimamente ligado a um fenómeno social subjectivo, a auto-estima e o nível de aspirações, com efeitos na esfera objectiva: a diminuição da possibilidade de encontrar novo emprego. Pensamos nós que a compreensão do fenómeno do desemprego tem, necessariamente, de passar pelo estudo dos aspectos subjectivos, interiores ao agente, em

¹¹⁵ Veja-se Silva, 1982, p. 1081.

¹¹⁶ Graham Room et al. - *Politiques nationales de lutte contre l'exclusion sociale - premier rapport annuel de l'observatoire europeen*, Bruxelas, Comissão das Comunidades Europeias, 1991, p. 7, § 2.

¹¹⁷ Afirmações semelhantes podem ser encontradas em outros autores, cf. Papantoniou, 1992, p. 21.

articulação com os aspectos objectivos, inscritos na condição social do agente e nos constrangimentos estruturais a que está sujeito.

O que foi dito para o desemprego pode, até certo ponto, ser aplicado ao emprego. Vivemos num espaço social em que a posição do agente na esfera profissional é determinante para o seu posicionamento neste. Uma baixa posição na estrutura dos empregos (ou mesmo a sua ausência por desemprego) leva também a efeitos na auto-estima do agente e no seu estilo de vida. É importante salientar que, mais uma vez, a posição social objectiva dos agentes tem efeitos na auto-estima e esta afecta o comportamento e as estratégias dos agentes¹¹⁸, na medida em que a percepção da sua baixa posição social objectiva se deve ao facto de partilharem com os outros as mesmas categorias de percepção socialmente produzidas, impostas e interiorizadas.

A ausência de profissão, ou seja, o desemprego, é um factor despoletador ou agravador da pobreza, sobretudo se estiver ligado à ausência de protecção social ou for desemprego de longa duração (o que implica o fim do subsídio de desemprego).

Quando se fala de desemprego tem de se ter em atenção que este atinge mais fortemente, e em primeiro lugar, as categorias profissionais menos habilitadas para a concorrência no mercado de trabalho: os trabalhadores mais desqualificados (em termos escolares e profissionais), as mulheres, os jovens e os mais velhos¹¹⁹.

b) Nível de escolaridade

O baixo índice de escolaridade, juntamente com taxas elevadas de abandono e insucesso escolar, são tanto causa da pobreza, através da incapacidade de competir por empregos e profissões socialmente aceitáveis, como são um efeito da pobreza, na medida em que a desadequação da escola à realidade¹²⁰ produz insucesso e abandono.

¹¹⁸ Hiernaux, 1989, pp. 6/8.

¹¹⁹ Sobre a maior incidência do desemprego nos jovens e nas mulheres veja-se M^a Fernanda Gonçalves - "Evolução recente do mercado de trabalho em Portugal: problemas de emprego e mutações", *Organizações & Trabalho*, nº 9/10, Dez. de 1993, pp. 11/26, p. 12 (quadro 1) e p. 15 (quadro 4), para os Açores veja-se Gilberta Rocha e Octávio Medeiros - *Diagnóstico sócio-económico da Região Autónoma dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores/Instituto de Acção Social (Policopiado), 1994, p. 128 quadros 70 e 71 e p. 130 gráfico 38.

¹²⁰ Ana Benavente *et al.*, 1991, p. 114, §3 e também Silva, 1991, p. 8, col. 2, § 2/3.

c) O género

O sexo é outro atributo diferenciador em termos de pobreza¹²¹. Pois, não só existem mais mulheres do que homens em situação de pobreza¹²², como estas são mais vulneráveis aos factores que aí conduzem, nomeadamente, são mais vulneráveis ao desemprego e têm, tendencialmente, menores ordenados que os homens. Isto apesar de a média de mulheres empregadas ser inferior à nacional¹²³ (homens mais mulheres).

Muitas vezes a mulher encontra-se desempregada, mas "esconde" esta situação por detrás do estatuto de doméstica¹²⁴, o que implica que as estatísticas sobre o emprego feminino apresentem uma taxa de desemprego tendencialmente inferior à real.

A situação familiar das mulheres pode ter um efeito limitador ou agravador da probabilidade objectiva de pobreza.

As famílias monoparentais femininas e as famílias com um elemento isolado do sexo feminino tendem a apresentar maiores taxas de pobreza do que outras famílias¹²⁵, tanto mais quanto a posição social dos agentes que as compõem é, geralmente, baixa.

Outros tipos de famílias afectadas por maiores probabilidades de pobreza, são as famílias muito numerosas, os isolados, as monoparentais (em geral), as famílias compostas por idosos e famílias cujo "representante" apresente baixas qualificações (o que implica, quase sempre, baixos rendimentos do trabalho)¹²⁶ e/ou uma baixa posição na estrutura social.

d) A idade

A categoria social idade, por si só, é um atributo que pode, sob certas circunstâncias, agravar a probabilidade de pobreza. São sobretudo os mais idosos e os mais jovens que se têm mostrado mais vulneráveis. Os primeiros têm, geralmente, baixas pensões sociais, grandes gastos com a

¹²¹ Labbens, 1978, p. 1, § 5.

¹²² Silva, 1989, p. 3 e Binet, 1986, p. 54, col. 1, § 2 (para a situação em Rennes).

¹²³ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 116, §2, os autores produzem esta afirmação, baseados em dados do recenseamento de 1981.

¹²⁴ Silva, 1989, p. 15.

¹²⁵ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 58; Binet, 1986, p. 54, col. 1, §2 e col. 2, §2 (a propósito de Rennes).

¹²⁶ *Ibidem.*

saúde e problemas de solidão, sobretudo, se provêm de posições sociais baixas. Os segundos, têm dificuldade em integrar-se no mercado de trabalho¹²⁷, sobretudo, se procuram o primeiro emprego e/ou se têm baixas qualificações e ausência de experiência profissional (o que acontece, normalmente, aos jovens pertencentes às classes dominadas).

Como vimos no parágrafo anterior em relação aos idosos, os problemas de saúde são outro atributo social que pode levar o agente à pobreza. A inactividade por invalidez, doença, velhice ou handicap limita as fontes de rendimento possível (já que os rendimentos do trabalho ficam excluídos e os da Segurança Social, quando existem, são escassos) tornando maior a probabilidade de pobreza¹²⁸.

e) A saúde

Sobre a saúde resta indicar que a gravidez mal vigiada, ou não vigiada de todo, é um risco associado à pobreza que é preciso ter em conta quando dela se fala¹²⁹, na medida em que pode ter como consequência deficiências nas crianças e complicações na saúde da mãe¹³⁰ geradoras de desvantagens na luta social.

f) A habitação

A habitação é outro atributo onde é visível a pobreza. Associada à habitação existe um conjunto de encargos (com a compra, renda, água, electricidade e, eventualmente, condomínio e taxas camarárias)¹³¹ que os agentes com escassas possibilidades económicas não podem suportar. Quase sempre, a solução é encontrada na habitação degradada ou em bairros de barracas onde estes encargos são inexistentes, ou quase. Este processo, transforma-se num mecanismo de exclusão social, já que os pobres são segregados para as áreas e habitações que podem pagar, onde

¹²⁷ Room, 1991, pp. 10/11; Silva, 1982, p. 1081 e Costa e Silva *et al.*, 1985, pp. 117, § 5.

¹²⁸ Room, 1991, pp. 10/11; Silva, 1982, p. 1081 e Costa e Silva *et al.*, 1985, pp. 117, §5. A má saúde também pode ser uma consequência de situações de carência. cf. Paul Glewwe e Jacques Van der Gaag - *Confronting poverty in developing countries: definitions, information and policies*, Washington, World Bank, 1989 (imp.), p. 38.

¹²⁹ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 109.

¹³⁰ Silva, 1989, p. 9.

¹³¹ Os serviços ligados à habitação são, muitas vezes, objecto de endividamento crónico. cf. Mossé, 1985, p. 59 e Maia *et al.*, 1992, p. 9 e p. 85.

encontram outros nas mesmas condições, formando, assim, os bairros de má fama que contribuem para a estigmatização dos seus moradores. Ou seja, a apropriação sócio-económica diferenciada do espaço leva à centripetação dos agentes pobres para os espaços mais desvalorizados, quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista social.

g) A pertença étnica

Finalmente, outro atributo que pode significar uma maior vulnerabilidade à pobreza é o grupo de pertença do agente, nomeadamente a pertença étnica. Ciganos e africanos são excluídos da vida social normal, vivendo nas margens do espaço social.

Todos estes atributos que ajudam a definir a posição social do agente são objectivos, no sentido em que se impõem aos agentes e não dependem (directamente ou não dependem de todo) da subjectividade de cada um.

De entre os atributos acima indicados o emprego apresenta-se como central para a compreensão da pobreza e para a classificação dos agentes como pobres, apesar de ser importante não perdermos de vista outros atributos imprescindíveis para melhor compreendermos esta parcela da realidade.

O recorte da pobreza em relação a um conjunto de características como as famílias monoparentais, os baixos salários, os vínculos contratuais instáveis ou inexistentes, etc... limita-se a caracterizar a pobreza, a descrevê-la e não a explicá-la. Isto significa que o que acabou de ser exposto neste ponto tem um interesse limitado, pois, mostra características associadas aos pobres mas não permite recortar grupos sociologicamente coerentes, nem permite compreender a questão enquanto resultado provisório de uma dinâmica histórica em funcionamento. Assim, este momento tem-se falado em pobreza e em pobres sem definir verdadeiramente o que é que se entende por essas noções.

A escolha de uma ou outra definição, de um ou outro conjunto de dimensões a estudar, não é inocente, dado que leva a recortar na realidade diferentes conjuntos de agentes em situação de pobreza¹³².

A definição de pobreza aqui apresentada partiu das leituras feitas e, sobretudo, da perspectiva estudada e do enquadramento teórico escolhido,

¹³² Glewwe e Van der Gaag, 1989 (imp.), p.2 e Townsend, 1993, p. 86.

permitindo salientar as dimensões mais pertinentes para a análise e conservar a congruência com o enquadramento teórico.

Podemos, então, considerar a pobreza como um processo social que afecta um conjunto de agentes que se caracterizam pela *escassez de recursos* materiais (dinheiro e coisas compráveis com dinheiro), culturais (não só a cultura e os títulos escolares, mas também os aspectos que se traduzem em modos de vida socialmente aceitáveis), sociais (ou seja amizades que se podem mobilizar para conseguir uma coisa, os chamados favores ou cunhas) e simbólicos (reputação e prestígio sociais, sobretudo os associados à ocupação)¹³³, em que esta escassez de recursos leva à *desafiliação*, cujas principais características são a ausência de um trabalho estável e a desinserção das redes de solidariedade local¹³⁴. Esta implica, tal como a escassez de recursos culturais, estilos de vida desvalorizados¹³⁵, de tal forma que se constituem sobre estes agentes determinadas representações sociais¹³⁶ onde são considerados negativamente, quer dizer, *estigmatizados*¹³⁷. Por exemplo, como: indesejáveis, preguiçosos, moralmente reprováveis, perigosos, violentos, delinquentes, etc¹³⁸.

¹³³ Dimensões contidas no trabalho de Bourdieu sobre os capitais, cf. secção 2.2 e seguintes.

¹³⁴ Veja-se o trabalho de Castel, cf. capítulo I.

¹³⁵ A partir da contribuição de Pierre Bourdieu.

¹³⁶ Cf. o trabalho de Moscovici, sobretudo os desenvolvimentos de Doise e Jodelet, veja-se as secções 2.3 e 2.4.

¹³⁷ Conceito exposto por Goffman, cf. nota 1 deste trabalho.

¹³⁸ Teixeira Fernandes, 1991, pp. 9/66, sobretudo pp. 36/39.

2- O ENQUADRAMENTO TEÓRICO ESCOLHIDO

O nexos que estrutura todo este segundo capítulo, a partir do qual construímos o modelo de análise, é o conceito de condição social objectiva cujas dimensões pertinentes para a minha temática vou explanando ao longo das diferentes secções.

As primeiras secções constituem uma reflexão sobre a teoria de Pierre Bourdieu e sobre a sua contribuição para a definição de condição social objectiva. As propriedades de cada agente são o resultado de incorporações impostas a partir do espaço social, condicionando a sua presença em determinados campos e posições, ao mesmo tempo que, através da simples presença do agente, mostram a sua condição social objectiva ao conjunto dos outros com os quais interage.

Na terceira secção procuro articular as contribuições deste autor com a de Serge Moscovici a partir da noção de representação social e ideias associadas, para, na quarta secção, voltar ao trabalho de Bourdieu, de forma a relacionar o conceito central deste capítulo com o de dominação simbólica.

Termino o capítulo com uma secção onde desenvolvo a ideia de que a percepção que os agentes têm da sua condição social objectiva condiciona o seu sentido prático da prática e as suas estratégias de acção, na medida em que esta representa tudo aquilo que se impõe do exterior ao agente.

2.1- PORQUÊ BOURDIEU?

A construção da reflexão teórica e empírica desta pesquisa teve como ponto de partida o trabalho de Bourdieu.

As razões desta escolha são de carácter científico e também prático.

Em termos científicos escolhemos Bourdieu porque este autor se apresenta como o produtor de uma obra que pretende realizar a síntese entre as teorias que têm o seu acento tónico nos fenómenos estruturais e as que o colocam no sentido que os agentes dão às suas acções¹³⁹.

A ligação entre estas duas dimensões é importante neste trabalho, na medida em que, apesar de me centrar nas estratégias dos agentes, estando, por isso, mais próximo dos que trabalham o sentido que estes dão às suas acções, considero ser imprescindível enquadrar as estratégias

¹³⁹ Berthelot, 1991, pp. 92, § 2 e pp. 120/121.

desenvolvidas nas estruturas sociais que, independentemente da sua vontade, as condicionam e limitam (por outras palavras, falamos da condição social objectiva).

Fora do seu contexto, as estratégias que os agentes podem desenvolver para fugir às representações sociais negativas associadas à sua baixa condição social objectiva e ao próprio Bairro, não são perfeitamente compreendidas.

Utilizando a linguagem do próprio Bourdieu podemos dizer que as estratégias que os agentes desenvolvem na realidade social se baseiam, mas não são determinadas por, 1) no seu habitus (por sua vez, resultante da interiorização subjectiva da realidade objectiva) e 2) no sentido subjectivo e inconsciente das estratégias a implementar para alcançar os interesses (sentido prático da prática).

Em termos práticos, a escolha do trabalho de Bourdieu foi influenciada pelo facto do seu trabalho ser cativante na medida em que apresenta um retrato coerente do espaço social susceptível de ser aplicado a situações bastante diversificadas

2.2- A DEFINIÇÃO DE CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA A PARTIR DE BOURDIEU

A maioria dos constrangimentos que afectam a vida dos agentes, a nível macro ou micros social são subjectivos, no sentido em que dependem das interpretações que se dão a *sinais*¹⁴⁰ ou marcas, exteriorizadas pelos agentes, que permitem classificá-los no sistema de classificação de cada um dos outros¹⁴¹.

Quer dizer, a condição social objectiva de cada um manifesta-se pela exteriorização de um conjunto de marcas sociais que permite aos outros classificar o ego e a este auto-classificar-se¹⁴².

Nesta parte do trabalho falaremos das principais marcas sociais, ou sinais, da forma como estas contribuem para a construção da condição social objectiva dos agentes, da sua articulação e da forma como os agentes as percebem.

a) A importância de factores económicos

Os aspectos económicos são parte desta condição social objectiva e constituem um conjunto importante de marcas que a caracterizam¹⁴³. Para o que nos interessa, podemos falar deles de duas formas diferentes.

É importante referir que a condição social objectiva dos agentes depende, parcialmente, das características e contingências da estrutura económica. Podem-se invocar dois exemplos principais (escolhidos pela sua importância e repercussões na problemática da pobreza): em primeiro lugar, a crise económica que as sociedades ocidentais atravessam

¹⁴⁰ Comportamentos, coisas ditas no discurso normal (valores, ideias, preferências, formas de ver o mundo), atitudes, formas de parecer (vestuário, sotaque, construção gramatical do discurso, clareza do discurso, formas de lidar com o corpo), etc.

¹⁴¹ Cf. Baudrillard, 1973 (c 1968).

¹⁴² Neste sentido, veja-se a opinião de Bourdieu em Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant - *Reponses*, Paris, Seuil, 1992, p. 111 quando refere que: "(...) os agentes sociais determinam activamente, por intermédio das categorias de percepção e de apreciação, social e historicamente constituídas, a situação que os determina (...) mas as categorias de percepção e de apreciação que estão no princípio desta (auto)determinação são, elas próprias, em grande parte determinadas pelas condições económicas e sociais da sua constituição."

¹⁴³ Por exemplo, os consumos.

apresenta como consequência o aumento do desemprego, afectando agentes concretos, apesar de ser um fenómeno macrossocial¹⁴⁴.

O segundo exemplo, baseia-se nos modelos de desenvolvimento do Estado Novo, que assentaram, para o que nos interessa, nos baixos preços agrícolas e nos baixos salários industriais¹⁴⁵. As consequências foram o baixo nível de vida dos agentes concretos¹⁴⁶.

Mas, os agentes concretos apresentam características económicas que não são inteiramente deduzíveis da estrutura económica.

As baixas qualificações (escolares e profissionais), os empregos precários e desqualificados têm efeitos importantes na formação da condição social objectiva dos agentes que ultrapassam a esfera económica, pois, produzem implicações na posição que o agente ocupa no espaço social (posição de estrutura de classes) e na percepção subjectiva que o agente tem de si (na auto-estima e, numa dimensão temporal, nas aspirações).

b) Dimensões da condição social objectiva

A condição social objectiva de um agente pode ser vista através de quatro dimensões ou subdimensões principais: a classe social; os capitais possuídos (em termos de estrutura e de volume) e do peso de cada um na estrutura dos capitais de um campo; a trajectória social e as representações sociais que os agentes no espaço social (sobretudo os *media* e a Segurança Social - Estado e outros)¹⁴⁷ têm da posição social de um agente. Nesta secção falaremos das três primeiras.

¹⁴⁴ Sabemos que o desemprego não afecta todas as categorias sociais da mesma maneira. Quando o emprego se torna num bem, relativamente, escasso a intensidade da luta por um posto de trabalho deixa de lado os agentes que possuem menos qualificações (escolares, profissionais e sociais) para, aí, concorrerem. Estes pertencem a categorias (agentes com características semelhantes) concretas: Jovens com menos de 25 anos, mulheres, indivíduos com mais de 45 anos e, de uma forma geral, indivíduos pertencentes às franjas menos qualificadas das classes populares.

¹⁴⁵ Costa e Silva *et al.*, 1985, p. 34 e Silva, 1982, p. 1081.

¹⁴⁶ Os baixos preços agrícolas desincentivaram a produtividade e não permitiram, assim, que o rendimento disponível dos agricultores fosse acima dos níveis económicos em que os agentes têm capacidade de satisfazer as suas necessidades e as expectativas dos seus papéis sociais.

¹⁴⁷ Baseámo-nos nos trabalhos de Pierre Bourdieu (com Loïc Wacziarg - *Reponses*, Paris, Seuil, 1992; *La distinction - La critique social du jugement*, Paris, Minuit, 1979) e (dir.) *La Misère du Monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993 e no de Serge Paugam - *La disqualification sociale: essai sur la nouvelle pauvreté*, «sociologie», Paris, PUF, 1991.

A condição social objectiva de um agente depende da posição relativa que ocupa no espaço social¹⁴⁸ e, mais especificamente, da sua posição no campo das classes sociais.

Esta posição depende do volume global do capital possuído, da estrutura deste capital global (já que capitais globais semelhantes podem ter estruturas diferentes, implicando efeitos qualitativos diferentes ao nível do posicionamento social dos agentes) e do peso específico que cada um dos capitais (presentes na estrutura) tem na estrutura de cada campo onde os agentes se posicionam.

Mas, a condição social objectiva não depende só da posição que cada agente ocupa num determinado momento. O conceito de trajectória social é importante porque a posição que cada agente ocupa num momento específico é a síntese actual de um movimento histórico. A percepção subjectiva da trajectória passada e potencial que todos os agentes possuem é, neste sentido, importante para a definição da condição social objectiva da cada um¹⁴⁹.

De entre os agentes sociais presentes num determinado espaço social destacam-se os produtores institucionais de discurso (*media*, políticos e Segurança Social) na medida em que produzem, com legitimidade, as representações sociais que constroem a estima social inerente à condição social objectiva dos agentes.

b.1) A classe social

O eixo estruturador das condições sociais de existência dos agentes é a *classe social* ou, mais pormenorizadamente, a fracção de classe. No nosso espaço social a posição que o agente ocupa na esfera da produção é fundamental para a determinação da sua posição nas restantes dimensões (ou esferas) da vida social¹⁵⁰ e, conseqüentemente, é fundamental para a

¹⁴⁸ Sobre o conceito de "espaço social" veja-se Pierre Bourdieu - "Capítulo VI - Espaço social e génese das «classes»", in *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, pp. 133/145.

¹⁴⁹ Tendo em atenção que a percepção subjectiva é, ela própria, resultado da incorporação das estruturas objectivas. Cf. Pierre Bourdieu, 1989, p. 141, § 1.

¹⁵⁰ Isto não significa que a posição na estrutura da produção seja o único factor para a determinação da posição na estrutura social e não significa que a posição na estrutura de produção se traduza, em termos operatórios, pela simples utilização da profissão, com ou sem a posição na profissão. Pois também é importante o tipo de vínculo contratual (estabilidade do emprego), o rendimento

determinação das posições individuais na estrutura social. Neste sentido, os outros conceitos que referimos articulam-se com o de classe e ganham sentido e profundidade quando referidos a este último.

O conceito de classe social deve distinguir, *à priori*, as classes existentes apenas na mente do investigador, isto é, as classes enquanto categoria analítica, das classes enquanto parcelas da realidade social, produto do trabalho de representação de porta-vozes.

A chave da sua diferenciação está na consciência que os agentes pertencentes às classes reais têm da sua pertença e nas acções e lutas comuns que derivam desta consciência de interesses comuns¹⁵¹.

Na linguagem de Bourdieu, fala-se de *classe objectiva* (constituída por agentes com condições de existência semelhantes, produtoras de habitus¹⁵² semelhantes) e de *classe mobilizada* (compreendendo as que, partindo de uma base comum, têm membros conscientes dos seus interesses e posições próximas e estão mobilizados na sua defesa)¹⁵³.

Para os nossos objectivos, definimos classe social como um conjunto de posições próximas no espaço social, relativamente independentes dos agentes que as ocupam, e às quais estão associadas determinadas propriedades¹⁵⁴. Estas relacionam-se com as características que o agente deve ter para poder aceder a uma dada posição (por exemplo idade, sexo, capitais -social, cultural, económico e simbólico-, profissão, estabilidade no emprego...).

Concluimos, pois, que o que nos interessa é a classe social objectiva. Tanto mais que, sendo os agentes em estudo pobres, a despossessão de poder reivindicativo e o próprio desconhecimento da situação pessoal de despossessão (que poderia levar ao combate desta através da reivindicação) tornam muito difícil a existência de mobilização de classe entre os pobres. As formas de resistência às imposições da condição social objectiva são, como veremos ao longo deste trabalho,

proporcionado e as funções desempenhadas (execução/enquadramento), pelo menos nos casos de indivíduos em situação de pobreza.

¹⁵¹ Richard Jekins - *Pierre Bourdieu - Key sociologists*, London/New York, Routledge & Kegan Paul, 1992, p. 88, § 1.

¹⁵²Sobre o conceito de Habitus veja-se este mesmo trabalho e a bibliografia para que remetemos.

¹⁵³ Bourdieu, 1979, p. 122, § 2 e p. 113, nt. 6.

¹⁵⁴ Veja-se neste sentido, Bourdieu, 1979, p. 117 / 118 e Alain Accardo e Philippe Corcuff - *La sociologie de Pierre Bourdieu - textes choisies et commentés*, Bourdeux, Le Mascaret, 1989, p. 28, § 2.

individuais pois os pobres percebem a sua situação de uma forma individual e naturalista o que é, aliás, próprio do senso comum.

A classe social a que pertencem os pobres define-se mais pela exclusão do que por propriedades intrínsecas. É que estes agentes não possuem propriedades que lhes permitam aceder a outras posições¹⁵⁵ e, assim, por exclusão de partes ficam com as posições mais baixas, que têm menores exigências em termos de características e pelas quais podem lutar¹⁵⁶.

Em termos mais concretos os pobres pertencem à fracção mais baixa das classes populares, o sub-proletariado¹⁵⁷. Partilhamos a tese de que as profissões dos agentes pobres, que em grande parte definem a classe social, têm pouca produtividade, baixas exigências em termos de qualificações, são marginais ao mercado de trabalho, estão associadas a vínculos precários ou inexistentes e uma fraca, ou mesmo nula, protecção social¹⁵⁸.

b.2) A trajectória social

A classe social não pode ser vista de forma estática. Isto significa que as visões da classe social que não têm em conta as dimensões gêmeas da mudança social e do tempo devem ser postas de parte. Neste sentido, achamos importante relacionar este conceito com o conceito de trajectória social.

Não é obrigatório que os agentes ocupem sempre a mesma posição, em termos de classe, e cada posição pode, ao longo do tempo, modificar a sua relação com as outras.

O conceito de trajectória social deve ser entendido como uma linha que une um ponto de partida a um ponto de chegada. Implicando,

¹⁵⁵ Entenda-se: lutar pela apropriação de capitais que lhes permitam aceder a outras posições na estrutura social global, dado que não têm os recursos iniciais necessários (que também são capitais).

¹⁵⁶ Com outros agentes que apresentam propriedades ou características semelhantes.

¹⁵⁷ O nosso interesse no conceito de classe social não torna vital a utilização (ou produção) de uma classificação das classes sociais. No entanto, devemos indicar que qualquer referência por nós feita neste sentido é largamente inspirada nos trabalhos de Bourdieu. Uma sistematização pode ser encontrada em: Accardo e Corcuff, 1989, pp. 224/225 e Alain Accardo - *Initiation à la sociologie: L'illusionnisme social - Une lecture de Bourdieu*, Bourdeux, Le Mascaret, 1991, pp. 201/210.

¹⁵⁸ Não devemos perder de vista que, para uma operacionalização da classe social, a profissão e os aspectos relacionados são centrais, mas insuficientes para estabelecer as distinções entre classes e fracções, sobretudo as distinções mais subtis. (cf. Accardo, 1991, p. 172).

necessariamente, um conjunto de pontos intermédios que se situam ao longo dessa linha. Cada um destes pontos não é mais do que a posição que um agente ocupa na estrutura social num dado momento.

O ponto de chegada, só o é do prisma do observador, dado que as únicas balizas são o nascimento e a morte. Qualquer outro ponto de chegada é, ao mesmo tempo, arbitrário e transitório.

A trajectória social de um agente é uma variação da trajectória modal da sua classe ou fracção, dado que os agentes pertencentes à mesma classe social têm condições sociais objectivas e interiorizações subjectivas semelhantes.

Ao falarmos desta podemos referir-nos quer à individual, quer à modal ou de classe.

A noção de trajectória social é importante na medida em que as práticas dos agentes, num determinado momento, não são inteiramente explicáveis pela posição que ocupam na estrutura social, nem pelo capital social detido.

Assim, quando dois agentes se encontram em posições semelhantes e têm práticas diferentes estas podem ser explicadas pela percepção das trajectórias passadas (de ascensão, regressão ou reprodução) e futuras ou potenciais diferentes; do seu grupo ou pessoal, por parte dos agentes em causa¹⁵⁹. Quer dizer, a percepção da trajectória do seu grupo, da sua e dos outros, tem consequências a nível psicológico de descrédito ou de confiança em si ou nos outros¹⁶⁰.

A percepção que os agentes têm da sua própria trajectória social é não só determinante para o optimismo ou pessimismo em relação ao momento presente como é importante para a formação das atitudes em relação ao futuro.

Mas o que nos interessa ao falar da condição social objectiva dos agentes, não é a percepção subjectiva que estes têm da sua própria trajectória social, mas compreender a percepção que os outros têm da trajectória do ego (como já dissemos, este é, aqui, o agente imaginário onde nos centramos para melhor compreender um fenómeno ou processo).

O facto da trajectória social passada e potencial de um agente ou grupo de agentes ser percebida como de ascensão, regressão ou de reprodução, altera as percepções subjectivas dos outros em relação ao ego e, conseqüentemente, em relação à posição social presente do ego. As percepções em relação ao futuro, em termos de trajectória social, afectam

¹⁵⁹ Bourdieu, 1974, p. 124 e Accardo e Corcuff, 1989, p. 26.

¹⁶⁰ Neste sentido veja-se Accardo, 1991, p. 180.

a condição social objectiva presente do ego¹⁶¹. É preciso não esquecer que as percepções subjectivas que os outros têm do ego são muito parecidas pois resultam de sistemas de categorização semelhantes à escala de um espaço social¹⁶². Estas percepções apresentam-se ao ego e aos outros, que as produzem como naturais, exteriores aos agentes e coercivas ou, numa palavra, objectivas.

Vimos que um factor que influencia a acção diferenciada dos agentes e a percepção que os outros em geral têm de cada agente é a trajectória social, mas esta não é o único elemento determinante.

A classe social de um agente é, em parte, determinada pelos capitais que possui. O capital social influencia a sua posição social e a percepção que os outros têm desta. Por isso, é mais um elemento importante na formação da condição social objectiva dos agentes e concretamente dos pobres.

b.3) A estrutura de capitais dos agentes

O conceito de capital tem, na teoria elaborada por Bourdieu, um significado próprio e preciso, diferente do significado económico ou do significado do senso comum.

Bourdieu¹⁶³ indica-nos que capital é uma energia social que existe e se produz e reproduz num dado campo, não tendo efeitos em campos diferentes daquele onde foi criado e onde é reconhecido, já que cada capital está adaptado e é reconhecido como tal no seu campo particular.

Uma definição mais simples é a que nos é apresentada por Accardo. Para este autor, capital é o conjunto de recursos que o agente precisa de ter para entrar num dado campo e suportar aí a sua actividade¹⁶⁴.

Estas definições permitem constatar que existe uma ligação íntima entre este conceito e o de campo. Um campo é o sistema de relações objectivas, síntese actual de condições históricas, entre posições associadas a diferentes formas de capital¹⁶⁵.

¹⁶¹ Quer, como vimos, ao alterar as atitudes dos outros em relação ao ego, quer alterando o próprio modo de vida do ego, directamente através da sua percepção e indirectamente através da percepção que tem da percepção que os outros têm de si.

¹⁶² Pelo menos no fundamental, mas não podemos perder de vista as diferenças de classe e, até, as individuais.

¹⁶³ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 127.

¹⁶⁴ Accardo, 1991, p. 34, § 4.

¹⁶⁵ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 24.

Em síntese, o capital é parcialmente responsável pela definição dos campos (de que o das classes sociais é o mais importante exemplo) e é, ao mesmo tempo, o conjunto de recursos necessários para o funcionamento do campo e para a entrada e manutenção dos agentes neste. Os capitais são os recursos necessários para a obtenção de lucros no campo¹⁶⁶ (mais capital), o que pressupõe que exista luta no campo, entre os agentes para a apropriação da maior quantidade possível de capital¹⁶⁷, através das estratégias desenvolvidas pelos agentes.

Assim, uma outra característica do capital é a sua desigual distribuição pelas posições, o que diferencia os agentes que as ocupam¹⁶⁸.

Mas, se a quantidade, o volume, de capital possuído é fundamental, no campo das classes sociais para a determinação da posição social ocupada, é necessário não perder de vista que para Bourdieu a estrutura de distribuição entre os vários tipos de capital é igualmente importante¹⁶⁹. Com efeito, dois agentes com o mesmo volume de capital global podem ocupar posições sociais diferentes logo que a estrutura deste seja diferente e/ou logo que as suas trajectórias sejam diferentes¹⁷⁰. Finalmente, é ainda preciso ter em atenção que os capitais têm diferentes valores uns em relação aos outros e que diferentes conjugações destes podem determinar a posição social dos agentes e dos grupos de agentes.

Existem vários tipos de capital, dos quais o mais óbvio é o *capital económico*, que é o conjunto de recursos económicos que um agente pode mobilizar, sobretudo dinheiro¹⁷¹.

Outro tipo de capital é o *cultural*. Trata-se do conjunto de recursos de natureza cultural, isto é, as competências adquiridas pelos agentes para agir de determinada maneira. Existe sob três formas: a) *incorporado* (como disposições duráveis inscritas no organismo, corpo e mente); b) *objectivado* (corporizado nos objectos em geral) e c) *institucionalizado* (é uma forma especial de objectivação, por exemplo nos diplomas escolares enquanto reconhecimento institucional do capital escolar)¹⁷².

¹⁶⁶ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 74; Jekins, 1992, p. 14, § 2, e Accardo e Courcuff, 1992, p. 33.

¹⁶⁷ Accardo e Corcuff, 1989, p. 17, § 2.

¹⁶⁸ Accardo, 1991, pp. 33/34 e P. 37, § 2.

¹⁶⁹ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 75, § 2 e Bourdieu, 1979, p. 273.

¹⁷⁰ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 74/75.

¹⁷¹ Accardo, 1991, p. 33, § 4.

¹⁷² Bourdieu e Wacquant, 1992, pp. 94/95 e Accardo e Corcuff, 1989, p. 19, § 3. Pierre Bourdieu - "Les trois états du capital cultural", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 30, pp. 3/6.

Quando se fala de capital cultural, é necessário ter em conta, os seguintes aspectos:

O capital cultural incorporado é herdado pelos agentes (sobretudo através da inculcação familiar¹⁷³) e apresenta-se à percepção como natural ou inato. Este tipo de capital cultural pode ser, também, adquirido na escola¹⁷⁴. Este último também referido como capital escolar, é uma forma particular de capital cultural que, através dos diplomas, confere aos seus detentores uma competência cultural legítima, socialmente reconhecida e valiosa na luta pelo posicionamento na estrutura de classes (já sob a forma institucionalizada).

Um segundo aspecto prende-se com o facto do capital cultural objectivado só ter sentido para os que detêm, no seu capital cultural incorporado, a chave de leitura dos signos culturais objectivados. Quer dizer, os objectos, em si, são mudos (as suas propriedades não são imediatamente visíveis) só a atribuição de sentido projectada sobre os objectos pelos agentes (através do capital cultural incorporado) permite a estes proceder à leitura e eventual utilização correcta dos objectos¹⁷⁵.

Um terceiro aspecto é a importância que a variável tempo assume na incorporação do capital cultural, nomeadamente o escolar. É que para que esta seja feita é necessário tempo e, para isso, ter a possibilidade económica de consagrá-lo à aquisição de capital cultural (escolar) em alternativa a ter de dedicar o tempo à angariação de recursos monetários (através do trabalho)¹⁷⁶.

Outro tipo de capital é o *social* entendido como o conjunto de relações sociais que um agente pode mobilizar em seu favor num dado momento. Trata-se de um conjunto de redes informais que permitem ao agente conseguir, por intermédio de outros, coisas que não conseguiria directamente. Neste sentido, é um recurso na luta social pelas posições sociais, estando ao serviço das estratégias usadas pelos agentes.

¹⁷³ Bourdieu evita a utilização do conceito de socialização que não está presente nas suas obras que consultamos para realizar este trabalho.

¹⁷⁴ Onde se assiste a taxas de conversão diferentes do capital cultural herdado da família em capital escolar, consoante a pertença de classe. Pois, o capital escolar está mais próximo do capital cultural herdado das classes dominantes e, assim, a taxa de conversão do segundo no primeiro é maior nestas classes.

¹⁷⁵ Accardo e Corcuff, 1989, p. 20, § 1, veja-se, também, Baudrillard, 1973.

¹⁷⁶ Accardo e Corcuff, 1989, p. 19, § 6.

Um último tipo de capital é o *simbólico*. Trata-se do reconhecimento público que os outros tipos de capitais de um agente gozam. Ou seja, trata-se da reputação, do prestígio, da honra de um agente¹⁷⁷, resultante do reconhecimento pelos outros do valor dos seus capitais.

Em relação aos pobres é importante começar por referir que estes têm um capital global cujo volume é pequeno, sendo apenas suficiente para a atribuição de posições sociais pouco desejáveis em qualquer campo e, particularmente, no campo das classes sociais.

A luta para a atribuição de um dos três tipos de capital (económico, cultural e social) como o mais importante princípio de classificação social, só existe dentro das classes dominantes, estando os pobres excluídos, dado o reduzido volume de capitais que têm.

O baixo volume de capital possuído pelos pobres pode significar que as dissemelhanças relacionadas com a posse de estruturas diferentes para o mesmo volume de capital global não sejam, neste caso, significativas.

Em sentido contrário a esta ideia está o trabalho de João Ferreira de Almeida *et al.*; o de Ana Benavente *et al.* e o de António Capucha que indicam claramente que os agentes com condições sociais objectivas semelhantes têm modos de vida diferentes¹⁷⁸. Estes podem ser o resultado de estruturas de capital diferentes (e/ou trajectórias diferentes) que levam, por exemplo, a estratégias de (des)investimento escolar diferentes¹⁷⁹. Quer dizer, diferentes estruturas de capitais podem levar a diferentes *interesses* e a diferentes *estratégias* desenvolvidas pelos pobres na luta por uma melhor posição na estrutura social. E, por isso, a diferentes modos de vida, apesar de volumes de capital uniformemente escassos.

¹⁷⁷ Accardo. 1991, p. 50, § 1, p. 52, § 1 e pp. 58/59.

¹⁷⁸ Ana Benavente *et al.*, 1991 (d.l.), pp. 155/160 e Almeida *et al.*, 1992, pp. 83/95 e Luís Capucha - *Problemas da pobreza: conceitos, contextos e modos de vida*, Lisboa, ISCTE, dissertação de mestrado, 1992.

¹⁷⁹ Benavente *et al.*, pp. 105/114; em que os autores falam nos diferentes interesses pela escola por parte de agentes com posições sociais objectivas semelhantes.

2.3- A IMPORTÂNCIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA DEFINIÇÃO DE CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA

A noção de representação social é importante neste trabalho pois a condição social objectiva dos agentes comporta-a. Podemos ver a estima relativa atribuída a cada posição no espaço social, com destaque para o campo das classes sociais, como sendo uma representação social (ou um conjunto de representações sociais).

É neste sentido que se pode falar de inferioridade social dos agentes que ocupam determinadas posições no espaço social, na medida em que as suas condições sociais objectivas são objecto de representações sociais que as desvalorizam.

a) Contextualização da teoria das representações sociais

O conceito de representação social foi elaborado por Serge Moscovici a partir do conceito de representação colectiva que Émile Durkheim apresentou, em 1898, no artigo "Représentations individuelles et représentations collectives" publicado na *Revue de Métaphysique et Morale*, tendo Moscovici retomado o conceito em 1961, no livro *La psychanalyse, son image et son public* publicado em Paris pela PUF, sobre a transformação das teorias psicanalíticas em conhecimento de senso comum.

Moscovici prefere o conceito de representação social ao de representação colectiva porque este separa, o individual/psicológico e o colectivo/social, numa divisão artificial que dificulta a compreensão do real. Criando-se assim um obstáculo ao trabalho de relacionamento entre estas duas esferas da vivência humana. O conceito de representação colectiva dirige-se mais a um conjunto de categorias invariantes e puramente lógicas como a ciência o espaço e o tempo, a religião e os mitos, do que às categorias que orientam a vivência quotidiana dos indivíduos. Finalmente, o conceito de representação colectiva é mais rígido, determinando as percepções dos indivíduos¹⁸⁰.

¹⁸⁰ Serge Moscovici - "Notes Towards a Description of Social Representation", *European Journal of Social Psychology*, 1988, vol.18, nº13, pp.211-250, p. 218, §2.

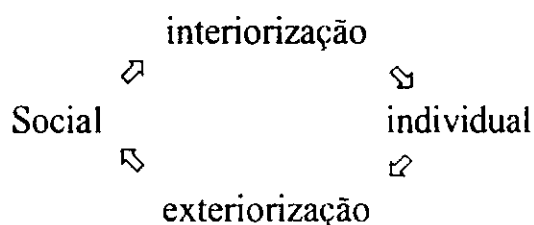
O surgimento do conceito de representação social foi importante para a psicologia social, segundo Moscovici abriu mesmo uma nova era¹⁸¹.

Noção charneira nas ciências sociais¹⁸², apesar dos cientistas da psicologia social a reclamaram como sua¹⁸³, também consideram que o seu contributo para outras ciências pode ser grande.

Por ser uma noção charneira estabelece uma ligação entre o cognitivo e o social, entre o individual e o colectivo, artificialmente separados quer na psicologia e psicologia social, quer na Sociologia.

Parece-me que o estudo da representação social é uma forma de perceber as interacções que o indivíduo mantém com o mundo, nomeadamente procurando compreender os processos de interiorização do mundo social e exteriorização do individual com base naquilo que foi interiorizado primeiro.

Baseados no seguinte esquema:



Por outras palavras, as representações sociais são úteis porque o que as pessoas têm incorporado é o resultado da interiorização das estruturas sociais. Obviamente que essa interiorização é matizada pela individualidade de cada um que usa essas representações para a intervenção no mundo social, agindo mesmo sobre as estruturas sociais que interiorizam.

b) Definição de representação social

Mas afinal, o que é uma representação social? Como em todos ou quase todos os conceitos das ciências sociais e humanas não existe uma

¹⁸¹ Citado por Jorge Vala - "Sobre as Representações Sociais: Para uma Epistemologia do Senso-Comum", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, Abril 1986, pp. 5/30, pp. 9/14

¹⁸² Willem Doise - "Les représentations sociales: définition d'un concept" in Willem Doise e Augusto Palmonari (org.'s) - *L'étude des Représentations Sociales*, Paris, Delachaux & Niestlé, 1986, p. 81, §2.

¹⁸³ Por exemplo, Robert M. Farr - "Les représentations sociales: la théorie et ses critiques", *Bulletin de Psychologie*, Tome XLV, nº405, 1992, pp.183/209, p. 183, col. 2, §2.

definição consensual. É que uma das suas características é o facto de se encontrar no cruzamento de várias noções sociológicas e psicológicas.

Por outro lado, é um conceito polissémico, dado que designa um grande número de fenómenos e processos¹⁸⁴.

Visto isto, tentamos apresentar uma noção síntese: representação social é constituída por um sistema de valores, noções e práticas relativas a objectos sociais que têm como objectivo prático classificar pessoas e objectos, comparar e explicar comportamentos com vista a servir de base às decisões e às acções dos indivíduos.

Nesta definição podemos encontrar três elementos: o conteúdo das representações sociais, ou seja o sistema de valores, noções e práticas relativas a objectos sociais; os objectivos de classificar as pessoas e os objectos e de comparar e explicar comportamentos e, finalmente, as funções, ou seja, servir de base às decisões e às acções dos indivíduos.

Para um sociólogo é importante salientar o social interiorizado pelos indivíduos e o seu carácter utilitário, pois servem de fundamento da acção, da comunicação e da decisão.

As representações sociais produzem-se segundo um processo de interiorização do social que tem dois momentos: o da objectivação e o da ancoragem.

b.1) A objectivação

A objectivação divide-se em três sub-processos: o da construção selectiva, o da esquematização estruturante e o da naturalização. Os dois primeiros reorganizam os aspectos seleccionados do objecto e constroem um modelo figurativo e simplificado. A naturalização resulta da transformação da abstracção figurativa numa parcela da realidade¹⁸⁵. Doise¹⁸⁶ considera que a objectivação transforma um conceito numa imagem.

É neste sentido que podemos afirmar que a percepção que os agentes existentes num espaço social em geral (e os *media* pela importância que têm na formação da subjectividade dos agentes) têm dos

¹⁸⁴ Doise, 1986, pp. 81/83.

¹⁸⁵ Vala, 1986, p. 15.

¹⁸⁶ 1986, pg. 20.

pobres, apresenta-se, quer para os outros agentes, quer para os pobres, como um componente da condição social objectiva destes¹⁸⁷.

Estas representações sociais dos pobres e dos seus problemas são socialmente construídas. A televisão em particular, pela sua ampla difusão, e os *media* em geral, é um poderoso meio de produção de representações sociais.

Como diz Champagne:

"(...) os media impõem a sua própria construção dos problemas sociais que repousa largamente sobre uma encenação dos factos mais espectaculares e, muitas vezes, os mais superficiais; pelas palavras que impõem («bairros-gheto», «crime racista», etc.) e pelos agentes sociais que escolhem fazer falar ou entrevistar, contribuem para fazer existir, sobre os «problemas» de que falam, um verdadeiro discurso público."¹⁸⁸

Quer dizer: o processo de objectivação consiste na apropriação de algumas características do objecto de forma a constituir um modelo deste, de forma simplificada e na sua associação a uma imagem, cuja evocação desperta um conjunto de significações associadas.

b.2) A ancoragem

O conceito de ancoragem articula-se com o conceito de objectivação.

A ancoragem intervém em dois momentos, primeiro na formação das representações sociais ao articular a nova representação social no sistema pré-existente, depois intervém na comparação entre os elementos da realidade e as categorias do indivíduo de forma a encontrarem-se semelhanças que fundam as decisões e as acções. Este segundo momento revela-nos o carácter instrumental das representações sociais, dado que estas são ferramentas de intervenção na realidade.

¹⁸⁷ Esta ideia pode ser estendida a qualquer condição social objectiva, mas não cabe no âmbito deste estudo explorar esta possibilidade.

¹⁸⁸ Champagne, 1993, p. 261.

c) Os *media* na produção e reprodução das representações sociais

Em conclusão, segundo Jodelet¹⁸⁹ o papel dos *mass media* na formação e difusão das representações sociais é muito importante, dado o poder que têm de fazer chegar a informação que constroem e difundem a um grande número de grupos sociais. Mas a influência é mútua entre as representações sociais e comunicação. Se por um lado a comunicação as constrói e difunde, estas afectam-na na medida em que influenciam a escolha dos interlocutores e a dos objectos mencionados na comunicação (estes são invocados sobre a forma de representações sociais)¹⁹⁰.

Assim, não é de estranhar que esta autora considere que Moscovici entende como fundamental a compreensão da comunicação em interrelação com a organização social (relações sociais) e com o pensamento social, facto que acaba por ser corroborado pelo próprio Moscovici¹⁹¹.

Quer dizer, os *media*, realizando o trabalho social de representação, contribuem largamente para a construção social da condição social objectiva dos agentes através do seu papel na criação das representações sociais que guiam as acções dos agentes concretos.

Mas a forma como os *media* produzem representações sociais não é igual para todos. As classes populares não têm possibilidades de aceder ao domínio dos *media*, pois, não têm dinheiro, diplomas ou relações sociais que lhes permitam apresentar um discurso próprio¹⁹². Ou seja, os pobres não têm capital social, económico, cultural e simbólico suficiente para produzir um discurso autónomo nos *media* que dê deles uma representação construída por eles e, portanto, mais favorável, estando, por isso, sujeitos às representações desfavoráveis que estes constroem e difundem.

¹⁸⁹ Denise Jodelet - "Représentation sociales: un domaine en expansion", in Denise Jodelet - *Les Représentation Sociales*, Paris, PUF, 1989, pp. 46/49.

¹⁹⁰ Jodelet, 1989, pp. 42/46.

¹⁹¹ 1988, pg. 215, §3/4.

¹⁹² As classes populares não falam, são faladas.

d) Relação representação social/Habitus

Segundo Doise¹⁹³ existe uma estreita relação entre habitus e representação social, dado que tanto um como outro pretende explicar os esquemas mentais de que os indivíduos se servem para agir na realidade. Apesar de Bourdieu, criador do primeiro dos conceitos, criticar o de representação social, acusando-o de acentuar excessivamente os aspectos consensuais¹⁹⁴ em detrimento da análise das lutas entre os agentes pela apropriação de vantagens no espaço social.

Esta semelhança colocou-nos um problema: porque usar os dois e não apenas um deles? A nossa resposta diz respeito à forma diferente como utilizamos os dois conceitos.

Na noção de representação social privilegia-se a dinâmica de construção das representações sociais, pois os pobres estão excluídos da luta pela sua construção. Assim, as representações sociais sobre a pobreza são da autoria dos não pobres.

Na noção de habitus salienta-se o funcionamento dos valores e imagens socialmente adquiridos e partilhados, na determinação (parcial) do mundo social e da forma como os agentes se movimentam nele, posicionando-me no ego enquanto agente que age, condicionado é certo, pela realidade social.

A diferenciação que fazemos resulta das características destas noções, na medida em que a correspondência entre ambas não é, por si, total. Elas não são intermutáveis, pois cada uma tem atrás de si diferentes tradições teóricas e de operacionalização.

Os caminhos que levam à noção de representação social são diferentes dos que levam à noção de habitus, assim como os que destas partem.

Finalmente, a opção por Bourdieu justifica o uso da noção de habitus como parte de um corpo teórico coerente.

¹⁹³ 1986, pg. 85/89.

¹⁹⁴ Doise, 1986, pg. 89, §3.

2.4- A EXTERIORIZAÇÃO DA CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA

A condição social objectiva não se compõe só de um conjunto de características e representações sociais que os outros têm sobre os agentes. Nesta secção defende-se a ideia de que as próprias acções e mesmo a simples presença dos agentes ou a sua associação a um espaço físico concreto acabam por fazer parte da sua condição social objectiva, na medida em que em situações de interacção os outros classificam o ego de acordo com os sinais que percebem nele, criando expectativas sobre o comportamento do ego, agindo e pensando de acordo com elas.

a) O habitus

A percepção subjectiva que os outros têm de cada agente depende das marcas de classe que as atitudes, os comportamentos (o habitus de classe, o gosto e o estilo de vida) deixam perceber.

A forma como o agente age, sente e pensa e a forma como isso é perceptível aos outros pode ser explicada, parcialmente, (como tudo o resto nas ciências sociais) pelo conjunto articulado de conceitos de habitus, gosto e estilo de vida.

O habitus é, numa definição sintética, um sistema¹⁹⁵ de atitudes¹⁹⁶ (para agir, pensar e sentir) dos agentes. Resulta da interiorização das estruturas sociais externas¹⁹⁷ através da inculcação repetida da prática. Está na base de estratégias que o agente desenvolve na sua vida social.

Serve de guia aos agentes nas suas acções, pensamentos e sentimentos e serve-lhes de chave para a compreensão das acções, pensamentos e sentimentos dos outros. É, portanto, a chave que permite encontrar um sentido (em termos de compreensão e categorização) nos

¹⁹⁵ Que tem duas características: a) cada novo elemento integrado altera o sistema, mas, b) cada elemento seleccionado para fazer parte do sistema é-o por este e, por isso, é coerente com o sistema de que se torna parte, o que implica que a coerência do sistema consigo próprio é constante ao longo de períodos prolongados.

¹⁹⁶ São inclinações a agir de determinada maneira e categorias de percepção e apreciação. Cf. Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 19.

¹⁹⁷ Fazendo, assim, a ligação entre o microsocial e o macrossocial, entre o pessoal e subjectivo e o social e objectivo.

outros e nas coisas que os rodeiam¹⁹⁸. Esta função de guia não significa que os agentes, através do habitus, racionalizam as suas opções, pois estas baseiam-se no domínio prático da prática, compreendendo e respeitando intuitivamente as regras que constroem as opções, tal como se respeitam as regras gramaticais sem termos, muitas vezes, consciência da sua existência.

O facto dos agentes ocuparem posições semelhantes na estrutura social e, por isso, terem experiências semelhantes, implica a existência de um habitus de classe. Ao que se deve acrescentar que qualquer habitus, na medida em que resulta da interiorização das estruturas sociais externas, é sempre habitus de classe, mesmo se visto do ponto de vista do agente.

Os habitus individuais não são mais do que variações dentro da classe e da fracção de classe, que diferentes trajectórias sociais, variações nas estratégias de solução de problemas semelhantes e de história individual, impõem.

Assim, o habitus pode ser visto de duas formas: como fenómeno colectivo de determinada classe ou fracção de classe, ou como forma incorporada da condição de classe (e dos seus determinismos).

b) O gosto

O habitus produz o gosto de classe. Este é a propensão e aptidão (material e/ou simbólica) à apropriação de uma classe determinada de objectos ou de práticas classificadoras e classificantes¹⁹⁹.

Quer dizer, o gosto é a faculdade de julgar os valores estéticos, de o agente escolher os objectos mais agradáveis (para si), de entre os que pode adquirir, mas também é a faculdade de julgar os outros através dos objectos que adquiriram²⁰⁰. O gosto implica, assim, um juízo de valor sobre os objectos e/ou o gosto dos outros (valorizando-os ou desvalorizando-os).

A "falta de gosto" é um signo de exclusão social, os agentes classificam os outros pelos signos estéticos e linguísticos que estão inscritos no próprio corpo e roupas que vestem.

O gosto expressa os condicionalismos das condições de existência dos agentes, interiorizados no habitus. Desta forma, o gosto, ou melhor, os resultados do gosto, são a inclinação para as escolhas ajustadas à condição

¹⁹⁸ Bourdieu, 1979, p. 190.

¹⁹⁹ Bourdieu, 1979, p. 193.

²⁰⁰ O gosto é um marcador social. Cf. Bourdieu, 1979, p. 210 e Accardo e Corcuff, 1989, p. 23, § 2.

social objectiva que o produz²⁰¹. O gosto é uma expressão de conformismo em relação aos constrangimentos que actuam sobre os agentes. Mas, é necessário não esquecer que, através das estratégias, os agentes têm livre arbítrio para lutar por aquilo que valorizam positivamente, ou seja, se o gosto é um produto social, as variações individuais significam que os agentes têm alguma margem de manobra para escolher os aspectos que mais valorizam ou desvalorizam.

O gosto de um grupo de agentes resulta do seu habitus e está na base do estilo de vida. Quer dizer, o habitus é, ao mesmo tempo, princípio gerador do estilo de vida (através do gosto) e princípio classificador dos outros a partir do seu estilo de vida (ao atribuir sentido categorizando as manifestações de gosto dos outros, por exemplo, em matéria de comida e vestuário)²⁰².

c) O estilo de vida

O estilo de vida é o conjunto de gostos e de práticas sistemáticas dele derivado que caracteriza uma determinada classe ou fracção de classe²⁰³.

O estilo de vida é mais uma forma de diferenciação entre classes e fracções. As diferenças mais importantes, no dizer de Bourdieu, encontram-se no distanciamento aos constrangimentos materiais e às urgências temporais (interpretando esta última ideia no sentido em que o emprego pode ser adiado para garantir mais estudos ou é uma necessidade urgente para a sobrevivência física e social da família dos agentes individualmente)²⁰⁴.

d) Exteriorização da condição social objectiva

A pertença social de determinado agente está interiorizada no seu corpo, no seu habitus, e é exteriorizada nas manifestações de gosto que constituem um estilo de vida que o liga ao seu grupo (classe). Este género de esquema teórico (determinista se não introduzimos o conceito de estratégia) explica os efeitos que o simples viver quotidiano dos agentes tem na definição da sua condição social objectiva. É que o agente está

²⁰¹ Bourdieu, 1979, pp. 194/195.

²⁰² Bourdieu, 1979, p. 192 e p. 214.

²⁰³ Jekins, 1992, pp. 141/142.

²⁰⁴ Bourdieu, 1979, p. 200 e p. 438.

sempre a expressar o seu estilo de vida (como vimos até no que come e no que veste), assim como outras dimensões do seu habitus, nomeadamente ao produzir práticas e estratégias (de luta pela melhoria da sua posição social, de tentativas de apropriação de bens materiais ou simbólicos cobiçados; etc...). Quer dizer, basta ao agente viver o seu dia-a-dia para produzir actos, pensamentos e sentimentos, a partir dos quais os outros classificam o agente, conotando-o com determinadas posições sociais, com determinado grupo ou classe social, a partir dos seus próprios habitus e gosto.

Em termos de pobreza, basta dizer que a condição social objectiva do pobre (negativa e estigmatizada) é, do ponto de vista deste, omnipresente, como que faz parte dele na medida em que resulta da interpretação que os outros dão aos actos e à simples presença do agente pobre.

Trata-se, pois, de mais um constrangimento exterior ao pobre que contribui, poderosamente, para o definir assim, com todas as consequências de valorização negativa, que tal etiquetização implica²⁰⁵.

Em resumo, no caso dos agentes pobres, o sistema de gostos que influencia poderosamente as atitudes, comportamentos e sentimentos, constitui um marcador social de distinção. A forma como esta distinção se processa é negativa. O ego pobre, pelo simples facto de agir normalmente, está a indicar aos outros a sua baixa condição social objectiva e os seus valores desvalorizados, sendo, por isso, estigmatizado (posto de parte, rejeitado). Isto, se partirmos do princípio de que os modos de vida dos pobres (e valores associados) são socialmente desvalorizados, na medida em que se afastam da norma e os pobres não têm poder suficiente para participar na luta de classificação dos valores, estilos de vida, etc.

e) Espaço físico e espaço social: o sublinhar da visibilidade da pobreza

Tendo em atenção que o presente estudo tem como centro um bairro social, é importante perceber em que medida a associação dos agentes a este género de espaço físico e social contribui para a produção das suas condições sociais objectivas, pois o lugar da habitação interage com a condição social objectiva, acabando por ajudar à sua definição, ao constituir-se como uma das marcas sociais, ou sinais, que indicam aos agentes a condição social objectiva dos outros. Não é a mesma coisa

²⁰⁵ De efeitos na auto-imagem, auto-estima e percepção subjectiva da condição social objectiva.

morar num bairro social, num de classe média, num de barracas ou num de alta burguesia.

Para este trabalho, não interessa perceber a forma como as posições espaciais dos agentes, na habitação, são segregadas por grupos sociais²⁰⁶. Interessa, sim, perceber os efeitos que têm na condição social objectiva dos agentes e, num segundo momento, na percepção subjectiva que estes têm da sua condição social objectiva.

A concentração dos mais desfavorecidos em locais como os bairros sociais²⁰⁷ ou outros habitats degradados, leva a uma maior visibilidade social, cujos efeitos são a marcação social negativa dos seus habitantes, segundo o princípio de que as propriedades degradantes do espaço degradado se transmitem aos seus moradores²⁰⁸. De modo geral, para os agentes de um espaço social o facto de se residir num determinado tipo de bairro conota com determinado status social a que não pode fugir. Por exemplo, sabemos que o bairro em estudo é apelidado de «bairro da lata», ou mais vulgarmente, «bairro dos canibais». É um epíteto tão conhecido que os motoristas de taxi, referem que vão fazer um serviço ao bairro dos canibais. Os próprios residentes sentem a etiquetagem que resulta de morarem neste bairro. Uma residente dizia-nos²⁰⁹ que quando referia morar no Bairro as pessoas olhavam-na como se fosse selvagem ou como se tivesse dito que morava no Vietname²¹⁰.

Como afirma Hiernaux:

"Em meio urbano a marginalização sócio-espacial junta-se à marginalização sócio-económica para as populações aonde a penúria dos meios materiais leva à concentração em conjuntos de alojamentos e/ou em zonas de habitat inferior, quer dizer, sem qualquer qualidade (...)"²¹¹.

²⁰⁶ A configuração social, traduz-se, parcialmente, na configuração sócio-espacial, apesar de esta ser relativamente autónoma em relação à primeira. (cf. Benavente, *et al.*, 1991, 160/161).

²⁰⁷ O caso que estudaremos é um bairro social.

²⁰⁸ Pierre Bourdieu - "Comprendre", in Bourdieu, 1993, p. 167.

²⁰⁹ Infelizmente não possuímos um registo desta conversa pelo que é citada de memória.

²¹⁰ Será interessante perceber até que ponto os residentes utilizam o sentimento de culpa das discriminações de que são efectivamente vítimas, por parte dos seus interlocutores, como arma e forma de reivindicação na atribuição de benefícios.

²¹¹ Hiernaux, 1992, p. 7, § 2.

A visibilidade da pobreza pode ser agravada pela morfologia e estética dos bairros sociais (e também dos bairros degradados ou dos de barracas, numa palavra, dos bairros que concentram os pobres). O Bairro em causa não se constitui como uma excepção, tornando-os facilmente identificáveis como locais onde reside uma população "a evitar", perigosa, delinquente ou quase, violenta, constituindo-se como verdadeiros símbolos identificadores de um espaço avaliado negativamente pelos indivíduos, cujas características negativas se transmitem, por contágio, aos seus habitantes.

De uma forma geral, em termos desta visibilidade negativa dos bairros sociais, as principais características a apontar são:

a) Os materiais de construção são frágeis, o que faz com que as casas apresentem sinais de degradação mesmo quando são novas, dando-lhes uma aparência de desmazelo.

b) A arquitectura é árida e uniforme e os espaços e equipamentos públicos são escassos ou inexistentes. Têm maus acabamentos exteriores (ausência de passeios e de espaços ajardinados, espaços exteriores das casas por acabar).

c) Estão construídos na periferia da cidade e têm fraca acessibilidade com escassez ou ausência de transportes públicos²¹².

Em conclusão, o aspecto dos bairros sociais, que os identifica como tal, contribui poderosamente para a estigmatização (exclusão social) dos seus habitantes, face ao resto da sociedade (o mesmo se podendo dizer dos outros tipos de bairros onde se concentram os pobres).

A contribuição que a visibilidade da pobreza, como resultado de concentração dos pobres, tem para a condição social objectiva pode ainda ser ligada aos *mass media*.

A chamada de atenção que estes fazem para os problemas destes locais contribui para chamar a atenção do público para eles o que, paradoxalmente, implica um aumento da desvalorização e etiquetagem dos residentes²¹³.

²¹² Veja-se António Fonseca Ferreira - "Habitação social: lições e prevenções para o PER", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril ou Maio de 1994, pp. 8/10, p. 9e também Ana Cardoso e Heloísa Perista - "A cidade esquecida: Pobreza em bairros degradados de Lisboa", *Sociologia: Problemas e Práticas*, nº 15, 1994, pp. 99/111, p. 102/103.

²¹³ Champagne, 1993, p. 61, § 1, veja-se também o que escrevemos atrás sobre a formação das representações sociais pelos *media*.

É o que se passa no Bairro em estudo, sobre o qual, ou sobre os seus moradores, se produziu um grande número de notícias locais.

Um outro efeito da concentração dos desfavorecidos é o acumular de exemplos, observados na prática do dia-a-dia, nas trajectórias sociais dos vizinhos e nos habitus dos outros, sempre no sentido da reprodução da percepção subjectiva da condição social objectiva²¹⁴.

Em conclusão, a concentração espacial dos pobres contribui para reforçar a representação social negativa e, conseqüentemente, a sua baixa condição social objectiva.

Os habitantes deste Bairro, como os de tantos outros, têm má fama na cidade de que fazem parte²¹⁵. Isto significa que os residentes do Bairro têm associado a si duas representações sociais negativas: uma global, inerente à sua baixa condição social objectiva e outra específica, de si e do Bairro onde moram.

Estas representações sociais negativas contribuem poderosamente para o conjunto de características e constrangimentos às acções dos agentes que temos vindo a designar como condição social objectiva.

Os agentes em questão são rotulados pelos outros a partir destas representações sociais negativas, esperando-se que as suas acções vão ao encontro das expectativas contidas nestas, interagindo-se com os residentes a partir delas.

²¹⁴ Neste sentido veja-se Bourdieu, 1979, p. 163.

²¹⁵ Apresentarei na análise os dados em que nos baseámos para fazer esta afirmação.

2.5- CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA E DOMINAÇÃO SIMBÓLICA

A partir do trabalho de Bourdieu podemos referir que a condição social objectiva dos agentes pertencentes a classes populares (onde se incluem os pobres) é resultado parcial da dominação simbólica.

Segundo as suas próprias palavras:

*"(...) a dominação exerce-se por meio da linguagem, das maneiras, das formas, dos estilos e de todos os signos que exprimem gostos ideias e sentimentos."*²¹⁶.

A dominação simbólica é a transformação de uma relação de força ou de facto numa relação de valor ou de lógica. Ao aceitarem como "correctos", "bons", os modos de vida, gostos e valores da classe dominante em detrimento dos seus. Os dominados aceitam a dominação como legítima. Desta forma, os dominados participam na sua própria dominação.

A condição social objectiva dos agentes resulta, em parte, da *crença* na legitimidade da dominação²¹⁷ e no desconhecimento da dominação como dominação, pois esta aparece como a ordem natural das coisas, tanto aos dominados como aos dominantes²¹⁸.

Neste sentido, que a estima social (pouca) de que são alvo os pobres é percebida por eles próprios como legítima e natural. Estes aceitam-na e contribuem para ela ao aceitá-la²¹⁹.

Podemos relacionar os conceitos de dominação simbólica e de despossessão cultural se pensamos que a segundo contribui para a primeira, já que, quando existe despossessão cultural, esta significa, também, a ausência de instrumentos conceptuais que permitam consciencializar e problematizar a relação de dominação por parte dos dominados.

²¹⁶ Accardo e Corcuff, 1989, p. 1, § 2.

²¹⁷ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 237, nt. 22 e Accardo e Corcuff, 1989, p. 7, § 5 a 7.

²¹⁸ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 143 e p. 237, nt. 22 e Jenkins, 1992, p. 104, § 4.

²¹⁹ Bourdieu põe a nu a colaboração dos dominados na sua própria dominação e mostra que esta não é consciente (as disposições conformistas são um efeito da dominação). Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 28, § 2/3 e Accardo e Corcuff, 1989, p. 16, § 2.

Se a naturalização e legitimação da dominação não permitem ao agente dominado perceber o carácter arbitrário, e favorável aos interesses das classes dominantes, de determinados valores, representações e regras morais em relação a si próprio, tem, não obstante, uma percepção subjectiva da posição social objectiva que ocupa, o que o leva a produzir *estratégias de distinção social* para se distanciar das posições socialmente consideradas indesejáveis e que são encarnadas em agentes que ocupam posições similares à do ego.

São estas estratégias de distinção social que pretendemos observar neste trabalho e sobre as quais produziremos algumas considerações teóricas na próxima secção.

2.6- PERCEPÇÃO SUBJECTIVA E ESTRATÉGIAS DE MINIMIZAÇÃO DO IMPACTO NEGATIVO DE UMA BAIXA CONDIÇÃO SOCIAL OBJECTIVA

O facto de os agentes não percepcionarem a sua condição social objectiva como resultado da sua dominação simbólica não significa que estes não possuam conhecimento da realidade social. Com efeito nesta secção partiremos do princípio que os agentes são inteligentes, isto é, servindo-se das categorias de percepção do social inscritas no habitus, percepcionam correctamente a sua condição social objectiva e desenvolvem estratégias para a manterem ou alterarem²²⁰, quer consciente, quer inconscientemente²²¹.

a) Percepção da condição social objectiva

Esta percepção ou consciencialização²²² das reacções dos outros acaba por incorporar-se na própria condição social objectiva de cada agente, já que este a interioriza, como mais um elemento constituinte da sua própria condição social objectiva. Quer dizer, a condição social objectiva acaba por ser, através da percepção que o ego tem das práticas dos outros (condicionadas pelas percepções que estes têm da sua condição social objectiva), um elemento constituinte de si própria.

Os agentes considerados como pobres, por terem uma baixa condição social objectiva, sofrem de exclusão social no espaço social, o que se traduz em degradações sociais²²³ e no afastamento das regras e

²²⁰ É neste sentido que se diz que a percepção que o agente tem da sua trajectória social futura ou potencial (individual ou grupal) afecta a sua condição social objectiva presente e as suas disposições em relação ao futuro (cf. 3- O modelo de análise).

²²¹ Veja-se Isabel Guerra - "As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril ou Maio de 1994, pp. 11/16, pp. 11/12, onde a autora nos diz que as pessoas que vão morar para bairros sociais têm consciência de que, a residirem aí, correm o risco de serem considerados marginais, delinquentes ou indesejáveis, implementando estratégias para modificarem esse estado das coisas e demonstrando gosto pela nova casa mas desgosto por residirem naquele bairro.

²²² Cujos momentos mais dramáticos, para os pobres, são a percepção dos próprios falhanços na escola (insucesso) e no mercado de trabalho (desemprego e/ou emprego precário, desqualificado e mal remunerado).

²²³ Hiernaux, 12/1989, pp. 6/8.

comportamentos socialmente considerados aceitáveis e desejáveis²²⁴. No fundo, são estigmatizados, isto é, marcados negativamente por terem determinada condição social objectiva.

Quer dizer, os agentes pobres não só têm de viver com uma baixa condição social objectiva como ainda têm de enfrentar as suas consequências (em termos de representação social negativa que os outros têm sobre o ego), às quais se conformam por não terem consciência dos mecanismos de dominação simbólica, vendo este estado das coisas como natural.

Esta capacidade de correcto auto-posicionamento na estrutura social tem efeitos, positivos ou negativos, ao nível do agente, da sua auto-confiança, aspirações, disposições, optimismo/pessimismo, etc...

Existem nesta linha de pensamento outros autores, cujas preocupações centrais se colocam mais em termos sociais (a nível macro e/ou microestrutural) que apresentam ideias semelhantes. Por exemplo, Oscar Lewis²²⁵, Brigitte Brébant²²⁶ ou Teixeira Fernandes²²⁷.

As Ciências Sociais podem tentar classificar, compreender e explicar os efeitos da posição social objectiva nos indivíduos e nos grupos. Por exemplo, à Psicologia poderão interessar os efeitos ao nível das perturbações emocionais que a percepção da sua situação, em termos de se ser pobre e/ou em termos de se ser desempregado causam²²⁸ (para dar exemplos que nos interessam). À Sociologia poderão interessar as diferentes estratégias que agentes e/ou grupos de agentes implementam para tentar conviver com ou fugir da sua condição social objectiva.

É este o meu interesse. Parto do princípio que os pobres empregam diferentes estratégias para lidar com a sua condição social objectiva. E, neste sentido, necessito de definir claramente o conceito de estratégia.

²²⁴ Townsend, 1993, p. 35.

²²⁵ Para uma síntese crítica do trabalho deste autor consulte-se: Fernando Diogo - "Cultura da pobreza: uma abordagem crítica da teoria", *Arquipélago*, nº 7/8, 1992/93, pp. 15/30.

²²⁶ Brébant, 1984, onde esta autora refere que os agentes têm vergonha de si próprios pois aceitam o julgamento dos outros sobre si (e, por isso, têm consciência dele), veja-se concretamente a p. 115, §6 e a p. 116, §2.

²²⁷ Teixeira Fernandes, 1991, pp. 9/66 1991 concretamente pp. 40/45 e 59/60.

²²⁸ Sobre estas consultar o capítulo I deste trabalho.

Alguns autores são da opinião de que o agente pobre interioriza a sua condição social objectiva e age de acordo com essa interiorização, sem a contrariar. Veja-se o que diz Teixeira Fernandes:

*"A perpetuação da pobreza, enquanto herança de um status desvalorizado, faz-se então por meio da conservação de uma identidade negativa, e com a criação de um universo cultural que torne tolerável a situação."*²²⁹.

b) Sobre o conceito de estratégia

Esta visão do funcionamento social parece-nos demasiado estática, na medida em que implica o conformismo, mais ou menos absoluto em relação à sua condição social objectiva²³⁰. Nada impede os agentes com condições sociais objectivas baixas (socialmente desvalorizadas) de tentarem melhorar a sua posição (veja-se, neste sentido, as reacções de revolta mais ou menos violenta dos jovens desfavorecidos como manifestações mais espectaculares da tentativa de contrariar as baixas condições sociais objectivas).

Em termos operatórios, consideramos que estas tentativas tomam a forma de estratégias de fuga por oposição a estratégias conformistas. Estas últimas são as que permitem aos agentes conviver, sem danos emocionais graves, com a sua baixa condição social objectiva.

Neste trabalho, o conceito de estratégia é usado na formulação particular que Pierre Bourdieu lhe dá.

Os militares, em quem Bourdieu se inspirou, definem estratégia como uma ideia ou plano que relaciona objectivos previamente definidos com os recursos necessários à sua realização²³¹.

Para Bourdieu, o conceito de estratégia significa que os agentes têm um *domínio prático da prática*²³², ou seja, as estratégias são:

"(...) as linhas de acção objectivamente orientadas que os agentes sociais constroem sem cessar na prática e pela

²²⁹ Teixeira Fernandes, 1991, p. 63; na linha de Oscar Lewis. Sobre este último confronto o capítulo I ou Diogo 1992/93.

²³⁰ Este conformismo implica a aceitação, pelo pobre, do modelo, das representações sociais que a classe dominante tem sobre ele.

²³¹ Accardo, 1991, p. 131, §1.

²³² Pierre Bourdieu - *Choses dites*, Paris, Minuit, 1987 (citado por Accardo e Courcuff, 1989, p. 91).

prática, e que se definem no reencontro entre o habitus e uma conjuntura particular de um campo (...)"²³³.

O agente, através da prática repetida, interiorizou, sem necessidade de racionalizar e/ou consciencializar, as regras e outros constrangimentos dos campos onde se move. Em situações concretas não necessita de pensar conscientemente em todos os pormenores para escolher uma linha de acção/inacção ou proceder²³⁴ a um julgamento de valor²³⁵, pois fá-lo baseado nas práticas interiorizadas no habitus.

No entanto, como diz Bourdieu:

"As orientações sugeridas pelo habitus podem ser acompanhadas por cálculos estratégicos de custos e benefícios que tendem a levar a um nível consciente as operações que o habitus faz segundo a sua própria lógica"²³⁶.

Com isto, queremos afirmar que, nas suas grandes linhas, as estratégias de fuga à pobreza ou de conformismo são conscientes e racionais²³⁷. O que não quer dizer que nos seus pormenores de implementação prática os agentes não utilizem os mecanismos automáticos e inconscientes do habitus²³⁸.

Sobre o conceito de estratégia é ainda importante referir que as estratégias, quer ao nível do agente, quer ao nível dos grupos de agentes, não são coordenadas explicitamente pelos agentes. Todas as coerências e uniformidades detectadas resultam de se basearem, em última análise, em habitus semelhantes²³⁹.

²³³ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 140, §2.

²³⁴ *Ibidem*.

²³⁵ Notemos que, mais uma vez, o inconsciente influencia decisivamente o agente.

²³⁶ Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 107, §4.

²³⁷ No sentido em que as acções dos agentes se baseiam na reflexão consciente de mobilização dos meios para atingir um fim (baseada no habitus) e não no sentido de cálculos do tipo custo/benefício.

²³⁸ No sentido da existência de estratégias inconscientes e conscientes, veja-se a definição de estratégias de reprodução social em Bourdieu, 1979, p. 145.

²³⁹ O mesmo se pode dizer em relação às práticas (ou acções) dos indivíduos.

Em conclusão, do capítulo, refira-se que existem sobre os pobres um conjunto de representações sociais negativas socialmente construídas e partilhadas que resultam da desvalorização dos gostos e estilos de vida dos pobres, dimensões da condição social objectiva.

Estes últimos são facilmente detectados como tal, e por isso excluídos, pois o simples facto de existirem e de agirem normalmente implica a exteriorização de gostos e estilos de vida desvalorizados.

Mas, se os agentes pobres são reconhecidos como tal pelos outros também o são por si próprios, na medida em que partilham do mesmo sistema de categorias incluídas no habitus ou no sistema de representações sociais, segundo outra abordagem.

Um caso particular de desvalorização social e de reconhecimento dos pobres deriva da sua concentração espacial, como por exemplo em bairros sociais, aumentando a visibilidade e, ao mesmo tempo, a intensidade da desvalorização que sobre eles recai.

A percepção que os agentes em situação de pobreza fazem da sua condição social objectiva pode implicar a elaboração de estratégias para conseguir sobreviver com ela ou para lhe fugir, na medida em que esta é socialmente desvalorizada, até pelos próprios pobres devido à dominação simbólica.

3- A HIPÓTESE/APRESENTAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

Após ter explicitado a teoria em que a nossa análise se enquadra, procuraremos produzir um modelo de forma a respondermos à nossa pergunta de partida.

a) As hipóteses

Assim, a nossa pergunta de partida é: *aceitam os residentes do Bairro as representações sociais negativas que existem sobre eles?*

Baseado nesta questão de partida elaborei as seguintes hipóteses:

HIPÓTESE CENTRAL: Os habitantes do Bairro não aceitam a sua baixa condição social objectiva, procurando modificá-la através de estratégias.

HIPÓTESES IMPLÍCITAS:

Os habitantes do Bairro têm baixas condições sociais objectivas.

Na Cidade de Ponta Delgada existem representações sociais negativas do Bairro e dos seus habitantes.

HIPÓTESE CONTRÁRIA²⁴⁰: Os residentes aceitam a sua baixa condição social objectiva desenvolvendo estratégias de adaptação e de desculpabilização (conformistas).

Para confrontarmos as hipóteses com os dados empíricos inventariámos um conjunto de estratégias que os agentes podem utilizar.

A criação do nosso modelo partiu de dois tipos principais de fontes:

a) as escritas, consistindo em trabalhos sobre a pobreza que contêm pistas no sentido que nos interessa²⁴¹.

b) e as entrevistas exploratórias que realizámos no bairro em estudo.

²⁴⁰ A hipótese contrária é a que afirma o contrário da hipótese central e cuja confirmação infirma esta última.

²⁴¹ Vejam-se, sobretudo, os seguintes trabalhos: Furnham, 1982; Furnham e Gunter, 1984; Maia *et al.*, 1992; Paugam, 1991; Brébant, 1984; Accardo, 1991; Accardo e Courcuff, 1989; Bourdieu (org.), 1993; e Bourdieu, 1979.

As estratégias que os agentes têm para lidar com a sua baixa condição social objectiva podem ser divididas em duas grandes categorias: as conformistas e as de fuga ou de distinção social.

b) Estratégias conformistas

Por conformismo entendemos a adequação do gosto, das preferências²⁴², das estratégias e das práticas aos condicionalismos e aos constrangimentos da condição social objectiva e do habitus (cujos constrangimentos são, aliás, parcialmente, resultantes da incorporação de aspectos da condição social objectiva).

Tal situação, implica a aceitação das representações dos dominantes sobre si e a aceitação dos valores destes como válidos em detrimento dos seus²⁴³. Quer porque a força das representações sociais das classes dominantes se impõe a agentes sem, por exemplo, ferramentas cognitivas culturalmente transmitidas que permitem proceder a uma análise crítica do que é veiculado pelas classes dominantes, quer porque a aceitação do estigma pode ter por detrás o facto de ganharem alguma coisa com a sua aceitação. O caso da Segurança Social é o mais ilustrativo, a troco da aceitação do estatuto de assistido, os pobres recebem assistência material.

Interessa-nos salientar que o conformismo está associado à ausência de estratégias de modificação da condição social objectiva, já que o agente a aceita.

Bourdieu associa o conceito de conformismo ao de realismo das classes populares, indicando que estas ajustam as suas esperanças subjectivas às probabilidades objectivas²⁴⁴ como forma de defesa e de sobrevivência. Ou seja, o conformismo é uma forma dos pobres se adaptarem, com um mínimo de esforço e de danos psicológicos, aos constrangimentos impostos pelas suas baixas condições sociais objectivas.

Esta visão implica que a mudança social é demasiado difícil, pois as classes populares tendem a conformar automaticamente as suas aspirações às possibilidades aparentes de as concretizarem, não havendo lugar para as mudanças sociais, através da mobilidade social ascendente, que a criatividade individual propicia.

²⁴² Sobre o ajustamento do gosto aos condicionalismos, veja-se o enquadramento teórico deste trabalho.

²⁴³ Cf. Accardo, 1991, veja-se, também o conceito de "vergonha de si" em Brébant, 1984, pp. 114/116 e *idem* nota anterior.

²⁴⁴ Bourdieu, 1979, p. 443 e 448.

Pensamos que, para além da existência de estratégias de adequação das esperanças subjectivas às probabilidades objectivas, os agentes pobres podem ter estratégias de fuga à sua baixa condição social objectiva.

Os dois tipos de estratégias, quando visualizados ao mesmo tempo, são, aparentemente, contraditórios. Quer dizer, um agente não pode ser conformista e, ao mesmo tempo, inconformista para com a sua condição social objectiva. Mas, se pensarmos que o conformismo e o inconformismo dizem respeito a dimensões diferentes da condição social objectiva (por exemplo, um agente pode ser inconformista com a sua classe social, de que tem uma percepção relativamente clara, e conformista para com o seu habitus que, aliás, é mais difícil de perceber); ou se pensarmos que um agente pode mudar de conformismo para o inconformismo, e vice-versa, em momentos diferentes da sua vida²⁴⁵, chegamos à conclusão que é possível ultrapassar a contradição existente entre estes dois termos.

No entanto, a solução encontrada não nos parece totalmente satisfatória pois permite uma objecção. Está em desacordo com o princípio de coerência que o habitus impõe às estratégias e práticas dos agentes. Dado que estas resultam do habitus e este é coerente ao longo do tempo²⁴⁶ (sendo por isso difícil passar de períodos conformistas para inconformistas e vice-versa) e é coerente em todos os campos pois possui coerência interna (neste sentido percebe-se que é difícil um agente ser inconformista para com umas dimensões da sua condição social objectiva e conformista para outras)²⁴⁷.

A ultrapassagem desta objecção pode ser feita através da assunção de que os agentes conformistas são diferentes dos agentes que incetam estratégias de fuga à pobreza, estratégias de modificação da sua condição social objectiva.

As estratégias conformistas podem basear-se na ausência de meios para encetar estratégias de fuga. Quer dizer, só mesmo os mais *despossuídos material e/ou simbolicamente* aceitam resignados a sua baixa condição social objectiva.

²⁴⁵ Cf. com o conceito de "ambiguidade" em Goffman, 1975, pp. 128/130.

²⁴⁶ Pois todas as novas aquisições de habitus são filtradas pelo próprio habitus, o que torna difícil a existência de inconsistências e de mudanças.

²⁴⁷ É o habitus que produz a coerência dos pensamentos, práticas e estratégias dos agentes nos diferentes campos.

Estas estratégias assentam na produção de racionalizações²⁴⁸, traduzidas em discurso, no sentido de justificar a baixa condição social objectiva através da sua desculpabilização e de atribuição da "culpa" da sua situação a "outros".

No sentido em que a condição social objectiva de pobre percebida pelo próprio e os constrangimentos associados são vistos como o resultado de forças exteriores aos agentes que estes não dominam, que os afectam e perante as quais são impotentes²⁴⁹. São forças do tipo: destino, sorte, injustiças da sociedade ou do Estado²⁵⁰, a exploração por parte dos ricos, ou, ainda, a incompetência ou a má vontade do Governo, das Câmaras ou da Segurança Social.

A nível das práticas, as estratégias conformistas podem expressar-se no hedonismo fatalista, quer dizer, partindo do princípio que o futuro não traz qualquer mudança em relação ao presente e ao passado, os agentes pobres procuram gozar a vida no momento presente, não pensando no passado e no futuro, já que estes são tempos cuja evocação é angustiante, devido aos falhanços, constrangimentos, frustrações e humilhações percebidas sobre o passado e às mesmas coisas, acrescidas da incerteza de se conseguir assegurar os meios de sobrevivência (física e social) e da ausência de perspectiva de uma vida melhor, percebidas sobre o futuro²⁵¹.

Um desenvolvimento das estratégias conformistas é a dependência da Segurança Social, através da reivindicação de coisas a que se acham com direito por serem pobres, procurando retirar daí a sua sobrevivência física e social²⁵².

c) Estratégias de fuga à pobreza ou de distinção social

As estratégias de fuga à pobreza, são estratégias de distinção social, de demarcação face aos pobres.

²⁴⁸ Veja-se Paugam, 1991, p. 175, §4, 190, §4, 202 §1 e 204 §1 para exemplos de racionalizações desculpabilizantes.

²⁴⁹ Maia, Freitas e Faisca, 1992, p. 60, §1 e p. 82, §1.

²⁵⁰ Em S. Miguel os agentes assimilam o Estado ao Governo Regional.

²⁵¹ Cf. Benavente *et al.*, 1991 (d.l.), p. 59, §1.

²⁵² Cf. Maia *et al.*, 1992, p. 84 §1 e Paugam, 1991, quando fala do conceito de "assistência reivindicativa".

Os agentes procuram, até certo ponto, distinguir-se uns dos outros para conseguirem criar, para si próprios, uma entidade socialmente relevante e um sentido para a vida²⁵³.

A distinção funciona ao nível individual, mas também ao nível colectivo, entre grupos de agentes. Desta forma, distinção e conformidade encontram-se intimamente ligadas, pois os agentes procuram distinguir-se de um grupo para se identificarem com outro que eles consideram mais desejável²⁵⁴.

Quer dizer, uma "identidade" implica um movimento de diferenciação dos outros e um movimento no sentido de pertença²⁵⁵.

Os mecanismos sociais de produção da distinção social constituem um fenómeno social total, ou seja, um fenómeno complexo e, por isso mesmo, sujeito a ser estudado de muitas maneiras diferentes. Os estudos realizados sobre este são criticáveis porque são sempre parcelares. Neste sentido, o nosso estudo é também parcelar, dado que só nos interessam as estratégias de distinção social e não todo o mecanismo produtor de distinção social.

Em termos concretos, os agentes produzem racionalizações discursivas sobre o seu afastamento face aos habitantes do Bairro considerados indesejáveis e de aproximação aos grupos e valores considerados positivamente.

a) Os aspectos positivamente considerados são: a boa educação dos filhos e a sua; a sua higiene pessoal e os seus hábitos de higiene em relação, sobretudo, ao lixo; a sua capacidade de trabalho²⁵⁶;

b) Os aspectos considerados negativamente são: a má educação dos vizinhos e dos seus filhos; a má higiene dos vizinhos, corporal e em relação ao lixo; a preguiça dos vizinhos.

Notemos que estes aspectos dizem respeito às qualidades pessoais dos agentes.

Ao nível relacional temos:

a) O afastamento social dos vizinhos conotados negativamente e descritos com as más qualidades acima enunciadas. Mantendo para com estes uma relação fria e distante, própria das pessoas que conhecem de vista²⁵⁷.

²⁵³ Accardo, 1991, p. 23, § 1.

²⁵⁴ Sobre a proximidade entre distinção e conformismo consulte-se Accardo, 1991, p. 24, § 2/3.

²⁵⁵ Madureira Pinto, 1991, p. 218.

²⁵⁶ Que é muito importante para os pobres, cf. Paugam, 1991, p. 184, §3.

²⁵⁷ Entrevistas exploratórias.

b) A tentativa de manter boas relações de vizinhança e, até, de amizade²⁵⁸ com agentes que considerem estar em situações semelhante à sua.

Ainda ao nível das práticas, mas fora dos aspectos relacionais, temos a aquisição de bens duradouros como: arcas congeladoras, pequenos electrodomésticos de cozinha, aparelhagem áudio, vídeo, ou serviços como a televisão por cabo... como forma de mostrar a sua proximidade às "pessoas que interessam" (classes médias)²⁵⁹.

Pensamos que a aquisição deste tipo de bens se deve mais à necessidade de distinção social do que a necessidades de carácter utilitário ou funcional, pois muitas vezes estes objectos têm pouca, ou nenhuma, utilização funcional²⁶⁰.

²⁵⁸ Embora no estudo do Bairro por nós elaborado (Fernando Diogo - *Inquérito ao Bairro ...: Segundo relatório*, Ponta Delgada, policopiado, Abril de 1992) a maioria dos habitantes declare não ter, ou ter poucos, amigos ai residentes.

²⁵⁹ Encontramos, assim, uma explicação para a aparente irracionalidade das classes populares na aquisição de bens (cf. Brébant, *ob. cit.*, pp. 57/67). Esta acusação de irracionalidade, juntamente com as de incompetência e irracionalidade na gestão do orçamento doméstico, justificam a acusação de menoridade intelectual e da qual resulta a sua assimilação, nas representações das classes médias e dominantes, ao estatuto de crianças, velhos e deficientes.

²⁶⁰ Como o caso da família que comprou uma arca congeladora e a mantém desligada por não ter dinheiro para a encher.

II PARTE: DESENVOLVIMENTOS EMPÍRICOS

1- ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E TÉCNICAS

1.1- OBSERVAÇÃO

Para confrontar as hipóteses elaboradas com a realidade empírica escolhi um conjunto de instrumentos e de técnicas de tratamento de informação.

A baixa condição social objectiva dos residentes no Bairro é demonstrada com base em duas origens de dados principais. Em Abril de 1992 realizei, com outros propósitos que não os actuais, um levantamento sócio-demográfico, por entrevistas, dos residentes do Bairro em estudo²⁶¹.

A segunda origem diz respeito a uma matriz de dados, coligidos a partir de várias fontes de informação. Esta é mais recente do que a primeira análise, pois foi possível ir actualizando os resultados.

A análise empírica central neste trabalho consistiu na realização de entrevistas semi-directivas a habitantes do Bairro, feitas entre Novembro de 1994 e Janeiro de 1995.

a) Inquérito

O inquérito²⁶², propriamente dito, foi lançado em Janeiro de 1992. A técnica escolhida foi a entrevista de perguntas fechadas.

Das 72 residências então existentes no bairro foram questionados residentes de 67. Não foi possível fazê-lo nas remanescentes, pois os seus moradores não se encontravam presentes nos diferentes momentos em que decorreu o trabalho de campo, havendo também a registar duas recusas a responder.

Em cada habitação foi feita a entrevista a um dos membros do casal titular do fogo. A maioria dos respondentes foram mulheres, o que não causou nenhum enviesamento, na medida em que os dados recolhidos eram independentes da subjectividade dos respondentes, pois diziam respeito às características sócio-demográficas dos residentes no fogo. Esta caracterização foi, na altura, o objectivo deste inquérito.

²⁶¹ Diogo, Abril de 1992.

²⁶² Veja-se o questionário em anexo.

b) Matriz de dados

Optei por construir uma matriz de dados cujo conteúdo é, em parte, coincidente com o do inquérito acima referido devido a três condicionantes principais: em primeiro lugar, as informações recolhidas no inquérito acima descrito têm, à data da apresentação pública deste trabalho, pelo menos quatro anos, quer dizer, estão relativamente desactualizadas; em segundo lugar a base de dados do primeiro inquérito deixou de estar disponível para ser manipulada com a Análise Factorial das Correspondências pois a humidade deteriorou as duas disquetes onde estava guardada e, em terceiro lugar, houve facilidade em construir a nova matriz de dados através da disponibilidade das informações, visto que esta também era necessária para o projecto de intervenção social no Bairro.

As fontes de informação a partir das quais recolhemos os dados constantes nesta matriz foram: as fichas de inscrição de jovens e senhoras nos cursos de formação profissional²⁶³; um inquérito ao bairro realizado pelo projecto de intervenção comunitária; conversas com testemunhas privilegiadas, nomeadamente a assistente social e a técnica de reinserção social ambas da zona que inclui o bairro e a responsável da extensão escolar que lá funcionou durante cinco anos.

Os dados deste ficheiro contêm algumas lacunas resultantes da forma como foram recolhidos, as principais são:

a) em algumas fichas não constam todos os dados respeitantes aos indivíduos em questão, pois nem sempre foi possível recolher todas as informações sobre cada um dos fogos;

b) um certo enviesamento dos dados na variável *anormalidades apontadas aos indivíduos*, pois esta reflecte, sobretudo, a subjectividade das nossas fontes de informação: as testemunhas privilegiadas (assistente social, técnica de reinserção social e responsável da extinta extensão escolar). Este problema não se verifica nas outras variáveis dado que por serem sócio-demográficas são objectivas, isto é, independentes da subjectividade dos agentes que fornecerem as informações em que se baseiam.

²⁶³ Da responsabilidade do projecto de intervenção comunitária e, sobretudo, para os residentes do Bairro.

Apesar destas dificuldades submeti a matriz inicial à Análise Factorial das Correspondências conseguindo um conjunto de resultados significativos, onde a forma como as lacunas se distribuem é significativa (esta ideia é melhor explicada na apresentação dos resultados).

c) Entrevistas

Para proceder à confrontação empírica da hipótese central realizei 25 entrevistas semi-directivas a habitantes do Bairro. Destas, um total de 5 foram realizadas no início de 1994. O seu estatuto foi exploratório, pois pretendi com elas: por um lado, familiarizar-me mais com a minha temática específica, em termos práticos, completando as leituras e, por outro lado, conhecer melhor as técnicas de entrevista e de Análise Estrutural de conteúdos.

De Novembro de 1994 e Janeiro de 1995 realizei as restantes que constituem o corpus principal deste trabalho, estando na base de toda a Análise Estrutural aqui apresentada.

A técnica de entrevista escolhida foi a entrevista semi-directiva, isto é, a partir de um conjunto de temas foram feitas perguntas aos entrevistados sem que existisse um guião de perguntas ou uma estrutura de temas rígida. Procurei guiar as pessoas para os temas que pretendia que focassem, interferindo o menos possível nos discursos produzidos.

O conjunto de temas seleccionado estava, obviamente, intimamente relacionado com a pergunta de partida, com a hipótese central e com o modelo de análise. Assim, procurei que as pessoas falassem da má fama do Bairro na cidade, do seu relacionamento com os vizinhos, da importância do projecto de intervenção comunitária para o Bairro e para os formandos dos cursos de formação profissional que este proporciona, de si próprios (perguntando se se sentiam bem a viver no Bairro e se se consideravam com sorte na vida) dos cursos de formação profissional e dos formandos.

d) Entrevistas a testemunhas privilegiadas

O meu estatuto de avaliador externo do projecto de intervenção comunitária no Bairro permitiu-me uma liberdade de movimentos dentro dele que não deixou de se reflectir neste trabalho.

Com efeito, esta função permitiu-me reunir um acervo importante de informações sobre o funcionamento deste. As entrevistas, semi-directivas, foram coligidas individualmente com cada um dos intervenientes, ou em

grupo (em três ocasiões diferentes reuni o conjunto dos técnicos e monitores do projecto), tendo tido como objectivo saber se o projecto estava a funcionar de acordo com os objectivos propostos e quais as dificuldades de funcionamento.

e) Observação participante

A participação no projecto não implicou apenas a realização de entrevistas a alguns dos seus intervenientes, mas também liberdade de movimentação no interior do projecto e, mais esporadicamente, idas ao Bairro, tendo, assim, observado em reuniões e noutras acções quotidianas o funcionamento do projecto e também as interacções no espaço do Bairro.

Contudo, não foi possível proceder a uma análise satisfatória da condição social objectiva dos agentes, já que algumas das dimensões consideradas teoricamente não foram abordadas na prática. No entanto, as dimensões abordadas foram as principais e são suficientes para demonstrar que, por um lado, e de uma forma geral, a maioria dos habitantes do Bairro tem uma baixa condição social objectiva e, por outro lado, existem na cidade representações sociais negativas sobre o Bairro e seus residentes.

Esta lacuna deveu-se ao facto da informação estatística utilizada neste trabalho não ter sido recolhida propositadamente para ele, mas ter resultado do cruzamento de várias fontes. Estas são criticáveis, como o fizemos acima, por serem incompletas. Apesar disso os dados são relativamente objectivos, na medida em que se trata de informação sócio-demográfica e como tal a subjectividade das fontes é mínima para não dizer nula. Além disso houve o cuidado de fazer a crítica às informações recolhidas para usá-las com fiabilidade.

O que ficou prejudicado foi a captação de subtilezas no posicionamento dentro do grupo social em questão, quer dizer, a sua divisão em subgrupos, já que, como vimos no enquadramento teórico, os pobres não são todos iguais e diferenças a nível de estratégias em agentes com uma estrutura de capitais semelhantes poderiam ser assim explicadas a partir da dimensão trajectória social. Esta dificuldade foi parcialmente resolvida devido ao uso da Análise Factorial das Correspondências que permite a divisão dos casos existentes numa matriz em sub-grupos com características semelhantes.

1.2- ORIENTAÇÕES DA ANÁLISE

Neste capítulo apresenta-se a Análise Estrutural de conteúdo, nos aspectos teóricos, relacionados com a Sociologia e com a temática específica deste trabalho, mas também nos aspectos práticos de implementação a materiais concretos.

A Análise Factorial das Correspondências, é utilizada complementarmente à anterior de forma a conseguir-se um melhor conhecimento do bairro. Neste capítulo esta técnica é objecto de uma pequena secção onde se referem as suas principais características e limitações.

1.2.1- ANÁLISE ESTRUTURAL

Grande parte da confrontação empírica das hipóteses expostas neste trabalho implica o uso de uma técnica particular de análise de conteúdo, a Análise Estrutural. Esta é uma técnica relativamente recente e pouco divulgada em Portugal²⁶⁴. Por isso, achámos importante apresentar com algum detalhe os seus princípios, regras e relacionamento com a Sociologia, além da sua pertinência para este trabalho. Tanto mais, que está fundamentada teoricamente na problemática dos modelos culturais.

A Análise Estrutural surgiu em Lovaina (Bélgica) nos anos 70, tendo como principais mentores J. Remy e J. P. Hiernaux²⁶⁵. Foi devolvida no âmbito da Sociologia da Cultura²⁶⁶, na medida em que os seus autores procuravam uma técnica adequada para separar os modelos culturais que estruturam o discurso. A criação desta, enquanto problemática, foi

²⁶⁴ Pelo menos tal como é teorizada e aplicada por Hiernaux e Remy.

²⁶⁵ Sergio V. Martinic - *Análisis estructural: presentación de un método para el estudio de lógicas culturales*. Santiago, Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación (CIDE), 1992, p. 15, § 4 e D. Ruquoy - "Les Principes et Procédés Methodologiques de l'Analyse Structurale", in Remy, J. ; Ruquoy, D. (org), *Méthodes d'Analyse de Contenu en Sociologie*, Bruxelles, Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1990, pp. 93/109, p. 93, § 3.

²⁶⁶ *Idem*.

largamente baseada na Linguística estrutural de Greimas e Saussure²⁶⁷, assim como em Weber e em Bourdieu²⁶⁸.

Nesta acepção, os modelos culturais são os sistemas de sentido socialmente articulados, que orientam o comportamento dos indivíduos. Note-se a estreita ligação com o conceito de Habitus de Bourdieu²⁶⁹.

A estrutura dos discursos, enquanto indicadores do sistema de representações e de valores dos locutores, isto é, dos seus modelos culturais²⁷⁰, é uma área muito importante para a Sociologia, na medida em que os discursos dos indivíduos não expressam apenas uma posição ou uma opinião, tendo implícitos um conjunto de esquemas fundamentais a partir do qual são articulados os esquemas particulares²⁷¹, sob a forma de opiniões ou valorizações. O interesse da Sociologia pela Análise Estrutural, deve-se ao facto destes serem os princípios que orientam, guiam, o dia-a-dia dos indivíduos, ou seja, são o sentido prático da prática²⁷², que estão presentes no discurso e se revelam através da análise da sua estrutura, orientando e condicionando as acções sociais dos indivíduos.

É neste sentido que se pode afirmar que a problemática da Análise Estrutural se funda na análise da acção social a partir dos modelos culturais²⁷³, procurando estudá-la e às formas de produção e reprodução dos modelos culturais que a fundamentam²⁷⁴. Assim, a dupla questão do

²⁶⁷ Martinic, 1992, p. 7, §5 e pp. 12/13; Ruquoy, 1990, p. 96, § 2 e Jean Nizet - *Initiation à l'analyse structurale du discours*, Namur (Bélgica), Facultés Universitaires Notre-Dame de la Paix, 1982, p. 1, § 1.

²⁶⁸ Cf. Luisa Tavares e Isabel Carvalho - *A representação oficial da instituição escolar: análise comparativa das representações de "professor" e "aluno" nos livros de leitura da escolaridade elementar portuguesa das décadas de 1960 e 1980*, Tese de Licenciatura. Lisboa, F.C.S.H.(policopiado). 1994, p. 84.

²⁶⁹ Tavares *et al*, 1994. apresentam a tese de que as problemáticas desenvolvidas por Hiernaux e Remy, de um lado e Bourdieu, de outro lado, apresentam um paralelismo devido a basearem-se numa releitura do mesmo autor, Max Weber - a partir de conceitos marxistas e do estruturalismo. (p. 85, §2 e 3), com os primeiros a procurarem, também, parte da sua inspiração no segundo (87, §2).

²⁷⁰ Jean Pierre Hiernaux - "Analyse structurale de contenus et modèles culturels: comment traiter des matériaux volumineux", Lovaina/Lisboa, Texto apresentado no mestrado em Sociologia da F.C.S.H. da UNL, 1993b., p. 6, § 4.

²⁷¹ Ruquoy, p. 95, § 1.

²⁷² Para usar uma expressão consagrada por Bourdieu.

²⁷³ Luisa Tavares *et al*, 1994, p. 85, §4.

²⁷⁴ Idem, p. 84, §1 e p. 85§ 2 e 4.

processo de legitimação e da legitimidade assumem particular importância, na medida em que a eficácia, para inspirar e condicionar as acções dos indivíduos, depende da naturalização, da legitimidade, de um arbítrio cultural²⁷⁵.

Os pontos de contacto entre a Análise Estrutural e a Sociologia não se ficam por aqui.

Alguns autores chegam a considerar que deve ser complementada com outras formas de recolha de informação útil para a pesquisa, isto porque a Análise Estrutural, enquanto técnica, cinge-se ao conteúdo do discurso e este não é suficiente para a compreensão dos aspectos culturais, necessitando-se de analisar as relações entre as representações culturais e as situações objectivas onde estas conduzem à produção e reprodução de sentido e comportamentos²⁷⁶.

Assim sendo, a proposta é usar a Análise Estrutural como uma fase, dentro da confrontação empírica da teoria com a realidade, onde se procuram os modelos culturais produtores de sentido que, numa segunda fase, são confrontados com informações produzidas fora do âmbito do discurso, de forma a melhor compreender os sistemas de sentido, a sua génese, funcionamento e condições de mudança²⁷⁷.

Esta adequa-se perfeitamente aos objectivos que nos propusemos atingir com este trabalho, na medida em que nos permite ir além dos discursos dos indivíduos em situação de pobreza, alcançando os fundamentos sócio-culturais desses discursos, que condicionam a percepção que os pobres têm do mundo e de si, assim como as suas acções. Por outras palavras, compreender os sistemas de apreciação (sentido) e apreensão dos pobres é compreender a pobreza do ponto de vista do pobre²⁷⁸.

No nosso trabalho seleccionámos alguns aspectos desta questão, referidos sistematicamente na problematização, pois a tarefa "completa" é, por definição, impossível.

²⁷⁵ Idem p. 93, §3 e p. 94, §1.

²⁷⁶ Ruquoy, 1990, p. 108, § 4.

²⁷⁷ Esta tese é exposta por Ruquoy, 1990, pp. 107/108.

²⁷⁸ Tendo em atenção que o estudo da pobreza a partir dos pobres pode ser simplista e redutor, se se perder de vista as condicionantes externas aos próprios que, em larga medida, determinam as suas vidas, tanto mais que não têm os recursos (de várias naturezas) suficientes para contrabalançar a inércia das coisas. Neste sentido, a escassez de recursos dos pobres implica que não tenham margem de manobrar para fugir do desvalorizado ou para minimizarem o seu impacto o que significa que as condições sociais objectivas condicionam fortemente a sua existência.

Não menos de destacar é o já referido paralelismo entre a problemática dos modelos culturais, fundamento teórico da Análise Estrutural e o trabalho de Bourdieu, pois permite relacionar, num todo coerente, o enquadramento teórico com as opções metodológicas seguidas.

A Análise Estrutural parte do princípio de que a percepção e o entendimento têm uma base binária²⁷⁹, em que cada termo só tem sentido quando relacionado com o seu oposto num processo de definição mútua²⁸⁰.

Para os defensores desta ideia o Binarismo é um fenómeno transcultural, no sentido em que se trata de uma "invariante da natureza humana" que condiciona as formas concretas como os indivíduos, as instituições e as sociedades interagem.

Esta técnica procura analisar os discursos²⁸¹ de forma a encontrar as estruturas, enquanto conjuntos articulados de oposições binárias que condicionam a produção de sentido.

Precisando esta relação entre discursos e estrutura, devemos ter em conta que estes funcionam como contentores de conteúdos, isto é, sistemas de percepção, maneiras de ver as coisas²⁸².

Assim sendo, a Análise Estrutural é um método descritivo de análise de conteúdo que só considera o sentido dos termos de um texto para alcançar a estrutura imanente a este, não interessando os termos usados para a descrever, mas apenas a própria estrutura.

O interesse na estrutura do discurso está em que através desta se chega aos modelos culturais que estão na base do sistema de percepção e de valores dos locutores²⁸³, ou seja, a Análise Estrutural tem como objectivo descobrir os modelos culturais ou sistemas de sentido subjacentes aos discursos²⁸⁴.

A Análise Estrutural não fica por aqui, pois procura, através desta técnica, remontar, a partir dos materiais observados, os sistemas de sentido do locutor para chegar-se depois às condicionantes sociais que estiveram/estão na sua génese, funcionamento e transformação²⁸⁵.

Como corolário deste processo temos que:

²⁷⁹ Hiernaux comment, p. 4, § 2.

²⁸⁰ Significando que a disjunção, seguida de associação, entre dois elementos é a condição mínima para a existência de sentido.

²⁸¹ Em sentido lato.

²⁸² Hiernaux, comment, p. 2, § 3 e 4.

²⁸³ Hiernaux, 1992, p. 1, § 4.

²⁸⁴ *idem*, p. 1, § 5 e Hiernaux, comment, p. 1, § 4.

²⁸⁵ Hiernaux, comment, p. 5, § 6.

"O projecto fundamental da pesquisa [em Análise Estrutural] é então de fazer emergir modelos para fazer a teoria do seu funcionamento, da sua génese e do seu modo de produção de efeito."²⁸⁶

Ou seja, explica-se ou tenta-se explicar o comportamento dos grupos em estudo a partir de modelos culturais deduzidos dos discursos.

Em resumo, a Análise Estrutural de conteúdos, por um lado, parte de pressupostos teóricos com origens semelhantes aos de Bourdieu e, por outro lado, tem o próprio Bourdieu como influência teórica. Isto significa, antes de tudo, uma compatibilidade importante entre a Análise Estrutural e a fundamentação teórica deste trabalho, proporcionando assim, de forma quase involuntária, uma importante coerência entre a maneira como se questionou a realidade e a maneira como os dados foram tratados.

Após ter feito referência aos fundamentos teóricos e definição da Análise Estrutural, seguida da referência às suas ligações com a Sociologia, e com este trabalho em particular, apresento os conceitos básicos desta técnica.

a) Noção de código

Como foi dito anteriormente, a Análise Estrutural parte do princípio que elementos presentes no material se constituem em unidades de sentido (termos) através de pares associados por relações de disjunção, em que cada elemento define o outro²⁸⁷. Os pares dos elementos em questão podem estar associados uns com os outros numa complexa rede de relações que forma o sistema de sentido de um dado discurso (ou estrutura do discurso).

A cada par de elementos disjuntos chama-se um código. Assim, o código é o elemento mínimo de significado e, por isso, a ferramenta básica utilizado pela Análise Estrutural para destacar a estrutura de um texto²⁸⁸. O código é a unidade de sentido pois os dois elementos que o constituem só

²⁸⁶ Hiernaux, comment, p. 16, § 3.

²⁸⁷ Jean Pierre Hiernaux - "La conception binaire du réel: remarques en triade", Lovaina, Colóquio *A concepção binária do real: questionamento a partir da confrontação de culturas*, 1992, p. 7, § 3.

²⁸⁸ Hiernaux, 1992, pp. 15/16.

têm sentido um em relação ao outro, por se situarem no mesmo eixo semântico.

Por vezes, ao analisarmos um discurso, acontece que um dos elementos disjuntos que forma um código não é explicitamente mencionado no discurso. Com base no binarismo, o investigador procura encontrar, a título de hipótese, o elemento em falta. Neste caso, deve ser perfeitamente clara a separação entre o que é hipótese do pesquisador e o que resulta da leitura do discurso em causa colocando, por exemplo, a hipótese entre parêntesis rectos.

A propósito desta questão, pensamos ser importante esclarecer que, no âmbito da Análise Estrutural, as disjunções de que falamos não significam que os elementos disjuntos sejam do tipo positivo/negativo ou antónimos de dicionário. Os opostos em causa são-no por causa do sentido (socialmente partilhado) que os locutores lhes dão, ou seja, fazem parte do mesmo eixo semântico²⁸⁹ no universo semântico do locutor.

Existem dois tipos de códigos: o código objecto, que se caracteriza por ter a função de materialidade ou significante (é o objecto, a caixa, por oposição ao conteúdo), enquanto os códigos de qualificação são os que têm como característica a função de significado (conteúdo, propriedades -a adjectivação do objecto)²⁹⁰. Cabe ao investigador, de acordo com o que acima foi dito, escolher o código objecto²⁹¹, sendo que cada um está ligado a vários códigos de qualificação que o precisam e qualificam.

A ligação entre códigos (um objecto e vários de qualificação) faz-se termo a termo, em que um termo A é disjunto do termo B com o qual constitui o código X, e o termo A associa-se a um termo C que forma o código Y com um termo D, por sua vez associado ao termo B do primeiro código²⁹².

b) Tratamento de materiais volumosos

Aquando do tratamento de materiais volumosos, como é o caso deste trabalho, alguns obstáculos se põem ao investigador: o primeiro é a massa de informação manipulada que é tão grande e rica em pormenores

²⁸⁹ Hiernaux, 1992, p. 96, § 5.

²⁹⁰ Martinic, 1992, p. 22, § 3.

²⁹¹ Nizet, 1982, p. 4, § 3 e Hiernaux, 1992, pp. 3/4.

²⁹² Trata-se da descrição de um dos tipos possíveis de estruturas, a paralela. Para pormenores sobre esta e as outras, a saber, hierarquizada e cruzada, veja-se: Ruquoy, 1990, p. 101, Nizet, 1982, pp. 11/15 e Hiernaux, 1992, p. 12.

que o processo de separar a estrutura implícita dos discursos (contentores) envolveria meios importantes durante muito tempo. Esta razão, apesar da exequibilidade ser importante, não é um obstáculo intransponível para a investigação, pois algumas características da estrutura dos discursos permitiram o desenvolvimento de técnicas específicas para o trabalho de materiais volumosos.

Com efeito, as estruturas de sentido dos discursos não seguem geralmente a linearidade deste. As informações sobre um termo podem estar dispersas ao longo de todo o material²⁹³.

Existem técnicas para reduzir a quantidade de material em análise sem que para isso se perca a qualidade da mesma. Em primeiro lugar, temos as técnicas externas, não exclusivas da Análise Estrutural. Estas têm por base a redução à priori do material potencial, recolhendo apenas o necessário para comprovar as nossas hipóteses. Em segundo lugar, temos as técnicas internas à Análise Estrutural. Trata-se da isotopia e da Condensação Descritiva.

Isotopia significa (topos) lugares (Iso) ao mesmo nível. Para a Análise Estrutural existem espalhados pelo discurso lugares estruturais, ou seja, unidades de sentido à volta da mesma temática²⁹⁴. Um locutor pode referir um termo no início do discurso e o seu oposto em qualquer outro lugar do discurso, o mesmo se aplica aos termos associados (segundo a lógica código objecto - códigos de qualificação).

Para encontrarmos uma isotopia dispersa pelo material há que esboçar um modelo esquemático desta com um conjunto de unidades de sentido (códigos) existentes no texto e articulados coerentemente, sem esquecer a sua pertinência para a análise²⁹⁵.

A condensação descritiva é a outra técnica de manipulação de materiais volumosos usada, aliás, complementarmente à isotopia. Trata-se de um processo que reduz ou condensa unidades de sentido semanticamente próximas para um número menor de unidades de sentido mais abstractas²⁹⁶.

Com efeito, as palavras e frases usadas pelo locutor não têm de ser retidas à letra, na medida em que o que interessa é o significado, o sentido,

²⁹³ Hiernaux, 1992, p. 14, § 1; e Hiernaux, comment, p. 23, § 2 e Ruquoy, 1990, p. 97, § 1.

²⁹⁴ Hiernaux, 1992, p. 10 e 14, § 2.

²⁹⁵ Hiernaux, 1992, p. 29, § 1.

²⁹⁶ Hiernaux, 1992, p. 2, § 2.

que o locutor dá à realidade²⁹⁷, tanto mais que uma mesma unidade de sentido pode ter sido expressa pelo locutor de várias formas²⁹⁸.

É evidente que a elevação do nível de abstracção faz perder detalhes sobre o material. Trata-se de uma perda de informação similar à que está por detrás da manipulação quantitativa da realidade, quando se passa da matriz de dados para a sua análise em termos percentuais. A perda de informação é o preço a pagar pela visão de conjunto. Este preço é minimizável quando se reúnem as seguintes condições de realização da condensação: esta deve fazer-se de acordo com os pressupostos teóricos do estudo e os termos sintetizados têm que estar incluídos no termo sintetizador²⁹⁹.

Os agregados para produzir um maior grau de abstracção não necessitam de ser sinónimos de dicionário, desde que a sua agregação seja presidida pelas razões teóricas do estudo e/ou desde que faça sentido pela atribuição semântica que o locutor faz aos termos que não é necessariamente a mesma do dicionário.

Esta condensação realiza-se a vários níveis. Em primeiro lugar usa-se para construir os códigos objectos e de qualificação e, depois, aumentando sucessivamente o nível de abstracção, para a construção dos modelos culturais, cuja elaboração é o objectivo último da Análise Estrutural.

c) Regras de construção dos gráficos

Não se pode dizer que a Análise Estrutural seja constituída por um conjunto de procedimentos rigidamente determinados. Quer dizer, não é uma ferramenta para a produção em série, massiva, de resultados. Pelo contrário, é uma técnica artesanal, no sentido em que cada investigador pode adequar os seus procedimentos ao estudo que realiza, embora com limitações, pois, não podemos, em nome dessa adequação, transformar a Análise Estrutural noutra coisa qualquer.

Assim, consideramos importante expor as regras concretas de que nos servimos para produzir os resultados, de forma a aumentar o controle sobre o processo de produção de resultados.

Seguimos um conjunto de regras exposto por Hiernaux³⁰⁰.

²⁹⁷ Hiernaux, 1992, p. 6, § 1.

²⁹⁸ Ruquoy, 1990, p. 97, § 3 e Hiernaux, comment, p. 1.

²⁹⁹ Hiernaux, comment, pp. 20/21.

³⁰⁰ Hiernaux, 1992, pp. 14/15 e Hiernaux, comment, pp. 28/29.

Em primeiro lugar, lemos o material para nos familiarizarmos com ele, tomando mesmo várias notas à margem, de forma a auxiliarem a análise posterior, e numerámos os parágrafos, de forma a podermos colocá-los nos seus lugares na entrevista depois de isolados ou organizados por isotopia.

Em segundo lugar, seleccionámos um subconjunto de entrevistas, a partir do nosso material. Usámos dois critérios para o fazer: a riqueza e explicitude de informação, do ponto de vista do nosso estudo, e a representatividade, grosseira, da diversidade presente no material.

Em terceiro lugar, procedemos à listagem de todas as isotopias possíveis e pertinentes para o estudo neste subconjunto.

Em quarto lugar, recortámos as entrevistas por parágrafos, de forma a podermos reparti-los por isotopias. Notemos que ao procedermos desta forma estamos a considerar que o parágrafo tem, na linguagem dos locutores, uma certa coerência de sentido. No entanto, isto não é absoluto, pode um parágrafo ser pertinente em várias isotopias e outro só o ser para uma e apenas parcialmente.

Em quinto lugar, reagrupámos os parágrafos recortados por isotopias, correspondendo cada pilha de recortes a uma isotopia.

Em sexto lugar, utilizou-se o procedimento de construção de códigos e de estruturas e a condensação descritiva para definir os modelos subjacentes às isotopias.

Em sétimo lugar, procura-se a existência de diversos modelos, anti-modelos, ou sub-modelos por isotopia e reorganiza-se as tiras do parágrafo em conformidade, deslocando uma ou outra de uma pilha para outras.

Em oitavo lugar, tenta-se verificar os modelos confrontando-os com o material restante, parágrafo a parágrafo, repetindo o processo de corte e empilhamento.

Os modelos podem ser verificados, se não houver diferenças entre o que está condensado em gráfico e o que está em parágrafo; o vocabulário descritivo-condensador pode ser afinado, se as diferenças forem poucas; ou procedemos à criação de novos (sub-) modelos, quando as discrepâncias são muitas.

Finalmente, em nono lugar, confrontamos as tiras que sobraram com os modelos para verificar se este remanescente pode ser aproveitado.

A Análise Estrutural não é perfeita, tem vantagens e desvantagens e, por vezes, é difícil perceber se uma característica é uma coisa ou outra, ou ainda, as duas ao mesmo tempo.

Tal é o caso do facto da Análise Estrutural reservar um espaço importante à intuição e à inteligência do investigador em detrimento do seu *saber fazer* técnico³⁰¹. Esta característica significa uma maior liberdade de investigação, havendo uma maior probabilidade de se descobrirem aspectos importantes não previstos no enquadramento teórico e uma maior probabilidade da subjectividade do investigador interferir de forma importante nos resultados produzidos.

Pensamos que o calcanhar de Aquiles da Análise Estrutural pode ser a falta de mecanismos de controle formais sobre a subjectividade do pesquisador. No entanto, o reconhecimento desta dificuldade é a primeira e fundamental etapa para o seu controlo.

Em termos de méritos, pensamos que o facto da Análise Estrutural ter como pressuposto que a produção de sentido sobre a realidade tem uma base binária trans-cultural e antropológica é importante na medida em que revela um dos "invariantes da natureza humana" que determinam ou, no mínimo, condicionam as formas concretas da diversidade cultural e social.

A pesquisa destas "invariantes da natureza humana" deve, para nós, ser objectivo de um programa de pesquisa dado o seu inegável interesse para as Ciências Sociais. A comparação de formas culturais concretas, influenciadas ou provenientes da mesma matriz, pode levar a uma maior compreensão, quer dos mecanismos de construção da diversidade cultural, quer dos próprios traços culturais diversos. O mesmo é dizer que este programa é um passo importante para a compreensão do homem enquanto ser social é este, afinal, o objectivo das Ciências Sociais.

1.2.2- A ANÁLISE FACTORIAL DAS CORRESPONDÊNCIAS

Utilizando os dados que nos foi possível recolher sobre os residentes no Bairro, através do cruzamento de várias fontes de informação³⁰², realizei uma Análise Factorial das Correspondências utilizando o *package* informático SPAD-N.

Esta técnica é baseada na hipótese da independência entre linhas e colunas³⁰³ de uma tabela de frequências ou de contingências. O tratamento

³⁰¹ Ruquoy, 1990, p. 93, § 2.

³⁰² Cf. Anexo I.

³⁰³ Willem Doise; A. Clémence; F. Lorenzi-Cioldi - *Représentations sociales et analyse de donnés*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1992, p71, §2.

dos dados brutos tem como princípio a decomposição da tabela ou matriz de dados inicial num conjunto de outras tabelas onde se apresentam as desvios à independência entre linhas e colunas.

Os resultados são ilustrados sob a forma de um gráfico ortogonal³⁰⁴, onde se apresentam as modalidades das variáveis³⁰⁵, permitindo ao investigador recortar grupos de indivíduos com características semelhantes³⁰⁶ através dos critérios da proximidade entre estas e do afastamento aos eixos³⁰⁷, e encontrar as dimensões não observadas que explicam a variação dos dados.

No entanto, é necessário voltar sempre aos dados, pois o que o gráfico mostra é a estrutura dos desvios à independência e não a intensidade desses desvios. A consulta das tabelas dos valores próprios, das contribuições e das coordenadas permitem saber se uma modalidade ou conjunto de modalidades, se apresenta distanciada dos eixos mas com desvios mínimos à independência, com fortes possibilidades de estes terem sido gerados por acaso³⁰⁸.

Este programa realiza, baseada na Análise Factorial das Correspondências, uma análise pós-factorial que permite confirmar a divisão da população em vários grupos com determinadas características (modalidades).

³⁰⁴ Trata-se da solução geométrica de uma fórmula aritmética.

³⁰⁵ Ou categorias das variáveis.

³⁰⁶ Cf. Philippe Cibois - *L'analyse des données en Sociologie*, «Le Sociologue», Paris PUF, 1984, p. 138.

³⁰⁷ Para mais pormenores veja-se Cibois, 1994, pp. 67 a 69.

³⁰⁸ Efeito homotético, cf. Doise, 1992, p. 79, §1.

2- APRESENTAÇÃO DO BAIRRO ESTUDADO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UMA REALIDADE

É a partir deste capítulo que começa a confrontação com a realidade empírica. A primeira secção descreve, em termos físicos o Bairro: a sua localização no espaço da cidade e a disposição das ruas, para logo se passar a uma breve história da sua fundação e dos principais constrangimentos a partir dos quais se construíram as representações sociais negativas.

Nas segunda e terceira secção são apresentadas as visões dos media e dos técnicos do projecto de intervenção social no Bairro a partir das quais demonstro a existência dessas representações sociais negativas.

Existe uma importante diferença entre jornalistas e técnicos, pois os primeiros limitam-se a noticiar os "problemas" do bairro e as iniciativas do projecto de intervenção, enquanto os segundos, tendo identificado a má fama do Bairro como um importante factor de exclusão social deste e dos seus habitantes, procuram melhorar a "imagem" que na cidade se tem sobre ele.

2.1- APRESENTAÇÃO FÍSICA DO BAIRRO

a) Aspectos físicos

O Bairro localiza-se, como vimos na introdução, na ilha de S. Miguel, concretamente na cidade de Ponta Delgada, estando construído junto à sua periferia Este.

Em termos de espaço físico, o bairro estudado faz fronteira a Norte com o bairro universitário, localizado em terrenos que a Câmara adquiriu para a construção de habitação social, mas que depois cedeu ao Governo Regional³⁰⁹. A rua que divide estes dois bairros funciona como uma autêntica barreira socialmente construída, só atravessada pelas crianças que, do Bairro, vão ao outro lado pedir esmola e pelas empregadas domésticas que, residindo de um dos lados, vão trabalhar para o outro.

A Sul é delimitado por várias fábricas que, aliás, produzem esporadicamente alguns maus cheiros (o que significa que a qualidade ambiental não é a melhor); e pelas traseiras de alguns prédios mais altos, paredes meias com as fábricas.

A Este fica uma estrada que dá acesso à via rápida que atravessa a ilha longitudinalmente sendo, por isso, muito movimentada. Esta acaba por fazer o fechamento desse lado do Bairro tão efectivamente como um muro, tanto mais que do outro lado da estrada não existe nada de atractivo para os moradores, é uma área escassamente povoada onde campos de cultivo e casas se misturam.

A Oeste, as casas do Bairro apresentam as suas traseiras e quintais para um conjunto de vivendas bem conservadas e para alguns prédios recém-construídos.

Com a excepção da rua A, que está virada para o bairro universitário, tudo o resto se apresenta como um espaço fechado sobre si próprio.

Esta disposição facilita a clara demarcação do Bairro em relação ao espaço envolvente, em relação à cidade, com as consequências ao nível do aumento da sua visibilidade negativa e exclusão social dos seus residentes. Por outro lado, esta demarcação facilita as interacções inter-bairro, contribuindo poderosamente para criar alguma forma de identificação dos seus moradores com esse espaço.

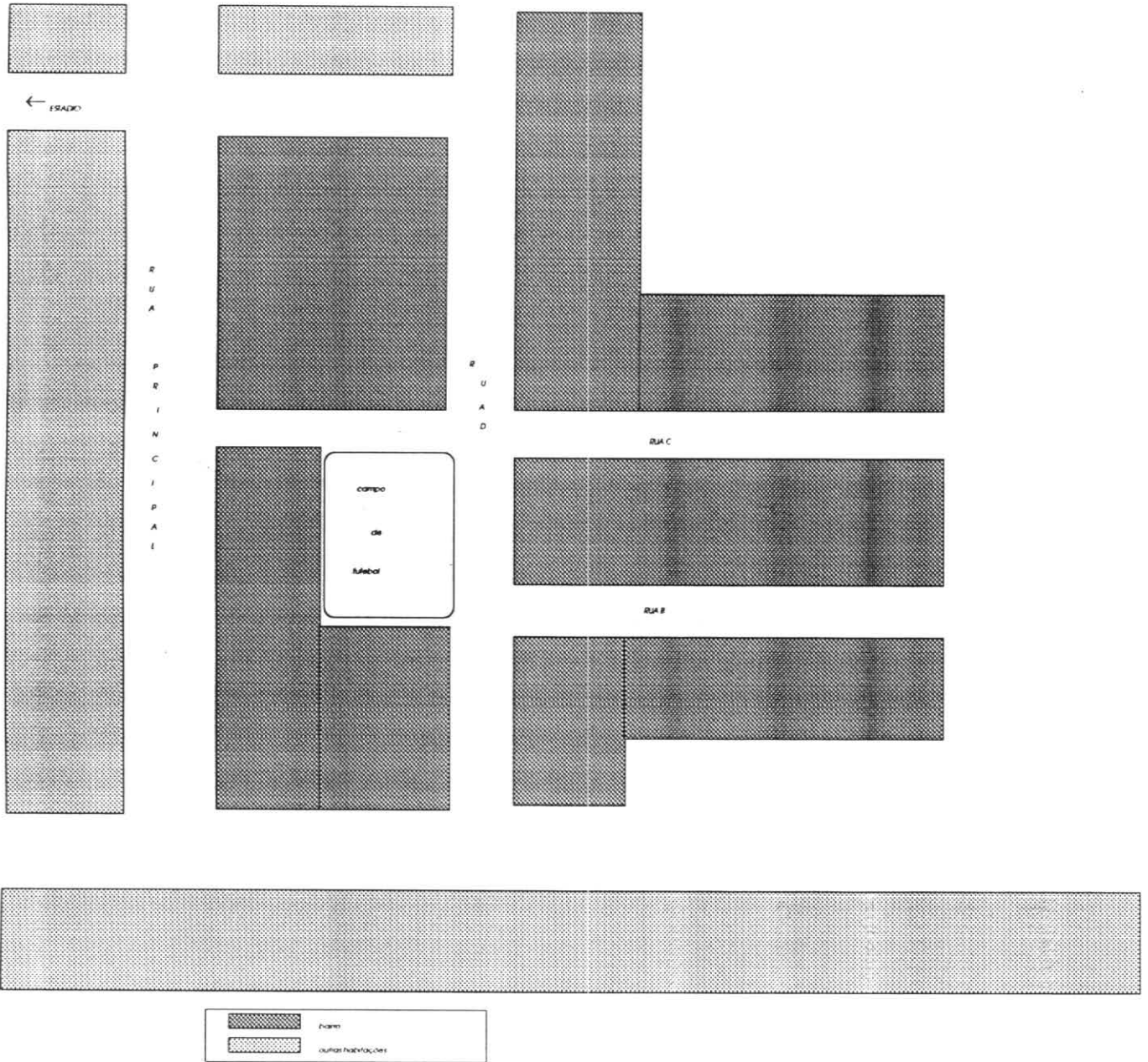
³⁰⁹ Cf. José Vasco Viveiros Moreira - *Actividade marginal no Bairro...*, Ponta Delgada, Centro de Estudos Etnográficos (Policopiado), 1993.

Em termos de disposição do espaço no interior do Bairro existem dois eixos principais: a rua D (X) que atravessa o Bairro no sentido Este-Oeste e a rua C (Y) que o atravessa no sentido Norte-Sul. Paralelamente a estas existe a rua B que acompanha parte do percurso anterior.

A nível de equipamentos colectivos, estes resumem-se a um jardim infantil (cuja construção data dos finais de 1994, estando, no entanto, em construção várias estruturas de apoio), fruto dos esforços da comissão de moradores do Bairro, com o apoio do projecto de desenvolvimento comunitário da responsabilidade da paróquia.

Na periferia do Bairro existem, também, duas creches recém-inauguradas que não contam com crianças do Bairro, sendo estes os únicos equipamentos ou serviços colectivos na referida localização.

FIGURA 1- MAPA DO BAIRRO



b) História do bairro

Entre 1975 e 1979 a Câmara de Ponta Delgada adquiriu um conjunto de terrenos, na periferia da cidade, nos quais pretendeu alojar, no regime de renda social, um conjunto de famílias do concelho residentes em habitações precárias, com destaque para um palacete muito degradado onde habitavam várias famílias diferentes, para uma gruta existente na periferia da cidade e para, pelo menos um caso, de um casal que habitava, com os filhos num quarto alugado³¹⁰. Ao longo do tempo algumas casas transitoriamente vagas no bairro foram ocupadas por famílias de recursos modestos que perderam a sua habitação anterior³¹¹.

A ocupação inicial, em 1981, foi feita com a ajuda dos serviços de acção social de Ponta Delgada que seleccionaram, a partir de inscrições, os casos considerados prioritários (16 famílias)³¹².

Das cem casas (em que cada uma representa um fogo) que se pretendiam construir só se terminaram setenta e duas ficando as restantes vinte e oito por concluir³¹³. Estas, juntamente com: um grande buraco a céu aberto no centro do Bairro, os destroços das barracas de apoio à construção e a ausência de passeios cimentados levaram a que, desde logo, o aspecto estético do bairro fosse desagradável o que, juntamente com a recolha irregular do lixo doméstico e a inexistência de nomes nas ruas interiores ao Bairro, deverá contribuir para as representações sociais negativas existentes sobre este na cidade, pois como é referido no enquadramento teórico a visibilidade da pobreza pode ser agravada pelo aspecto estético, na medida em que este permite confirmar as representações negativas e marcar um local como residência de uma população a evitar.

As coisas têm-se modificado, muito pela acção dos moradores que, organizados numa comissão *ad hoc* com apoio do projecto de intervenção comunitária, reivindicaram com sucesso a melhoria da recolha do lixo, a remoção dos destroços das barracas de apoio à construção do Bairro, o enchimento do buraco a céu aberto e o "baptismo" das ruas. Conseguiram ainda, com vários apoios dos quais se destaca o do projecto, a construção de um parque infantil e a cimentação da maioria dos passeios. Por outro

³¹⁰ Referido numa entrevista.

³¹¹ Por incêndio, referido em duas entrevistas.

³¹² Moreira, 1993.

³¹³ Moreira, 1993.

lado, as casas inacabadas foram cedidas pela Câmara à Secretaria Regional das Obras Públicas³¹⁴ que as doou a famílias de classes médias em regime de autoconstrução³¹⁵. A maioria destas casas só agora ficou terminada e habitada, sendo ainda cedo para avaliar o seu impacto nas representações sobre o Bairro e na dinâmica social interna a este.

A minha função de avaliador externo do projecto de intervenção social no Bairro tem-me permitido acompanhar este processo com relativo pormenor assistindo ao desenrolar de todas as modificações que relatei.



³¹⁴ Moreira, 1993.

³¹⁵ Moreira, 1993.

2.2- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BAIRRO: A VISÃO DOS MEDIA

Como vimos anteriormente os bairros sociais, por serem bairros sociais apresentam certas características que podem servir de base à construção de uma representação social negativa específica do Bairro. Tal é o caso do Bairro em questão.

Este, é conhecido na cidade como o "bairro da lata" ou como o "bairro dos canibais".

A análise da informação que os *mass media*³¹⁶ veiculam sobre o Bairro, permite confirmar esta ideia.

Sempre que se realiza um programa televisivo sobre a pobreza³¹⁷ as imagens captadas são-no em dois sítios, um deles é o Bairro.

A imprensa micaelense³¹⁸ tem publicado variadas notícias sobre o Bairro, salientando a "pobreza" e os "problemas sociais" ali existentes.

Teria sido interessante submeter estas notícias a uma análise de conteúdo, no entanto as limitações temporais (prazos de entrega de tese) a este trabalho impediram-no. Apesar disso, fizemos uma selecção ordenada dos materiais que nos pareceram mais pertinentes, os quais apresentamos de seguida de forma a ilustrar o que é afirmado neste ponto.

a) Demarcação do Bairro em relação à cidade

Se o plano [de intervenção comunitária no Bairro] resultar, será um exemplo para outros casos semelhantes de zonas sem futuro que ainda existem em S. Miguel. (A.O. 15/8/92)

Com um pouco de desatenção e algum fechar de olhos, o Bairro das Laranjeiras poderia, a curto prazo, vir a ser o "buraco negro" de Ponta Delgada. (A.O. 15/8/92)

O próprio aspecto arquitetónico do Bairro destaca-se, pela negativa, de toda aquela área. (A.O. 15/8/92)

³¹⁶ Como referimos considera-se que desempenham um papel muito importante na construção de representações sociais.

³¹⁷ A RTP/Açores, único canal de televisão de expansão Regional organiza, pelo menos um ao ano, por alturas do Natal, tendo em vista angariar fundos para apoio aos pobres.

³¹⁸ Com destaque para *Açoriano Oriental* e *Correio das Açores* (jornais diários) e *Expresso das Nove* (semanário micaelense de expansão regional).

Um bairro que, neste preciso momento, está em vias de optar pela sua integração de pleno direito na cidade a que pertence ou continuar a derrapar para uma situação sem futuro. (A.O. 15/8/92)

"Ao trabalho do povo e seu protagonismo na valorização" do bairro (...) na freguesia e na cidade. (A.O. 11/12/93)

No Bairro (...), na periferia da cidade de Ponta Delgada, há problemas sociais graves. (C.A. 20/6/91)

(...) «naquele bairro se colocou uma série de pessoas que realmente tinham problemas de habitação mas também outros problemas de ordem social».

«Fez-se um aglomerado maioritariamente de pessoas que tinham problemas sociais» (...) (C.A. 20/6/91)

O programa a ser seguido em 1993-94 abrange 50 jovens dos 15 aos 25 anos do Bairro (...) (C.A. 11/12/93)

Com objectivos idênticos aos anteriores programas o projecto "NOW" abrange 27 mulheres do Bairro (...) (C.A. 11/12/93)

(...) narra, com alguma precisão, o trabalho que tem sido desenvolvido no bairro (...) (A.O. 11/7/92)

(...) no projecto de recuperação do Bairro (...) (A.O. 11/7/92)

(...) na zona (...) em Ponta Delgada.

Ai foi construído um bairro social para alojar gentes vindas da periferia da cidade, de estratos sócio-económicos débeis e com problemas variados. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

O Bairro social (...) passou a ser visto como o inferno da cidade de Ponta Delgada e como se os seus moradores fossem os únicos e piores marginais da cidade. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

(...) ignorar o estado de degradação em que o bairro se encontrava. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

Quem quiser conhecer o rosto e o cheiro da pobreza nada mais tinha a fazer do que passar por ali. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

A facto é que, após vários anos fechado sobre si mesmo, o polémico bairro começa a quebrar o anel que o envolvia e a integrar-se, aos poucos, na cidade de Ponta Delgada. (A.O. 29/10/94)

De tudo um pouco se via no Bairro social (...) (A.O. 29/10/94)

(...) melhorar o visual do local onde habitam, há muito abandonado. (A.O. 29/10/94)

Os trechos acima expostos apontam num sentido comum: demarcam claramente o Bairro em relação à cidade. No entanto, esta demarcação não é neutra, pois relaciona-o com um conjunto de aspectos negativos que constituem as razões da demarcação Bairro/cidade. Este é considerado como "zona sem futuro", "fechado sobre si mesmo" "local (...) abandonado" ou local de residência de "estratos sócio-económicos débeis".

b) Definição das problemáticas sociais existentes no Bairro

(...)a actual população (...) é principalmente oriunda da periferia da cidade, grande parte sem recursos financeiros e uma percentagem significativa com um baixo nível de escolaridade. (A.O. 15/8/92)

(...) diversos problemas existentes, desde o desemprego, falta de formação profissional e alcoolismo, ao insucesso escolar de grande parte dos mais novos. (A.O. 15/8/92)

Um dos [problemas] mais prementes prende-se com a inexistência de passeios acimentados em todo o bairro. (A.O. 15/8/92)

(...) camadas da população em situação de exclusão social é uma realidade. (A.O. 11/12/93)

(...) projecto integrado de Formação e Emprego de Jovens em risco de exclusão social residentes em zonas degradadas tem como objectivo promover a resolução do insucesso e abandono escolar, desemprego juvenil e marginalização social (...) (A.O. 11/12/93)

(...) «as referências que estas pessoas têm no sentido de melhorar o seu nível de vida e social e de relacionamento humano, são abaixo da média». (C.A. 20/6/91)

(...) conhecimento que no bairro haverá prostituição. (C.A. 20/6/91)

(...) habitações degradadas (...) (C.A. 20/6/91)

(...) «há que investir muito mais, especialmente no campo da educação, evitando-se o actual absentismo escolar». (C.A. 20/6/91)

(...) a Junta de Freguesia está preocupada com o problema de alcoolismo (que no Bairro (...) está associado à prostituição e à delinquência) (...) (C.A. 11/12/93)

Este desequilíbrio é mais evidente no Bairro (...), o qual necessita, urgentemente, de ser humanizado, de ser olhado em pé de igualdade com outros, para não ostentar o cancro da pobreza a todos os níveis que ali urge combater a cem por cento. (C.A. 11/12/93)

[as crianças do bairro] Vão para a mendicidade, e, chegam até ao roubo porque se vêem aliciadas por guloseimas (...) (A.O. 11/7/92)

Vemos por aí crianças com ar terrivelmente débil e que são um retrato vivo das famílias". (A.O. 11/7/92)

"(...) crianças que se encontravam mais ou menos abandonadas, porque não frequentavam a escola e tinham grandes dificuldades de inserção". (A.O. 11/7/92)

(...) problema diferente com as crianças que saíram da escola com ou sem escolaridade obrigatória e que não encontram maneira de se projectarem na sociedade em que vivemos. São crianças que não têm possibilidade de se inserirem no mercado de emprego." (A.O. 11/7/92)

(...) palavras bonitas e boas intenções que não encham a barriga, não tapam os buracos dos telhados, não vestem corpos nus nem tão pouco matam as pulgas e os piolhos que por lá abundam. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

Mas, também não teria sido boa ideia ensinar essas pessoas a fazerem um planeamento familiar, já que a taxa de natalidade no bairro é bastante alta? (J.S.M. 12 a 18/8/93)

(...) diminuir o insucesso escolar que, logicamente, é muito elevado naquele sítio.

Também, o que é que se podia esperar de crianças com a barriga vazia e os pés descalços? O que é que se podia esperar de crianças que quando chegam a casa vão fazer a sopa e mudar a fralda dos irmãos em vez de brincarem ou fazerem os deveres escolares? Certamente que não se poderia esperar coisa de mérito, nem tão pouco exigir bons resultados a semelhantes crianças. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

Dos problemas mais graves daquela comunidade, podemos apontar a superlotação dos fogos, baixas qualificações escolares e profissionais, fracas remunerações económicas, baixa cultura, desemprego juvenil e feminino, entre tantos outros. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

As crianças fendiam a azedo e as mulheres a esperma e a pancadaria. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

(...) o bairro foi ficando à margem. Por lá via-se pobreza económica e de espírito e todos os factores daí advenientes - prostituição, promiscuidade, baixa escolaridade dos jovens, insucesso escolar, criminalidade e mendicidade infantil, entre outros. (A.O. 29/10/94)

(...) (7 pessoas por cada assoalhada) (...) (A.O. 29/10/94)

A própria formação em informática ajudou-os a reaprenderem a ler e a escrever.

(...) a autarquia [freguesia] vê a situação no Bairro (...) «com muita preocupação mas também com muito optimismo. (C.A. 20/6/91)

(...) destacaria a importância de projectos como este, destinados às pessoas de menores qualificações (...) (A.O. 23/9/95)

Os trechos acima reproduzidos permitem perceber que os jornais em questão produzem e reproduzem representações sociais dos "problemas" do Bairro. Estes últimos, diagnosticados em diferentes notícias, não poderiam dar uma imagem mais negativa do Bairro, pois vão desde a prostituição e a criminalidade, passando pelo insucesso escolar, até à pobreza, à exclusão social e à falta de higiene.

De notar que os trabalhos acima apresentados são sempre genéricos, não se relativizando as afirmações neles contidas com referências a situações diversas existentes dentro do Bairro. Assim, a imagem que é transmitida para os seus leitores é a de um espaço homogeneamente problemático, a evitar.

c) Distinção entre um "passado" mais negro e um "presente" mais risonho.

"Inicialmente o Bairro (...) assistíamos a um espectáculo das pessoas irem à cozinha económica e trazerem as suas marmitas para comerem, e, ainda hoje, as crianças não têm que comer. (A.O. 11/7/92)

"Quando começamos o nosso trabalho, as crianças faltavam muito. [à escola] (A.O. 11/7/92)

(...) "hoje em dia, mesmo o aspecto do bairro é muito diferente..."

"Lembro-me que, quando fui para lá (...) nem o lixo se recolhia e as crianças tinham doenças de pele".

"Hoje (...) o comportamento das pessoas é diferente". (A.O. 11/7/92)

Uma coisa é certa o Bairro (...) está a mudar. Agora no lugar das ervas daninhas do quintal podemos ver couves, alfaces, nabos e até mesmo flores. As paredes outrora em cimento, ganham cores alegres e frescas. E quem por lá passar, não precisa de desviar os olhos ou fingir que não vê a miséria habitacional e humana a que estava habituado a encontrar. Em seu lugar, estão casas pintadas, limpas, com jardins e pequenas hortas. Crianças lavadas, penteadas e perfumadas, em lugar de caras ranhosas e estercosas que olhamos com repulsa e evitamos tocar, não vá saltar uma pulga ou um piolho do cabelo. (J.S.M. 12 a 18/8/93)

Grandes passos têm sido dados para que seja diminuída esta estigmatização e do balanço que hoje se faz, é notória a abertura de brechas num cerrado ciclo de apatia de uma população que se encontrava fechada sobre si própria. (A.O. 29/10/94)

Nos últimos anos, foi possível assistir a uma inflexão do discurso presente nas notícias dos jornais locais sobre o Bairro. Sem que a associação deste a problemas graves deixe de se verificar, passou-se a colocar estas referências mais no passado, apresentado como problemático, face a um presente onde as coisas estão melhores e onde existe a esperança num futuro ainda melhor.

No entanto, saliente-se, por um lado, que os termos em que se procede à comparação passado/presente descrevem negativamente os residentes e os seus problemas e, por outro lado, as razões apontadas para a) as melhoras face ao passado e b) para as esperanças num futuro ainda melhor, devem-se a acções de pessoas e entidades exteriores ao Bairro e não por iniciativas dos seus habitantes (como veremos detalhadamente na subsecção seguinte).

d) Apresentação dos habitantes do bairro como passivos, pois as preocupações e as iniciativas existentes partem de entidades exteriores.

O Centro Social Paroquial (...) traçou um plano de animação comunitária com o objectivo de mudar a vida das pessoas da freguesia (...) (A.O. 11/12/93)

Embora a solução deste problema não passe directamente pela autarquia, a junta de freguesia (...) está empenhada na sua solução (...) (C.A. 20/6/91)

O alerta foi dado pelo presidente da Junta de Freguesia (...)

o Centro Paroquial (...) foi buscar forças para que a luta por melhores condições de vida para a população tenha seguimento (...) (C.A. 11/12/93)

(...) tentar uma promoção que lhes dê saída no difícil meio do mercado de trabalho (...) (C.A. 11/12/93)

Como principal aposta o Centro Social Paroquial (...) concentra-se na promoção da população e na sua valorização, de forma a que o fosso da desigualdade seja cada vez menos uma realidade. (C.A. 11/12/93)

Centro Social Paroquial (...) resolveu (...) (C.A. 11/12/93)

Chama-se (...) ocupação-vocação, promover os pobres... É, há cinco anos, a grande dinamizadora da recuperação e promoção dos habitantes do Bairro (...) em Ponta Delgada. (A.O. 11/7/92)

(...) construimos uma creche onde as crianças começam já com uma alimentação capaz. (A.O. 11/7/92)

Se nós tivermos a alegria de ver esta gente ocupada com dignidade e ver resolvidas as suas situações de maior ou menor pobreza, com uma gestão de bens e equilíbrio familiar em condições, eu acho que este será o nosso grande triunfo. (A.O. 11/7/92)

O Centro Paroquial (...) resolveu (...) (J.S.M. 12 a 18/8/93)

O Centro Paroquial (...) conseguiu (...) (J.S.M. 12 a 18/8/93)

O plano de Animação Comunitária pretende que os residentes deste bairro (...) (J.S.M. 12 a 18/8/93)

Neste último conjunto de trechos de jornais de Ponta Delgada é visível o assumir das preocupações e dos méritos sobre o Bairro por um conjunto de entidades que lhe são exteriores. Desta maneira, de forma implícita é associada às características negativas dos habitantes do Bairro a incapacidade para equacionarem e resolverem os seus próprios problemas, reservando-se-lhes o estatuto dos incapazes de gerir as suas próprias vidas.

Não nos compete fazer qualquer julgamento sobre a justeza das pretensões destas entidades, mas apenas mostrar de que forma é que

contribuem para a produção e reprodução das representações sociais negativas existentes sobre o Bairro.

O papel dos jornais de expansão local é tanto mais importante quanto os micaelenses são informados sobretudo a partir destes, registando os de expansão nacional níveis de leitura muito menores³¹⁹. O mesmo se poderá dizer da RTP/A, apesar de ter expansão regional, pois a maioria dos programas que produz, designadamente os de informação, são realizados em Ponta Delgada³²⁰.

A admissão desta má fama, visível na análise aos jornais, estende-se a todas as testemunhas privilegiadas que tivemos oportunidade de contactar, aos próprios moradores do Bairro³²¹ e aos técnicos do projecto de intervenção social, o que está exposto na próxima secção.

³¹⁹ Neste sentido veja-se Rocha, 1995, para o caso dos jovens entre 15 e 35 anos.

³²⁰ Cf. o Anexo 3 para uma listagem, não exaustiva, de notícias sobre o Bairro publicadas pela imprensa micaelense entre 1991 e 94.

³²¹ Em relação aos moradores veja-se a Análise Estrutural e os materiais em anexo. Em relação às testemunhas privilegiadas saliente-se nas conversas que tivemos com elas a ideia de não deixar que o Bairro seja um gheto de Ponta Delgada, veja-se, também, os traços da cultura de projecto na secção seguinte deste capítulo.

2.3- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BAIRRO: A VISÃO DOS TÉCNICOS DO PROJECTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

A visão dos técnicos do projecto de intervenção social faz parte da condição social objectiva dos residentes no Bairro na medida em que a sua credenciação como técnicos qualificados e especialistas sobre a pobreza os torna produtores legítimos de representações sociais sobre o Bairro, tanto para os seus habitantes como para a cidade.

Com efeito, o projecto de intervenção comunitária tem tido como um dos seus objectivos melhorar a imagem negativa que na cidade de Ponta Delgada se associa(va) ao Bairro. Neste sentido, foi feito um esforço para apresentar as iniciativas do projecto e da população³²² do bairro em notícias e entrevistas na comunicação social, quer a nível da rádio, quer da televisão, quer ainda da imprensa escrita³²³, assim como com a montagem de *stands* na feira anual do padroeiro da freguesia onde se localiza.

Neste sentido, apresento a visão destes técnicos a partir de duas componentes: os objectivos gerais a que se propõem e a cultura do projecto.

Para produzir os resultados abaixo apresentados recorri aos apontamentos realizados para a avaliação externa do projecto: entrevistas a técnicos e monitores; conversas informais posteriormente registadas e observação directa das actividades do projecto.

Assim, os principais objectivos do projecto de intervenção comunitária no Bairro são:

a) Modificar o estilo de vida da população do bairro de forma a torná-lo socialmente mais aceitável e assim diminuir a estigmatização;

b) Diminuir ou erradicar os handicaps económicos (sobretudo os baixos rendimentos), sociais ou culturais da população que a impede de

³²² Como são exemplos a inauguração do parque infantil e a semana da criança, ambas iniciativas no Bairro que contaram com esse esforço deliberado de divulgação.

³²³ Algum do material apresentado na secção anterior resulta precisamente deste esforço, sobretudo o que pretende mostrar um presente diferente, para melhor, do passado.

concorrer pelos bens, materiais ou simbólicos, julgados necessários para uma vida "digna" em sociedade;

c) Modificar os valores dos indivíduos em relação à escola, à família, à comunidade e ao emprego de forma a dotar os indivíduos de valores com maior aceitação social;

Em termos de cultura de projecto penso que é importante começar por definir o que é que entendo por esse conceito neste contexto.

A definição de cultura organizacional em que me baseei é a apresentada por Schein citado por Vala, Monteiro e Lima³²⁴.

Assim, entende-se por *cultura do projecto* o conjunto de ideias e conceitos chave desenvolvidos e partilhados pelo grupo, e que servem de base ao discurso e à acção dos agentes individuais que o constituem³²⁵.

A cultura deste projecto não se desenvolveu a partir do momento em que este se iniciou, começou a tomar forma antes disso.

Quando este entrou em funcionamento já existia um conjunto de ideias e de conceitos que contribuíram para a sua génese e que têm vindo a orientar o discurso e a acção dos agentes que o compõem.

Esta cultura resulta do facto de a maioria dos técnicos destacados pelos diferentes serviços para as discussões iniciais, sobre os "problemas" do bairro, terem construído, durante esse período, um conjunto de ideias comuns sobre o que era o bairro, sobre os seus problemas, sobre as formas de os resolver e sobre as maneiras de implementar essas soluções.

A partir dos meus apontamentos dessas discussões iniciais foi possível inventariar os problemas que os técnicos apontaram ao bairro:

a) Boa parte da população do bairro recorre à assistência social;

b) Casos de prostituição por raparigas do Bairro no Bairro, suspeitando-se que uma ou duas o fazem com o conhecimento dos pais;

³²⁴ Jorge Vala, Maria Benedita Monteiro e Maria Luisa Lima - "Culturas organizacionais - uma metáfora à procura de teorias", *Análise Social*, vol. XXIV, nº 101/102, 1988, pp. 663/687.

³²⁵ Para uma discussão mais sofisticada do conceito de cultura organizacional veja-se o artigo citado na nota anterior.

c) Muitos conflitos de vizinhança, com frequentes telefonemas a solicitar a presença da policia;

d) A criminalidade juvenil é(era) grande havendo já alguns jovens com cadastro na policia e outros presos (a ideia é de que o bairro parece servir de "escola" para os jovens delinquentes que, quando transitam para formas de crime mais duras, acabam por o abandonar);

e) Mendicidade infantil, em alguns casos fomentada pelos pais;

f) Consumo excessivo de álcool por parte, sobretudo mas não exclusivamente, dos homens.

Finalmente, os técnicos de saúde que têm contacto com o bairro identificaram carências:

a) Ao nível da higiene e da saúde;

b) Dos cuidados com as grávidas, dos recém-nascidos e das crianças;

c) E ainda ao nível da (ausência de) informações sobre os dois aspectos acima referidos.

Estas ideias chave comuns continuaram presentes após o início, dado que estes técnicos permaneceram ligados ao projecto, em posições de chefia, de consultadoria ou, ainda, de formação pontual.

Um certo esforço de sistematização dos materiais recolhidos, levou-me a apresentar os traços da *cultura do projecto* a partir do esquema de cultura organizacional em dimensões proposto por Vala, Monteiro e Lima³²⁶:

a) dimensão de percepção organizacional:

1- A diferenciação feita dentro do projecto, em termos discursivos e de poder, entre técnicos e monitores.

³²⁶ Vala, Monteiro e Lima, 1988, *op. cit.*, pp. 671/673.

Esta reflecte-se nas expressões empregues para designar uns e outros e nas funções atribuídas. Resultando, sobretudo, de dois factores diferenciadores: *ao nível das características*, os técnicos são indivíduos licenciados pertencentes a diferentes serviços, ocupando no projecto posições de chefia e consultadoria (apesar de poderem promover acções de formação especializadas de forma esporádica) e *ao nível da história do projecto*, acompanham-no, como já referi, desde o primeiro momento. Enquanto que os monitores são indivíduos contratados posteriormente para estarem no dia-a-dia com os formandos. Não apresentam qualificações escolares elevadas e ocupam posições de execução;

2- Uma tentativa de rompimento com a prática assistencialista através da consciência de que o "dar caritativo" deve ser substituído pela negociação/reivindicação, no sentido de que a tradição dos serviços de protecção social é a promoção do clientelismo e de que o projecto pretende romper com ela, não dando as coisas aos formandos e aos moradores, mas sim negociando e ajudando-os a realizá-las, de forma a que estes se habituem a esforçarem-se para as conseguir;

b) dimensão de explicação da dinâmica da organização:

1- O sentimento de que uma intervenção global é a única que pode apresentar resultados, apesar destes nunca poderem ser imediatos;

2- O sentimento de que os resultados a alcançar não serão espectaculares, pois não é em um ou dois anos que se alteram os hábitos que os residentes no Bairro levaram uma vida a adquirir;

c) dimensão de avaliação da organização (dos efeitos da organização):

1- A existência de um discurso sobre os problemas do bairro: gheto, pobreza, actividades ilegais (prostituição, roubos, drogas, alcoolismo...), de imoralidades (falta de controlo sobre os filhos, lixo espalhado, vandalismo), de más relações de vizinhança (com discussões frequentes e desacatos) e de desregramento económico (incapacidade de gerir o orçamento doméstico);

2- A existência de um discurso sobre a transformação pretendida do Bairro, quer ao nível da imagem, quer ao nível das práticas comunitárias,

no sentido de proporcionar um aumento da coesão interna, da capacidade de reivindicação e de iniciativa, que só pode ser feita com os moradores;

d) dimensão de orientação do comportamento organizacional (relação com o futuro):

1- A angústia de qual será o futuro dos formandos após o fim do curso, sobretudo direccionada para a formação de pequenas empresas (desleixando, um pouco, as outras possibilidades) como solução de emprego.

Em termos de diferenciações em relação à cultura do projecto, é importante referenciar que as distinções entre técnicos e monitores se refletem ao nível do discurso, que uns e outros produzem, dado que os segundos têm muito mais dificuldade em enunciar algumas das ideias chave acima expostas.

Assim, uma hipótese a aprofundar é a possibilidade de existência de duas culturas organizacionais diferentes neste projecto³²⁷. Uma mais próxima dos técnicos, e que acabámos de expor, e outra, menos elaborada e menos expressa ao nível discursivo, mais próxima dos monitores.

Esta última, pode nem sequer existir, como uma cultura do projecto, se os monitores se limitam a aplicar as representações sociais, que tinham anteriormente à sua entrada no projecto. Caso assim aconteça, não se pode dizer que adiram à dos técnicos ou que tenham uma subcultura eles próprios.

A principal conclusão a retirar é que os técnicos intervenientes no projecto de intervenção social no Bairro apresentaram, pelo menos numa fase inicial, um conjunto de representações sociais negativas sobre ele. É a consciência dos próprios deste estado das coisas que os levou: em primeiro lugar, a reconhecer a existência da "má fama" do Bairro na cidade e, em segundo lugar, a procurar melhorar a "imagem" deste.

³²⁷ O que, segundo Vala *et al.* p. 671, §2, é perfeitamente possível.

3- CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO DO BAIRRO

Este capítulo apresenta uma descrição sócio-demográfica dos moradores no Bairro a partir de duas fontes principais um inquérito por entrevista de perguntas fechadas e uma matriz de dados, ambas descritas com pormenor no primeiro capítulo desta segunda parte. Procurei descrever o perfil da população de forma a mostrar os aspectos particulares que esta assume.

Os resultados do inquérito são apresentados sob a forma de tabelas com percentagens e os da matriz de dados sobre a forma de gráficos e tabelas da Análise Factorial das Correspondências.

3.1- INQUÉRITO

Este estudo e incluiu 67 das 72 casas ocupadas no Bairro. Nos fogos inquiridos habitavam 444 indivíduos, o que correspondeu a uma média de 7 pessoas/fogo. Destes, em média 1, era o respondente, outro o cônjuge (constituindo como o casal titular do fogo), 4 os filhos e 1 era outro agente (geralmente parente próximo).

Esta caracterização global indica-nos a existência de sobrelotação nos fogos na medida em que todos têm entre 3 e 5 assoalhadas. Assim existe, em média, mais de uma pessoa por assoalhada, qualquer que seja o tipo de casa considerado.

Dois terços dos respondentes foram mulheres³²⁸. Muitas são domésticas.

Tabela 1
Sexo dos respondentes

	Respondente
Feminino	43
Masculino	24
Total	67

Em relação à idade, não se salientaram características dignas de nota, isto é, o grosso da população tem idades semelhantes, havendo poucos casos que se desviassem para as idades mais jovens ou mais velhas.

³²⁸ Uma situação previsível dado que é muito mais fácil encontrá-las em casa do que aos homens.

Tabela 2
Idade do respondente e do cônjuge

Cat.	Resp.	Resp. %
20-24	4	6
25-29	2	3
30-34	13	19.4
35-39	11	16.4
40-44	10	14.9
45-49	9	13.4
50-54	5	7.5
55-59	2	3
60-64	6	9
65-69	5	7.5
70-74	-	-
NS/NR	-	-
TOTAL	67	100

Há a constatar que esta não é uma população jovem, ao nível dos casais que detêm casas³²⁹, já que 91% dos respondentes e 82% dos cônjuges têm 30 ou mais anos (a maioria dos respondentes tem entre 30 e 54 anos, 71%, e a maioria dos cônjuges entre 30 e 44 anos, 60%).

Tabela 3
Escolaridade do respondente e do cônjuge

-	Respon.	Resp. %	Cônjuge	Cônj. %	Total	Total %
S/ escolaridade	11	16.4	10	17.3	21	16.8
1 ^a à 3 ^a clas.	18	26.9	14	24.2	32	25.6
4 ^a classe	24	35.8	22	37.9	46	36.8
1 ^o ou 2 ^o ano	6	9.0	5	8.6	11	8.8
7 ^o ou 8 ^o ano	3	4.5	3	5.1	6	4.8
9 ^o ano	3	4.5	1	1.7	4	3.2
10 ^o ano e +	1	1.5	1	1.7	2	1.6
NS/NR	1	1.5	2	3.5	3	2.4
Total	67	100	58	100	125	100

³²⁹ Ao tempo em que o inquérito foi feito estas eram de renda social, depois disso a Câmara Municipal tem desenvolvido esforços para vendê-las a preços simbólicos.

A agregação em categorias dos níveis de escolaridade atingidos pelos moradores do Bairro diferencia situações sociologicamente pertinentes, 42.4% não atinge a antiga escolaridade obrigatória (4ª classe), e a maioria, mais de dois terços, não vai além desta.

Salientámos, nas tabelas seguintes, os agentes cujos anos de escolaridade correspondem aos sucessivos anos do término da escolaridade obrigatória (4ª classe e 9º ano).

Em relação ao capital escolar constata-se que a 4ª classe é a categoria que regista um maior número de frequências, é o valor modal. A principal constatação é a baixa escolaridade dos agentes, pois 79.2% do total (respondente mais cônjuge) têm a 4ª classe ou menos, e nenhum tem mais do que o 11º ano incompleto (1 caso).

O escasso capital escolar é um indicador de uma baixa condição social objectiva.

Tabela 4
Cruzamento entre escolaridade e o sexo
para respondente e cônjuge em %

-	Feminino	Masculino
<= 4ª classe	83	75.7
> 4ª classe	15.2	24.1
NS/NR	1.5	0
Total	100	100

Os números indicam claramente que as mulheres apresentam uma escolaridade menor que os homens.

Tabela 5
Cruzamento entre a idade e a escolaridade do respondente

-	20/29	30/39	40/49	50/59	60/69	Total
<= 4ª classe	4.5	26.9	24	7.5	16.5	79.4
> 4ª classe	4.5	9	4.5	3	0	21
Total	9	35.9	28.5	10.5	16.5	100

A idade, quando cruzada com a escolaridade, mostra que os agentes mais idosos são menos escolarizados o que traduz a mudança nas normas da escolaridade obrigatória.

Os dados examinados até agora permitem constatar que a escolaridade dos agentes parece estar dependente do seu sexo (é

tendencialmente menor nas mulheres) e da idade (é maior nas gerações mais jovens).

As variáveis naturalidade e o tipo de habitat da morada anterior mostram a pouca mobilidade geográfica destes agentes.

Tabela 6
Naturalidade por concelho do respondente e do cônjuge

Concelho	Natural. respon.	Natural. respon. %	Natural. cônj.	Natural. cônj. %	Total	Total %
Lagoa	2	3	3	5	5	4
Nordeste	2	3	1	2	3	2.4
Ponta Delgada	48	72	42	72	90	72
Povoação	2	3	1	2	3	2.4
Ribeira Grande	3	4	4	7	7	5.6
Vila Franca C.	3	4	1	2	4	3.2
Outro (ilhas/continente)	5	7	3	5	8	6.4
NS/NR	2	3	3	5	5	4
Total	67	100	58	100	125	100

A grande maioria é natural do próprio concelho de Ponta Delgada e quase todos são naturais da ilha.

Tabela 7
Tipo de habitat do lugar de residência anterior do respondente

Habitat	Freq.	%
Urbano	38	57
Matriz	2	3
S. José	9	13
S. Pedro	27	40
Rural	29	43
Total	67	100

Antes de morarem no Bairro todos os respondentes residiam no concelho de Ponta Delgada. Destes mais de metade vivia nas freguesias que constituem a cidade.

Tabela 8
 Ocupação e profissões, por grandes grupos, segundo
 a classificação utilizada nos censos de 91

Profissões	Cônjuge	Respondente	Total	Total %
Doméstica	15	26	41	32.8
Prof. intelectuais e científicas	0	0	0	0
Prof. técnicas intermédias	0	1	1	0.8
Empregados administrativos	1	2	3	2.4
Prestadores de serv. de segurança, pesso. e domésticos e similares	11	13	24	19.2
Trabalhadores da agricultura e pesca	7	5	12	9.6
Trabalhadores das indústrias extractivas e transformadoras	15	7	22	17.6
Operadores e montadores de instalações industriais e máquinas	3	5	8	6.4
Trabalhadores não qualificados da agri. comércio e serviços	6	6	12	9.6
NS/NR	0	2	2	1.6
Total	58	67	125	100

A classificação acima utilizada foi adaptada da usada no censo de 91³³⁰.

No quadro conjunto (respondente e cônjuge) é fácil observar que a categoria mais importante, com 1/3 do total, é a das *domésticas* (estatuto não profissional), seguindo-se a dos *serviços de segurança, pessoais e domésticos*, estes são, sobretudo, empregados em empresas de segurança, mulheres-a-dias, empregados de balcão e de café, com 19.2% do total.

Seguem-se-lhes, de perto, os *trabalhadores das indústrias extractivas e transformadoras* com 17.6%. Estes são, sobretudo serventes pedreiros³³¹, pintores de construção civil, electricistas (2). Quer dizer, profissões ligadas à construção civil, sector onde a precariedade do posto de trabalho é alta e a cobertura da Segurança Social baixa.

Com 9.6% aparecem-nos dois grupos: os *trabalhadores da agricultura e pesca*, sobretudo estufeiros (nas estufas de ananáses) e os mergulhadores (pescadores) ambas as ocupações fortemente afectadas pela sazonalidade, e os *trabalhadores não qualificados da agricultura, comércio e serviços*, onde estão classificados os recolhedores de lixo, porteiros, cantoneiros, carregadores/descarregadores e coveiros.

³³⁰ Cf. Pedro Lima *et al.* - "Classificações de profissões nos Censos 91", *Sociologia: Problemas e práticas*, nº 10, 1991, pp. 43/66.

³³¹ Notemos que a condição de servente é diferente da de pedreiro no que diz respeito ao prestígio gozado junto do grupo de pertença e em relação à remuneração auferida.

Quer dizer, os habitantes do Bairro em estudo têm qualificações profissionais baixas, tal como tinham qualificações escolares baixas.

Os moradores do Bairro caracterizam-se por desempenhar profissões desqualificadas e de baixo estatuto. O que significa, quer directamente, quer através de uma baixa classe social, que é um elemento definidor de uma baixa condição social objectiva.

Infelizmente não nos foi possível obter os dados sobre o tipo de vínculo contratual que liga estas pessoas aos seus empregadores (já que as suas profissões são por conta de outrem), no entanto é visível que todos declaram uma profissão, significando que o desemprego, na altura em que o inquérito foi realizado, não era significativo entre os casais titulares das casas.

Os filhos³³² dos respondentes e cônjuges são 260 e distribuem-se da seguinte forma, em relação ao sexo e à idade:

Tabela 9
Distribuição dos filhos por sexo

-	Freq.	%
Feminino	130	50
Masculino	129	49.6
NS/NR	1	0.4
Total	260	100

Tabela 10
Distribuição de filhos por grupos de idade

	Freq.	%
0-4	37	14
5-9	44	17
10-14	71	27
15-19	51	20
20-24	28	11
25-29	10	4
30-34	6	2
NS/NR	13	5
Total	260	100

³³² Neste trabalho só foram considerados os filhos que residiam com o casal titular do fogo.

A distribuição por sexo não poderia ser mais equilibrada e, por isso, menos importante para a caracterização deste grupo.

Em relação à idade, salientamos que os agentes com mais de 24 anos são poucos (6% do total), distribuindo-se os restantes da seguinte forma: dos 0 aos 9 anos (31%); dos 10 aos 14 anos (27%) e dos 15 aos 24 anos (31%).

Tabela 11
Estados civil dos filhos

	Freq.	%
Solteiro	244	93.8
Casado	13	5.0
NS/NR	3	1.2
Total	260	100

A grande maioria dos filhos, residentes com os pais, são solteiros. O importante é que 13 de entre eles (5%) são casados. Quer dizer, em algumas habitações vive mais do que uma família, o que indicia mais uma vez, a sobrelotação dos fogos referida a propósito do número elevado de pessoas por fogo.

Tabela 12
Ocupação dos filhos

	Freq.	%	
Muito novo para andar na escola	53	20.5	
Anda na escola	105	40.5	
Inscrito mas não frequenta	1	0.4	empreg
Desempregado	14	5.4	14.2
Está em casa ³³³	30	11.6	30.3
Trabalha	55	21.2	55.5 100%
NS/NR	2	0.8	
Total	260	100	

³³³ Trata-se de uma categoria social (e não sociológica), correspondendo a raparigas solteiras em idade de casar que assumem o papel de domésticas, auxiliares das suas mães, embora não engeitando um possível emprego.

Em relação à ocupação dos filhos é visível que a grande maioria se encontra na sua trajetória escolar.

Existe um, também, numeroso grupo de agentes demasiado novos para andar na escola.

Apenas 5.4% se considera desempregado, no entanto, se pensarmos só nos que trabalham este número é bem maior, 14%.

Tabela 13
Escolaridade dos filhos

	Freq.	%
Idade pré-escolar	57	21.9
Analfabeto	4	1.5
1ª à 4ª classe	137	52.7
1º e 2º ano	36	13.8
7º ao 9º ano	21	8.1
10º ao 12º ano	2	0.8
NS/NR	3	1.2
Total	260	100

É de esperar que os agentes de gerações mais recentes tenham uma escolaridade maior do que os seus pais, dado que as oportunidades de acesso à educação são agora maiores.

O Estado encontra-se empenhado na obrigatoriedade de uma formação escolar mínima; fornecendo apoio económico às famílias com maiores dificuldades; A proibição de dar trabalho a menores de 16 anos tende a restringir severamente (mas não totalmente) as oportunidades de trabalho que estes têm, canalizando-os para a alternativa ocupacional que é a escola; O aumento geral do nível de vida torna o custo da escolaridade e a ausência de rendimento gerado por este durante os anos da sua escolaridade, mais suportável para as famílias mais pobres; Finalmente, a convicção generalizada de que a escola é importante para se ter um bom emprego também é um motivo, e dos mais importantes, para explicar a maior escolarização das gerações mais novas, embora com nuances importantes ao nível das classes sociais.

Mas será que isto corresponde a um salto do nível de escolaridade entre gerações, no caso concreto que estamos a estudar? É que as solicitações do espaço social em relação às qualificações escolares também aumentaram.

Tabela 14
Cruzamento entre a idade e a escolaridade (agregada)
dos filhos (reduzido à base 100)

	5/9 anos	10/14 anos	15/19 anos
Idade pré-escolar	25	-	-
Não escolarizado	2.3	-	-
1ª à 4ª classe	72.7	77.1	42
1º e 2º ano	-	12.9	30
7º ao 9º ano	-	5.7	20
10º ao 12º ano	-	-	4
NS/NR	-	4.3	4
Total	100	100	100

O quadro anterior parece indicar que escolaridades posteriores ao 9º ano são muito raras representando apenas 4% do total no grupo dos mais velhos (15-19 anos).

Tabela 15
Cruzamento entre a idade e a escolaridade (desagregada)
dos filhos (reduzido à base 100)

	5/9 anos	10/14 anos	15/19 anos
Idade pré-escolar	25	-	-
Não escolarizado	2.3	-	-
1ª classe	59.1	18.6	8
2ª classe	11.4	21.4	4
3ª classe	2.3	10	4
4ª classe	-	27.1	22
1º ano	-	11.5	10
2º ano	-	1.4	24
7º ano	-	2.8	8
8º ano	-	-	-
9º ano	-	2.9	12
10º ano	-	-	2
11º ano	-	-	-
12º ano	-	-	2
NS/NR	-	4.3	4
Total	100	100	100

No grupo etário dos 5 aos 9 anos não parece registar-se qualquer problema, mas esta é uma conclusão que devemos admitir com reserva, dado que, como já referimos, a variável idade está categorizada por grupos o que lhe retira algum poder discriminatório.

Já no segundo grupo podemos constatar diferenças significativas entre as escolaridades regulares e as reais³³⁴.

Neste grupo de idades os agentes com a 4ª classe ou menos são 77%. No mínimo, para estarem na trajectória escolar ideal, estes agentes teriam de ter completado a 4ª classe aos 10 anos e estar agora no 1º ano do ciclo preparatório (ou 1º ano do 2º ciclo na nova nomenclatura).

No grupo etário seguinte as diferenças entre a escolaridade real e regular são ainda mais acentuadas. Os agentes cuja escolarização aos 15 anos é menor que a escolaridade ideal (9º ano) representam 84% do total.

Tabela 16
Cruzamento entre sexo e a escolaridade dos filhos
(dicotomizado em relação à 4ª classe) em %

	Feminino	Masculino	Total parcial
< = 4ª classe	22.7	26.5	49.2
> 4ª classe	16.1	11.7	27.8
Total parcial	38.8	38.2	77

Tabela 17
Escolaridades mais elevadas por sexo

-	Feminino	Masculino
> = 9º ano	2.7	1.6

Sem dúvida que as raparigas têm maior escolaridade do que os rapazes. O que é o contrário da distribuição desta variável em relação aos pais. Estes dados podem reflectir uma mudança na atitude face à escola quer dos pais quer dos filhos.

³³⁴ A tabela de escolaridade regular (idade em que deve terminar cada ano escolar) é a seguinte:

Ano escolar	1ª	2ª	3ª	4ª	1º	2º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Idade	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18

O capital escolar dos filhos não se apresenta mais elevado do que o dos seus pais, mesmo tendo em conta que o seu percurso escolar, em muitos casos, não terminou. Os seus índices de insucesso escolar são muito elevados, o que é um indicador da baixa taxa de conversão do capital cultural familiar em capital escolar. Este insucesso incorpora-se na sua condição social objectiva, primeiro em comparação com os indivíduos da sua geração (na escola) e depois como fundamento para a ocupação de uma profissão escassamente qualificada e, por essa via, de uma classe social e uma condição social objectiva baixas.

Em relação a outros residentes no Bairro, a primeira constatação a retirar da tabela 18 é a heterogeneidade que este grupo comporta, o que não é de admirar, pois definimos esta categoria através de uma dupla exclusão: são todos os que não pertencem ao casal principal e que não são filhos destes.

Tabela 18
Parentesco com o respondente
dos outros residentes no fogo

-	Frequên.	%
Avós	1	1.7
Tios-avós	1	1.7
Pais	3	5.2
Tios	1	1.7
Irmãos	2	3.4
Filhos do cônj.	4	6.9
Genros/noras	13	22.4
Netos	25	43.1
Outro parentes.	7	12.1
Sem parentesco	1	1.7
Total	58	100

Esta tabela vem confirmar a existência de um número elevado de casais a viverem na residência dos pais de um deles com os respectivos filhos. Se a cada casal nesta situação corresponder um agregado então temos 20% dos agregados (13 casos de genros/noras) nestas condições.

Tabela 19
Estado civil dos outros residentes

-	Freq.	%
Solteiro	34	58.6
Casado	18	31
Divorciado	1	1.7
Viúvo	5	8.6
Total	58	100

Em relação ao estado civil pode constatar-se que a grande maioria é solteira (os netos têm aqui um peso fundamental). Havendo 18 agentes casados, o que é um número maior do que o de genros/noras e de filhos casados (13 em ambos os casos). Os 5 casos "a mais" podem referir-se a um parente em situação de separação de facto, mas sem capacidade económica para conseguir um divórcio. A existência de apenas um divorciado só é significativo pela sua raridade.

Em conclusão dos resultados do inquérito de 1992, podemos referir que a sobrelotação dos fogos, as baixas qualificações escolares e profissionais e o insucesso escolar dos mais jovens são indicadores da baixa condição social objectiva da população em presença.

3.2- MATRIZ DE DADOS

A Análise Factorial das Correspondências³³⁵ efectuada a partir da matriz de dados referida no capítulo sobre os instrumentos de observação, fornece uma visão de conjunto das modalidades das variáveis, permitindo, assim, verificar a existência de dois grupos com características diferentes no Bairro.

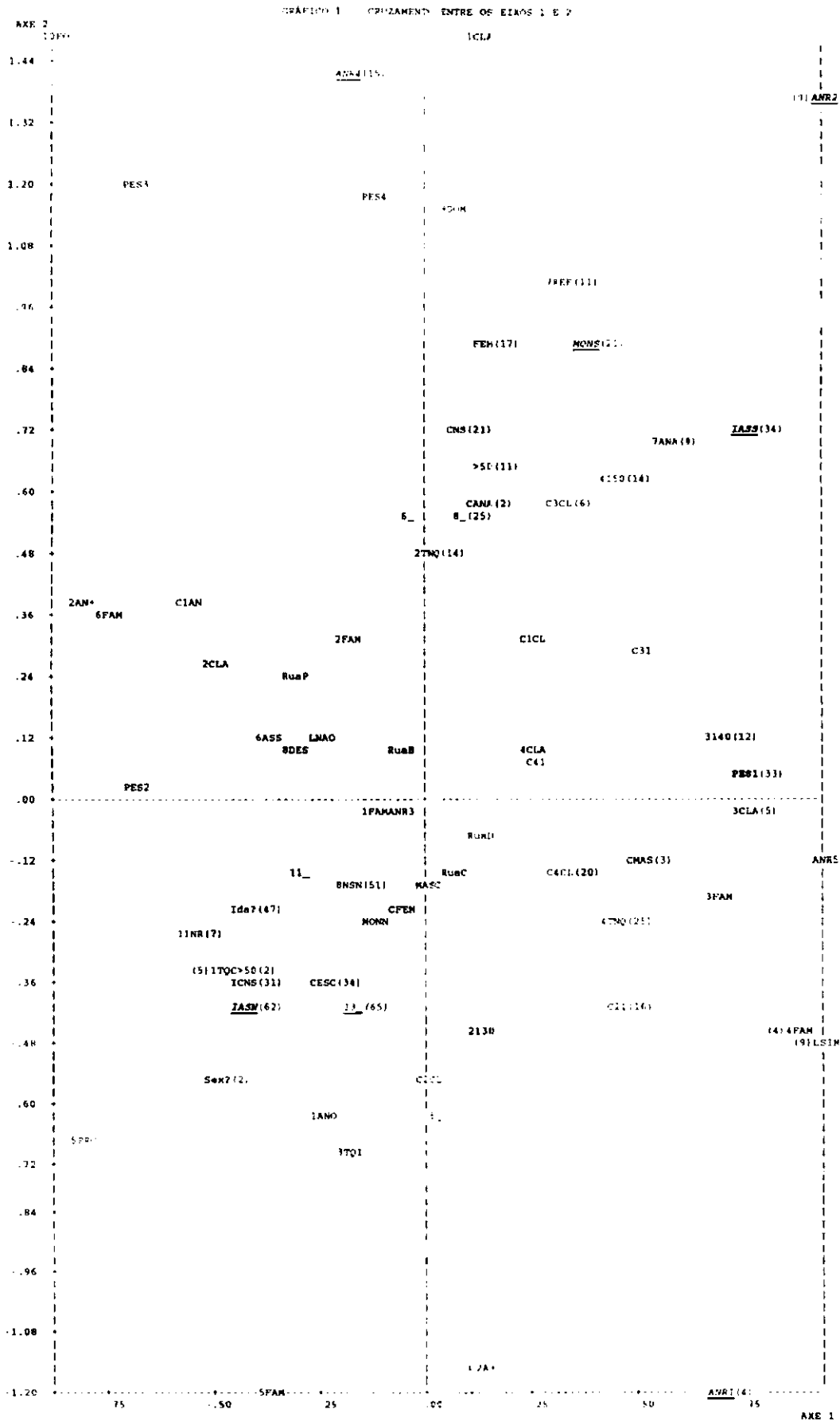
As variáveis activas e ilustrativas diferenciam-se na medida em que as primeiras estão em itálico e sublinhadas (para o eixo 1) e em negrito (para os eixos 2 e 3), as ilustrativas não têm efeitos gráficos. Os restantes elementos para as diferenciar podem ser encontrados nas tabelas contidas no anexo 3.

Analisando o gráfico factorial que resulta do cruzamento entre os eixos 1 e 2 (gráfico 1) é visível que as modalidades que têm contribuições acima da média os definem de forma muito semelhante.

Esta constatação ganha força se repararmos que a oposição que estrutura o eixo 1 Procurar apoio da Segurança Social/Não procurar a apoio (IASN/IASS)³³⁶ é a mesma que estrutura o eixo 2.

³³⁵ Como referido anteriormente o programa usado para a Análise Factorial das Correspondências foi o SPAD-N.

³³⁶ O dicionário das variáveis está em anexo.



LEGENDA DOS PLANOS ORTOGNAIS:
 EIXO 1 - ITÁLICO
 EIXO 2 E 3 - NEGRITO
 DOIS EIXOS AO MESMO TEMPO - ITÁLICO + NEGRITO

Mesmo assim, é possível identificar três grupos distintos entre a população do Bairro:

1- Grupo dos indivíduos que frequentam os serviços da Segurança Social e que têm baixas qualificações: localizado no quadrante superior direito, tendo como características ser constituído por famílias monoparentais (MONS) que recorrem à Segurança Social (IASS), As variáveis ilustrativas indicam tratar-se sobretudo de mulheres (FEM) com idades relativamente elevadas (>50 e 4150), trabalhadoras não qualificadas dos serviços (TNQ), isto é, empregadas domésticas e de limpeza, ou reformadas (7REF). A nível da escolaridade veja-se a associação deste grupo aos analfabetos (7ANA, CANA) e aos que têm a terceira classe (C3CL).

2- Grupo dos indivíduos que não recorrem à Segurança Social e mais qualificados: situa-se no quadrante inferior esquerdo e constitui-se como o grupo oposto ao anterior.

As informações que temos sobre o grupo são, sobretudo, a informação negativa que é a não frequência da Segurança Social (IASN) e a falta de informação, que é um dado importante por si só (11_, 8NSN, Ida?, 11NR, ICNS, CESC e Sex?), resultante, sobretudo, do facto dos seus membros não apresentarem os problemas sociais invocados pelas nossas fontes em relação aos outros grupos (13_) que, conjuntamente com a modalidade IASN estrutura todo o grupo.

Assim, a relativa falta de informação transcende, quanto a nós, a mera questão da qualidade dos dados, dada a coerência que apresenta assume um significado importante no âmbito desta análise. O grupo em questão é constituído por indivíduos virtualmente invisíveis para a maioria das nossas fontes de informação.

3- Finalmente, no canto inferior direito encontramos um grupo intermédio entre os dois anteriores, embora mais próximo do primeiro.

Estrutura-se a partir da existência de alguns casos de quatro famílias nucleares a residir num mesmo fogo (4FAM) e, sobretudo, por aqui se encontrarem os Laneiros (LSIM).

Esta última característica merece-nos uma explicação mais pormenorizada.

Laneiros é a alcunha³³⁷ atribuída a uma família residente no Bairro, constituída por uma extensa parentela (irmãos, sobrinhos, filhos e netos) distribuída por 4 ou 5 fogos, ainda aumentada por uma pequena rede de casamentos com outros moradores, fundadora de cumplicidades ao nível relacional (com sogros, genros e noras).

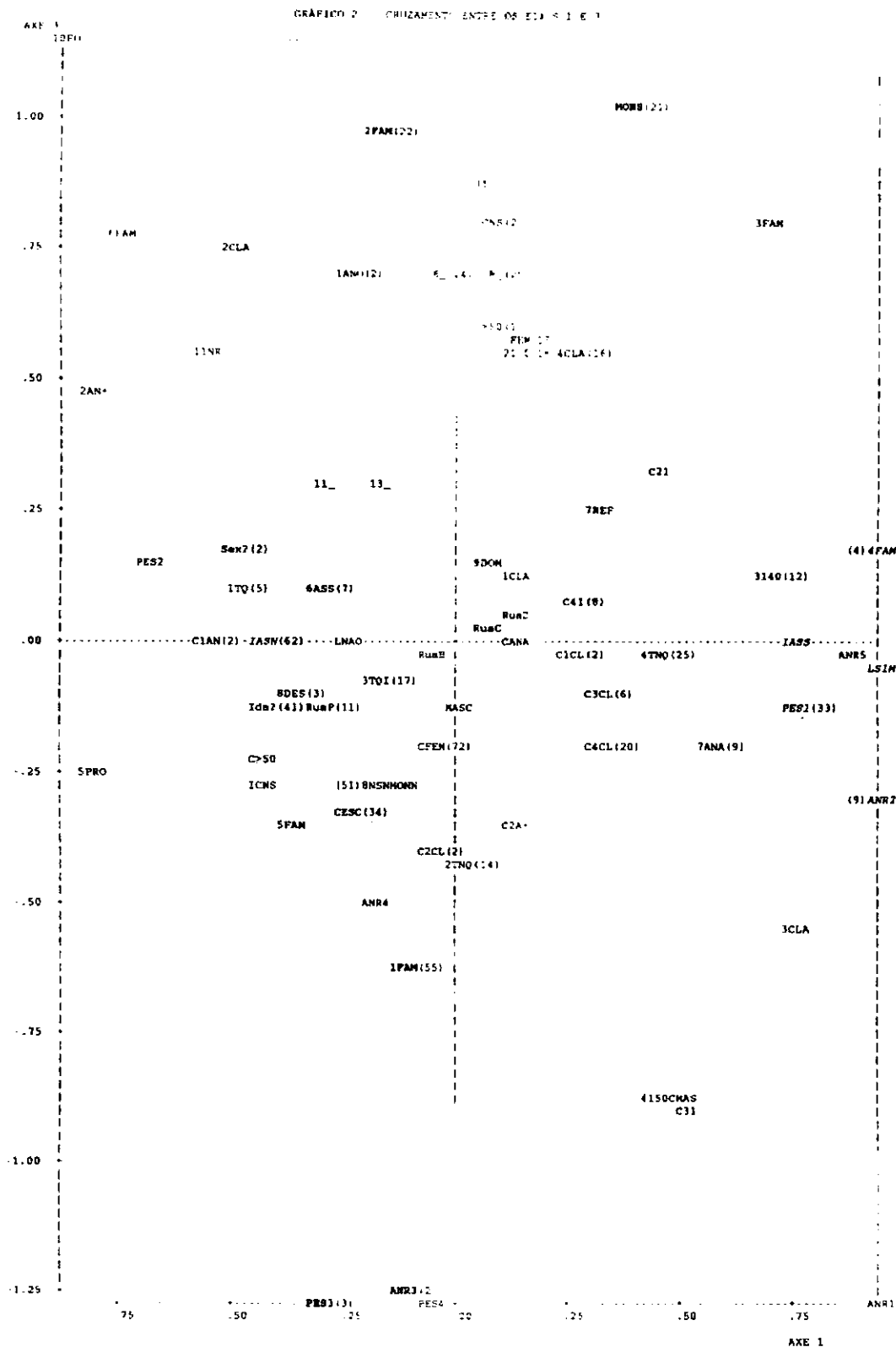
A sua importância não se deve só ao seu número, pois exercem uma considerável influência sobre todo o Bairro, quer através do controle social da vizinhança, quer através da ameaça latente de alguma violência física.

Todas as fontes foram unânimes em referir-me o papel estruturador que esta família extensa joga ao nível social (em sentido amplo) no Bairro, desde as testemunhas privilegiadas até aos moradores do Bairro (nas entrevistas exploratórias e semidirectivas) com a óbvia excepção dos próprios.

Em termos de variáveis ilustrativas, o grupo em questão caracteriza-se por estar associado a indivíduos com a quarta classe (4CLA), a trabalhadores não qualificados da indústria (4TNQ) e, ainda, a idades dos cônjuges relativamente baixas (C21, de 21 a 30 anos).

A análise do plano que cruza os eixos 1 e 3 vem esclarecer alguns pormenores.

³³⁷ Para proteger a privacidade dos indivíduos a alcunha foi alterada.



Se já sabíamos que o eixo 1 se estruturava em torno da oposição entre os que recorrem ao apoio da Segurança Social e aqueles que não recorrem (IASS/IASN), o eixo três estrutura-se a partir do número de

famílias nucleares por fogo (1FAM/2FAM), sendo, por isso, o eixo do número de famílias por fogo.

Neste gráfico continuam a distinguir-se os grupos acima referenciados, embora com algumas diferenças.

O grupo mais despossuído aproxima algumas das suas características ao grupo intermédio, confirmando, assim, a proximidade do segundo ao primeiro.

O grupo sem problemas sociais divide-se em dois subgrupos, um estruturado à volta da não procura da Segurança Social (IASN) e o outro à volta da existência de uma família por habitação (1FAM).

A análise de classificação pós-factorial confirma estas constatações através da divisão da população em três classes. Permitindo, ainda, saber quais os quantitativos dos três grupos.

Com efeito, é possível verificar que as modalidades que definem o primeiro grupo, o mais numeroso com um total de 58 famílias, se caracterizam mais pela ausência de informação do que por qualquer outra coisa.

A característica mais marcante é a ausência de anormalidades detectadas pelas nossas fontes de informação (Anormali-reponse manquante, com um valor teste de 8.14) seguida da característica não recorrem aos serviços da Segurança Social (IAS Não com um valor teste de 4.4) e da modalidade não pertencem ao grupo dos Laneiros (Laneiros não com 3.66) e, com menos importância na definição do grupo, surge a ausência de informação sobre a idade (2.44 de valor teste).

As categorias contra as quais o grupo se define são: a desestruturação familiar (desestr familiar, com um valor teste de -5.17), a frequência dos serviços de acção social (IAS sim com -4.40) e, finalmente, os problemas de saúde (prob saúde) e a característica de se pertencer aos Laneiros (Laneiro) ambas com um valor teste de -3.66.

O segundo grupo, com 27 casos, apresenta-se quase como a antítese do primeiro, pois as categorias que o caracterizam são as inversas das que definem o grupo anterior. Assim, este grupo é, sobretudo, definido a partir da desestruturação familiar (desestr familiar com um valor teste de 6.32), dos problemas de saúde (prob saúde com 4.49) e, em menor grau, pelo recurso aos serviços da Segurança Social (IAS sim com 3.25).

As modalidades opostas a este grupo são as que mais fortemente caracterizam o anterior: o não recorrer à Segurança Social (IAS não, com um valor teste de -3.25) e, sobretudo, a ausência de problemas sociais apontados às famílias (Anormali reponse manquante com -8.41).

Finalmente, existe um grupo muito menos numeroso, com apenas 11 casos, caracterizado por os seus elementos serem Laneiros (com 6.49 como valor teste) e por 4 famílias nucleares (pais e respectivos filhos solteiros) habitarem cada fogo (4 famil hab, 3.72). É, ainda, possível caracterizá-los a partir da esfera do trabalho pois o desemprego (valor teste de 2.63) e o facto de serem trabalhadores não qualificados da indústria (N. Qual. Ind., 2.51) são modalidades a ter em conta.

Em termos de contra o que se definem, a única modalidade retida na análise de classificação é a Não Laneiros (com um valor teste de -6.49), precisamente a antítese da sua categoria mais forte.

Como conclusão pode-se referir que o Bairro não é homogéneo, apresentando diversidade em relação às características sócio-demográficas que foi possível recolher e reunir na matriz de dados construída para o efeito.

Como referi e está condensado na tabela abaixo, as diferenças entre os dois primeiros grupos estão claramente marcadas, sendo atravessados pela existência ou não de problemas sociais apontados pelas nossas fontes e pelo recurso ou não aos serviços da Segurança Social.

O terceiro grupo aparece fortemente identificado com a pertença aos Laneiros, o que não obsta a que esteja mais próximo do segundo do que do primeiro, na medida em que apresenta problemas de sobrelotação dos fogos, desemprego e ocupações com baixas qualificações profissionais, além de que a única característica contra a qual se define é a antítese da sua categoria mais forte e uma característica do primeiro grupo (não ser laneiro).

Assim sendo, a possibilidade de se encontrarem diferentes tipos de estratégias entre os habitantes do Bairro para fazer face a representações sociais negativas sobre este e a condições sociais objectivas semelhantes ganha contornos mais nítidos.

DIVISÃO DA ÁRVORE EM TRÊS CLASSES

DESCRIPTION SOMMAIRE

CLASSE	EFFECTIF	POIDS	CONTENU
bb1b	58	58.00	1 A 4
bb2b	27	27.00	5 A 8
bb3b	11	11.00	9 A 10

MODALITES CARACTERISTIQUES

IDEN ----- POURCENTAGES ----- POIDS V.TEST PROBA
CLA/MOD MOD/CLA GLOBAL

CLASSE 1 / 3

		bb1b	60.42	58				
ANORMALI	reponse manquante	13_	87.69	98.28	67.71	65	8.14	.000
IAS	IAS NAO	IASN	77.42	82.76	64.58	62	4.40	.000
LANEIRO	NAO LANEIRO	LNAO	66.67	100.00	90.63	87	3.66	.000
IDADE_REP1	NS-NR	Ida?	75.61	53.45	42.71	41	2.44	.007
IDADE_REP1	41 A 50 ANOS	4150	21.43	5.17	14.58	14	-2.92	.002
IDADE_CON1	CONJ. 31 A 40 ANOS	C31	20.00	5.17	15.63	15	-3.19	.001
LANEIRO	LANEIRO	LSIM	.00	.00	9.38	9	-3.66	.000
ANORMALI	PROB SAUDE	ANR2	.00	.00	9.38	9	-3.66	.000
IAS	IAS SIM	IAS8	29.41	17.24	35.42	34	-4.40	.000
ANORMALI	DESESTR FAMILIAR	ANR4	.00	.00	15.63	15	-5.17	.000

CLASSE 2 / 3

		bb2b	28.13	27				
ANORMALI	DESESTR FAMILIAR	ANR4	100.00	55.56	15.63	15	6.32	.000
ANORMALI	PROB SAUDE	ANR2	100.00	33.33	9.38	9	4.49	.000
IAS	IAS SIM	IAS8	50.00	62.96	35.42	34	3.25	.001
IDADE_REP1	41 A 50 ANOS	4150	64.29	33.33	14.58	14	2.80	.003
IAS	IAS NAO	IASN	16.13	37.04	64.58	62	-3.25	.001
ANORMALI	reponse manquante	13_	1.54	3.70	67.71	65	-8.41	.000

CLASSE 3 / 3

		bb3b	11.46	11				
LANEIRO	LANEIRO	LSIM	100.00	81.82	9.38	9	6.49	.000
FAM_HAB	4 FAMIL HAB	4FAM	100.00	36.36	4.17	4	3.72	.000
ANORMALI	DESEMPREGO	ANR1	75.00	27.27	4.17	4	2.63	.004
PROF_REP	N. QUAL. IND.	4TNQ	28.00	63.64	26.04	25	2.51	.006
LANEIRO	NAO LANEIRO	LNAO	2.30	18.18	90.63	87	-6.49	.000

Dicionário da análise factorial das correspondências

RUA1

RuaB -RUA B

RuaC -RUA C

RuaD -RUA D

RuaP -RUA PRINCIPAL

IDADE_REP1- idade do representante do lar

2130 -21 A 30 ANOS

3140 -31 A 40 ANOS

4150 -41 A 50 ANOS

>50 -+ DE 50 ANOS

Ida? -NS-NR

SEXO_REP

MASC- ...Masculino

FEM -Feminino

Sex? -SEXO NS NR

PROF_REP profissão do representante do lar

1TQ trabalhador qualificado dos serviços

2TNQ trabalhador não qualificado dos. serviços

3TQI trabalhador qualificado da indústria

4TNQ trabalhador não qualificado da indústria.

5PRO proprietário de pequeno comércio

6ASS assalariado da agricultura e pescas.

7REF Reformado

8DES Desempregado.

9DOM Doméstica

10FO Formando de curso for. prof.

(remunerado)

11NR

ESCOLA_REP escolaridade do representante

1CLA -1ª CLASSE

2CLA -2ª CLASSE

3CLA -3ª CLASSE

4CLA -4ª CLASSE

1ANO -1º ANO

2AN+ -2º ANO E +

7ANA -ANALFABETO

8NSN -NS/NR

IDADE_CON1 idade do conjuge

C21 -Conjuge. 21 A 30 ANOS

C31 -CONJ. 31 A 40 ANOS

C41 -CONJ. 41 A 50 ANOS

C>50 -CONJ. > 50 ANOS

ICNS -CONJ. NSNR

SEXO_CON sexo do conjuge

CMAS -Conjuge do sexo masculino

CFEM -COJ. FEM.

CNS -CONJ. NS

PROF_CON profissão do conjuge

C1QS trabalhador qualificado dos serviços.

C2NQ trabalhador não qualificado dos. serviços

C3QI trabalhador qualificado da indústria.

C4NQ trabalhador não qualificado da indústria.

N_FILHOS

1FIL - um filhi

2FIL

3FIL

4FIL

5FIL

6FIL

7FIL

8FIL

9FIL

10F1

11F1 - onze filhos

N_OUT número de outros residentes

OUT1 -um outro residente

OUT2 -dois outros residentes

LANEIRO

LSIM -Laneiro

LNAO -nao Laneiro

IAS frequenta(ou) serviços assistência social

IASS -IAS SIM

IASN -IAS NAO

PESS_PRO pessoas formação profiss./ fogo

PES1 -1 PESS PROJ

PES2 -2 PESS PROJ

PES3 -3 PESS PROJ

PES4 -4 PESS PROJ

FAM_HAB número de familias por habitação

1FAM -1 FAMÍLIA POR HABITAÇÃO

2FAM -2 FAMIL HAB

3FAM -3 FAMIL HAB

4FAM -4 FAMIL HAB

5FAM -5 FAMIL HAB

6FAM -6 FAMIL HAB

ANORMALI problemas identificados fontes

ANR1 -DESEMPREGO

ANR2 -PROBLEMAS DE SAÚDE

ANR3 -DESAPROVAÇÃO DO BAIRRO

ANR4 -DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR

ANR5 -MENDICIDADE

MONOPARENT familias monoparentais

MONS -MONOPARENTAL SIM

MONN -MONOPARENTAL NAO

ESCOLA_CON escolaridade do conjuge

C1CL -CONJUGE COM A 1ª CLASSE

C2CL -CONJ. 2ª CLASS

C3CL -CONJ. 3ª CLASS

C4CL -CONJ. 4ª CLASS

C1AN -CONJ. 1º ANO

C2A+ -CONJ. 2º ANO E +

CANA -ANALFABETO

CESC -NSNR

C5PR proprietário de pequeno comércio.
C6AS assalariado da agricultura e pescas.
C7RE Reformado.
C8DE Desempregado.
C9DO Doméstica.
C10F Formando de curso for. prof. (remunerado).
C11N CONJ. NS.NR

4- MODELOS DE REPRESENTAÇÕES

Partindo do modelo de análise que orientou o trabalho de campo e, particularmente, o questionamento dos entrevistados, chegámos a um número relativamente reduzido de isotopias (quatro). Estas produzem, em alguns casos, vários modelos alternativos.

Como referi anteriormente, realizei 20 entrevistas (excluindo as 5 preparatórias), sendo que a informação foi recolhida em situação de entrevista, como tal, numa situação de interacção social que se caracteriza por ter condicionantes que podem afectar a informação recebida. Com efeito, como vimos no primeiro capítulo da primeira parte, uma das principais críticas feitas a Oscar Lewis diz respeito aos efeitos perversos que as situações de entrevista em que recolheu a sua informação tiveram sobre esta, distorcendo-a.

Para conseguir minimizar os constrangimentos que a situação de entrevista pode causar respostas dos entrevistados procurei, por um lado, encontrá-los no seu ambiente familiar, as suas residências, tanto mais que a experiência das entrevistas exploratórias tinha demonstrado que outro local era insatisfatório, insistindo, por outro lado, na confidencialidade das entrevistas em geral e em relação ao projecto de intervenção social em particular num esforço para obter respostas sinceras, dado que alguns dos entrevistados me identificavam como avaliador do projecto.

Em relação ao gravador de bolso, a maioria dos respondentes intimidou-se mas, com uma ou duas excepções, pareceram esquecer-se dele à medida que a conversa foi decorrendo, em todo o caso, só registei uma recusa em efectuar a entrevista, precisamente por causa da presença do gravador.

Inicialmente não prevíamos que os jovens e as crianças fossem objecto de tanta atenção por parte dos entrevistados, assim como os cursos de formação profissional (Now e Horizon) proporcionados pela paróquia a alguns residentes.

No entanto, por ter sido assim e, sobretudo, dada a pertinência para a minha temática das associações e disjunções que os entrevistados fizeram em torno destas optei por agrupar a informação em duas isotopias.

Decidi, numa primeira fase, elevar o nível de agregação dos gráficos obtidos nos modelos, sempre que possível, de forma a atingir uma maior abstracção para salientar, ainda mais, as associações e disjunções importantes para este trabalho, quando isso acontece. as expressões condensadoras estão entre aspas.

Em termos mais prático relembro que o que vem entre parêntesis rectos está implícito no discurso, as tiras a partir das quais construí os gráficos são apresentadas em anexo.

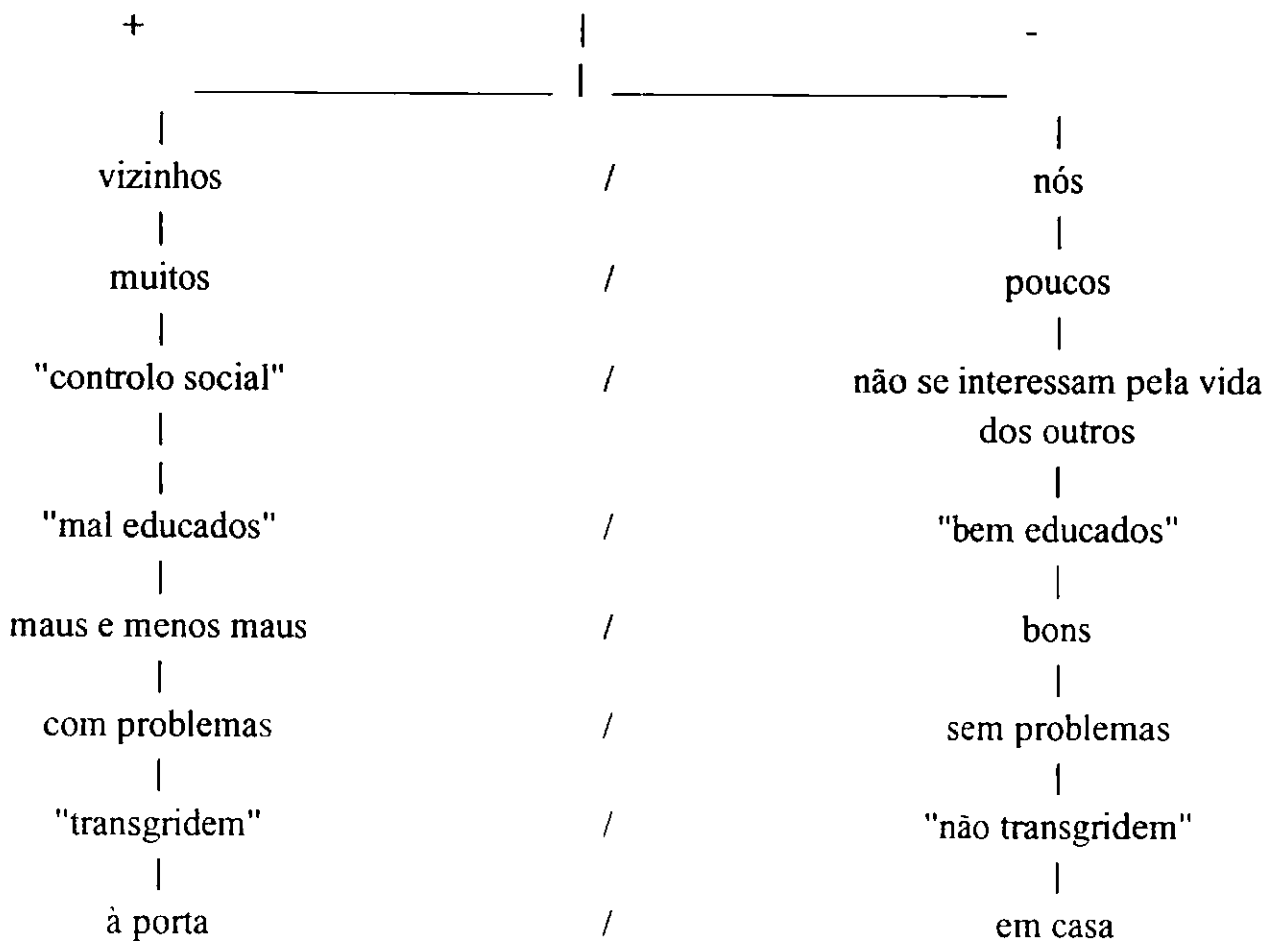
a) Identidade

A primeira isotopia diz respeito à questão da identidade, na medida em que estratégias de distinção social face a outros agentes com condições sociais objectivas semelhantes faz parte do movimento de construção de uma identidade social. Como dissemos no enquadramento teórico, uma "identidade" implica um movimento de diferenciação dos outros e um movimento no sentido de pertença³³⁸.

GRÁFICO 1

Identidade

relacionamento com os vizinhos



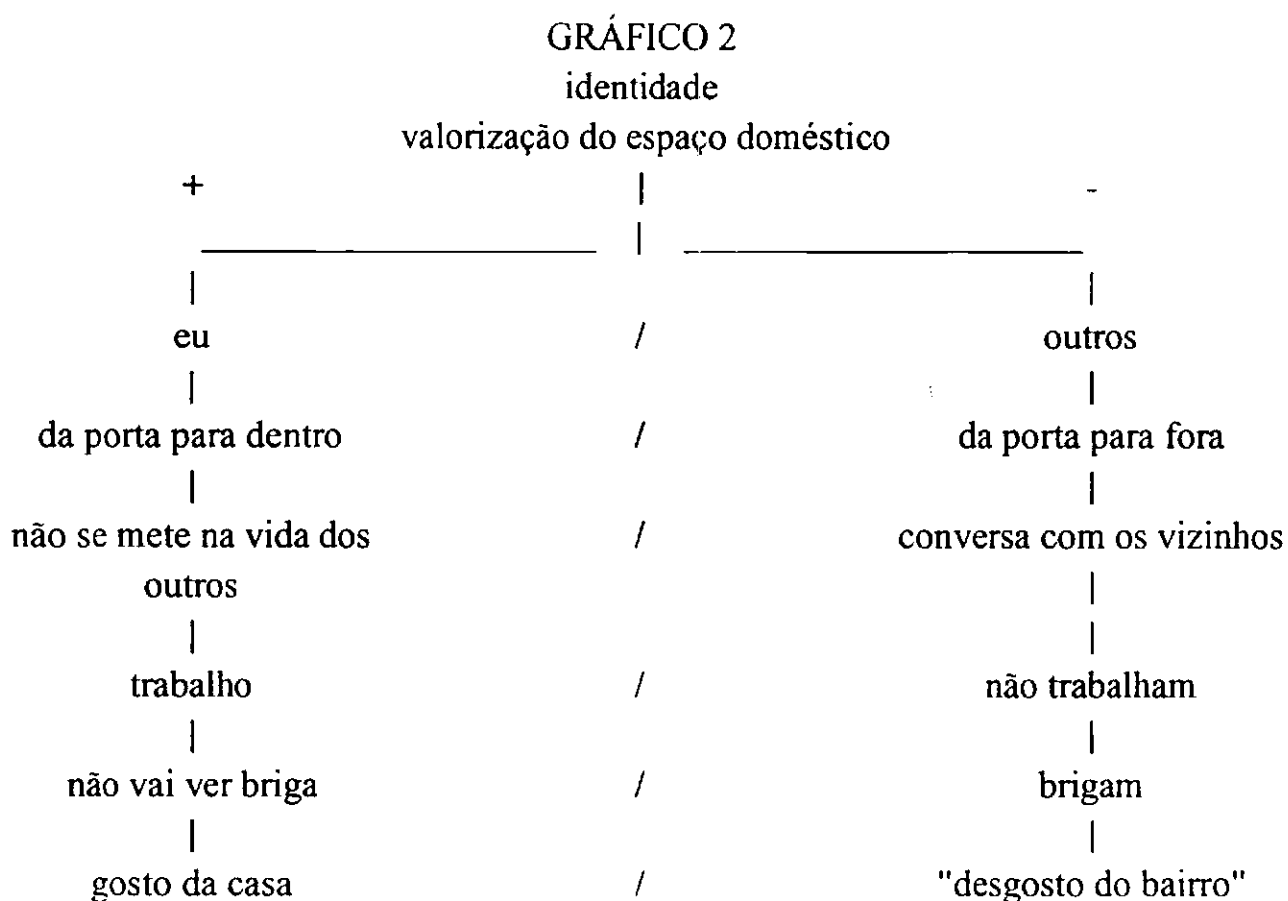
Neste modelo, representado no primeiro gráfico, notemos o esforço de distinção face aos vizinhos que são, sobretudo, associados a características negativas com ênfase no controlo social que estes, com destaque para as mulheres, fazem sob os respondentes através da má

³³⁸ Madureira Pinto, 1991, p. 218.

língua e do controlo da rua, a partir da porta de casa, esta última desvalorizada, por oposição a "em casa".

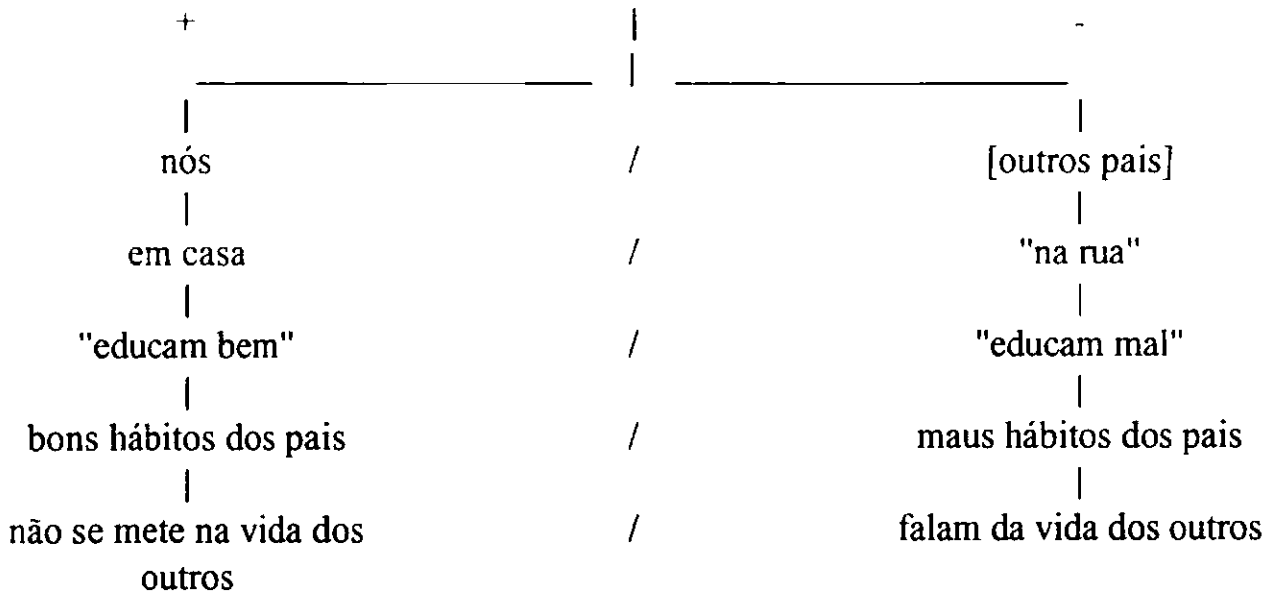
Outra forma de desvalorização atribuída aos vizinhos tem a ver com a transgressão das regras sociais, quer estas digam respeito à educação, na categoria "mal educados", quer digam respeito a transgressões mais graves, das leis, na categoria "transgridem".

Variações, ou sub-modelos deste, são os que se apresentam de seguida:



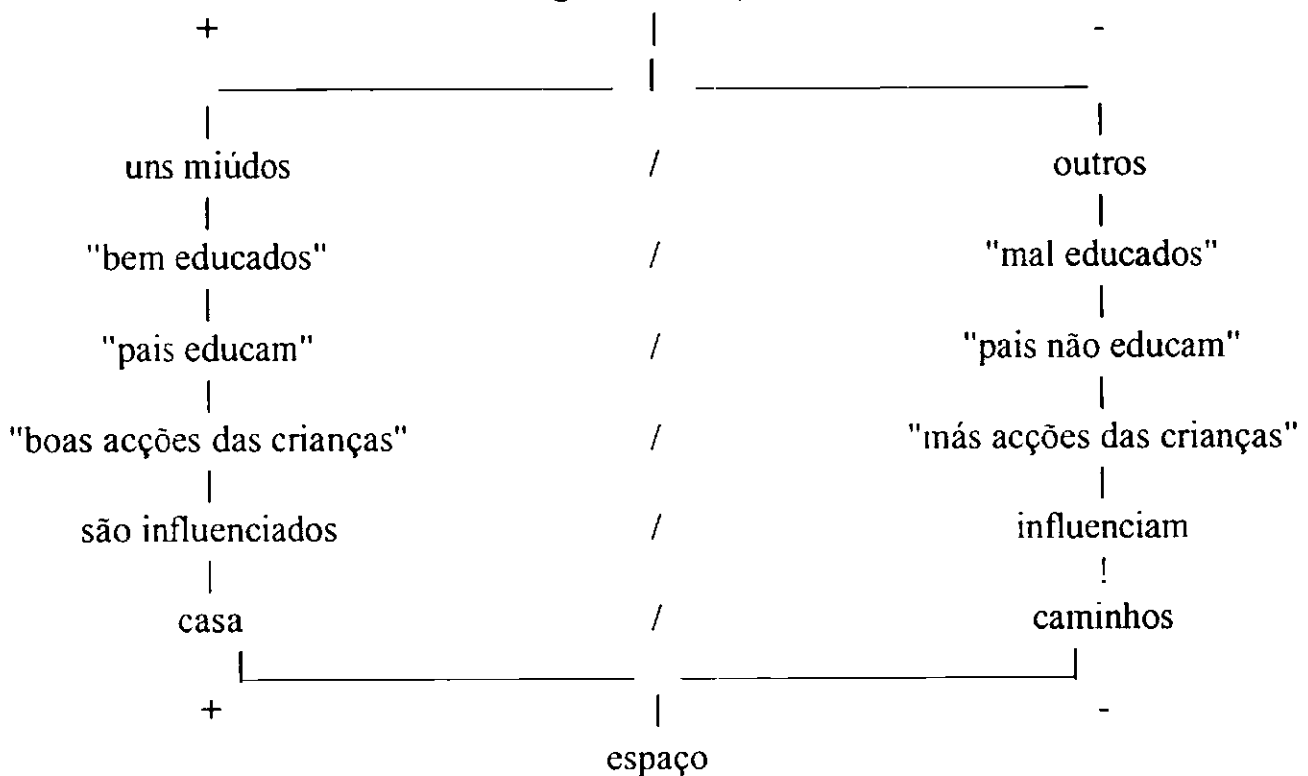
Neste caso, salienta-se a confirmação da valorização de si associada ao espaço privado, ao espaço doméstico, por oposição à rua, local do controlo social da vida dos outros, das brigas e das conversas ociosas associadas aos vizinhos.

G. 3
 identidade
 educação dos filhos



Notemos os códigos recorrentes nos modelos da isotopia identidade: "educam bem/educam mal"; "filhos em casa/filhos no caminho" (em complemento ao código "casa/rua"); "não se mete na vida dos outros/falam da vida dos outros" (é o mesmo código que "controlo social/não se interessam pela vida dos outros").

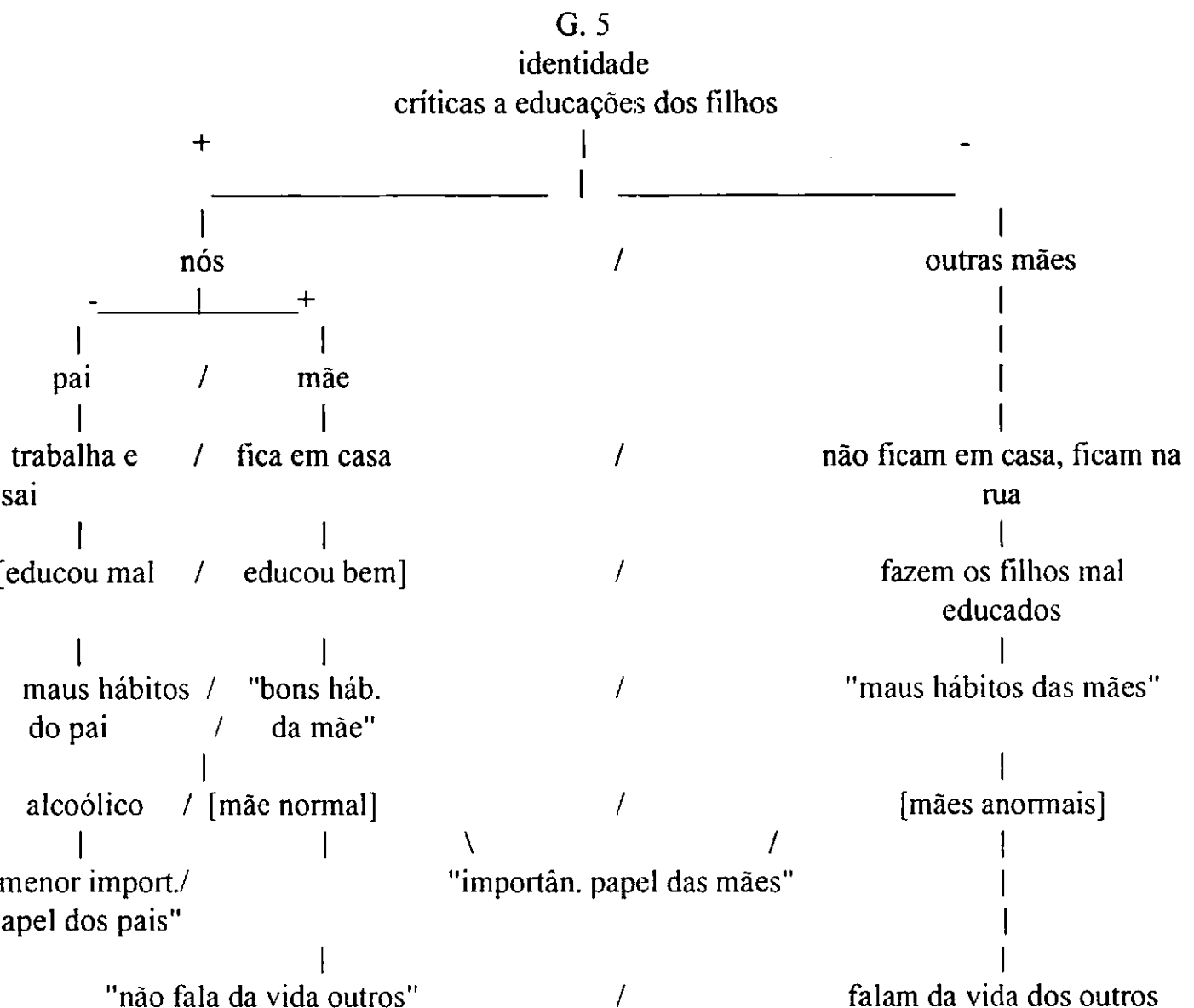
G. 4
 identidade
 críticas a algumas crianças do Bairro



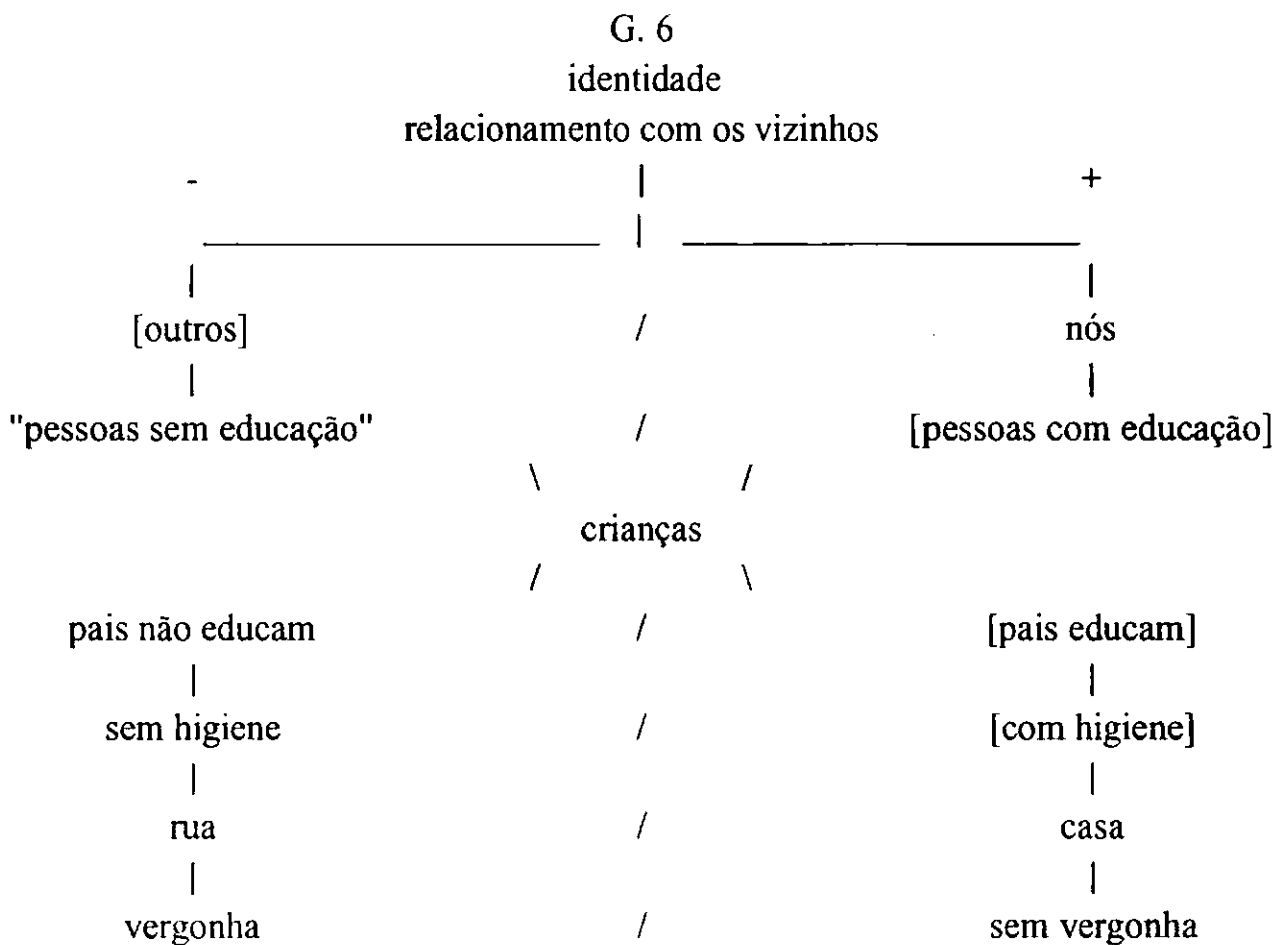
Neste esquema, que relaciona duas isotopias, é visível que as associações e disjunções baseadas no código "nós/vizinhos" aparecem da mesma forma.

Assim, é visível a associação de "uns miúdos" ao espaço doméstico valorizado ("casa"), à boa educação (destes e dos seus pais); enquanto que "outros" estão associados aos "caminhos" à má educação (incluindo o facto dos pais não os educarem) e às "más acções das crianças".

É de salientar a questão da influência de uns sobre os outros ("são influenciados/influenciam") na medida em que este código revela medo desta influência e revela uma certa desculpabilização de uma parte dos indivíduos em questão, considerando-os vítimas de «desencaminhamento» por parte dos outros.



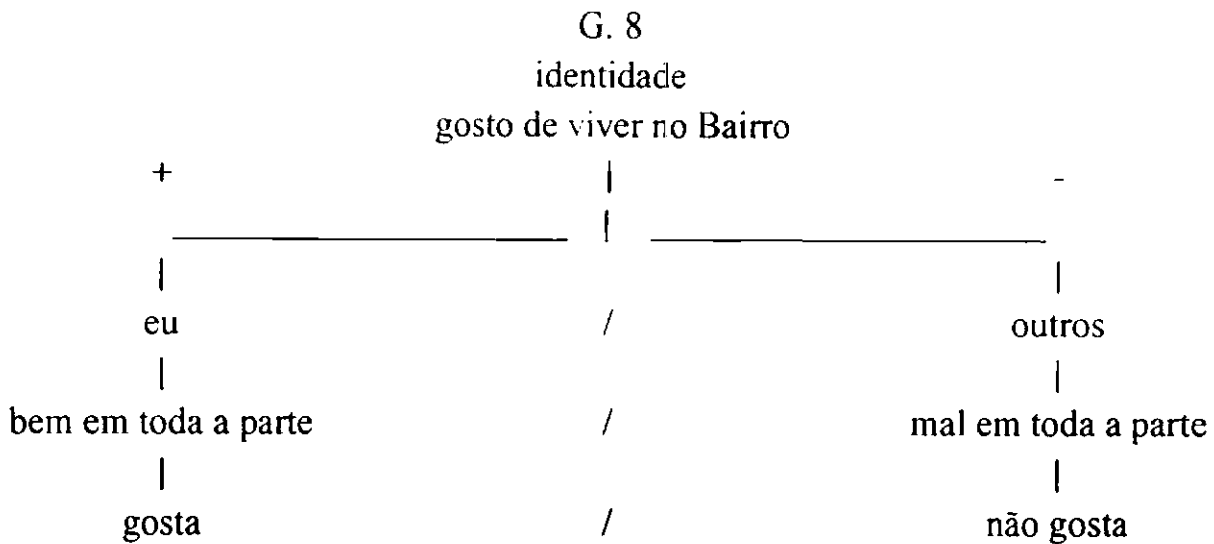
Optámos por apresentar este modelo alternativo apesar de ser retirado de apenas uma entrevista, dado o seu interesse. Assim, diferencia-se do anterior por dois aspectos essenciais: em primeiro lugar porque a mãe demarca-se do pai usando os mesmos processos de distinção que usa em relação às vizinhas, isto é, valoriza-se desvalorizando o papel do pai e, em segundo lugar, é neste modelo que surge de forma mais explícita a referência às mulheres como principais protagonistas do controlo social da vizinhança através da presença no desvalorizado espaço da rua³³⁹.



Outra forma de crítica aos vizinhos é a que junta a questão da higiene aos factores já observados.

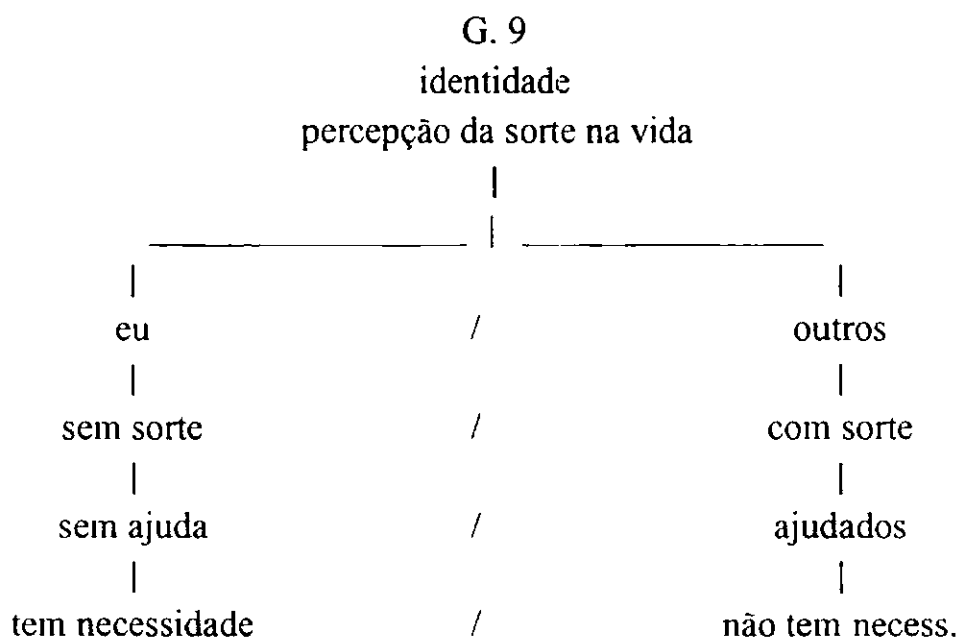
Existem, no entanto, alguns que recusam a crítica à vizinhança:

³³⁹ Cf. Ana Nunes de Almeida, 1985, p. 16, §3 a propósito de um bairro de barracas em Lisboa refere-nos a importância da rua como local de lazer para mulheres e crianças, na p. 36 a autora indica-nos que, ao nível dos valores, a mulher está reservada à casa e o homem ao exterior, embora na prática esta tem um grande contacto com a rua.

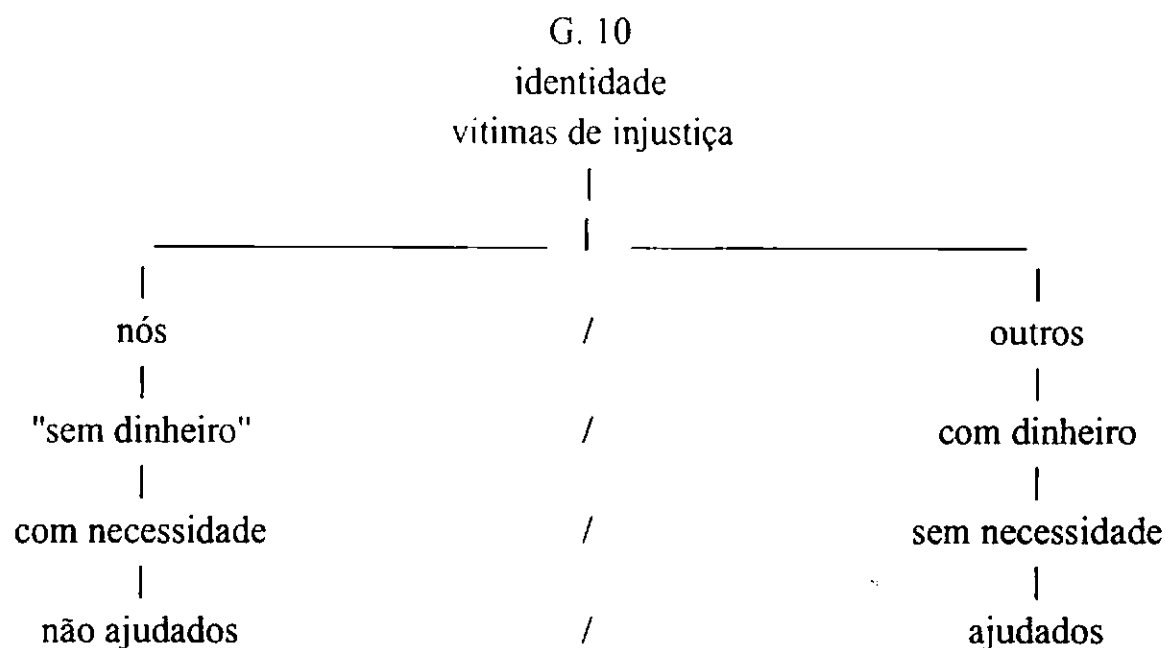


Esta variante do que acima ficou dito permite confirmar a ideia de que alguns entrevistados procuram defender o Bairro, colocando o ónus de desvalorização, não neste, mas em "outros" residentes que estão "mal em toda a parte".

Dentro desta isotopia um outro conjunto de modelos respeitantes à identidade dos agentes está relacionado com a percepção de si, e do bairro, como pobres necessitando de ajuda e sendo vítimas de injustiças e da má sorte. Ou seja, este segundo grupo de gráficos apresenta claramente estratégias conformistas.

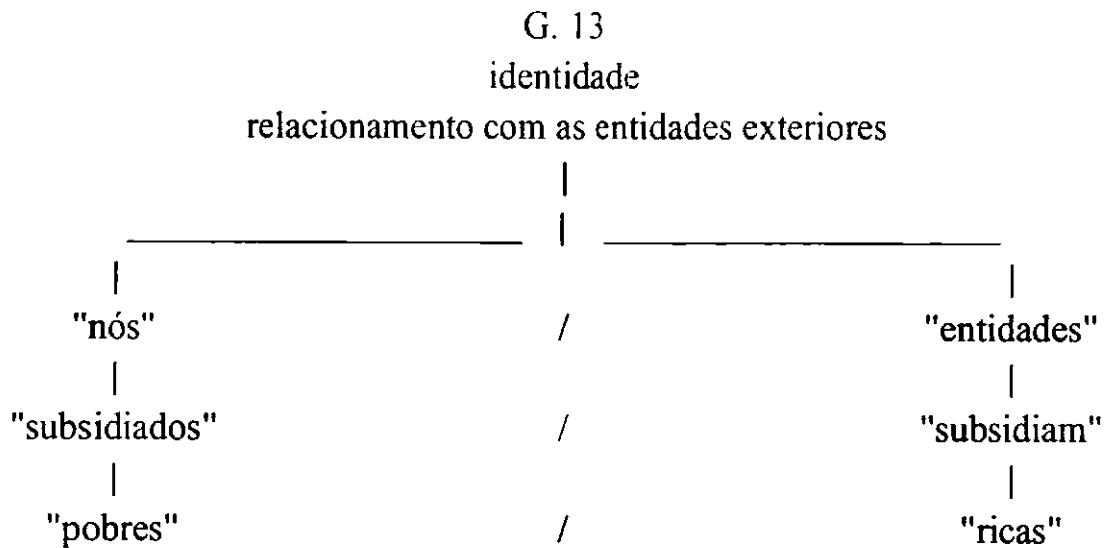


A injustiça de que se sentem vitimados é visível na atribuição que fazem a si próprios de má sorte na vida, com necessidades e não ajudados, por oposição a outros residentes com sorte na vida porque são ajudados sem precisarem.

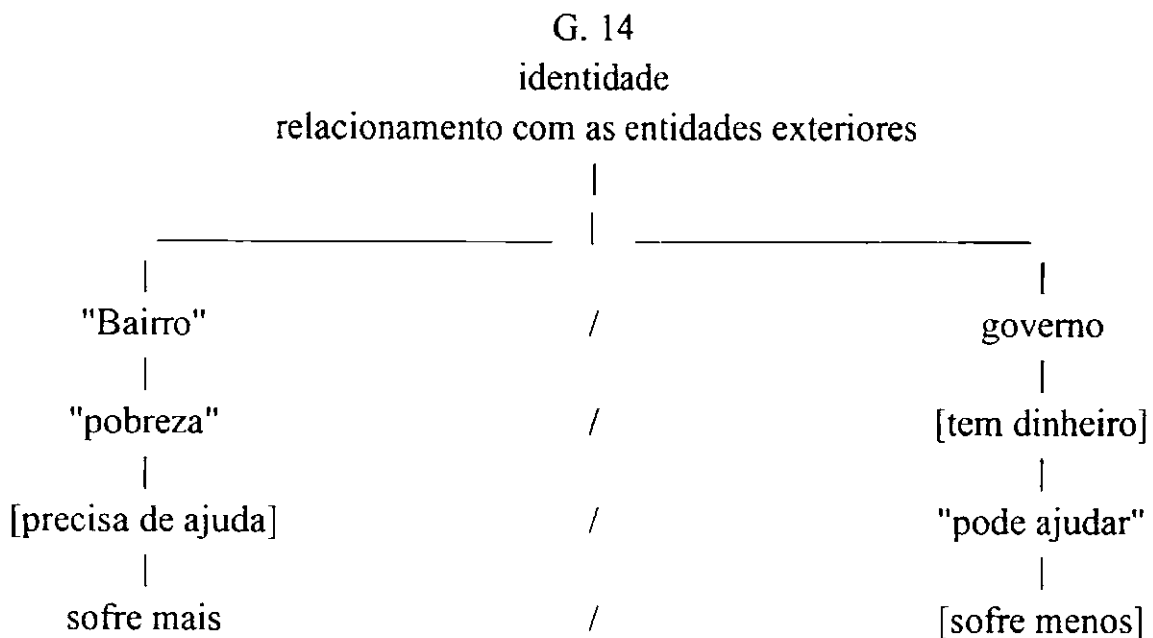


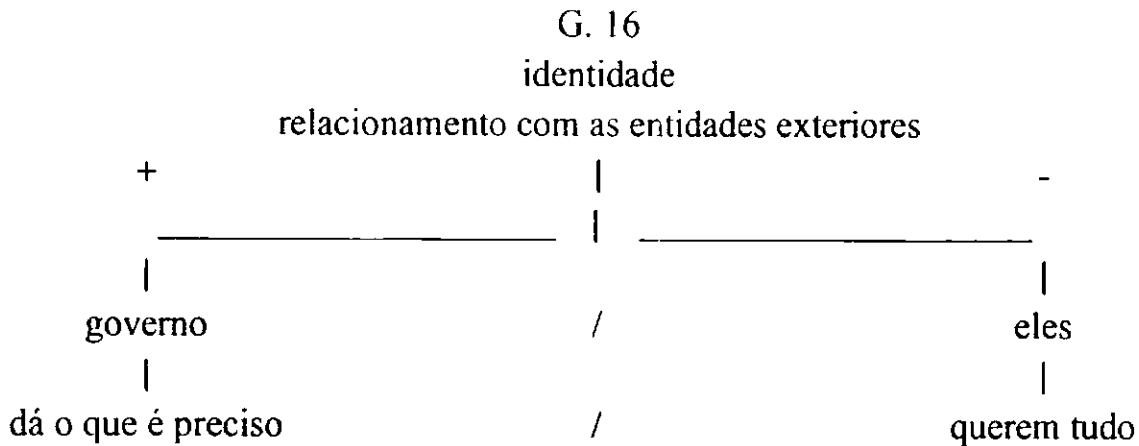
No caso acima apresentado é visível a menorização assumida pelos respondentes, na medida em que se reconhecem como indivíduos "sem dinheiro", "com necessidade" de ajuda e "não ajudados". É importante verificar que a situação é considerada injusta por disjunção com "outros" que receberam ajuda sem dela precisarem: são as ideias de vitimação e de inferioridade face aos outros, tanto mais que aos elementos constituintes deste gráfico aparece associado nas entrevistas a ideia de injustiça.

Notemos que os gráficos 12 e 13, apesar de serem variações sobre o modelo identidade, apresentam uma diferença importante. Enquanto no primeiro a questão é posta em termos de Bairro evocando directamente a pobreza, no segundo a questão centra-se nos próprios e a pobreza é referida eufemisticamente com as expressões "pouco dinheiro" e "dificuldades".

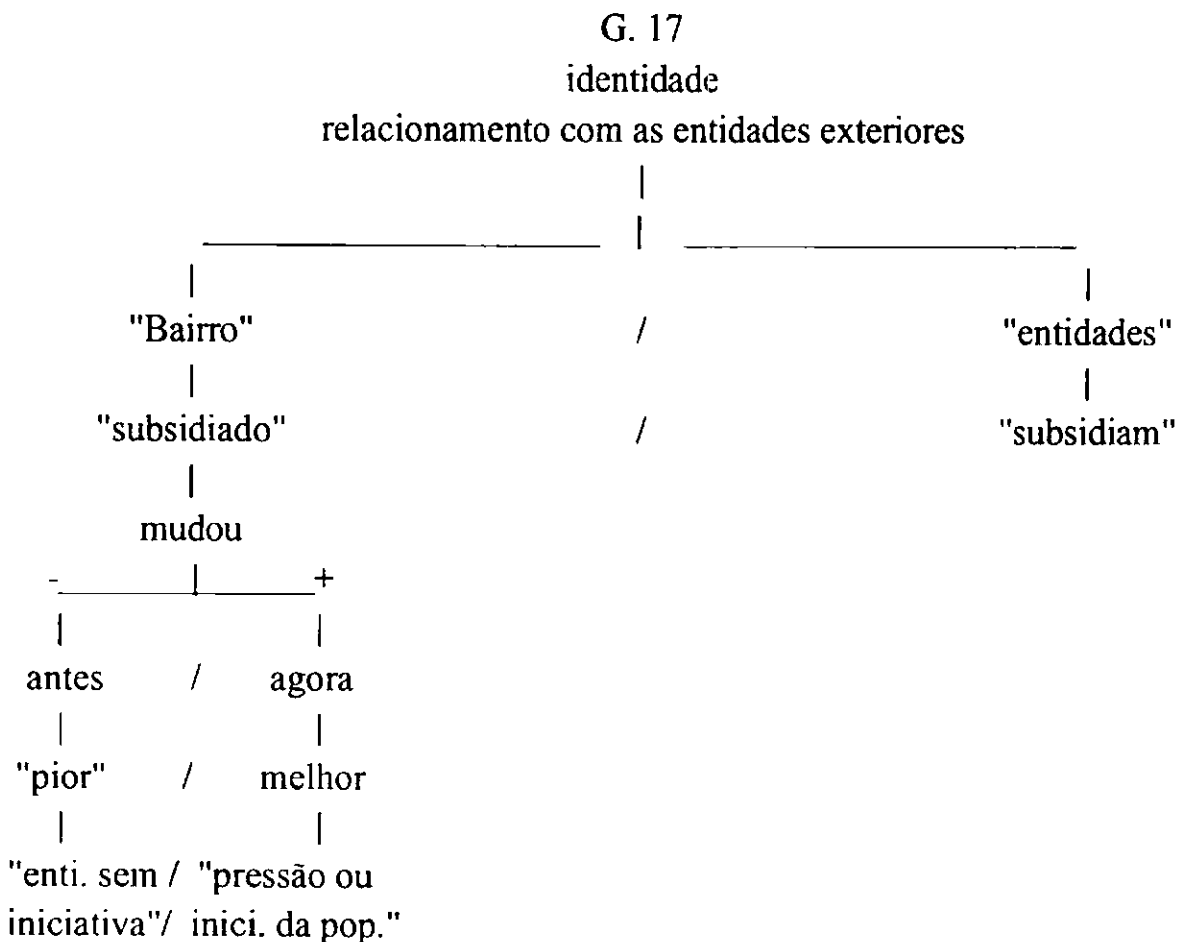


Este gráfico é interessante para o objecto da nossa pesquisa na medida em que permite verificar claramente que os respondentes em questão têm a perfeita consciência da sua pobreza, apesar de avançarem com explicações baseadas unicamente na questão do dinheiro ("subsidiados/subsídium").



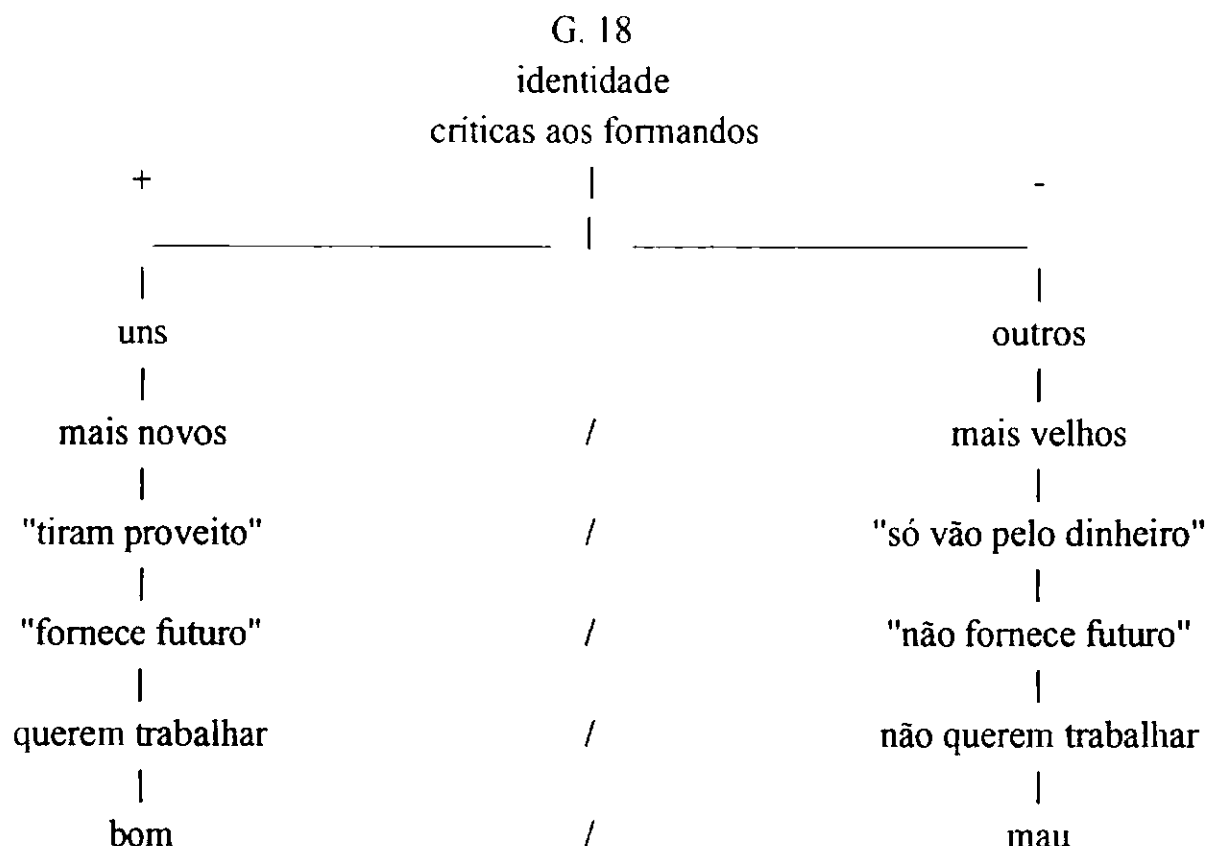


Dentro desta isotopia encontramos um último gráfico, fora dos grupos anteriormente descritos, que comporta os que constroem a sua identidade contra, pelo menos parcialmente, as entidades exteriores que têm subsidiado o Bairro e os seus residentes.



Esta variante também nos interessa na medida em que o factor tempo é introduzido no sentido em que é mostrada a melhoria da situação

presente face ao passado, avançando como explicação o papel das iniciativas da população do Bairro³⁴⁰.



Finalmente, apresentamos um último modelo, não relacionado com os anteriores em que a percepção sobre os formandos aqui contida revela os mesmos princípios de crítica aos vizinhos, agora centrados nos que frequentam os cursos.

Em resumo, os respondentes definem-se contra os vizinhos, criticando-os a vários níveis, de onde se destaca a desocupação profissional, a falta de educação (e dos seus filhos), os desacatos e o controle social.

Mas nem todos pensam desta maneira. alguns recusam a crítica aos vizinhos, preferindo criticar os de fora, pessoas e instituições, afirmando-se desta forma contra os que acusam de ter dado a má fama ao Bairro.

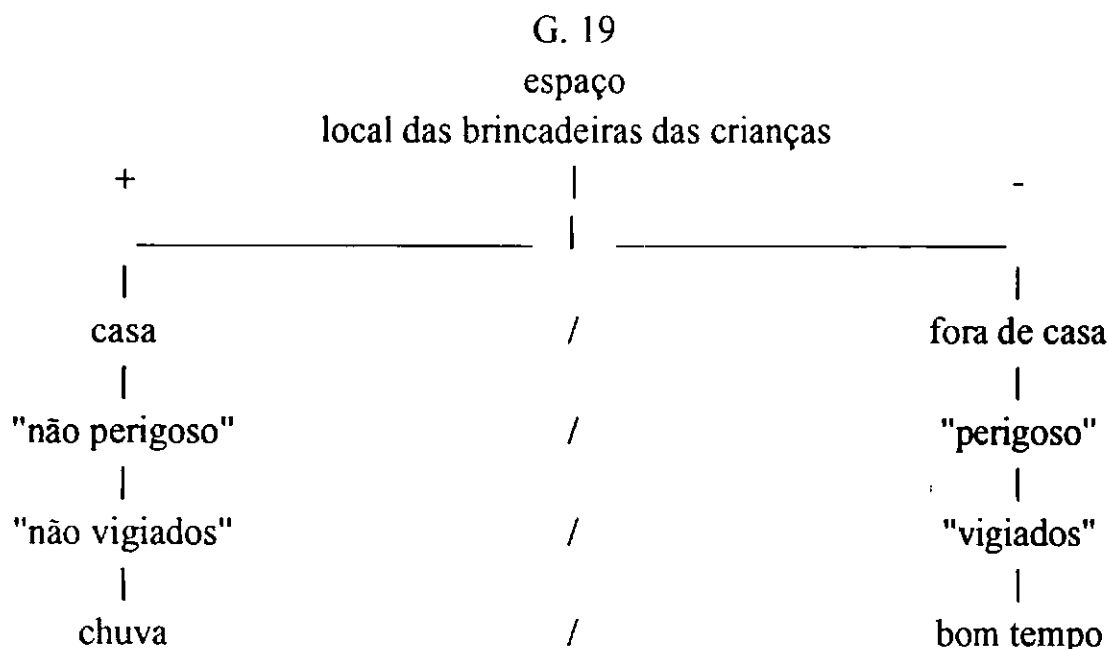
Um outro grupo de gráficos mostra a existência de respondentes que referem a situação de injustiça em que se encontram ou encontraram no passado. Neste caso, as dimensões que contribuem para a identidade dos

³⁴⁰ Entretanto organizadas num grupo de moradores que tem conseguido dar voz e materializar alguns desejos da população.

indivíduos constroem-se contra forças intangíveis (sorte na vida) ou em relação a entidades exteriores ao Bairro (Governo e outras) cuja arbitrariedade não compreendem. Nesta questão é ainda importante a impotência sentida tanto em relação às forças como em relação às entidades.

b) Espaço

A segunda isotopia que foi possível encontrar é o espaço. Contudo, não se pense que esta se encontra desligada das estratégias e valores apresentados na análise descritiva da primeira isotopia.

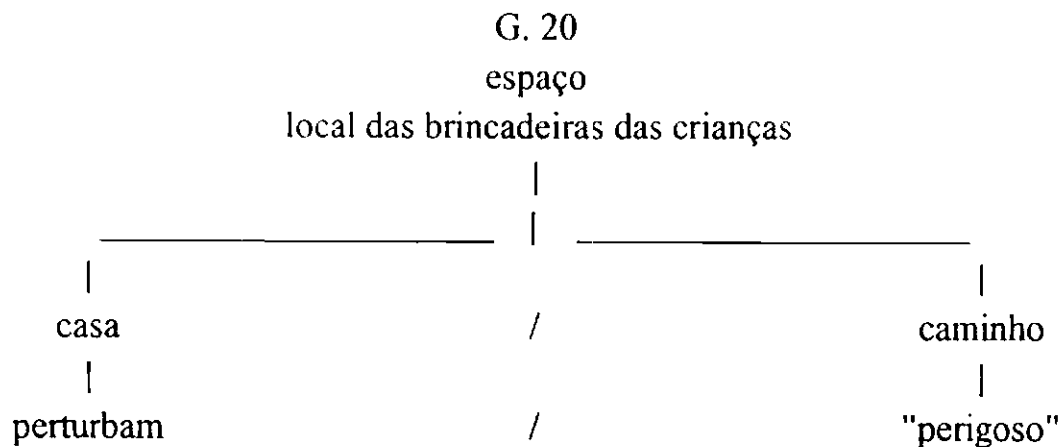


Neste caso surge novamente o código "casa/caminho"³⁴¹, desta vez associado a cambiantes diferentes mas mantendo a mesma valorização relativa: "casa" é positivamente conotada enquanto que "caminho" é-o negativamente. A primeira surge associada à ausência de perigo e à não necessidade de vigilância, ao contrário de "caminho" que é perigoso e implica a vigilância das crianças³⁴².

Apesar disso, quando está bom tempo as crianças brincam na rua. Este é um dilema que os indivíduos pertencentes às classes populares têm que enfrentar e cuja melhor expressão é a que apresentamos no modelo variante seguinte:

³⁴¹ Caminho = rua.

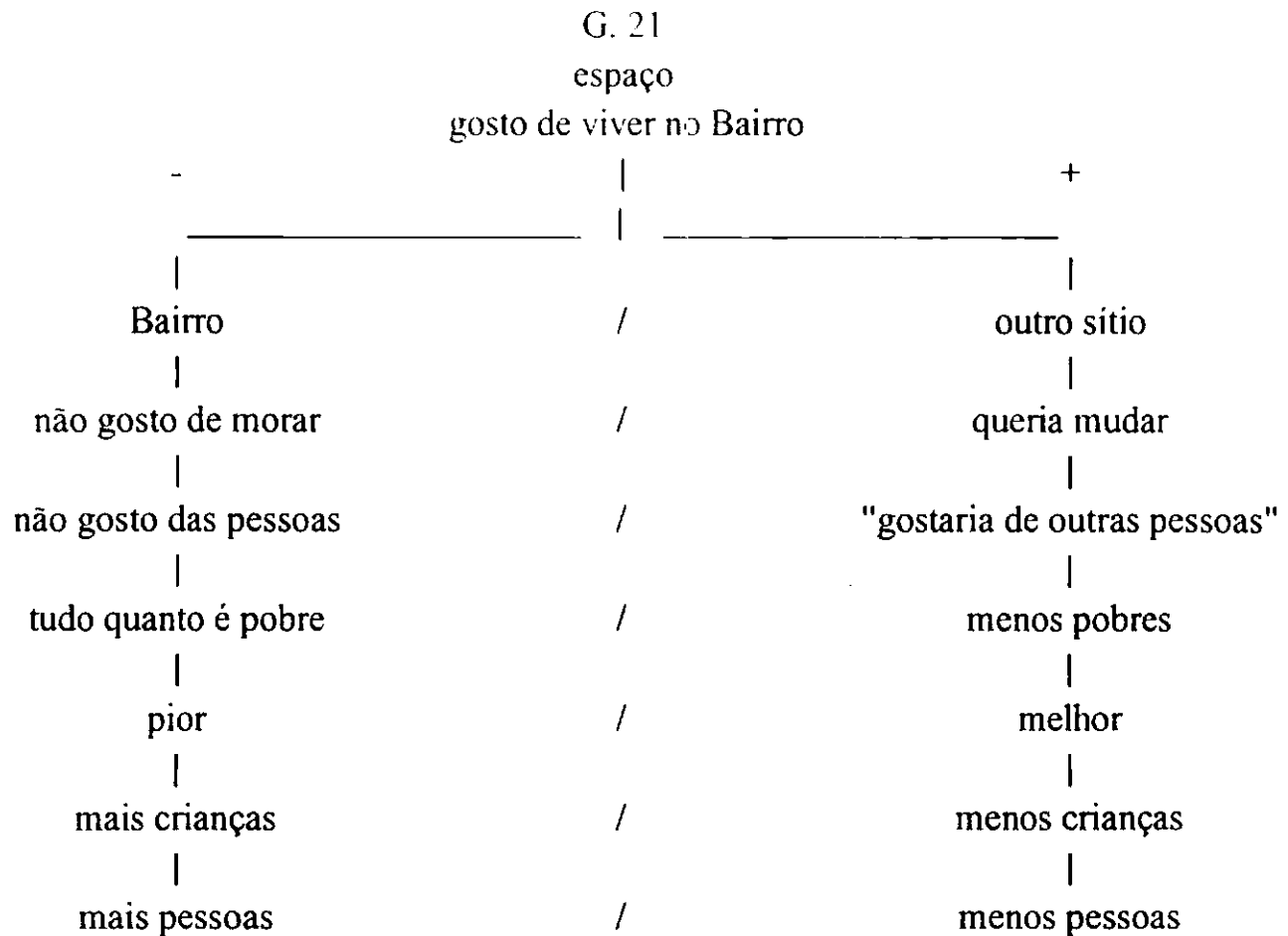
³⁴² Até que ponto é que a vigilância dos filhos não é desculpa para justificar o acesso a um espaço que, de outra forma, é desvalorizado: a porta da rua, lugar de convivialidade com a vizinhança.



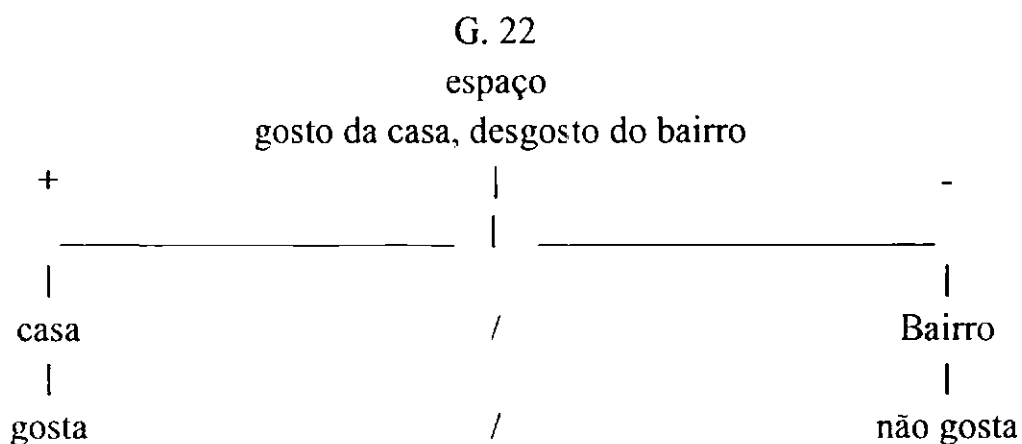
As alternativas que se põem é entre a "casa" onde "perturbam" e o "caminho" que é "perigoso"³⁴³ estes espaços aparecessem associados, dentro da educação dos filhos, à distinção que os indivíduos fazem entre a educação que proporcionam face à oferecida pelos vizinhos. De certa forma trata-se de uma variante dos modelos que opõem o entrevistado, que se caracteriza positivamente, aos seus vizinhos, a quem associa características negativas³⁴⁴.

³⁴³ Cf. Mossé, 1985, p. 148, §3 onde este autor refere que a sobrelotação dos fogos diminui a tolerância às manifestações das crianças e também Ana Nunes de Almeida, 1985, p. 15, que refere a falta de espaço como o factor que leva as crianças de um bairro popular de Lisboa a brincarem na rua.

³⁴⁴ Cf. Paugam, 1991, pp. 180/190, onde nos diz que, entre os residentes do bairro social que estuda, a educação dada aos filhos permite afirmar a diferença face aos outros moradores, constituindo-se como um recurso nas lutas pelo prestígio social dentro do bairro.



O gráfico acima apresentado e o próximo constituem uma clara indicação da associação do à gosto casa e do desgosto ao espaço do Bairro³⁴⁵.

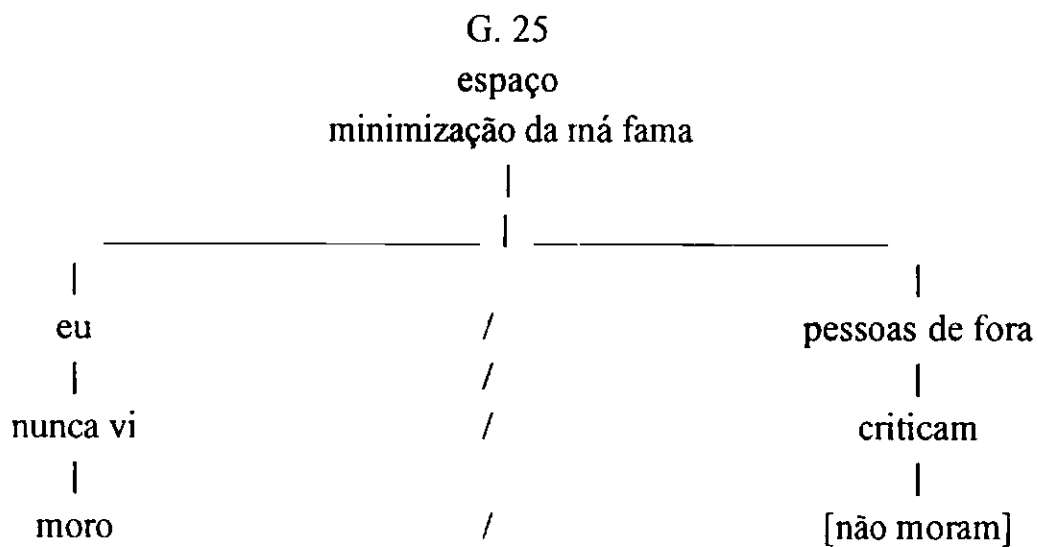


Este modelo tem, contudo, algumas variações importantes.

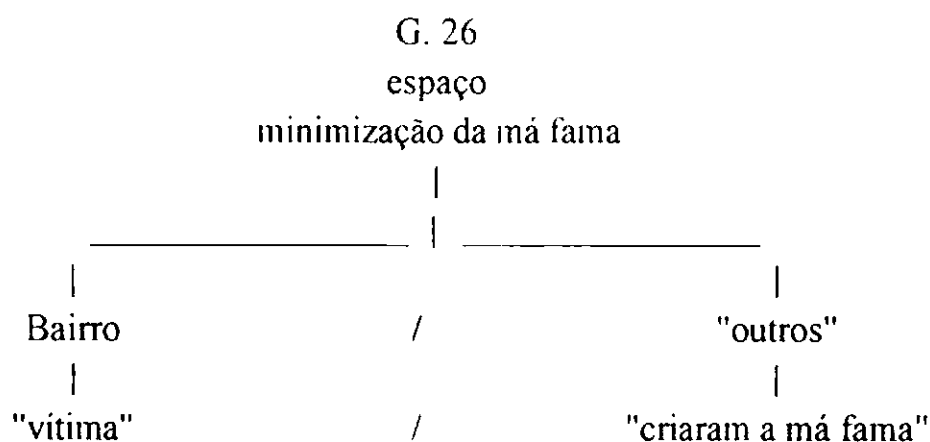
³⁴⁵ Cf. Teresa Costa Pinto - "A apropriação do espaço em bairros sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril ou Maio de 1994, pp. 36/43.

O gráfico acima é exemplo claro de um contramodelo, pois os respondentes procuram minimizar a desvalorização de que o Bairro é alvo e com a qual foram confrontados pelo investigador, valorizando a casa (implicando a sua própria valorização) e indicando-nos que o Bairro não é diferente dos outros pois em toda a parte há gente boa e ruim.

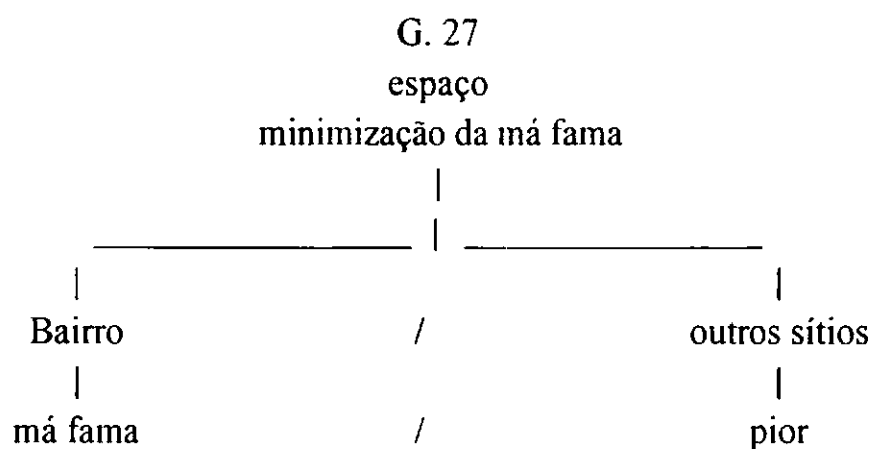
Encontramos implícito o gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro, mas pretende-se minimizar a imagem negativa associada a este último. As respostas contidas neste modelo não constituem parte da estratégia de distinção social através da crítica ao Bairro e aos seus moradores.



A má fama de que o Bairro é alvo na cidade é mesmo negada, por alguns, como sendo sem fundamento ("nunca vi/criticam") resultando das críticas de "pessoas de fora" que desconhecem a realidade do Bairro ("moro/não moro"). Estamos em presença de um tipo diferente de estratégias, na medida em que a defesa do Bairro, valorizando-o, significa a própria valorização do valorizador, é por isso que consideramos estar perante uma estratégia de distinção social.



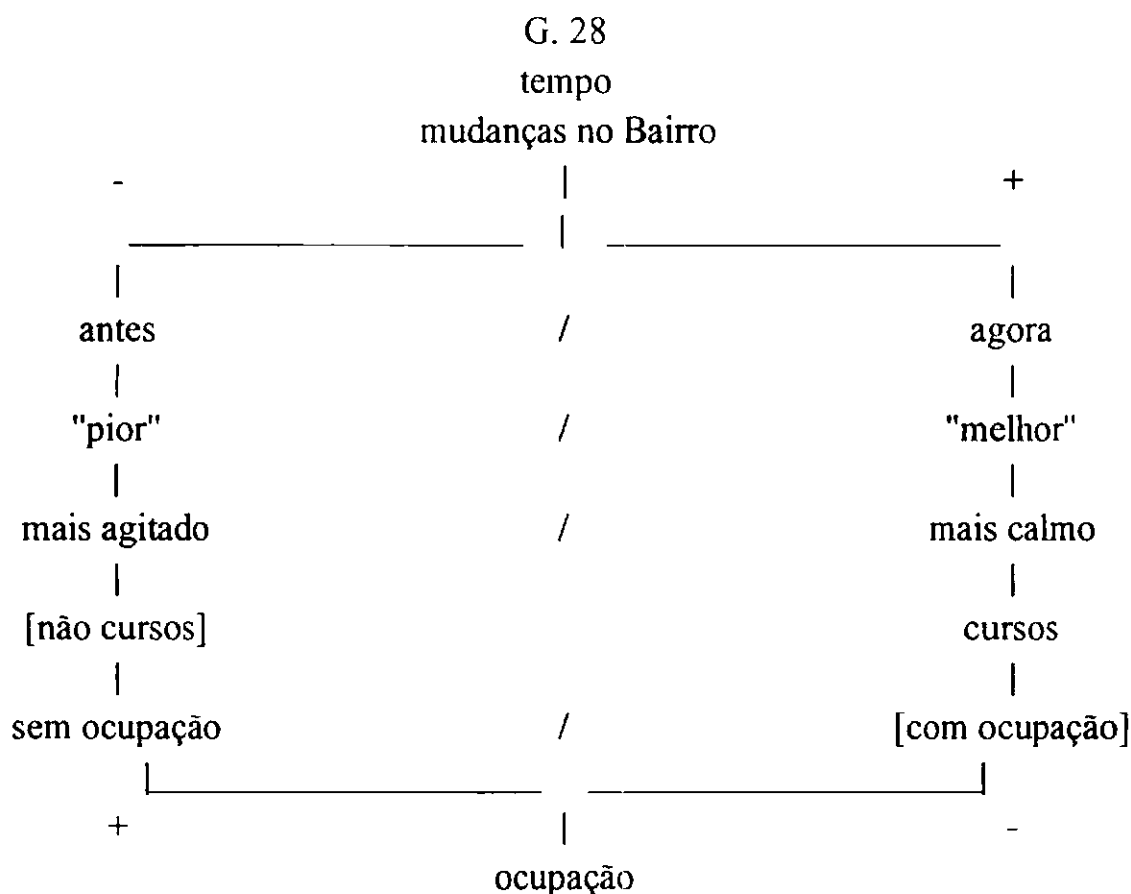
Neste segundo caso, os locutores associam a má fama, na cidade de Ponta Delgada, a "outros", exteriores ao Bairro que a criaram, colocando-o como "vítima". A ideia de "vítima" surge mais uma vez associada aos indivíduos, já não directamente, mas através do Bairro como intermediário.



O último gráfico apresentado constitui uma variação na estratégia de distinção social acima descrita, na medida em que a má fama atribuída ao Bairro é minimizada através da sua comparação com outros locais que serão piores. Trata-se de diluir o que de negativo acontece no Bairro, e que justifica a má fama, num conjunto de comparações com casos piores.

c) Tempo

Em termos da terceira isotopia, o tempo, as considerações anteriormente referidas aparecem enriquecidas com o aparecimento de variantes para as estratégias de distinção social.

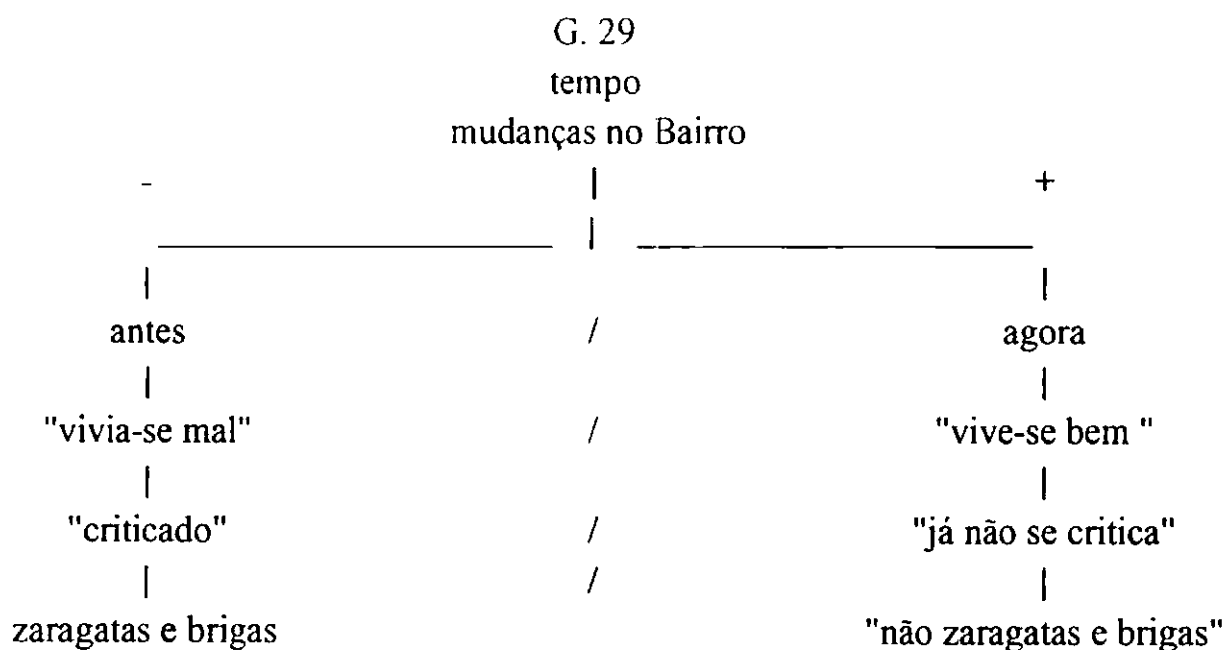


Este modelo condensa a informação dos que procuram minimizar os problemas associados ao Bairro³⁴⁶, utilizando a estratégia de os colocar num passado justaposto a um presente onde estes são menores ou mesmo inexistentes. Neste sentido, o gráfico acima apresentado dá-nos algumas pistas sobre o que mudou, na perspectiva dos respondentes, para que valorizem positivamente o presente em detrimento do passado.

Notamos a questão de ocupação que se apresenta como isotopia associada e que nos remete para o controlo social exercido pelos vizinhos, para os desacatos na rua e para a desocupação das crianças. Estes problemas são minorados pela existência de cursos de formação profissional que ocupam parte das vizinhas e bastantes jovens e crianças.

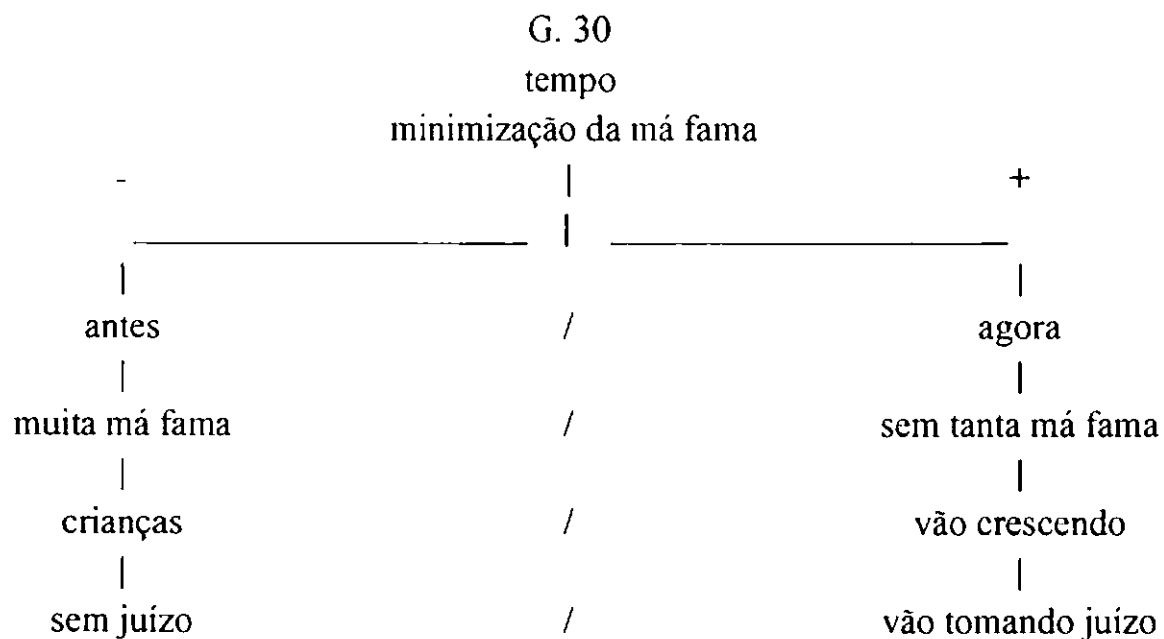
³⁴⁶ Problemas esses cuja formulação jornalística e técnica vimos no início desta segunda parte.

Isto quer dizer que eram, na óptica dos entrevistados, estes grupos que provocam os problemas acima elencados.



O gráfico acima exposto resume claramente a questão principal associada a este conjunto de variantes do tema básico.

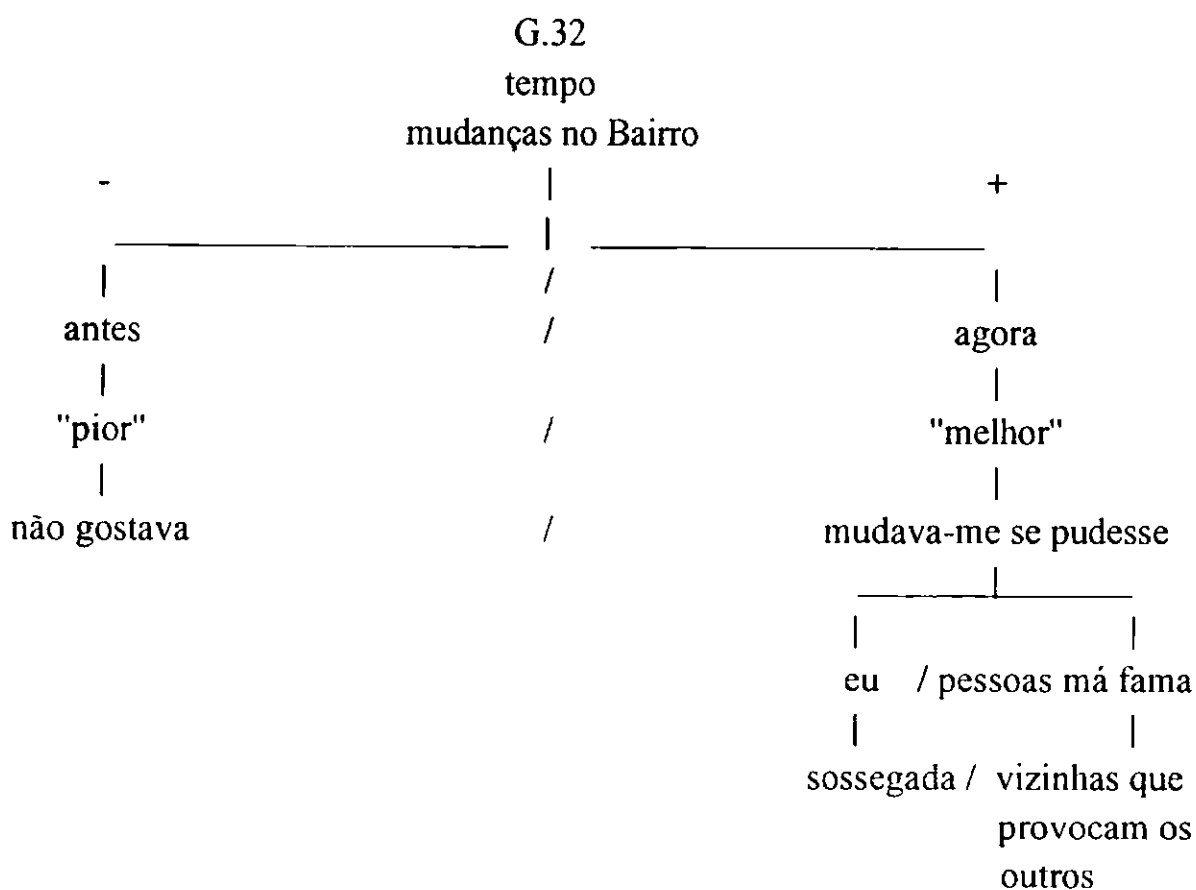
A ênfase é colocada na diferença entre um passado ("antes") onde se vivia mal no Bairro e um presente ("agora") em que se vive bem. Além disso, veja-se a questão da percepção das críticas que na cidade de Ponta Delgada se faziam ao Bairro no código "criticado/já não se critica" ligado a "zaragatas e brigas", verificadas no Bairro, que já "não existem".



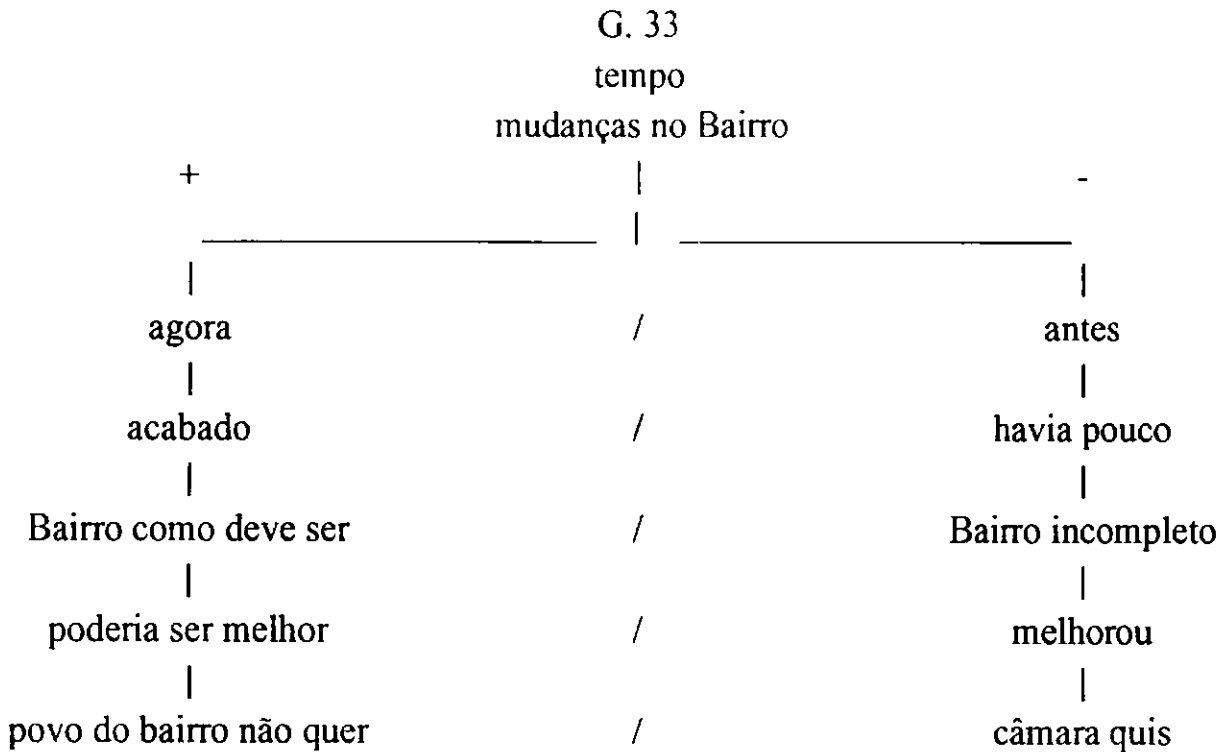
O gráfico 30 confirma o que dissemos anteriormente, acrescentando novos dados. Trata-se da dificuldade de controlo dos adultos sobre as crianças ("aceitam controlo dos adultos/não aceitam controlo dos adultos"), o que acaba por desculpabilizar estes últimos, colocando nas próprias crianças a responsabilidade pelas más acções ("más acções das crianças").

A dimensão temporal continua a ser importante na medida em que o "pior" é remetido para o passado ("antes"), por disjunção com um "agora" considerado "melhor". As razões dessa mudança positiva são encontradas na ocupação, ou desocupação de mães e crianças (as que exercem o controlo social e as que têm más acções) nos cursos de formação e nas actividades de animação e ocupação de tempos livres que esses cursos promovem (códigos "mães no curso/mães em casa (desocupadas)"; "crianças ocupadas/crianças desocupadas" e "ocupados/desocupados").

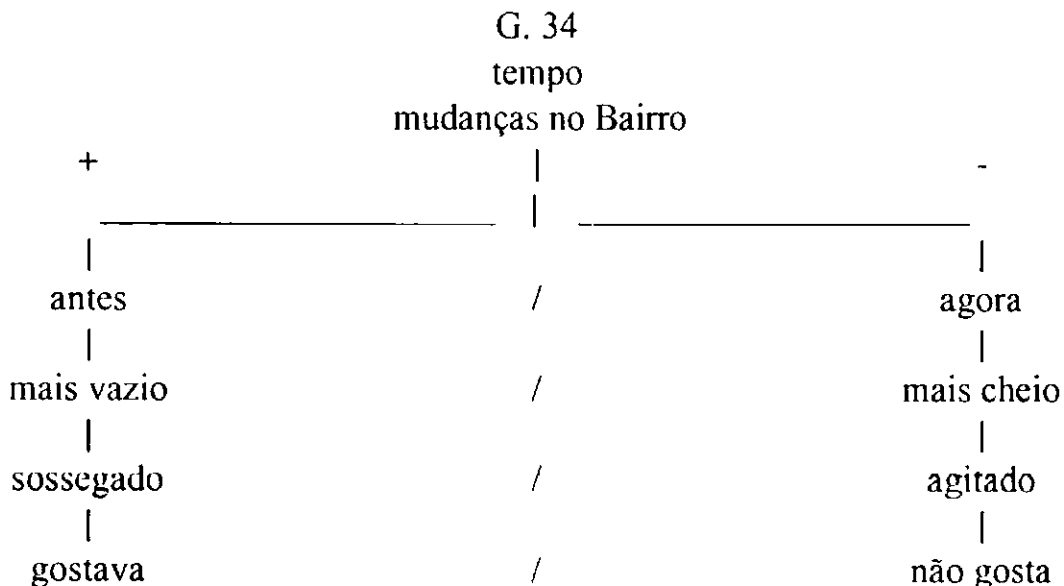
Em conclusão, podemos afirmar que a desocupação é desvalorizada e vista como causa dos problemas do Bairro associados às mulheres e, sobretudo, neste gráfico, às crianças.



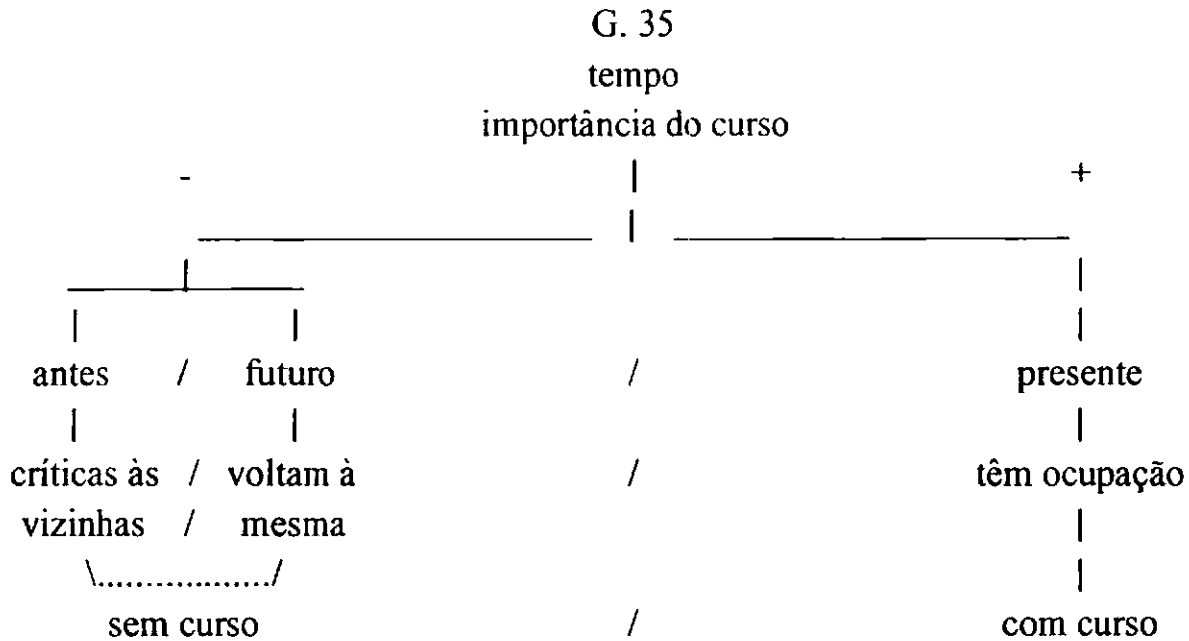
Não se pense que as coisas foram objecto de uma revolução porque alguns, apesar de reconhecerem melhoras, não desistem de expressar o seu desejo de mudar para outro local, ao mesmo tempo que aproveitam para se distinguirem de outros residentes.



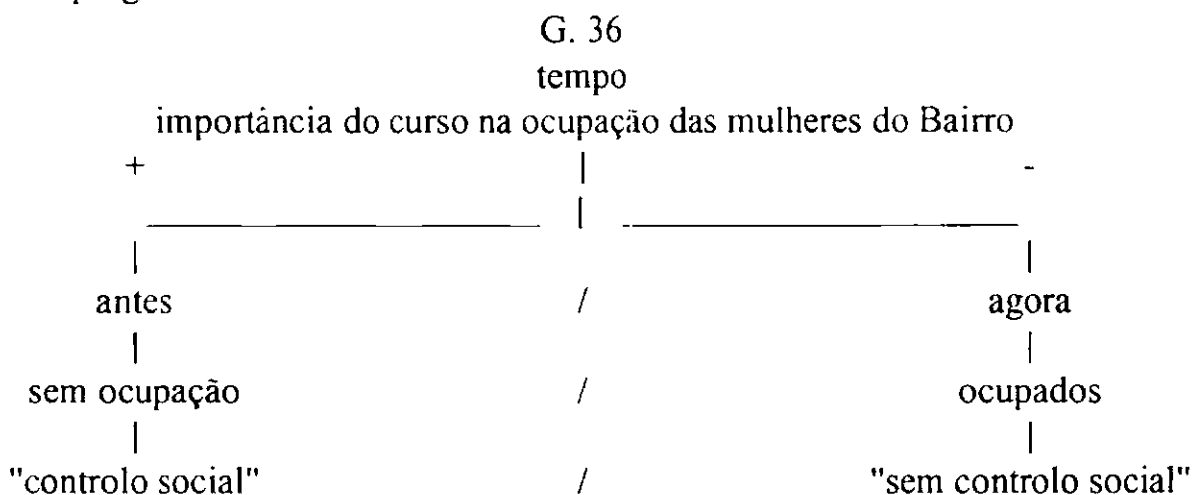
Este submodelo mostra que os melhoramentos existentes no Bairro se devem aos poderes exteriores a este e não propriamente aos seus habitantes, isto significa que as estratégias de demarcação face aos vizinhos continuam a existir, apesar das coisas terem melhorado.



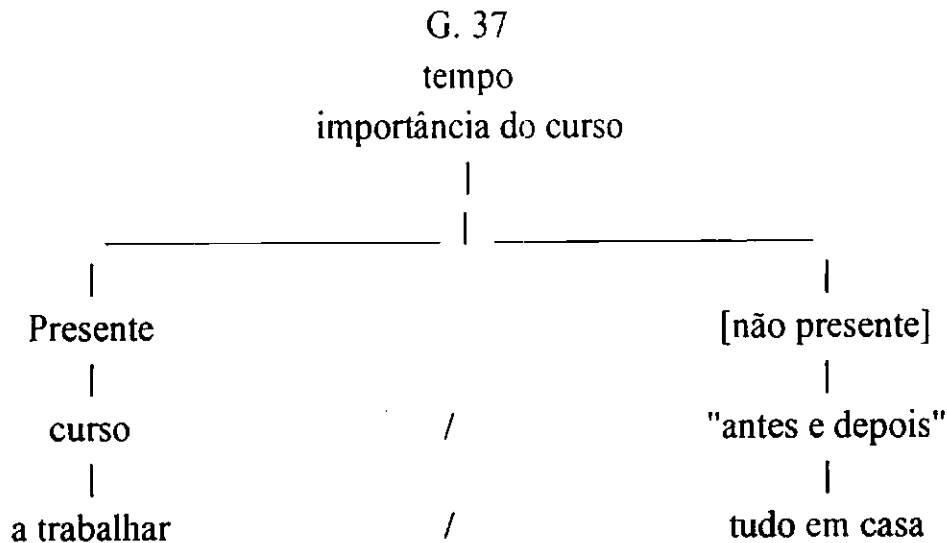
O gráfico acima apresentado diz respeito a um modelo alternativo, pois, como é visível, valoriza-se um "antes", referente ao período em que só existiam algumas casas no Bairro, mais vazio e sossegado por disjunção com um "agora" mais cheio de gente, mais agitado.



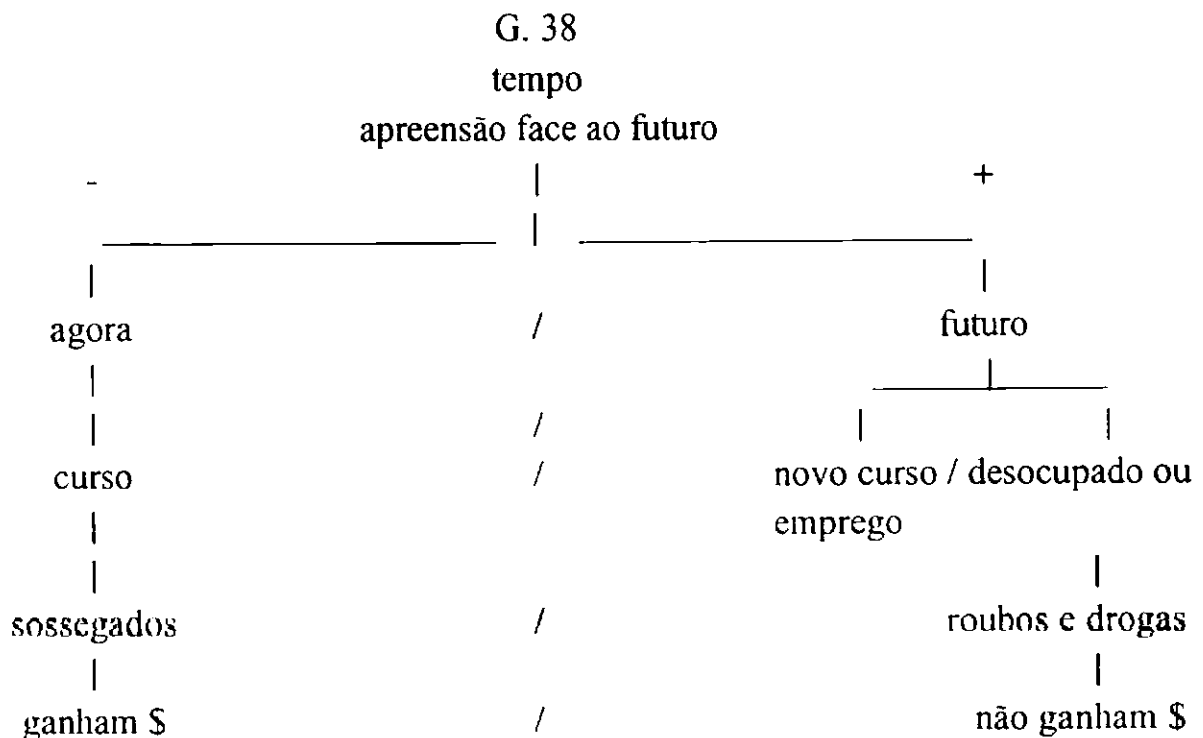
Neste modelo último modelo contido na isotopia tempo, surgem as questões relacionadas com o futuro após o fim dos cursos de formação profissional realizados pelo projecto de intervenção social para pessoas do Bairro. O passado ("antes"), é associado às "críticas às vizinhas" por parte das senhoras do Bairro, que se opõem a um "presente" onde estas "têm ocupação" e a um "futuro" onde "voltam à mesma", pois não conseguirão emprego.



Neste gráfico salienta-se a ocupação — forma de retirar as formandas da rua, evitando o exercício do controlo social da vizinhança por parte destas, trata-se da confirmação que a melhoria que os agentes encontram no Bairro é explicada através da ocupação e do fim do controlo social exercido pelas vizinhas.

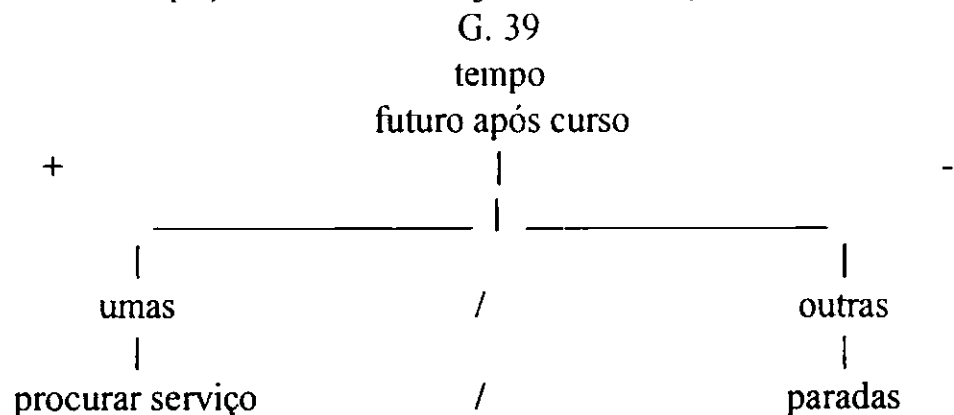


O gráfico acima apresenta de uma forma mais condensada as ideias essenciais dos anteriores.

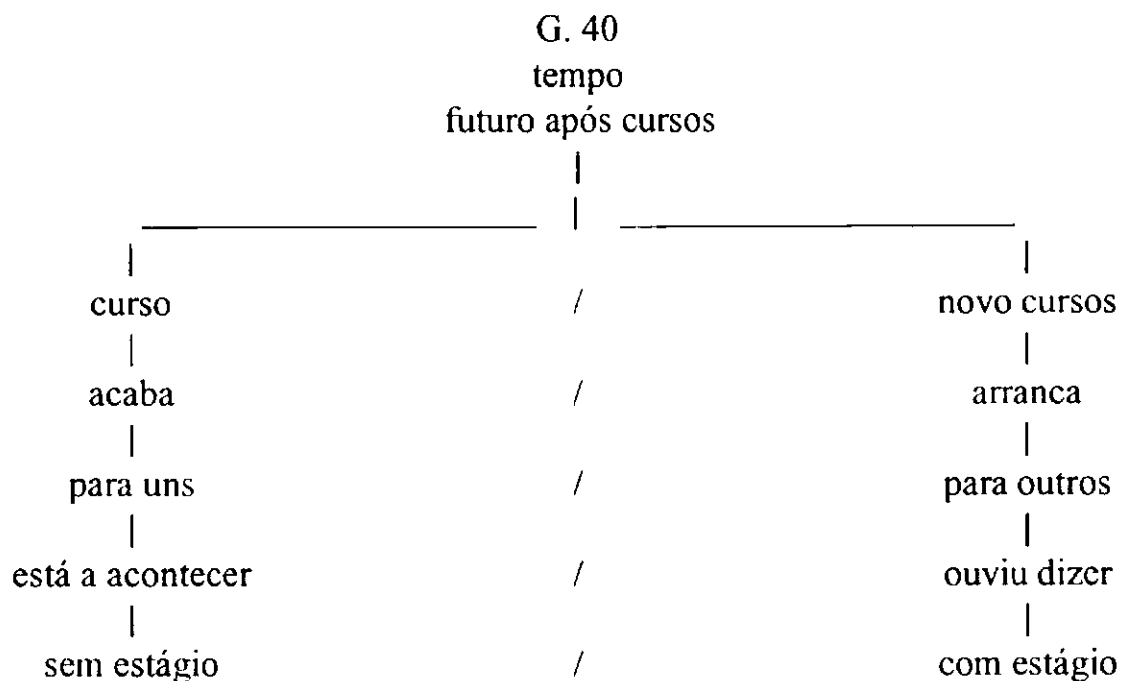


Neste caso, é também possível encontrar a questão da importância da ocupação versus desocupação. Esta última encontra-se explicitamente associada à transgressão social ("roubos e drogas") e à ausência de fontes de rendimentos ("não ganham dinheiro").

Em relação ao "futuro", notemos, ainda, que os respondentes admitem todas as possibilidades, incluindo a de um novo curso. Esta última é interessante na medida em que revela a grande importância atribuída à ocupação das mulheres, jovens e crianças.



Existe, contudo, a variante acima exposta que distingue entre as formandas dos cursos, as que procurarão trabalho das que ficarão "paradas", valorizando-se positivamente a primeira situação e desvalorizando-se a segunda. Trata-se de uma distinção clara entre dois grupos diferentes de formandas ("umas/outras").



A variante em questão mais não confirma que para uma parte dos entrevistados os cursos desempenham um papel importante no Bairro.

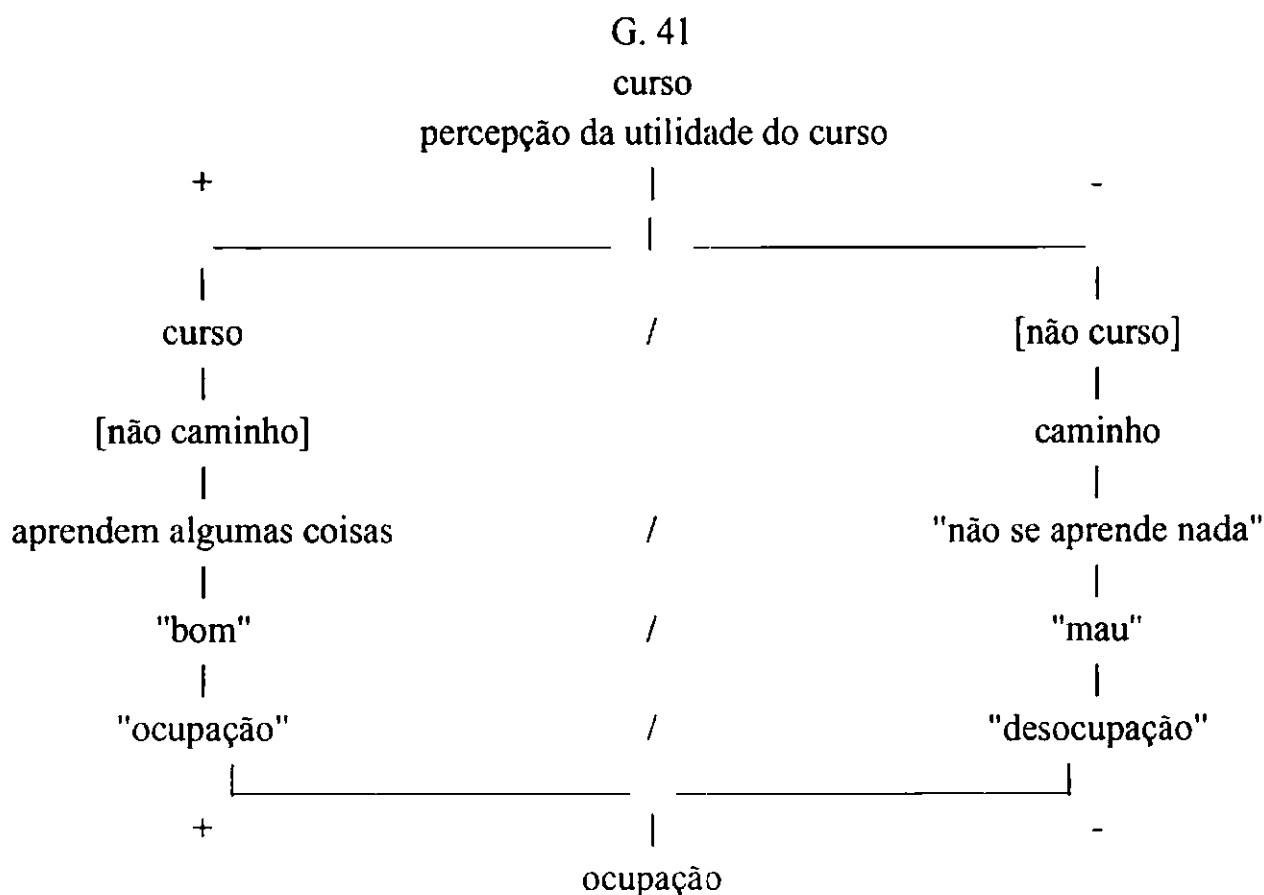
A percepção no futuro é pois, para a maioria, relativamente pessimista.

d) Curso e ocupação

Dada a importância atribuída pelos respondentes à ocupação nos cursos de formação profissional, decidimos agrupar as declarações dos entrevistados numa isotopia cujos modelos damos agora conta.

De uma forma geral, os modelos abaixo apresentados confirmam a ideia de que estes cursos são importantes para a ocupação dos habitantes do Bairro.

Importante para os objectivos deste trabalho é o sublinhar da tentativa de distinção entre dois tipos de formandos.



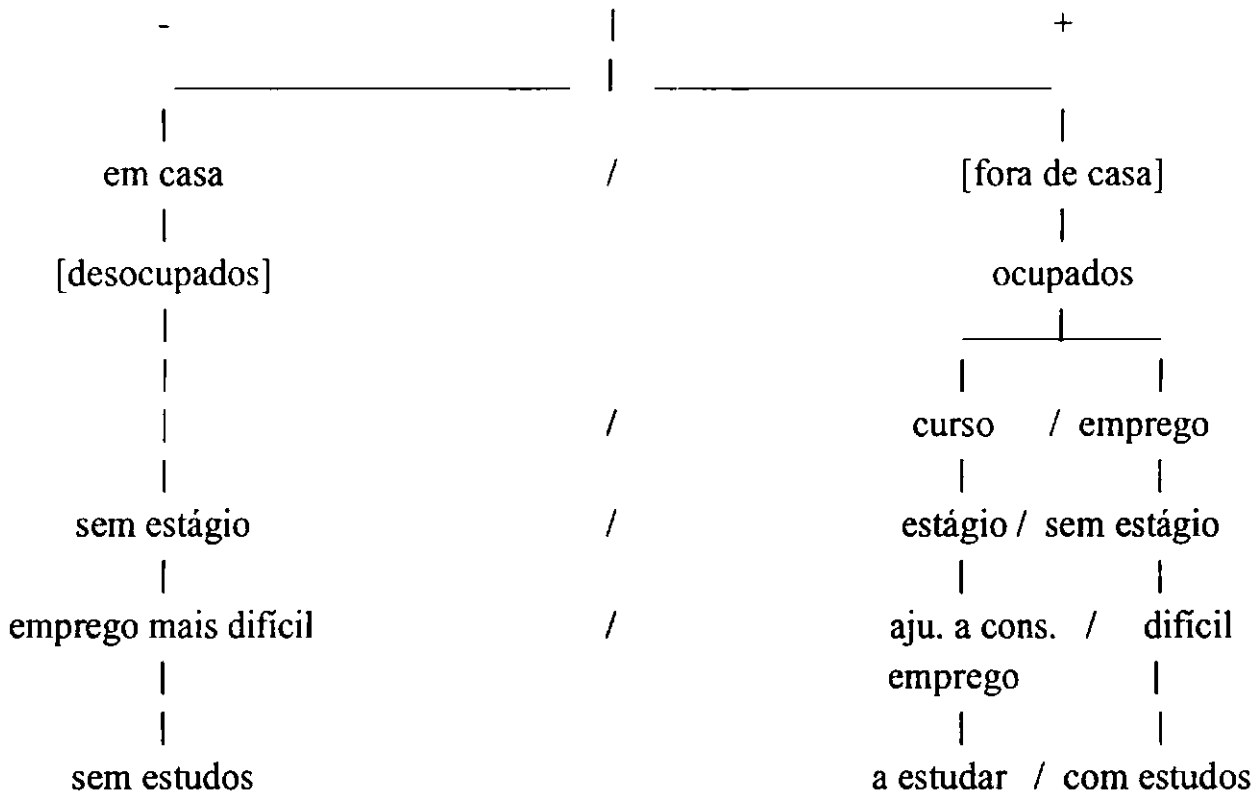
A questão da ocupação, no curso, surge explicitamente neste gráfico, como isotopia associada ao espaço ("caminho" e "desocupação" versus "cursos" e "ocupação").

Notemos que é a única vez que surge a questão da aprendizagem como elemento importante dos cursos, tanto mais que estes são sobretudo cursos de formação profissional.

G. 42

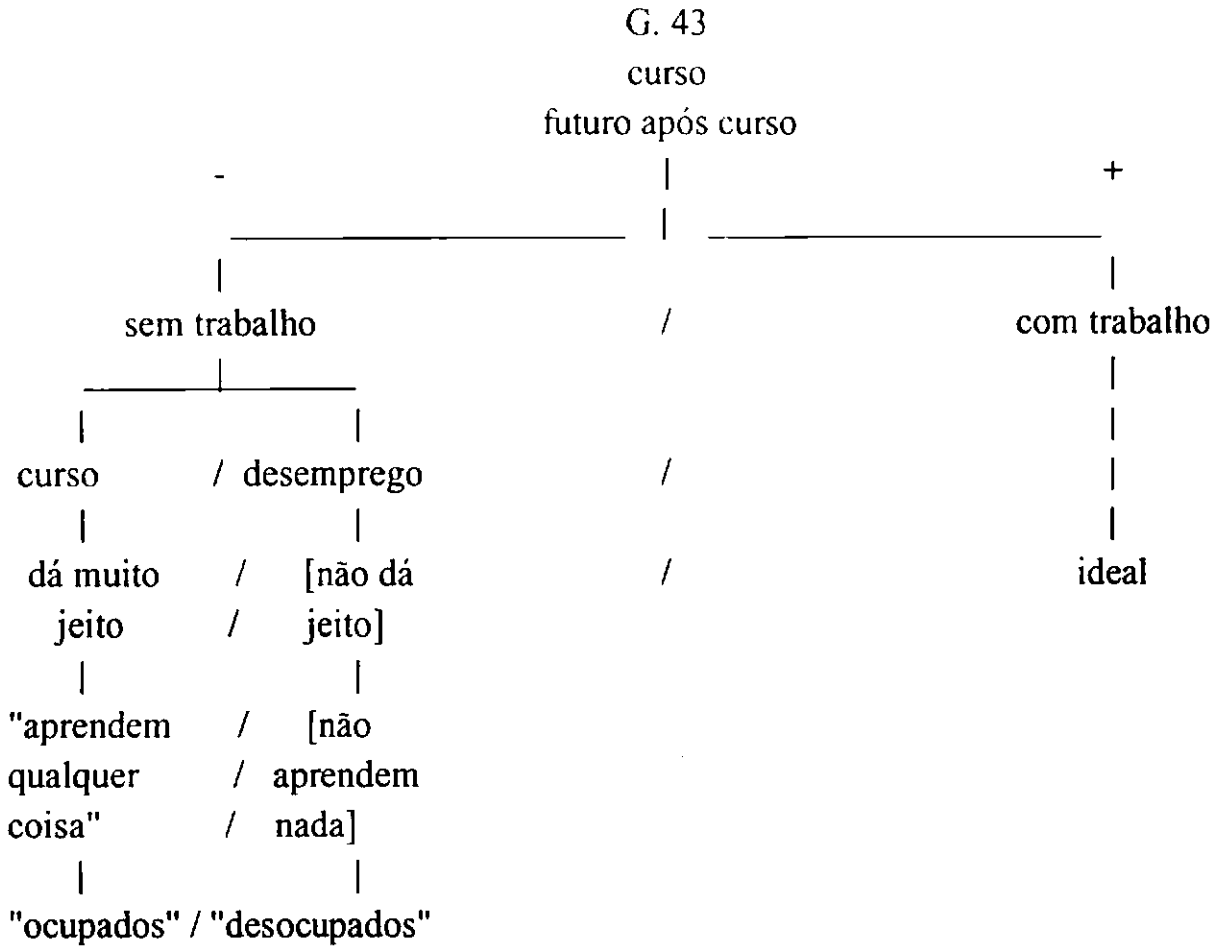
curso

futuro após curso

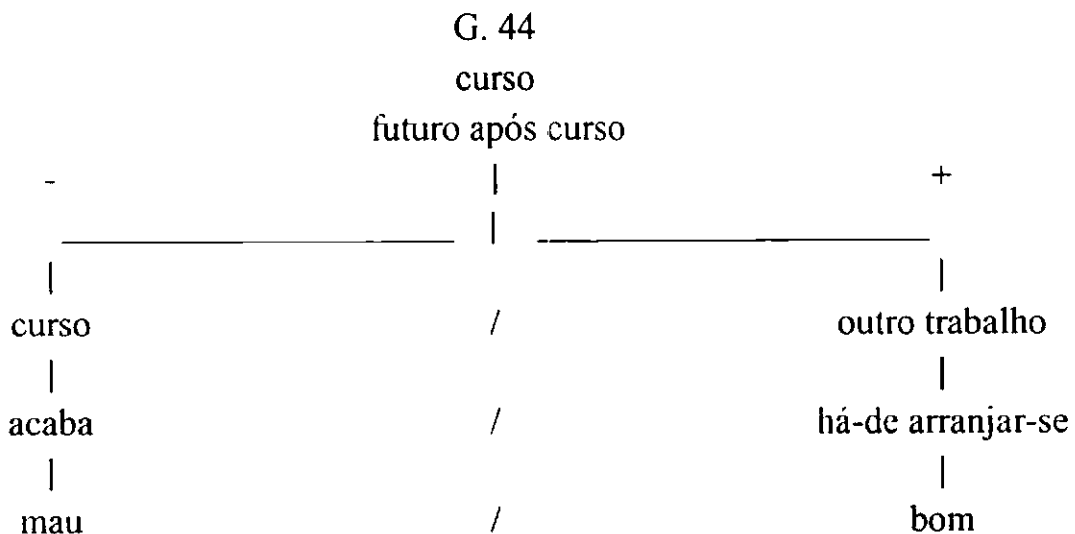


O modelo agora apresentado apresenta-nos uma variação da situação acima referenciada. De salientar, também, a disjunção anteriormente apontada entre ocupação e desocupação expressas a partir do código objecto "em casa/fora de casa" que apesar de se referir mais ao espaço que ao curso escolhemos colocar aqui na medida em que o que está em questão é mais o curso que o espaço.

Saliente-se o facto de neste gráfico a casa aparecer desvalorizada, associada a desemprego e a desocupação, ao contrário do que aconteceu na isotopia espaço em que o espaço doméstico é positivamente conotado face à rua, ao caminho.



A variante acima exposta apresenta-nos uma valorização relativa do factor aprendizagem versus ocupação em que a segunda é mais valorizada (quer no código "ocupados/desocupados", como no código "dá muito jeito/não dá jeito/ideal"). A ocupação nos cursos assume-se, assim, como alternativa ao desemprego e como forma de retirar os formandos(as) (e crianças) da rua.

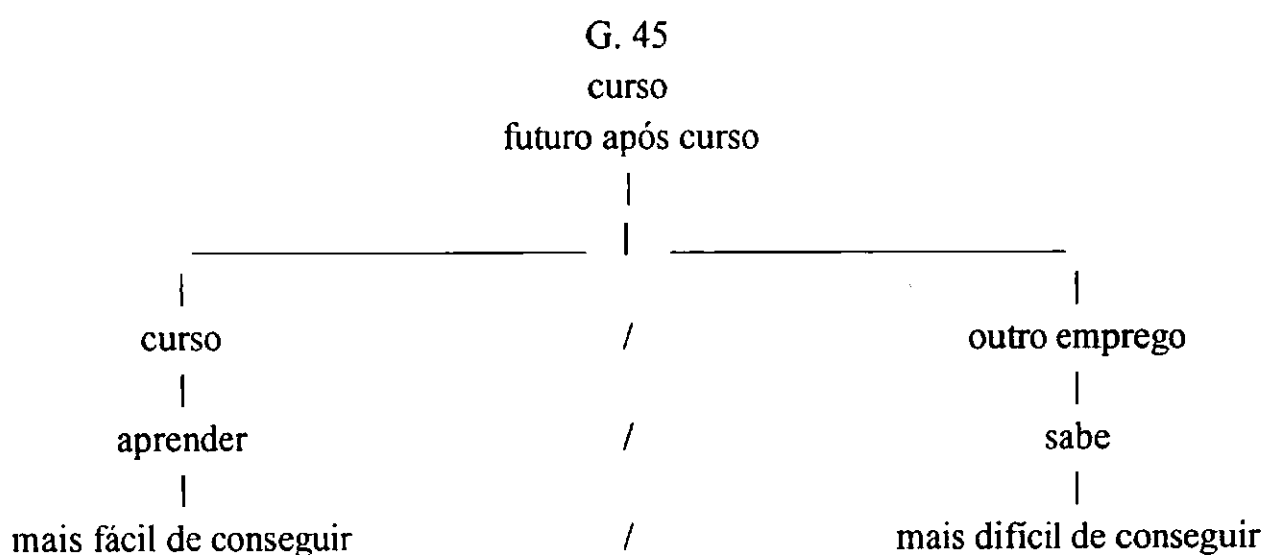


O gráfico acima é baseado num número escasso de tiras retiradas de uma única entrevista.

Optámos por apresentá-lo pois mostra-nos uma valorização totalmente diversa dos anteriores.

Para esta respondente o emprego após o curso dos formandos(as) é algo que o futuro acabará por conseguir. A preocupação não é muita³⁴⁷.

Ainda em relação aos cursos, é visível que nos modelos elaborados a partir destes surgem algumas das valorizações anteriormente observadas.



Neste sentido, são perfeitamente visíveis as dificuldades de obtenção de emprego perspectivadas pelos respondentes com filhos nos cursos de formação profissional.

Em resumo, Os gráficos apresentados contêm indicações no sentido de diferentes estratégias de distinção social. Estas passam pela crítica à vizinhança ou ao Bairro como um todo, mas também pela tentativa de valorizar o Bairro. De facto, perguntámo-nos até que ponto é que a colocação dos problemas associados ao espaço das ruas do Bairro no passado não corresponde a um desejo e a uma estratégia.

Ao desejo de que as coisas sejam realmente diferentes e à estratégia de procurar, melhorando a imagem do Bairro no exterior –

³⁴⁷ Parece estar-mos em presença de algo que é explicado através do conceito de pensamento mágico. Este consiste em não fazer nada para resolver os problemas, esperando-se que se resolvam por si mesmos (Ana M^a Poppovic citada por Ana Benavente *et al.*, 1991, pp. 81/83).

neste caso representado pelo seu interlocutor directo, o investigador — melhorar a sua por contágio.

Esta estratégia poderá passar pela valorização do Bairro como forma de se valorizar (por contágio). Isto através do melhoramento da imagem do Bairro, colocando os aspectos negativos no passado de forma a salientar um presente onde as coisas se apresentam melhores.

Resumindo aquelas que são, para nós, as questões principais, temos a associação dos vizinhos a características negativas em disjunção da associação dos próprios a características positivas; o espaço e o tempo colocam algumas *nuances* nesta questão. O primeiro permite verificar o alto valor atribuído à casa, ao espaço doméstico, por oposição à rua, local de todos os problemas com realce para as brigas e para o controlo social que, sobretudo, as mulheres exercem.

Ainda sobre o espaço é necessário não esquecer aqueles que além de valorizarem a sua casa valorizam a área circundante, estruturando o Bairro em três áreas em que a casa e o espaço próximo (conjuntamente com os seus residentes) são valorizados positivamente enquanto que o resto do Bairro é desvalorizado.

O tempo aparece como minimizador dos problemas, colocando-os num passado pior, por disjunção com um presente mais risonho, no entanto, e em relação ao curso, é visível em quase todos os modelos a existência de um certo desconforto face às incertezas do futuro emprego dos formandos.

A ocupação de mulheres, jovens e, até, crianças, embora não se apresente como uma isotopia autónoma, é importante para compreender o tempo e o curso, na medida em que é, por um lado, a base em que assentam as mudanças para melhor verificadas no Bairro (cuja evocação é, como foi dito, uma clara estratégia de distinção social) e, por outro lado, é o principal mérito reconhecido ao curso (mais do que a aprendizagem de uma profissão ou a preparação para um futuro profissional).

CONCLUSÕES

a) Aspectos teóricos

Para realizar este trabalho comecei por me familiarizar com a produção científica, com destaque para a sociológica, existente sobre a pobreza. Rapidamente cheguei à conclusão que a esmagadora maioria dos trabalhos produzidos assentavam, por um lado, sobre as dimensões económicas havendo, por outro lado, uma preocupação de alguns investigadores de fazer sobressair as questões sociais. No entanto, a maioria destes últimos dá atenção às questões macroestruturais, às questões mais dependentes das características sócio-demográficas dos agentes em situação de pobreza, esquecendo que os agentes sociais têm uma margem e manobra face aos constrangimentos sociais que utilizam para lutar pelos seus interesses. Assim, resolvi apresentar como primeiro capítulo da primeira parte a exposição deste estado das coisas. Foi a partir destas constatações que, parafraseando uma expressão dos gestores, encontrei o meu nicho de investigação.

Uma outra preocupação que influenciou decisivamente a forma final deste trabalho foi a questão do relacionamento entre os constrangimentos estruturais que se impõem aos agentes concretos e a margem de manobra que estes possuem para modificar a realidade social em seu proveito. Foi neste sentido que se desenvolveu a questão da condição social objectiva, procurando perceber de que forma os constrangimentos que a sociedade impõe aos agentes em situação de pobreza condicionam as estratégias que definem o seu comportamento.

É neste contexto que se torna compreensível a opção pelo trabalho de Pierre Bourdieu para enquadrar teoricamente este trabalho, na medida em que este autor procura sintetizar correntes sociológicas que privilegiavam a análise das estruturas sociais com outras que privilegiavam o sentido que os agentes dão às suas acções.

A partir do trabalho deste autor, da riqueza conceptual que o caracteriza e da extrema coerência da sua teoria, pude explicar a ideia que o estatuto social de pobre, enquanto criação social, se lhe impõe como uma violência simbólica que resulta de, e em, dominação simbólica, na medida em que é o efeito de uma imposição exterior dos grupos de agentes

que detém recursos suficientes para impor a sua visão dos pobres como a válida, a natural, a legítima.

Numa tentativa de aproximação à realidade concreta em estudo, procurei ligar as ideias acima expostas à importância da visibilidade social dos pobres como pobres, na medida em que esta é elemento constituinte da sua condição social objectiva, pois é esta visibilidade que define as representações sociais negativas que existem no espaço social sobre esta categoria social. Procurei ver esta visibilidade a dois níveis, num primeiro nível, o estilo de vida dos agentes pobres, enquanto conjunto de manifestações exteriores da sua condição social objectiva³⁴⁸, é socialmente desvalorizado, produzindo a estigmatização do pobre e a sua exclusão social, num segundo nível, a concentração, através de um processo de centripetação dos pobres na direcção de espaços desvalorizados³⁴⁹, intensifica a sua visibilidade e aumenta a reprovação social em relação a eles. É neste sentido que as características dos bairros que são habitat dos pobres, com destaque para os bairros sociais pois o Bairro que estudámos é de habitação social (renda económica), foram objecto de atenção.

O conceito de representação social de Serge Moscovici jogou um papel importante neste trabalho, articulado com o conceito de habitus, na medida em que as representações sociais sobre os pobres se constituem como um dos principais componentes da sua condição social objectiva, pois é a partir destas que os agentes, em geral, valorizam os outros ou, neste caso, desvalorizam os pobres. Foi neste sentido que apresentamos os media como importantes amplificadores e produtores das representações sociais dominantes num espaço social.

As reflexões acima expostas levam-nos para a questão central deste trabalho, e respectiva proposta de resposta: a existência de representações sociais negativas sobre os agentes pobres residentes num espaço socialmente delimitado e desvalorizado, assim como a sua baixa condição social objectiva, em geral, não podem deixar de produzir efeitos sobre a percepção destes agentes e sobre as suas acções. Desta forma, interessou saber quais as formas, isto é estratégias, usadas para lidar com este estado das coisas.

A importância central do sentido que os agentes atribuem à situação social que contribui, em grande parte, para os definir levou-me a

³⁴⁸ Para o que interessa aqui. Uma definição mais completa está exposta no capítulo correspondente.

³⁴⁹ Embora o processo de constituição destes espaços socialmente desvalorizados não seja central para este trabalho.

selecionar as entrevistas semi-directivas, sem compromissos com guiões estruturados, e a Análise Estrutural de conteúdos para a recolha e análise das informações pertinentes. Tanto mais, que os fundamentos teóricos da Análise Estrutural apresentam importantes pontos de contacto com a teoria de Pierre Bourdieu, quer devido ao facto de partilharem um acervo de autores comuns enquanto fontes de inspiração, quer devido ao facto do trabalho de Bourdieu ser, ele próprio, uma das teorias a partir do qual se desenvolve a sociologia dos modelos culturais (base da Análise Estrutural).

As opções teóricas, metodológicas e técnicas acima expostas levaram-me a começar por propor uma descrição física do Bairro e do seu enquadramento espacial na cidade, na medida em que o espaço físico é socialmente marcado e conotado, como vimos acima. As minhas conclusões são no sentido de que a estruturação física do Bairro constitui uma disposição no espaço que facilita o fechamento deste sobre si próprio com duas consequências importantes: por um lado, facilita a sua demarcação, a sua visibilidade, face ao meio envolvente com o consequente reforço da sua estigmatização enquanto bairro-gheto e, por outro lado, contribui para o sentimento de pertença ao bairro, ao facilitar os relacionamentos inter-bairro e dificultar os relacionamentos extra bairro.

Estas visão do que é o Bairro não estaria completa sem que se descrevessem as principais contingências que condicionaram as suas construção e desenvolvimento histórico. Assim, é visível que um conjunto de inacções, por parte dos órgãos responsáveis do Estado, permitiu um avolumar de características que contribuíram, de forma importante, para a criação de representações sociais negativas específicas do Bairro. Exemplos destas características vêm desde o período da sua construção, a começar pela presença de 28 casas inacabadas, pelo grande buraco a céu aberto, quase no meio do Bairro, pelos destroços das barracas de cimento que apoiaram a sua construção e pelos muitos anos em que as ruas interiores não tinham nome, sendo designadas por letras.

Num segundo momento apresento as visões dos *media* e dos técnicos de intervenção social ligados a um programa de intervenção comunitária entretanto criado para resolver os problemas do Bairro . A visão mediática é importante no processo de construção, difusão e reforço da visão negativa existente sobre o Bairro, na medida em que contribui poderosamente para a definição do Bairro enquanto problema ao, por

exemplo, associar-lhe um conjunto de problemas específicos, socialmente desvalorizados e desvalorizadores. São exemplos concretos a prostituição, o alcoolismo, o insucesso escolar, a violência intrafamiliar que é sugerida, a higiene e até a fome das crianças.

A visão dos técnicos do projecto de intervenção social é semelhante, a própria criação deste projecto para resolver os problemas do Bairro é um indicador da representação social negativa que os profissionais do social têm sobre ele. Não ficando por aqui, graças à minha posição de avaliador externo do projecto, foi-me possível mostrar que os técnicos sociais, enquanto produtores e reprodutores legítimos de representações sociais tinham do Bairro uma visão parecida à dos *media*, diferindo desta sobretudo porque reconhecem a importância dessa representação social negativa na exclusão social do Bairro e seus habitantes tentando difundir, valendo-se da sua credibilidade, uma imagem diferente deste para modificar o estado das coisas.

Mas, não foi apenas necessário descrever e analisar o Bairro através dos aspectos acima expostos. Os agentes que o habitam têm características concretas cuja descrição e análise é feita. A partir desta é possível confirmar, como se houvesse dúvidas, a baixa condição social objectiva dos agentes em presença. No entanto, foi também possível perceber, através da Análise Factorial das Correspondências que existem pelo menos dois grupos diferentes dentro do Bairro, por um lado, aqueles que recorrem à ajudas da Segurança Social, sobre os quais as nossas fontes identificaram um conjunto de problemas sociais e aos quais estão associados um conjunto de características e, por outro lado, os que não recorrem à Segurança Social, não apresentado problemas sociais visíveis para as nossas fontes sendo, por isso, virtualmente invisíveis para a maioria delas.

b) Aspectos empíricos

Uma das consequências deste estado de coisas é que, como vimos, os pobres procuram desenvolver estratégias que lhes permitam sobreviver, melhorar a sua auto-estima, apesar da evidência negativa que é o seu baixo estatuto social e as representações sociais negativas associadas ao Bairro.

O conjunto de gráficos e modelos acima descritos leva-me a concluir que estamos perante três tipos diferentes de estratégias:

a) as de distinção social face aos vizinhos e ao próprio conjunto do Bairro;

b) as de minimização do alcance da "má fama" e respectivos "problemas" associados ao Bairro, ou mesmo a negação da justificação destes;

c) e as de conformidade com a baixa condição social objectiva, caracterizadas pela desresponsabilização e auto-vitimação.

b.1) Estratégias de distinção: críticas aos vizinhos

As primeiras assentam basicamente na crítica dos vizinhos, quer a nível do seu comportamento e características, quer a nível da sua associação à rua e à desocupação (o que é desvalorizado).

Ao associar negativamente os vizinhos a estas características os respondentes vão-se valorizando, com as características, comportamentos, espaço e ocupação positivamente consideradas, pondo em funcionamento, através de um discurso aparentemente de significado simples (crítica aos vizinhos), um verdadeiro mecanismo de distinção social face a agentes com condições sociais objectivas semelhantes. Desta forma, procuram aproximar-se dos valores socialmente valorizados (espaço doméstico, ocupação, higiene, privacidade, educação dos filhos) e afastar-se dos valores simétricos, socialmente desvalorizados (rua enquanto espaço de convívio, desocupação, falta de higiene, controlo social sobre os outros e má educação dos filhos).

A conclusão a que cheguei denota a existência de uma certa tensão e mesmo conflitualidade com os vizinhos. Esta é uma situação que parece verificar-se na medida em que entrevistados e testemunhas privilegiadas referiram explícita e frequentemente a existência de conflitos, mesmo violentos, entre vizinhos³⁵⁰.

Outra indicação neste sentido é o inquérito realizado aos habitantes do Bairro em 1992³⁵¹.

³⁵⁰ Não se pretende reduzir a conflitualidade entre vizinhos em determinados meios populares a esta explicação mas sim sugeri-la como um dos factores que justificam a conflitualidade.

³⁵¹ Diogo, 1992.

Neste, a grande maioria dos residentes considerou que não tinha nenhuns amigos ou que tinha poucos amigos no Bairro. Quase metade, 31 pessoas (46%), declara não ter qualquer amigo no Bairro e 21 pessoas, (32%) indica ter 1 ou 2 amigos. Apenas 15 entrevistados consideram ter 3 ou mais amigos.

Em relação aos tempos livres, mesmo tendo em atenção as diferenças entre os discursos e as práticas³⁵², é visível o grande fechamento em família declarado pelos respondentes, pois 84% declara passá-los com a família.

Apenas 4% referem passar os tempos livres com pessoas que moram no Bairro. Estes representam menos de metade dos que declaram passar tempos livres com pessoas de fora do Bairro (9%). Apesar disso, são sobretudo, as mulheres que declaram passar o seu tempo livre com outros residentes (4.5% contra 0% de homens).

b.2) Estratégias de distinção: críticas a entidades exteriores

Em relação ao segundo tipo de estratégias considerado, é importante referir que alguns agentes optaram por: minimizar a importância dos aspectos negativos associados ao Bairro (colocando-os no passado, por oposição a um presente melhor; ou diluindo o que de "mal" se passa no Bairro através de comparações com outros locais semelhantes); ou negar mesmo que a representação social negativa tenha alguma vez tido algum fundamento, culpando entidades exteriores ao Bairro pela produção desta má fama (estas variaram consoante os discursos em presença).

b.3) Estratégias conformistas

Finalmente, um último tipo de estratégias diz respeito às que um grupo de respondentes criou: desculpas justificativas, atribuindo a sua situação de pobreza a um conjunto de factores: à sorte, ao destino, ao Estado, à exploração dos ricos, à má vontade do Governo ou da Segurança Social, a uma deficiência física ou a uma doença. Enfim, trata-se da sua

³⁵² Cf. Diogo, 1992, p. 6, § 4, onde se discute a discrepância entre as respostas e as práticas observadas e também João Ferreira de Almeida - *Valores e representações*, «Portugal: os próximos 20 anos», Vol. VIII, Lisboa, Gulbenkian, 1990 onde este autor comenta a constatação de diferenças entre discursos e práticas, sobretudo a nível das famílias.

desculpabilização através da atribuição da culpa a outros. Estes, são forças exteriores aos indivíduos, perante as quais se consideram impotentes.

Consideramos a nossa Hipótese central parcialmente validada pois, confirma-se a existência de um grupo de agentes que desenvolve estratégias de distinção social, quer usando para isso a demarcação face aos vizinhos, quer negando as "razões" da representação social negativa que lhe está associada. Vimos que dentro deste grupo existem dois subgrupos, o que os individualiza é uma questão de utilização de diferentes estratégias de distinção social face à sua condição social objectiva.

Existe também um grupo de agentes que desenvolve estratégias que passam pela aceitação da sua condição social objectiva.

As estratégias conformistas são usadas pelos que se resignam ao seu estatuto social baixo, por um lado, ajustando as esperanças, as aspirações em relação ao futuro, ao estatuto social que têm. Não esperam mudar de vida e, por isso, não sofrem as decepções das aspirações frustradas e, por outro lado, procurando tirar o máximo proveito das ajudas sociais, apresentando-se como vítimas sociais e como merecedores de uma ajuda maior do que a que recebem.

c) A ambiguidade na utilização das diferentes estratégias

Uma última questão a colocar é a de saber se os agentes produtores destes discursos são os mesmos. É interessante saber até que ponto os agentes produzem, ou não produzem, estratégias de tipos diferentes e mesmo antagónicas ao lidarem com a sua condição social objectiva.

As respostas possíveis são duas: ou os agentes que empregam as estratégias de distinção e as estratégias conformistas face à sua baixa condição social objectiva são dois grupos diferentes ou são o mesmo grupo.

Em termos de coerência, a resposta mais provável é a de existirem dois grupos diferentes de agentes que desenvolvem os dois tipos de estratégias, tanto mais que estas são antagónicas³⁵³. No entanto, é possível uma terceira e mesmo uma quarta resposta.

³⁵³ Recordemos aqui o princípio de coerência que o habitus impõe às estratégias e práticas dos agentes, desenvolvido no capítulo 3.

A terceira possibilidade é a dos agentes oscilarem entre um e outro tipo de estratégias, pelo menos ao nível discursivo, de uma forma ambígua³⁵⁴ consoante considerem mais favorável usar uma ou outra.

A última possibilidade é a de existirem três grupos diferentes de agentes uns que utilizam a primeira estratégia, outros a segunda e um terceiro grupo uma combinação dos dois tipos de estratégias

Neste sentido, impôs-se um regresso aos dados. Na medida em que podemos reconstruir facilmente as contribuições de cada entrevistado para cada um dos gráficos, a partir de um tipo de fichas onde registamos propositadamente essa informação, foi possível concluir que é a quarta possibilidade que mais corresponde à realidade. Quer dizer, em primeiro lugar, que apesar das representações sociais que existem sobre o Bairro não distinguem entre os seus moradores, estes não constituem um grupo homogéneo, pois, como tínhamos visto no enquadramento teórico deste trabalho, existem entre os pobres diferenças ao nível do estilo de vida. Em segundo lugar, a luta para fugir a uma condição social objectiva negativamente avaliada pelo conjunto dos agentes do espaço social em questão implica que os agentes lancem mão de estratégias aparentemente contraditórias.

Os agentes que apresentam estratégias de distinção, (com destaque para os que protagonizam a recusa frontal de considerar fundamentada a má imagem que o Bairro tem na cidade), ou que apresentam estratégias conformistas, (com destaque para os que apresentaram dificuldades em expressar os seus pontos de vista, ao nível discursivo, e para alguns dos que se colocaram no papel de vítimas do arbítrio das entidades exteriores), constituem dois pequenos grupos. A maioria desenvolve discursos utilizando de forma ambígua as duas estratégias, sobressaindo os que num momento criticam os vizinhos para noutro se queixarem da injustiça da sua situação, através, por exemplo, da falta de apoios face a outros que os têm e que deles não precisam.

A nível teórico, a associação entre as noções de condição social objectiva e estratégia, amplamente utilizada neste trabalho, é importante na medida em que coloca o assento tónico da investigação na relação entre o que é exterior ao agente, no sentido do que se lhe impõe, e a forma como este lida com as coerções do mundo social. Não interessaram tanto as características do agente ou a forma como a sociedade se constrói e

³⁵⁴ Cf. o conceito de "ambiguidade" em Goffman, 1975, pp. 128/130.

reproduz, mas sim o modo como os indivíduos concretos lidam com os constrangimentos sociais a que estão submetidos. Destaque-se a capacidade de manobra que permite aos indivíduos serem agentes, agindo na realidade social e não apenas actores, representando um papel pré-determinado.

d) Estratégias de distinção e reprodução social

Algumas das estratégias de distinção utilizadas pelos sujeitos pobres para fugirem à pobreza têm como efeito paradoxal o reforço da sua exclusão e estigmatização.

A tentativa de demarcação das condições sociais objectivas indesejáveis transforma-se em reforço da exclusão e estigmatização quando implica que se denigram os vizinhos, dado que, quando este discurso passa a circular na sociedade envolvente, mais não faz do que reforçar ou confirmar a representação social negativa que o resto da sociedade tem destes bairros e seus habitantes, pois não se distingue entre bons e maus vizinhos. A repetição da representação social reforça-a, confirmado-a e levando os agentes a agirem de acordo com ela.

e) Lacunas e pistas para outros trabalhos

Este trabalho pretendeu ser um modesto contributo para um melhor conhecimento de uma parcela da realidade social. Neste sentido, penso ter mostrado que as estratégias dos agentes face às suas condições sociais objectivas podem divergir significativamente, mesmo quando estas últimas os constroem de forma relativamente semelhante. Não basta os agentes terem: um capital cultural institucionalizado baixo, um estatuto sócio-económico baixo, habitarem no mesmo local e sobre eles existirem as mesmas representações sociais negativas para sentirem e agirem de forma semelhante.

Assim, as abordagens macro-estruturais que tendem a tratar os agentes em situação de pobreza como um conjunto homogéneo considerando que têm as mesmas características e se comportam da mesma maneira, pecam por explicar a realidade de forma defeituosa. O mesmo se passa com as abordagens com preocupações centradas nos aspectos mais económicos dos rendimentos e consumos, pois estes são insuficientes para explicar as opções e comportamentos dos agentes concretos.

O trabalho agora finalizado acaba por apontar pistas de desenvolvimento futuro. Neste sentido, um estudo mais aprofundado de alguns aspectos poderá levar a uma melhor compreensão do que está por detrás das estratégias em causa, contribuindo para um melhor conhecimento das linhas de força que efectivamente recortam a realidade.

O primeiro destes aspectos é a identidade. Esta parece-me, após a realização deste trabalho, fulcral para a compreensão, por um lado, de como os agentes se movem no espaço social e, por outro lado de como percebem os aspectos da sua condição social objectiva, potenciando-os (tentando reforçar o que consideram positivo) ou minimizando-os (procurando anular o negativo). Assim, será importante, em futuros trabalhos, aprofundar esta questão.

O estilo de vida é o segundo dos aspectos em causa, apesar de, desde logo, o ter considerado importante as delimitações teóricas e logísticas deste trabalho impediram o seu estudo, já que, só por si, daria uma ou mesmo mais teses de mestrado.

Na medida em que, como vimos, o estilo de vida é fundador das atitudes dos outros face a cada agente, desempenha um papel muito importante na definição da identidade atribuída pelos outros e mesmo na atribuída pelo agente a si próprio através da imagem que tem da percepção que os outros têm de si. Por outro lado, posições semelhantes na estrutura social e estilos de vida diferentes podem significar estratégias diferentes face a situações semelhantes.

Um último aspecto que valerá a pena desenvolver para uma melhor compreensão das estratégias dos agentes face à sua condição social objectiva será a trajectória social, na medida em que a mesma posição social poderá resultar de trajectórias opostas e a percepção que os agentes têm da sua trajectória social poderá levar a estratégias diferentes face a situações semelhantes.

Finalmente, realço, mais uma vez, que este trabalho não permite apenas apontar as lacunas de outras abordagens. Aumenta, em pequena medida, o conhecimento dos aspectos microestruturais, das reacções concretas dos agentes face aos constrangimentos que a sociedade lhes impõe, demonstrando a existência de uma margem de manobra mesmo entre aqueles no seio dos quais seria razoável supor a sua inexistência devido à sua despossessão económica, cultural (no sentido de não serem familiares com a cultura dominante e não no sentido de não terem cultura), social e simbólica³⁵⁵.

³⁵⁵ Cf. os conceitos de capital económico, cultural, social e simbólico na parte teórica deste trabalho.

Bibliografia

- ACCARDO, Alain - *Initiation à la sociologie: L'illusionnisme social - Une lecture de Bourdieu*, Bourdeux, Le Mascaret, 1991 (ed. reformulada, 1ª ed, 1983).
- ACCARDO, Alain e CORCUFF, Philippe - *La sociologie de Pierre Bourdieu - textes choisies et commentés*, Bourdeux, Le Mascaret, 1989.
- ALMEIDA, Ana Nunes de - "Trabalho feminino e estratégias familiares", *Análise Social*, vol. XXI, nº 85, 1985, pp. 7/44.
- ALMEIDA, João Ferreira de; CAPUCHA, Luís; COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís; NICOLAU, Isabel e REIS, Elisabeth - *Exclusão social - factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta, 1992.
- ALMEIDA, João Ferreira de - "Integração social e exclusão social: algumas questões", *Análise Social*, vol. XXVIII, nº 123/124, pp. 828/834.
- ALMEIDA, João Ferreira de - *Valores e representações*, «Portugal: os próximos 20 anos», Vol. VIII, Lisboa, Gulbenkian, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean - *O sistema dos objectos*, S. Paulo, Perspectivas, 1973 (c 1968).
- BENAVENTE, Ana; COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís e NEVES, Manuela C. - *Do outro lado da escola*, «Terra Nostra», Lisboa, Teorema, 1991 (d.l.).
- BERTAUX, Roger - *Pauvres et marginaux dans la société française*, Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 1994.
- BERTHELOT, Jean-Michel - *La construction de la Sociologie*, «Que sais-je?», Paris, PUF, 1991.
- BINET, Nicolas - "Géographie de la pauvreté", *Urba*, nº 216, Nov. 1986, pp. 53/55., Pierre - "Le

- BOURDIEU s três états du capital cultural”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 30, pp. 3/6.
- BOURDIEU, Pierre - "Capítulo VI - Espaço social e génese das «classes»", in *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, pp. 133/145.
- BOURDIEU, Pierre - "Comprendre", in BOURDIEU, Pierre (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993, pp. 903/939.
- BOURDIEU, Pierre - "La démission de l'État", in BOURDIEU, Pierre (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993, pp. 219/228.
- BOURDIEU, Pierre - *La distinction - La critique social du jugement*, Paris, Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc - *Réponses*, Paris, Seuil, 1992.
- BRÉBANT, Brigitte - *La pauvreté, un destin?*, Paris, L'Harmattan, 1984.
- CAPUCHA, Luís - "Associativismo e modos de vida", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 8, 1990, pp. 29/41.
- CAPUCHA, Luís - *Problemas da pobreza: conceitos, contextos e modos de vida*, Lisboa, Dissertação de mestrado, 1992.
- CARDOSO, Ana e PERISTA, Heloísa - "A cidade esquecida: Pobreza em bairros degradados de Lisboa", *Sociologia: Problemas e Práticas*, nº 15, 1994, pp. 99/111.
- CASTEL, Robert - *Les métamorphoses de la question sociale*, «L'espace du politique», Paris, Fayard, 1995.
- CASTEL, Robert - "De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation" in DONZELOT, Jacques - *Face à l'exclusion*, Paris, ed. Esprit, 1991, pp. 137/168.
- CHAMPAGNE, Patrick - "La vision de l'État", in BOURDIEU, Pierre (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993, pp. 261/269.

- CHAMPAGNE, Patrick - "La vision médiatique", in BOURDIEU, Pierre (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993, pp. 61/79.
- CIBOIS, Philippe - *L'analyse des données en Sociologie*, «Le Sociologue», Paris PUF, 1984.
- COSTA, Alfredo B.; SILVA, Manuela; PEREIRINHA, J.; MATOS, Madalena - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985.
- COSTA, Alfredo Bruto da - "Quelques facteurs d'Appauvrissement dans un pays Méditerranéen: le cas du Portugal", in Henry, Paul Marc - *Pauvreté, progrès et développement*, Paris, L'Harmattan, 1991.
- CRAVEIRO, João Lutas e MENEZES, Mariluci - "Ecologia social de um bairro degradado de Lisboa: a Quinta da Casquinha nas vésperas da mudança", Lisboa, LENC (policopiado).
- DIOGO, Fernando - "Cultura da pobreza: uma abordagem crítica da teoria", *Arquipélago*, nº 7/8, 1992/93, pp. 15/30.
- DIOGO, Fernando - *Inquérito ao Bairro..., segundo relatório*, Ponta Delgada, policopiado, 1992.
- DOISE, Willem - "Les représentations sociales: définition d'un concept", in DOISE, Willem e PALMONARI, Augusto (org.'s) - *L'étude des Représentations Sociales*, Paris, Delachaux & Niestlé, 1986.
- DOISE, Willem; CLÉMENCE, A.; LORENZI-CIOLOI, F.- *Représentations sociales et analyse de données*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1992.
- DURAND, Jean-Pierre e WEIL, Robert - *Sociologie Contemporaine*, Paris, Vicot, 1989.
- FARR, Robert M. - "Les représentations sociales: la théorie et ses critiques", *Bulletin de Psychologie*, Tome XLV, nº405, 1992, pp.183-209.
- FERNANDES, António Teixeira - "Formas e mecanismos de exclusão social", *Sociologia*, 1ª Série, 1º vol., 1991, pp. 9/66.

- FERREIRA, António Fonseca - "Habitação social: lições e prevenções para o PER", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril ou Maio de 1994, pp. 8/10.
- FREITAS, Maria João e CASTRO, Paula - "Vale do Areeiro - reflexões acerca de uma realidade multiétnica", Lisboa, LENC (policopiado).
- FURNHAM, Adrian - "Why are the poor always with us? Explanations for poverty in Britain", *British Journal of Social Psychology*, nº 21, 1982, pp. 311/322.
- FURNHAM, Adrian e GUNTER, Barrie - "Just World Beliefs and Attitudes Toward the Poor", *British Journal of Social Psychology*, nº 23, 1984, pp. 265/269.
- GIDDENS, Anthony - *Sociology*, Cambridge, Polity Press, 1993.
- GLEWWE, Paul e GAAG, Jacques Van der - *Confronting poverty in developing countries: definitions, information and policies*, Washington, World Bank, 1989 (imp.).
- GOFFMAN, Erving - *Stimate: Les usages sociaux des handicaps*, Paris, Minuit, 1975.
- GONÇALVES, M^a Fernanda - "Evolução recente do mercado de trabalho em Portugal: problemas de emprego e mutações", *Organizações & Trabalho*, nº 9/10, Dez. de 1993, pp. 11/26.
- GROS, Marielle Christine - "Estratégias identitárias num território desqualificado" in VV - *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local - Actas do encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, 1994, pp. 471/494.
- GUERRA, Isabel - "As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril ou Maio de 1994, pp. 11/16.
- HARPER, Dean - "Culture de la pauvreté: concept utile ou inutile?", *Cahiers International de Sociologie*, vol. LIIV, 1972, pp. 289/295.

- HERPIN, Nicolas - "L' *urban underclass* chez les sociologues américains: exclusion sociale et pauvreté", *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXIV, 1993, pp. 421/439.
- HERPIN, Nicolas - *A sociologia americana: escolas, problemáticas e práticas*, Porto, Afrontamento, 1982.
- HIERNAUX, Jean Pierre - "Analyse structurale de contenus et modèles culturels: comment traiter des matériaux volumineux", Lovaina/Lisboa, Texto apresentado no mestrado em Sociologia da F.C.S.H. da UNL, 1993b.
- HIERNAUX, Jean Pierre - "La conception binaire du réel: remarques en triade", Lovaina, Colóquio *A concepção binária do real: questionamento a partir da confrontação de culturas*, 1992.
- HIERNAUX, Pierre - "Pauvreté et marginalisation en Europe - Realités communes, stratégies convergentes?", *Service Social dans le Monde*, vol. L, nº 1/2, 1992, pp. 3/17.
- HIERNAUX, Pierre - *Lutter contre la pauvreté en Europe - Aquis et perspectives de la confrontation transnationale des expériences de terrain*, Bruxelas, Programa europeu de luta contra a pobreza - serviço de animação e de difusão, 12/1989.
- JEKINS, Richard - *Pierre Bourdieu - Key sociologists*, London/New York, Routledge & Kegan Paul, 1992.
- JODELET, Denise - "Représentation sociales: un domaine en expansion", in JODELET, Denise - *Les Représentation Sociales*, Paris, PUF, 1989.
- LABBENS, Jean - *Sociologie de la pauvreté - Le tiers monde et le quart monde*, Paris, Gallimard, 1978.
- LEWIS, Oscar - *Os Filhos de Sanches*, Lisboa, Moraes, 1973.
- LIMA Pedro, DORES, António José e COSTA, António Firmino da - "Classificação de profissões nos Censos 91", *Sociologia: Problemas e Práticas*, nº 10, 1991, pp. 43/66.

- MAIA, Hortense Lopes. FREITAS, Maria João e FAÍSCA, Luís - *Para um estudo das representações sociais da pobreza em meio urbano*, Lisboa, LNEC, 1992.
- MARTINIC, Sergio V. - *Análisis estructural: presentación de un método para el estudio de lógicas culturales*, Santiago, Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación (CIDE), 1992.
- MOREIRA, José Vasco Viveiros - *Actividade marginal no Bairro...*, Ponta Delgada, Centro de Estudos Etnográficos (Policopiado), 1993.
- MOSCOVICI, Serge - "Notes Towards a Description of Social Representation", *European Journal of Social Psychology*, 1988, vol.18, nº13, pp.211-250.
- MOSSÉ, Eliane - *Les riches et les pauvres*, Paris, Le Seuil, 1985 (imp.).
- MAUSS, Marcel - "Essai sur le Don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques" in *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 6^a ed., 1978, pp. 143/279.
- NIZET, Jean - *Initiation à l'analyse structurale du discours*, Namur (Belgica), Facultés Universitaires Notre-Dame de la Paix, 1982.
- OGIEN, Ruweu - *Théories ordinaires de la pauvreté*, Paris, PUF, 1983.
- OGIEU, Ruweu - "Culture de la pauvreté: Oscar Lewis et sa critique", *Cahiers International de Sociologie*, vol. LXV, 1978, pp. 284/314.
- ØYEN, Else - "Sobre la pobreza", *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, nº 134, Dec. 1992, pp. 647/660.
- PAPANTONIOU, Antonios K. - "Chômage et pauvreté L'expérience de quatorze projects", *Service Social dans le Monde*, vol. L, nº1/2, 1992, pp. 19/31.
- PAUGAM, Serge - *La desqualification sociale: essai sur la nouvelle pauvreté*, Paris, PUF, 1991.
- PINTO, José Madureira - "Considerações sobre a produção social de identidade", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Julho de 1991, pp. 217/231.

- PINTO, Teresa Costa - "A apropriação do espaço em bairros sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril ou Maio de 1994. pp. 36/43.
- ROCHA, Gilberta e MEDEIROS, Octávio - *Diagnóstico sócio-económico da Região Autónoma dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores/Instituto de Acção Social (Policopiado), 1994.
- ROCHA, Gilberta; MEDEIROS, Octávio e DIOGO, Fernando - *Juventude Açoriana: Caracterização, Valores e Aspirações*, Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude, 1995.
- ROOM, Graham, et al. - *Politiques nationales de lutte contre l'exclusion sociale - premier rapport annuel de l'observatoire europeen*, Bruxelas, Comissão das Comunidades Europeias, Abril de 1991.
- RUQUOY, D. - "Les Principes et Procédés Methodologiques de l'Analyse Structurale", in Remy, J. ; Ruquoy, D. (org), *Méthodes d'Analyse de Contenu en Sociologie*, Bruxelles, Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1990, pp. 93/109.
- SILVA, Manuela - "A pobreza em Portugal: algumas reflexões", *Brotéria*, nº 134, 1992, pp. 534/545.
- SILVA, Manuela - "Crescimento económico e pobreza em Portugal (1950-74)", *Análise Social*, Vol. XVIII, nº 72/73/74, 1982, pp. 1077/1086.
- SILVA, Manuela - *A pobreza infantil em Portugal*, S.L., Comité português para a UNICEF, 1991 (d.l.).
- SILVA, Manuela e COSTA, Alfredo B. (coord.) - *A pobreza Urbana em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1989.
- STOLERU, Lionel - *Vaincre la pauvreté dans les pays riches*, Paris, Flammarion, 1974.
- TAVARES, Luísa e CARVALHO, Isabel - *A representação oficial da instituição escolar: análise comparativa das representações de "professor" e "aluno" nos livros de leitura da escolaridade elementar portuguesa das décadas de 1960 e 1980*, Tese de Licenciatura, Lisboa, F.C.S.H.(policopiado), 1994.

- TOSCANO, Maria de Fátima Costa - *Destinos fatais e utilidade social*, Lisboa, F.C.S.H., dissertação de mestrado, 1993.
- TOWNSEND, Peter - *The International Analysis of Poverty*, Hemel Hempstead (Inglaterra), Harvester Wheatsheaf, 1993.
- VALA, Jorge - "Sobre as Representações Sociais: Para uma Epistemologia do Senso-Comum", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, Abril 1986, pp. 5/30.
- VALA, Jorge, MONTEIRO, Maria Benedita e LIMA, Maria Luísa - "Culturas organizacionais - uma metáfora à procura de teorias", *Análise Social*, vol. XXIV, nº 101/102, 1988, pp. 663/687.
- VALENTINE, Charles A. - *Culture and Poverty: Critique and Counter-Proposal*, Chicago e London, University of Chicago Press, 1970/72 (1ª ed. 1968).
- WACQUANT, Loïc - "De l'Amérique comme utopie à l'envers", in BOURDIEU, Pierre (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993, pp. 169/179.

OBRAS CONSULTADAS

- BOURDIEU, Pierre (dir.) - *La misère du monde*, «Libre examen», Paris, Seuil, 1993.
- BOURDIEU, Pierre - *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.
- REMY, Jean e RUQUOY, Danielle (org.'s) - *Méthodes d'analyse de contenu et sociologie*, Bruxelas, Facultés universitaires Saint-Louis, 1990.
- VV - *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local - Actas do encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, 1994.

ANEXOS

ANEXO 1

FICHA PESSOAL DOS HABITANTES DO BAIRRO A PARTIR DA
QUAL SE CONSTITUIU A MATRIZ DE DADOS

1- Rua e número: _____

2- Nome:

3- Idade:

4- Posição na família: _____

5- Ocupação (da forma mais completa possível):

_____ REFORMADO

6- Situação na profissão:

6.1- Conta própria:

1- Colectado 2- Não colectado

6.2- Conta de outrem:

1- Efectivo 2- A prazo 3- Sem contrato 6.3- Desempregado

7- Profissão anterior (empregados): _____

8- Freguesia de naturalidade: _____

9- Escolaridade: _____

10- Actividades associativas (comissão de moradores): _____

11- OBS: _____

Anexo 2**NOTÍCIAS SOBRE O BAIRRO NOS JORNAIS****Açoriano Oriental**

11/AGO./1992 - três páginas com 4 fotografias

15/SET./1992 - uma página com fotografia

11/DEZ./1993 - meia página com fotografia de curso de formação

29/NOV./1994 - primeira página e pp. 14/15

Correio dos Açores

20/JUN./1991 - primeira página e caixa no interior

11/DEZ./1993 - primeira página com fotografia e p. 15

21/SET./1994 - pequena caixa na primeira página

EXPRESSO DAS NOVE (anteriormente JORNAL DE S. MIGUEL)

12 a 18/AGO./1993 - duas páginas

Anexo 3

MODALIDADES ACTIVAS E CONTRIBUIÇÕES PARA OS EIXOS DA ANÁLISE FACTORIAL DAS CORRESPONDÊNCIAS

MODALITES			COORDONNEES					CONTRIBUTIONS					COSINUS CARRÉS					
IDEN	LIBELLE	P.REL	DISTO	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6 . LAPEIRO																		
LSIM	- LAPEIRO	1.56	9.67	2.34	-1.24	.11	-.60	-.54	27.7	9.3	.1	2.7	2.3	.56	.16	.00	.04	.03
LNAO	- NAO LAPEIRO	15.10	.10	-.24	.13	.01	.06	.06	2.9	1.0	.0	.3	.2	.56	.16	.00	.04	.03
			CONTRIBUTION CUMULEE = 30.6 10.3 .1 3.0 2.5															
7 . IAS																		
IASS	- IAS SIM	5.90	1.82	.77	.73	-.01	-.11	-.32	11.3	12.2	.0	.3	2.9	.32	.29	.00	.01	.05
IASN	- IAS NAO	10.76	.55	-.42	-.40	.00	.06	.17	6.2	6.7	.0	.2	1.6	.32	.29	.00	.01	.05
			CONTRIBUTION CUMULEE = 17.6 19.0 .0 .5 4.5															
8 . PESS_PRO																		
PES1	- 1 PESS PROJ	5.73	1.91	.73	.04	-.13	.51	.12	10.0	.0	.4	7.2	.4	.28	.00	.01	.13	.01
PES2	- 2 PESS PROJ	2.08	7.00	-.68	.02	.14	.79	-1.79	3.2	.0	.2	6.3	32.8	.07	.00	.00	.09	.46
PES3	- 3 PESS PROJ	.69	23.00	-.52	1.20	-2.74	-.52	.31	.6	3.9	22.2	.9	.3	.01	.06	.33	.01	.00
8_	- reponse manquante	8.16	1.04	-.30	-.14	.28	-.51	.34	2.3	.6	2.8	10.5	4.7	.08	.02	.08	.25	.11
			CONTRIBUTION CUMULEE = 16.1 4.5 25.5 24.9 18.1															
9 . FAM_HAB																		
1FAM	- 1 FAMIL HAB	9.55	.75	-.13	-.01	-.61	-.09	.20	.5	.0	15.2	.4	1.9	.02	.00	.50	.01	.05
2FAM	- 2 FAMIL HAB	3.99	3.17	-.21	.24	.90	1.09	-.10	.5	.9	13.8	23.2	.2	.01	.02	.26	.37	.00
3FAM	- 3 FAMIL HAB	1.39	11.00	.69	-.19	.80	-1.27	-1.03	2.2	.2	3.8	11.0	7.3	.04	.00	.06	.15	.10
4FAM	- 4 FAMIL HAB	.69	23.00	2.68	-1.39	.45	-.98	.68	16.2	5.2	.6	3.2	1.6	.31	.08	.01	.04	.02
6FAM	- 6 FAMIL HAB	1.04	15.00	-.75	.37	.78	-.97	-.53	1.9	.6	2.7	4.8	1.5	.04	.01	.04	.06	.02
			CONTRIBUTION CUMULEE = 21.3 6.9 36.1 42.5 12.4															
10 . ANORMALI																		
ANR1	- DESEMPREGO	.69	23.00	.94	-1.62	-1.26	1.41	-2.05	2.0	7.1	4.7	6.7	14.3	.04	.11	.07	.09	.18
ANR2	- PROB SAUDE	1.74	8.60	1.23	1.17	-.30	1.18	1.11	8.6	9.3	.7	11.9	10.4	.18	.16	.01	.16	.14
ANR3	- DESAPROV BAIRRO	.35	47.00	-.09	-.03	-1.95	-.05	1.51	.0	.0	5.6	.0	3.9	.00	.00	.08	.00	.05
ANR4	- DESESTR FAMILIAR	2.60	5.40	-.22	1.44	-.49	-.86	-.92	.4	20.9	2.7	9.5	10.8	.01	.38	.04	.14	.16
10_	- reponse manquante	11.28	.48	-.20	-.41	.30	-.07	.12	1.4	7.4	4.3	.3	.8	.08	.35	.19	.01	.03
			CONTRIBUTION CUMULEE = 12.4 44.7 17.9 28.3 40.2															
11 . MONOPARENT																		
MONS	- MONOPARENTE SIM	3.65	3.57	.36	.90	1.01	-.17	.31	1.5	11.4	15.8	.5	1.7	.04	.23	.29	.01	.03
MONN	- MONOPARENTE NAO	13.02	.28	-.10	-.25	-.28	.05	-.09	.4	3.2	4.4	.2	.5	.04	.23	.29	.01	.03
			CONTRIBUTION CUMULEE = 1.9 14.6 20.3 .7 2.2															

TIRAS DO CORPUS USADAS NA ANÁLISE ESTRUTURAL

GRÁFICO 1

Entrevistador — Mas pessoas em geral ou alguém ... eu não vou perguntar nomes de ninguém, mas algumas pessoas.

H44- Entrevistada — E umas dez ... dez a doze pessoas aqui que só se ocupam com a vida dos outros que não se pode nem contar que elas vão logo vigiar e contar a umas e a outras e que viu e que não viu e criticam tudo e estão sempre a vigiar tudo, essa mania que elas já estavam habituadas noutras casas antes de virem para cá, está a perceber? É a tal coisa onde há bom, há mau. É isso. Por isso os meus filhos não gostam muito. Porque eu sou uma pessoa, pode estar havendo uma briga aqui, pode estar a polícia nessa rua, eu não apareço porque eu não acho aquilo uma festa, uma procissão para mim ir ver e às vezes e às vezes quando o meu marido vem com aquela pinguinha meio atravessada que ele vem falar alto, faz zaragatas, parte-me o vidro vem tudo ... vem tudo para as portas, tudo, até sentem-se aqui no passeio, defronte da minha casa, nem que fosse uma festa. É isso que os meus filhos não gostam, que eles estão-se ocupando com a vida dos outros.

H49- Filha — Outros disseram que foi o meu irmão pequenino, e o meu irmão pequenino estava nos baloiços lá em cima, morreu nos baloiços. Essas coisas que ... eu não gosto desse pessoal daqui. Tem alguns que são bons, mas não é nem todos.

Entrevistador - Não, não é isso. Não há assim muitas intimidades com os vizinhos.

A77- Filho - Sim, dialogar assim uns com os outros é lá de vez em quando ponho-se nas portas ... portanto quando tem um dia bom põe-se ali à porta aparece de repente um dois vizinhos um trabalha à noite de dia é p'ra dormir à noite vai-se trabalhar.

A53- Filho - Que cheira mal vai-se logo deitar sem se lavar eu tenho cães aqui no meu quintal que não cheiram tão mal como aquela casa es com a cheira. Até se quiser ir ver pode ir ver não problema nenhum tenho um casal de dobrmens aqui o meu quintal não cheira tão mal como cheira o lado de cima até queimou a roupa no quintal quando não lavava.

H72- Outro — Mas eles não são os piores

H73- Filha — Ah! Os trintas, que vêm a ser os petiscos, os petiscas, não sei se conhece, um que até tem uns polvos, o outro mora aqui, portanto é tudo família, sabe como é? Aqui tem avós, netos tios, é só essas famílias assim. Essas famílias sozinhas, assim como eu, minha mãe, assim, pronto, não há problema nenhum, o senhor já percebeu?

H54- Filha — E esta família e algumas pessoas ...

H55- Entrevistada — É umas dez casas.

H56- Filha — Que casaram com os filhos dessa família que não vale a pena nomear quem é e também há ... são os gringos. O senhor já sabe quem são os gringos cá do Bairro, não vale a pena ...

G23- Entrevistada — Já se sabe, também rapazes quase sempre com um saquinho. "Ah! Que aquele foi roubar, aquele foi roubar ao hiper, foi roubar ao mini mercado, o senhor já percebeu? Já eu, muita vez, não é muita vez, já que dou sempre dinheirinho é às vezes trago do Mini Costa as minhas comprinhas e da minha cantina, no mínimo, também tenho as minhas compras e também tenho isso tudo, mas essas vizinhanças não podem ver nada, não podem, não podem, o senhor já percebeu?

D26- Entrevistado - Há 12, ou coisa, pronto.

Entrevistada - Acho que é ...

D27- Entrevistado - Ah! Pronto. Quinze anos. Pronto. Não, doze anos que eu estou morando aqui, isso não era mau, era um berrinho era ... onde albergava as orelhas, a mim e aos meus filhos, não é? Isto hoje aqui é melhor. Portanto, láo, láo ... o Governo tá bem, o Governo, os cursos, o Governo tá dando o que era preci ... o que era necessário p'ra aqui, tá dando tudo, o que é que eles quer mais? Mais só a água, ou para não dizer mais claro, água, a água é clara, não é? É o que eles querem. E esse bairro não está melhor porque muito ... não é o povo, o pessoal que mora aqui nesse bairro, não quer que seja um bairro discreto.

Entrevistador - Mas porquê?

D28- Entrevistado - Não sei. Cada qual tem a sua ideia, o seu pensamento, não é? Que eu posso ter um, o senhor pode ter outro. Eu posso ter um pensamento, o senhor pode ter um pensamento ruim, eu quero um pensamento de paz, o senhor quer um pensamento de briga, por isso, aí é que está o problema, não é? De resto eu não tenho ... tudo porreiro da vida tudo ... eu pelo menos não tenho crise, como eu estou dizendo ao senhor chego a casa vou à casa de banho só ... cheguei a casa sai de casa vou falar com o meu compadre se na fosse que eu quando saio de casa sai da manhã vou tomar café compro cigarros, chega ao meio dia nunca mais saio de casa deito-me a dormir tou a brincar com o meu pequenino que é o mais moço tou a brincar com ele e na saio mais de casa ali não há mais sair.

B18- Entrevistada - Ah!... isso é com eles.

Entrevistador - Mas a senhora ...

B19- Entrevistada - Eu seguro o que é meu, cada qual segure o que é seu.

Entrevistador - Mas a senhora então vê nota isso vê ...

B20- Entrevistada - Pessoas que saiem à noite? Ah! Sim senhor, quantas e quantas, mas isso a mim não dá que fazer.

Entrevistador - Mas ...

B21- Entrevistada - Quer dizer elas não foram criadas assim de sair muito à noite ou assim de tá p'rai não senhor....

N24- OUTRO — Eu estou aqui à dois anos. Sei, viv a guerra, sou uma pessoa civilizada ... pronto sou sossegado, lento não me levar, a minha maneira de ver, porto-me é assim, sou uma pessoa.

H57- Entrevistada — A própria polícia não vale a pena chamar.

H58- Filha — Dizer mais nada porque a polícia nem quer saber, porque a gente chama a polícia e não há nada.

H59- Outro — Isso aqui quem tem mãos e pes que se defenda

H45- Filha — Por exemplo, pegou fogo na minha casa por um curto circuito, um curto circuito que houve lá em cima, no tecto_

H46- Entrevistada -- A gente _ de dia, três e meia. As pessoas _

H47- Filha - Uns disseram que foi que eu fui dormir, levei um cigarro peguei fogo em casa.

H48- Entrevistada — Isso três e meia da tarde num sábado fazendo a limpeza de Natal. Dia três de Novembro.

H49- Filha — Outros disseram que foi o meu irmão pequenino, e o meu irmão pequer ino estava nos baloiços lá em cima, morreu nos baloiços. Essas coisas que _ eu não gosto desse pessoal daqui. Tem alguns que são bons, mas não é nem todos.

A11- Outro - Sim.

A12- Entrevistada - Mas a gente não tem nada com os vizinhos, nem os vizinhos com a gente tudo nas suas calmas.

H162- Entrevistada - Por isso é que a minha filha não gosta. É pessoas que se ocupam, a gente não pode fazer nada porque elas põem-se logo a vigiar os outros. Não são todas, não são todas. Por exemplo pessoas como eu que não se preocupam com a vida de ninguém que eu por mim podem comprar, podem bngar, podem-se matar na rua eu não vou ver nada.

A54- Outro - É isto, vou dizer ao senhor que há certas pessoas aqui deviam ter essas coisas assim.

A55- Filho - O senhor não consegue entrar e sentar por muito tempo aqui na casa do lado de cima, é uma vergonha. São pessoas boas sim senhor mas hinguene podemos ser pobres sim senhor mas estar tudo a cheirar mal é uma coisa.

A53- Filho - Que cheira mal vai-se logo deitar sem se lavar eu tenho cães aqui no meu quintal que não cheiram tão mal como aquela casa cheira. Até se quiser ir ver pode ir ver não problema nenhum tenho um casal de dormeas aqui o meu quintal não cheira tão mal como cheira o lado de cima até queimou a roupa no quintal quando não lavava.

A51- Filho - Tem uma coisa que é a hinguene nas casa das pessoas tem uma senhora aqui que do lado de cima da minha casa ...

H76- Filha - Tem uns gritos. O que foi que aconteceu? Eu faço, eu bato, eu não tenho medo da policia, não ... pronto. A gente, por exemplo, se a gente roubar e matar, o senhor acha que se não houvesse policia a gente matava a torto e a direito e roubava a torto e a direito, mas é que aqueles não querem saber se há policia, se não há policia. Nada os impede de fazerem aquilo que eles querem, já percebeu?

H51- Filha - Metem-se e depois pronto, se for para discutir ... não sabem discutir de boca, está a ver? Se a gente for discutir realmente de boca não sabem. São capazes. Pronto, a gente pode vencer a pessoa, por exemplo eu discuti com aquela ela me bateu também leva, daqui a bocado está tios, primos, sobrinhos tudo a destruir a minha casa, está a ver?

Entrevistador - Então o senhor está-me dizendo que o senhor não se interessa o que é que se passa aí na rua está bem aí em sua casa. É isso?

D21- Entrevistado - Não senhor, aí é que ta o problema eu tou em minha casa abaixo deles tou bem, abaixo deles tou bem para fora não me interessa, nem que se matem.

D29- Entrevistado - Não, não, não senhor famílias como eu também sou não penso em ninguém, não sou de niguém, se eu fizer isso, se eu não gostasse deste bairro, não tem ... se não tem melhor nome o povo do Bairro é que não lhe quer mesmo.

Entrevistador - Porque é que acha que as pessoas diziam isso?

E69- Entrevistada - Porque uma é assim, uma é assada, as pessoas é que dizem.

E70- Outra - São as fofoqueiras.

E71- Entrevistada - O pessoal é que diz.

F52- Entrevistada - Malandragem. Não, mas... Até porque essas estão lá estão bem. Essas mulheres querem assim estejam caladas. Começam para ali ...

LB56- ENTREVISTADA - Não, acho que não porque eu vou-lhe dizer uma coisa não porque eu vou é a minha pessoa, não tenho nada a ver, eu não sei explicar eu não nada a ver com o que se passa com os outros eu interesse-me é comigo, portanto vou à luta, conseguir sempre consigo, porque a gente por uma não vai pagar as outras, não é? Que a gente tem que ter uma experiência primeiro com uma pessoa para realmente ver se essa ...se a pessoa é competente, não é? Não é a gente dizer: "Ah! Aquela do Bairro ..." Não, nem todas são iguais. Lá por eu ter um vizinho assassino ou ladrão, isso é uma maneira de falar, não quer dizer que a vizinha do lado de baixo seja igual, não é? Portanto, essa parte não me preocupa nada. Eu respondo por mim, eu sou aquilo que sou, não me interessa os outros.

ENTREVISTADOR - Eu deduzo daqui que vocês se dão bem com os vizinhos.

P60- ENTREVISTADO - Ah, sim! Graças a Deus. Eles não vão à minha casa eu também não vou à deles também, é só bom dia, boa tarde, mas sempre que haja qualquer situação ou qualquer coisa a gente está aí.

C85- Entrevistada - Quando acontece uma coisa vem logo tanta gente daí de baixo.

G30- Entrevistada - Porque não têm que trabalhar, também.

LA53- Entrevistada - Ah! Mas são pobres. Há muitas pessoas que são pobres, há muitas pessoas que não querem trabalhar. Muitas pessoas que não querem trabalhar. Tem aí serviços. E pronto, acontece que eles lá nos serviços fazem, pronto, coisas que não devem fazer, não é? E perdem os serviços. Então, porque eu sei de uma pessoa aqui que, pronto, acho que lhe faltou a luz, porque não pude pagar, não sei quê, foi ter com o senhor Padre e essa coisa toda. Porque é que ele saiu do serviço? Diz que foi por roubar? Então se ele tinha um bom emprego porque é que não aproveitou aquele emprego? Eu digo então: "Eu sou mulher, eu trabalho não é? Para ajudar o meu marido, porque eu sei que o ordenado dele é pouco e eu tenho que trabalhar para lhe ajudar, mas quantas pessoas que estão aí neste bairro, que são novos e homens que podem trabalhar e não querem trabalhar? E depois vão é as mulheres que vão pedir esmola vão ter com o senhor Padre para ele dar o dinheiro para isso, para aquilo. Eu acho que isso também não está certo, não é? Uma pessoa que não pode, é doente, a gente compreende, não é? Porque eu também sou pobre, mas eu também gosto de fazer uma esmola, não é? Mas a uma pessoa que eu veja que realmente precisa, não é? Agora fazer uma esmola como o senhor Padre, este que está agora aí, está a dar dinheiro para aí. Pronto, eu vou à Igreja, faço a minha coiletra, vai outro faz a sua coiletra, para que é que serve aquilo? Para o senhor Padre depois juntar e estar dando a essas pessoas que não querem trabalhar? Eu acho que isso não está certo. Que eu ... Bom, se é uma pessoa que é doente, pá a gente também a gente estamos aqui, não é? Para a gente olhar por isso. Uma coisa ... se uma pessoa de perfeita saúde, que todo o dia eles estão na loja, acho que também podem trabalhar, não é assim? Eu penso que é isso. Não trabalham porque não querem.

LA54- Entrevistada - Há muita falta de emprego, a gente sabe que há muitas faltas de empregos, mas há muitas pessoas que têm os seus empregos e eles perdem porque querem. Eu acho que é assim, porque eu em mim, eu tenho essa opinião, eu sou uma mulher, eu trabalho para ajudar o meu marido, então se eles têm oportunidade de trabalhar, porque é que não trabalham? Porque eles já estão com aquele vício, não é? Da mulher ir pedir esmola, do filho ir pedir esmola, eles já estão com aqueles vícios, não querem trabalhar. Acho que isto não é justo. E em minha opinião acho que o senhor padre não havia de ajudar essas pessoas assim. Pronto, eu para mim acho assim, não sei que para os outros vão. Porque se é uma pessoa doente, sim senhor, o senhor Padre está ajudando, eu até concordo com isso, até também se eu puder fazer a minha esmola eu faço, mas agora pessoas que podem trabalhar o senhor Padre está a ajudar essas pessoas eu acho que não é certo.

LB9- ENTREVISTADA - Muitas, nem foi portanto ...algumas nem todas, algumas conseguiram aprender muito venham e outras não. Eu tenho impressão que aquelas que tiveram mais interesse aprenderam Outras não. Também vai muito no interesse das pessoas e na vontade, não é?

LB10- ENTREVISTADA - Porque se via, a gente nota. Eu não quero dizer que todas ...as nós que estamos na cozinha que todas aprenderam o mesmo que é mentira, umas sabem mais do que as outras.

R19- B - Lógico, pelo amor de Deus, temos aqui pessoas pobres e bem pobres, temos aqui pessoas bem, bem pobrezinhas.

ENTREVISTADOR - Mas não é toda a gente igual?

R20- B - Não, não, tem aqui pessoas bastante bem de vida, mutíssimo bem que não têm necessidade alguma de nada felizmente mão não, muita, muita, muita gente tem aqui, que não precisa, ali, por exemplo o lado de lá, praticamente ele todo, a não ser uma casa só que é a XXXX, uma sujeita que tem uma deficiência numa perninha, que tem muitos filhos, quer dizer o marido dela ganha muitíssimo bem, é a tal coisa, ele é empregado na Câmara, só que o egoista gasta o dinheiro como quer e entende e quem passa fome é a mulher e as filhas que anda a pedir esmola e vão para o quartel buscar comida, miúdas de quinze, dezasseis anos, quer dizer é esse tipo de coisas que pronto, tinha que haver uma mudanças.

GRÁFICO 2

Entrevistador - Dá para ter os filhos aí fora com os outros miúdos todos?

A23- Outro - Não, não dá. Não dá porque há muitos miúdos aí malcriados de língua está a perceber, não tem certas escolas, não tem uma certa educação dos pais e isso não dá pa ... as minhas meninas não saem para o caminho e as mulheres estão a qui vem aqui, mas na vão brincar com essas outras meninas daí.

H122- Entrevistada — Está na explicação duas vezes na semana. Agora vai para os ensaios numa comédia que o senhor Padre vai fazer do Carnaval uns bailes pela rua, está assim ... quer dizer é um tipo de criança assim, criei os meus filhos é assim. Já o meu mais pequenino já dá-se com esses assim pequeninos que querem é isso, querem é fazer cabanas com madeira, querem ... está a perceber? Querem velas acesas, querem tudo assim, mais à baila e através dele eu me culpo, eu vou sempre atrás dele, eu procuro sempre o Bairro todo à procura dele e ele já veio todo sujo por estar com aqueles maus e tem aqui um pequeno duma pessoa, duma sujeita que tem muita criança tem montes de problemas e eu obrigo o meu pequeno trazer esse tipo de criança para ver se ele ocupa-se mais no quintal, sabe como é o quintal, tem os brinquedos dele, está tudo ali no chão, mas eu prefiro ele juntar tudo e guardar e ir limpar o quintal e ele estar ocupado aqui. ...

H133- Filha — É a minha filha ... a minha filha hoje fez um ano e sete meses, um ano e sete meses. Mas, pronto, ela às vezes está com as vizinhas aqui, com uma miudinha ou coisa assim diferente também, eu às vezes eu ouvo os rapazes dizerem um palavrão, se o senhor disser à minha filha para dizer um palavrão, o senhor vai ouvir o que ela vai-lhe dizer. Ela diz que não diz.

H84- Entrevistada — Porque é que eles vão para os caminhos? Porque as mães são umas desmazeladas. Porque é que o senhor pensa as crianças vão para os caminhos? Tem uma aqui em cima que põe-se todo o dia a dormir, de ano a ano tem um pequeno. O senhor que veja de um a um ano já tem uns treze ou catorze filhos, pronto. É só dormir toda a tarde. Os filhos onde é que estão? Se o senhor vê, está para a cidade a pedir esmola, outro já cortou o pescoço para aí

H7- Entrevistada — E vem tudo, junta-se uns com os outros, sempre as crianças sempre vão buscar aquelas coisas que os outros sabem menos, não é? Mas os pequenos estão durante o dia, mas isso ... o problema é deles, não tenho nada a ver com isso, já percebeu? Eu sou ... Oh! da minha porta para dentro eu não ... mas ele está ficando melhor desde que houve o curso, há animação para as crianças e tudo, está a melhorar muito até ... porque isso já foi pior ... já foi pior, isso é verdade, pois essas mães vêm para aí, mães...

H8- Entrevistada — Pior assim, nesse tipo assim As mães, muitas estão no curso, muitas mães das crianças, e as crianças têm part time, à tarde também vão para a animação, estão ocupados, percebe?

H9- Entrevistada — Antes as mães não trabalharem, estavam em casa, os filhos andavam era pela rua pronto, pela rua uns, uns maus outros bons, realmente, os que são bons apanham... vão captar sempre o que os maus fazem, já percebeu, depois fica tudo enrolado, há muita criança para aí, é brincar é fazer mal, é fazer mal a torto e a direito, a gente não podia dizer "não se faz isso, não se faz ..." eles mandavam com más linguas e tudo, no princípio que eu vim para aqui morar. Agora eles estão ocupados, está bem vê-se pouco, vê-se pouco casos desses.

LA45- Entrevistado - Eles estão sempre a fazer mal para aí. Nunca parem todo o dia para aí, esses rapazes. É sempre a fazer mal, destruir. Eles querem é destruir, já houve umas árvorezinhas aqui na frente das casas que foram abaixo, eles destruíram tudo, arrancaram tudo. Tudo, não deixaram nada. E tinha uma.

LA46- Entrevistada - Acho que foi um que, isso foi um que ...

LA47- Entrevistado - Eu tinha uma aqui dentro do meu jardim, eu já tinha vedado ali, já tinha pedido autorização à Câmara eles autorizaram-me fazer o jardim, e eles deitaram-me uma árvore no lado de dentro do jardim, mas só que depois partiu, a árvore partiu e eu tive que lhe arrancar porque só ia encher muito e não ... e não crescia. Então eu arranquei e deitei essa que eu tenho aqui.

I22- Entrevistada — É_ acho que é os rapazes aqui do bairro aqui do Bairro, já não é rapazes, já tem rapazes com quinze, dezasseis anos..

Entrevistador — Hum! Hum! Sim, sim... E em relação aos adultos?.

I24- Entrevistada — Os adultos não dizem nada aos pequenos, não. Não têm razão de queixa do Bairro de mal.

G7- Entrevistada — É, a gente toda, é disso tudo, porque a gente não pode sair de casa.

G8- Entrevistada — É rapazinhas, a gente vê rapazinhas novos para aí, é droga, é roubos, é isso, é aquilo, essas coisas todas.

G19- Entrevistada — Mas não posso, para onde é que hei-de ir com uma mão cheia de rapazes, com doze rapazes. O meu marido também, tenho um só ordenado só mesmo da meu marido, o meu marido também ... a vida não está para brincadeiras, agora aquele pequeno é que está trabalhando, está há seis meses, está há seis mese ou há sete, há sete meses, não é?

N10- ENTREVISTADA — Rapazes e eram bebedeiras, drogas, esta coisas que traziam para ai, policcias, chaticos, agora já não há nada disso. Rapazes que estão na formação, rapazes novos que agora, uns estão na carpintaria, outros estão na electricidade, rapazes que estavam assim no caminho até às tantas da noite e agora não se vê nada disso, chega-se assim à meia-noite, meia-noite e tal o bairro está sossegado, ele não era, rapazes que a gente via mesmo que credo, andavam ai até às tantas da noite e agora já não se vê nada disso.

H85- Outra - Os outros a roubar nos hiperes a roubar.

H86- Entrevistada - Os outros nos hiperes a roubar. As raparigas, coitadinhas lá para aí para essa cidade atrás desses pequenos, o que é isso. Isso é algum bom ambiente, não é? Também vem muito _ também depende muito dos pais. Para mim depende muito dos pais. Porque olha, se a mãe diz que sim o pai diz que não, quando o pai diz que não a mãe diz que sim, o pai briga com a mãe porque a mãe disse um palavrão diante do filho, no outro dia o pai é que diz um palavrão diante do filho, já percebeu?

A44- Outro - Isso ...

Entrevistador - Ir para os hiperes.

A45- Outro - Exactamente, esses miúdos e depois, já se sabe que miúdos fazem a mesma coisa que miúdos pois eles levem, depois eles dizem uma coisinha privada as os miúdos estão ali vão brincando vão pá escola vem.

A10- Outro - Dantes não dantes ... eu já moro aqui já uns dez anos não é? Aqui em baixo, mas aqui dentro do bairro eles já moram - se sete anos praticamente aqui, não é nessa casa mas é numa outra casa já mora aí uns sete anos e dantes não era assim dantes eles saiam da escola começavam a fazer mal p'ra aí até essas casas não tavem ainda prontas partiam muito, as brincadeiras de rapazes são assim. E depois iam p'ra fora fazer mal crianças é sempre assim os pais também têm muitos irmãosinhos não podiam amarrar tudo junto eles fugiam mas desde que veio essas coisas assim esses baloços eles vão sempre p'ra li eles jogam futebol aqui nesse parquezinho maiorzinho eles joguem futebol esses mais crescidinhos, vão para a escola vêm, eles agora já não ...

I17- Entrevistada — É porque eles não paravam, faziam muitos choles, bolas, pedras e tudo, no principio quando eu vinho para aqui, mas agora fui-me habituando.

I18- Entrevistada — Agora já ... agora já está o bairro

Entrevistador — A senhora ... é os pequenos aí na rua que faziam mal...

I19- Entrevistada - É, faziam mal.

I20- Entrevistada — Faziam e fazem. Quando se aproveitam quando uma pessoa não tem marido, eles quando é à noite querem aboiar pedras para a porta, depois quando é assim, brincadeiras de bombas, foi bombas que eles põem aí a porta, é isso, essas boubices que eles fazem.

I21- Entrevistada — É ... acho que é os rapazes aqui do bairro aqui do Bairro, já não é rapazes, já tem rapazes com quinze, dezasseis anos..

também cresceram e ajudaram-lhes também a modificar as crianças entre si estão diferentes, já brincam umas com as outras, diferentes do que era antigamente, dantes também não havia nada, agora houve a Ocupação dos Tempos Livres, isto foi uma ocupação que eles tiveram, eles saíram, eles aqui passavam o dia não fazendo nada, uns iam roubar, outros iam para o Modelo, por acaso infelizmente um filho meu, o XXXX, que tem dez anos, que está agora num lar, mas pronto esse ambiente deles andarem juntos não tinham ocupação, vamos para aqui, vamos para ali, quer dizer só faziam era mal, só pensavam era no que haviam de fazer, porque não havia nada que lhes ocupasse, mas felizmente o curso dos tempos livres abriu isso foi uma maravilha as crianças, não, a gente pensava até que não habitava o bairro, não era habitado, porque o silêncio era tanto, era tanto, quer dizer mudou-se até dava alegria entrar no bairro, vir do serviço, porque antigamente pronto, tenho problemas familiares, como toda a gente os tem, os meus até são uma bocadinho exagerados, mas, sei lá a nível de sei lá ... de regresso a casa a gente, aquele não é ambiente de agressividade das pessoas umas com as outras a querer bater a querer se comer vivas sei lá lá, não sei, uma coisa estúpida, eu digo que mudou.

Q36- D — E quem diz as senhoras, diz os rapazes, que estava aí já uma juventude que se não é, pronto essa parte do curso, pronto havia coisas piores, isso chamou muito a atenção a eles em trabalho e eles hoje sabem alguma coisa se algum aprendeu, penso eu que sim.

LA10- Entrevistada - Bom, eu para dizer a verdade, este curso que, eles vieram aqui à minha casa também, se eu tivesse filhos e tal, pronto. Mas, pronto, eu tive também ... bem, eu não conheço bem as pessoas que estão lá, eu sei que tem uma pequena aqui da Travessa que é uma boa pequena, mas também tem algumas ali que ... que eu acho que não misturava a minha filha com aquela gente, eu acho que não misturava. Bom, mas eu sei que tem ali uma pequena, pelo menos uma ou duas porque eu não sei as crian ... as raparigas que estão lá, eu não sei, mas sei, pelo menos de uma aqui da Travessa que tu deves saber quem é. A irmã do xxxxx dum ... que mora acima daquela senhora donde tu costumava ir pintar, aquela senhora solteira.

H11- Entrevistada — Eu não acho que a fama fosse também assim tanta, porque eu vou dizer o senhor o Bairro é um Bairro, não é a gente já sabe que vem do mais pobre, junta-se todos, e depois sempre há aquela mais má língua, não é, que já lá: "Ah! Tu ..." antigamente eles chamavam o Bairro dos Canibais, hoje o senhor XXX aqui baptizou o Bairro dos Canibais outros diziam _ tanto nome que davam a esse Bairro. Eu pensava até que fosse pior, mas eu moro aqui na primeira casa como o senhor vê, a princípio como tinha má fama, eu estava com medo de vir para aqui, podiam-me saltar o quintal, roubar alguma coisa, ou coisa assim, graças a Deus eles respeitam-me, tratam-me é por senhora, e eu posso deixar ouro, ninguém me salta, ninguém me faz mal, há quatro anos que estou aqui, agora já se sabe que há sempre aquela má língua que há-de se ocupara da vida dos outros, há sempre aquela criança maldosa que tem o hábito dos pais, já percebeu? E repete, que as crianças captam tudo, por isso é isso que eu acho que tinha má fama, também não era justo publicar, porque havia bom e havia mau, já percebeu?

I21- Entrevistada — Faziam e fazem. Quando se aproveitam quando uma pessoa não tem marido, eles quando é à noite querem aboiar pedras para a porta, depois quando é assim, brincadeiras de bombas, foi bombas que eles põem aí a porta, é isso, essas boubices que eles fazem.

M18- ENTREVISTADA — Não. Gostava que esse bairro fosse ainda até melhor, é muita cambada de rapazes, muita gente, eu não sei, eu não sei, eu gostava, eu gostava, eu gosto do bairro, mas esse sítio aqui que é mais sossegado, mas é muito ...muito rapaz, depois estes rapazes dizem cada palavrão, que a gente está nos nossos quintais e ouve sem querer, e ninguém está disposto a ouvir.

ENTREVISTADOR — E o que é que os rapazes fazem?

M25- ENTREVISTADA — Não é fazer mal, mas é esses palavrões que eu não gosto de ouvir, tem palavrões, eu não gosto, uma pessoa aqui, na rua até tarde da noite a dizer aqueles palavrões e tudo, isso eu não gosto, é assim.

G29- Entrevistada — Curso, sim. Tem que fazer, têm aquelas lidas dessas de rapazes, de bolos, se não fosse esses concursos, senhor, a fama do povo, o Bairro tem fama de droga e de ladrões ainda pior ainda ficava com mais fama.

GRÁFICO 3

H8- Filha — Foi mais para os mais pequenos ...

H9- Entrevistada — Ouvi má linguas na rua e vinha dizer assim para casa. Eu dizia assim: "Eh! Não se repete!" E ele dizia "eu vou dizer em letras. Ah, mamã! Fulano disse um p um o dois r e um a". Ele dizia-me em letras

H10- Filha — É. A gente dizia ...

H11- Entrevistada — Porque eu dizia logo não se repete, porque repetir é o mesmo que dizer, a tal coisa é também o hábito das mães, não é?

H90- Filha — Metia os amigos dentro de casa. A gente todos nus pela porta fora a chover, a minha mãe com uma facada no peito que a minha mãe deu, muita pancadaria que ... que houve, portanto, eu por exemplo, pronto eu tenho irmãs mais nervosas.

H91- Entrevistada — Eu educava, eu educava.

H92- Filha — Mais nervosas, mas se eu fosse pela educação que eu tive eu era uma besta malcriada.

H93- Entrevistada — Do lado do teu pai.

H94- Filha — Também vai, vai na pessoa

H95- Entrevistada — E nas mães também

H16- Entrevistada — Eu não sei, porque eu não sei, eu não sei explicar, até parece que ele queria ver mal no Bairro XXXX, porque ele só ponha pessoas assim, quanto a mim queria-e pôr para a Fajã de Cima, para os Pastinhos, o senhor já percebeu? O meu marido é que saltou isso aqui porque eu tinha o meu nome era aqui em Ponta Delgada, e ele queria era pôr pessoas de fora, pessoas mais baixinhas, para ... para só para depois baptizar o Bairro por Bairro dos Canibais, foi até para os jornal falou tanto mal isso tudo do Bairro. E agora não queria pôr qualquer pessoas aqui, depois é que quando ele saiu é que começou a entrar gente melhor, lá compreendendo? Quando ele saiu é que começou a entrar gente melhor.

H17- Entrevistada — Ele pôs-me ...eu vou dizer ao senhor mais uma ele pôs-me de vingança, como eu saltei o coisa ... como o meu marido saltou a casa ele pôs-me de renda, oito contos de renda, eu pago renda de vinte casas aqui, tem casas aqui com os seus carros à porta, com mais ordenados com pessoas com mais possibilidades o meu marido é alcoólico gasta muito dinheiro, não é e tem os seus problemas, já percebeu? E tem pessoas...

H123- Entrevistada — Mas muitas não querem isso está a perceber. Eu não estou, isso não é falando mal, isso é também vale o tipo de mulher que está em casa, para tomar conta dos filhos, claro. Há certo número de coisas que dá na televisão, não deixa eles ver, ou porque eu sou assim já mais de idade, quando se trata de sexo eles dizem "eh! Minha mãe é assim ..." e eu não deixo, eu não gosto de ver, já quando eu vejo que já tem mais eu desligo a televisão, ainda um beijo vai que vai, já quando dá mais do que um beijo, eu desligo, porque eu não gosto de estar ali presente, ou é porque eu tenho outra educação e fui mais atrasada mais atrasada, mas eu sou assim, enquanto elas não elas já é à balda, muitas até com cassetes que têm em casa de sexo, Deus nos livre, eu partia ... eu partia tudo, eu partia tudo com os pés, com os pés não que eu ainda rachava algum pé ...

H101- Entrevistada — Mas se desse confiança como muitas dão e como muitas ... porque eu não digo, está a compreender? Eu não digo.. Eles não ouvem falar mal de ninguém, eles não ouvem a brocada de ninguém a criticar a vida dos outros eles também estão habituados assim, por isso os pouco que eles têm educação o pouco que eles têm devem é a mim, porque se fosse só ... se o meu marido casasse com outro tipo de mulher que dissesse bem como ele a educação dos meus filhos era igual à dos outros.

H115- Entrevistada — Mas a mãe se deixasse eram mesmo igual aos outros. Se eu deixasse isso indo pela água abaixo, era _ porque as mães é que estão em casa é que devem de tomar mais cuidado com os filhos, por isso eu digo que essas crianças são mais assim para aí é devido às mães.

H83- Filha — Fico em casa a tomar conta dos meus, porque eu não quero os meus filhos assim. Nem pensar nisso, então.

H199- Entrevistada — ... eu não gosto disso, lá eles mandam-me "a minha mãe é uma chata", mas não é palavrões. Isso eu não admito, e eles foram criados com isso porque o meu marido bebia e dizia, mas eles nunca me repetiam, nunca...

H117- Entrevistada — Enquanto o homem está a trabalhar e as mulheres estão para aí assim não tomam conta dos filhos, eu, por exemplo não, eu tenho só esse mais moço agora, mas tenho o outro de onze anos está ocupado, aquele está no futebol, está sempre ocupado, está no coro da Igreja, tem onze anos, está no futebol, tem hoje treino, à quarta e à sexta tem treino, está na escola, não me preocupo nada, não falta um dia que fosse a escola, está na explicação duas vezes na semana, na dona ... dona ...

H14- Entrevistada — Sim, foi para a animação primeiro e está agora na carpintaria. Estou contente porque o pai ... está aprendendo a ler porque não sabia ler, já percebeu? Não sabia ler, teve problemas em criança e isso tudo, e depois esqueceu-se porque teve um problema na cabeça, esqueceu-se do alfabeto e tudo e estava já na segunda classe, nunca mais quis saber da escola. Ele agora é que está aprendendo a ler, com o professor Macedo lá no curso e Minerva, professora Minerva é que está aprendendo qualquer coisa, ele diz que já sabe qualquer coisa. Já sabe que sem ler ninguém quer um empregado, não é? Sem saber ler nem escrever. E qual é o futuro do meu filho? Está a ver? Só para andar para aí ... sem trabalho o que é que se pode amañhar é mais vícios, não é? Havia de haver um emprego para aqueles que são ... como é que eu hei-de explicar, que ... claro que nem todos somos inteligentes, não é? Não somos todos iguais, há uns médicos, outros são varredores, não é? Havia de haver empregos para aqueles que sabem menos, os que sabem ler, os sabem ler pouco e os que sabem ler menos, para eles estarem ocupados, o Governo devia-se impor mais a isso, não é só o que tem estudos porque quem tem estudos é que tem capacidade, porque, por exemplo o meu filho mais velho tem capacidade para estudar, estudou, é alguém sabe trabalhar em qualquer parte, tem emprego em qualquer parte, já percebeu, está na América, mas se estivesse cá, eu nunca me apoquentei, porque ele tinha emprego em qualquer parte, porque estudou, o meu XXX está estudando de noite está meio caminho andado agora e a XXXX também, agora aquele vai custar muito, à a percebe, porque aquele teve um problema desde criança, evoluindo do meu marido que era alcoólico, isso tudo, teve muito doente da cabeça e ele então não sabe ler e tem um grande problema, muito nervoso, altera-se por tudo e por nada, está a perceber?

H97- Mãe — E nas mães, por exemplo o meu XXXX diz que o pouco de educação que tem pretende a mim, não era ao, pai. Os meus filhos todos me dizem mais isso porque o pai era assim, eu não concordava ia por detrás deles, os meus filhos nunca disseram palavrões diante de mim em casa. Claro tenho às vezes discute por aquilo

GRÁFICO 4

F53- Entrevistador — E são pessoas aqui do bairro, não é?

F54- Entrevistada — É tudo daqui do bairro.

F55- Entrevistado — E tem mais, mas é daqui do bairro para fora.

Entrevistada — Eh senhor! Eu vou dizer uma coisa ao senhor. Este bairro não era para ter certa gente aí, veio certa gente para aí, porque isto ficou... este bairro ficou uma miséria, isso mesmo assim já está mais ... antes não era. Quando eu vim para aqui no princípio, ao princípio começou a encher, a encher, encher, isso era uma pouca vergonha, uma pouca vergonha. E ainda está alguns que...

A61- Filho - É uma vergonha que está para aí. Rapazes todos sujados a passar pela rua enquanto os rapazes e deviam de ter era em casa com as mães as mães deixam os rapazes pela rua isso é uma vergonha onde é que se consta uma coisa dessas?! Esse bairro tem muita fama derivado às mães e aos pais que na têm capacidade pa tomar conta de uns miúdos.

Entrevistador — Mas o que é que essas pessoas faziam?

F68- Entrevistada — Metiam homens em casa e pintavam o sarilho, e ... é era um ... sei lá. Iam roubar, que não fazem senão roubar, casas aí que era só roubar e aceitar os bêbedos em casa. É senhor tanta coisa que isso tem-se passado aí.

A56- Entrevistada - A gente não tem nada a ver com a vida dos outros.

A57- Filho - Ó mas eu tenho. E esse cheiro dá para o meu quintal pois a vizinha de lá de baixo vai dizer à isso é da vizinha dos cães que tá aqui mas não é dos cães é da vizinha do lado de cima, como é agora isso não é primeira vez.

A58- Outro - Sabes que isso é assim ...

A59- Filho - Ó aí é que está. Isso devia haver era uma fiscalização do Centro de Saúde entrar pessoal em cada casa pa saber se a casa tem condições se não tem condições se são porcos se não são porcos é devia era de ser assim não é assim olha deixam morar.

A69- Outro - A câmbra ...

A70- Filho - A câmbra sim, mas com pessoal de saúde não é importante vão entrar em cafés pa saber se tão em condições de servir clientes se tá tudo limpo se não tá tudo limpo uma casa de habitação é a mesma coisa saber se tá tudo limpo se na tá limpo se cuidam das casas se cuidam do quintal se tem cabras no quintal se tem cães se tem galinhas, isso vai tudo lá ter, isso vai tudo lá ter. Se tá tudo bem limpo se tá tudo sujo tem tudo as suas coisas é o que muita gente não faz aqui cheira muito mal e todos falem mal uns dos outros tem cães que tão p'raí no quintal muita gente também tem galinhas tem aquilo tem aquele outro.

A15- Outro - Má fama porque há certas pessoas que não mereciam ter essas casas, está a perceber? Isto foram casas dadas pelo governo há certas pessoas que deviam de ter essas casas, umas porque os maridos estiveram ... porque os maridos tinham muitos filhos porque os maridos bebiam, porque os maridos faziam ... maltratavam os filhos foram dadas as casa aos filhos agora eles partam eles não amañham eles os filhos ... eles mandam os filhos para fora pedir esmolas para eles beberem os seus vinhos as suas coisas e essas pessoas que o governo deu essas casas, o governo deu essas casas a essas pessoas não deviam ... haviam de ter fiscalização, mas não tem, é muito raro um fiscal da nossa câmbra aqui de Ponta Delgada vir aqui mas é muito mesmo raro desde que eu estou aqui só vi uma vez um fiscal dentro do bairro, porque eu sou funcionário da câmbra agora tou em casa não é. Porque eles me despediram mas é muito raro eles virem aqui só pel'um motivo só p'os cães, só para apanhar cães que eles vêm aqui ao bairro e se é que eles deviam entrar em cada casa pelo menos ter um quarto de hora dentro de cada casa daqui do bairro mesmo que essa casa fosse, fosse ... que a pessoa fosse comprada a casa ... essas casas já forem vendidas algumas tão a pagar um certo x aí XXXXX mas mesmo assim devia de vir um fiscal pa ver se tinha a água em condições, electricidade em condições tudo em condições não é? Mas ... até agora que eu saiba ainda não apareceu ninguém, isso e quanto aos cursos acho muito bem que isso continuem se fosse possível sempre se continuar até que dava um grande jeito.

GRÁFICO 5

A75- Filho - Como ...?

Entrevistador - Não se dão com os vizinhos?

A76- Filho - Dão lindamente, dão-se bem.

D22- Entrevistado - É pá, pelo amor de Deus, a vizinhança boa, boa, boa, bem na tenho nada que dizer da vizinhança. Olha essa senhora aqui do lado de cima, credo é como sendo família este bem também é bom, também na me queixo com o vizinho.

Entrevistador - Então porque é que o senhor acha que, voltando atrás como é que o senhor acha que algumas pessoas põem má fama ao bairro.

GRÁFICO 6

J43- Entrevistado — Sim, sempre me senti bem parece impossível eu acho que se toda a gente morasse num sítio como eu moro tavam felizes porque se a pessoa é boa seja lá donde for que more dá-se bem em toda a parte e por melhor sítio que for se a pessoa na prestar nunca se dá bem em parte nenhuma.

LB52- ENTREVISTADA — Não é por ter vergonha, que eu não tenho vergonha de morar porque eu cá vivo, vergonha de quê, eu não me importo com os outros, importo-me é comigo, não é? Na minha opinião eu importo-me é comigo, não com os outros, é assim.

O48- C — O bairro não tem culpa, as pessoas ... algumas é que são aquelas, mas o bairro é bom.

N11-

N12-

O49- C — Eu acho que sim, porque eu não vejo coisas que não possam morar aqui, que não gostem de morar aqui, para já aqui o bairro é perto de tudo, esse sítio aqui é perto de tudo, quem é que não gosta de morar aqui? Onde é que vão morar? No centro da cidade? Se não gostam de morar aqui onde é que gostam de morar? Eu já morei também na Relva, eu antes de vir para aqui eu morava era na Relva, ao lado do mar, é verdade que eu estranhei porque eu morava lá já há muitos anos quando vinho para aqui eu estranhei, mas agora gosto muito de morar aqui, não vejo nada que não se possa morara aqui.

O50- C — Algumas. Quem não se dá bem é quem está acostumado nos enredos, costuma-se a dizer, nos mexericos e dizer daquela para aquela e daquela para aquela outra, isso assim é que não se dão bem, mas se estiverem todas nas suas casas "bom dia, boa tarde" falar o que é necessário às vezes nós somos vistos, falam com as pessoas, não é? Dão-se muito bem, agora aquelas pessoas que estão mesmo acostumadas já a enrediar com aquela, vai daquela vai dizer aquela, está na porta desta vai para a porta daquela, essas assim é que não se dão bem, pois as outras todas dão -se bem. É o que não se dão bem é isso assim. É certas pessoas que têm aqueles feitios.

O21- B — Eu gosto do bairro. Eu morava antes era aqui mais abaixo, mas agora é mesmo aqui, aqui mais abaixo ou aqui eu estou sempre na minha casinha

O47- C — Muita gente que não gosta de morar aqui, mas enquanto não vieram para aqui não descansaram.

O47A- D — Isso é só, isso é só palavra, muita gente diz que não gosta de morar aqui, mas é só para desabafar.

GRÁFICO 7

O129- C — E há pessoas que têm é as sortes das pessoas, há pessoas que têm direito a pensão de sobrevivência eu não tenho, porque eu ainda ando, ainda saio de casa, mas não posso trabalhar, eu agora tenho quem morrer não diz, mas agora tenho uma anemia, sou diabética, eu sou reumática, eu sou uma mulher de trabalhar, e eu trabalhava numa cozinha, e quando era para trabalhar eu tinha vezes que saia de casa de noite e entrava de noite, para trabalhar, era para trabalhar, mas agora não tenho forças, não posso, não vou dar rendimento a um patrão, para que é que eu vou trabalhar se eu não vou dar rendimento, eu sei que não vou dar.

O137/138- C — E é das sortes das pessoas. Porque eu sei de pessoas que recebem daqui, recebem dali, têm ajudas do padre, têm ajudas de todo o lado, e têm menos necessidades do que eu mais novas do que eu e têm se eu for pedir ninguém me dá. Olham para a minha cara olham para mim. "Ah! Não pode ser, porque vira, porque torna, a senhora ainda sai de casa, não está aleijada em casa se estivesse aleijada em casa é que podia ter um auxílio é que podia ter assim, é que podia ter assado, não é assim. Quem me vê não diz o que eu tenho, mas ainda a semana não foi a semana passada foi a outra, a médica queria-me internar no hospital para levar sangue, eu é que não quis ficar, tive medo de ficar eu então pedi que ela me desse um tratamento para mim tratar em casa assim uma coisinha quando eu tenho falta de ferro e essas coisas todas e ela deu-me para mim me tratar mas eu fui fazer mais uma análise, se aquela análise continuar com a anemia que eu tenho, tenho que ser internada, e quem me vê não diz. Agora eu estou rosada, que eu sei que eu estou toda rosada, porque eu sei que estou rosada, porque está-me saindo um lume por aqui pela cara, credo, mas eu tenho umas cores muito esquisitas e não me sinto com forças, uma pessoa tem necessidade, mas se eu for pedir olham para mim e vêm dizem "Ah! Não deve ter necessidade", tenho cara de rica é isso, só pode ser isso, não é?

LB80- ENTREVISTADA — Eu acho que sim que a sorte quando é azarada é mesmo azarada sempre, não muda, tenho impressão que nunca muda, fica sempre igual agora Deus queira que eu consiga emprego, que eu mesmo tenho que ...portanto não vai mudar, agora, Deus queira que eu mesmo arranje emprego, porque quando eu vi que realmente ficar muito tempo em casa tenho que ir lá baixo novamente, o fundo de desemprego não resulta porque a gente está, porque eu estou inscrita há já tanto tempo e conheço gente que já estão inscritas há anos e anos e nunca são chamadas. Vá-se ver.

S27- ENTREVISTADA — Bem, eu não sou das pessoas mais afortunadas na vida, porque passei muito, mas eu quero ter sorte com Jesus, porque quem tem Jesus no seu coração nas suas dificuldades, eu pego-me é com Ele e Ele nunca me desampara na hora que eu mais preciso, não é com o auxílio do mundo, eu vivo é com o auxílio de Deus, ele é que me tem ajudado, porque às vezes até há pessoas que me dizem: "eu não sei como é que tu consegues manter esta vida, estes rapazes, esta vida isto tudo, com este dinheiro que tens aí". Eu digo assim: "Sabes é porque o meus Deus é grande e como eu lhe amo muito Ele me ajuda a viver certas dificuldades, é pena às vezes que os meus filhos não tenham um encontro com Deus, porque sem Deus não somos nada, nada, e às vezes muita vez eu digo assim: "Senhor eu sei que tu não gostas de dinheiro, porque Deus não é nem a favor, nem contra o dinheiro, não é?" Mas neste mundo não podemos viver sem ele. "Senhor abençoa este dinheiro para que eu possa pagar, para que eu possa dar de comer comer a esta gente, para que eu possa viver sempre debaixo da tua mão, porque realmente se Deus não nos abençoar, se Deus não nos fizer nada, não é, às vezes as pessoas dizem: "Ah! Deus tem culpa", Deus não tem culpa, Deus está sempre de braços abertos para nós todos, a gente às vezes é que não estamos preparados, porque as coisas da vida ...

LB77- ENTREVISTADA — Não sei, isso é proibido dizer que eu não sei, as pessoas que não têm sorte, não têm.

ENTREVISTADOR — E acha que não tem sorte?

LB78- ENTREVISTADA — Eu não, já nasci sem ela.

ENTREVISTADOR — Pronto a senhora é uma pessoa com algumas dificuldades, acha que essas dificuldades económicas se devem a quê?

LB79- ENTREVISTADA — Sei lá ...portanto a falta portanto...eu acho que se devem cá a gente se eu for se por para Lisboa, conheço muitos casos, como tenho uma irmã minha, agora já é casada não é? Mas teve uma filha em solteira também, já é casada ela lá tinha ajuda de fraldas, ela lá tinha ajuda de tudo, a gente se for aí para fora temos ajuda, para o Continente a gente tem porque até leite lhe davam de coisa cá a gente se for pedir "Ah! Vai trabalhar", a gente se for atrás de emprego não há, não é e eu conheço pessoas que têm os seus maridos a trabalharem necessidade não têm muita e têm sempre apoio, portanto é que eu digo que não tenho sorte.

Q71- B — Não sei, isso é uma coisa que já não lhe posso responder se tenho sorte, se não tenho, talvez venha a ter, mas quando eu vier a ter já sou um bocado velho, já estou a ficar.

GRÁFICO 8

C64- Entrevistada - Mas realmente assim o Bairro então aqui assim como o senhor diz e está certo eu concordo com isso, neste ponto, tem aqui certas pessoas, eu digo mesmo ao Padre, tem aqui certas pessoas em certas casas que não deviam de estar aqui, e tem aqui certas pessoas que têm casas ... casas e deixaram as suas casas para virem para aqui, já concordaram, já concordou. E coisa, realmente, tem, por exemplo aqui do lado de baixo tem casa, na sua freguesia, Santo António, não precisava de estar aqui, porque é irmã do meu marido, a gente tem aqui, se falam e isso tudo, não é essas casas aqui, tem certas casas aqui que pessoas que têm dinheiro no banco, têm casa e deixam as suas casas para virem morar para aqui.

F124- Entrevistada — Tanta creche que há, tanta creche que há, eu já não posso tomar conta de tantas de não sei quantas pernas, eu custo muito a andar e aguentar _ e eu não posso. Aquele pequeno já tem o nome há dois anos para ir para a creche e eu já não falo nele, há dois anos e quem é que a creche pega? Pega nos rapazes que as _

F125- Outra — Os meninos ricos ...

F126- Entrevistada — Que as mulheres estão sem fazer nada e que está trabalhando não tem lugar para pôr os filhos. É isso assim.

D10- Entrevistado - Oh! Senhor. Essa tá certa, eu podia achar se eu fosse um home capitalista ou se fosse o senhor doutor Mota Amaral eu como na sou o doutor Mota Amaral na posso saber se há verbas se não há verbas, porque a gente como somos pobres nós somos o Zé Povinho, nós somos o Zé Povinho é uma ajuda ... uma hipótese uma ajuda pa uma casa um telheiro pa se amanhã chega ao pé do doutor: Mota Amaral ... marcada a audiência, reunião marcada, amanhã vem cá e eu vou lá amanhã o senhor doutor isso é assim e assim, ohm, ohm, ohm, pelo amor de Deus não há verbas, não há verbas, certo, p'ra mim bem p'ra mim e p'ra os meus colegas todos não há verbas são pobres mas o campo ali pô futebol há verbas, é justo? Não é não senhor, é justo isto?

H17- Entrevistada — Ele pôs-me ...eu vou dizer ao senhor mais uma ele pôs-me de vingança, como eu saltei o coisa _ como o meu marido saltou a casa ele pôs-me de renda, oito contos de renda, eu pago renda de vinte casas aqui, tem casas aqui com os seus carros à porta, com mais ordenados com pessoas com mais possibilidades o meu marido é alcoólico gasta muito dinheiro, não é e tem os seus problemas, já percebeu? E tem pessoas...

H19- Entrevistada — Sim, mas tem pessoas aqui melhores que vivem melhor e têm mais ordenados e têm carros à porta e pagam quatrocentos escudos de renda, quatrocentos escudos de renda. Ele pôs-me a oito contos, a renda de vinte casas, de vingança, porque o meu marido saltou ...

H28- Outro — Tem aqui uma casa com uma mulher velha, quando chove está a criar. A gente quando vá a casa dela é um mato

H29- Entrevistada — É verdade.

H30- Outro — É só cães e gatos e ela vem uma vez por dia ...

H31- Entrevistada — É senhor, é uma lástima ela está todo o dia na cozinha económica e por aí, só vem à noite dar comida aos cães e aos gatos, mais nada. Tem uma casa fechada com tanta gente que precisa. Oh! Não quer dar à filha que é casada, a casa não quer dar à, a pequenina ela fechou o filho anda com a outra mais velha e a casa está fechada. Tanta gente, tanta gente, jovem que precisa de casas e aquela está abandonada. Chama-se abandonada, onde ela passa o dia tem camas para passar a noite. Já que ela assim quer.

H32- Outro — Não dorme lá, não faça nada lá. Só vai lá dar comida aos cães e aos gatos.

H33- Entrevistada — É só aos cães e aos gatos.

H34- Outro — Os ratos no quintal dela é um mato.

Q66- B — Eu vou dizer de mim, eu se não trabalhar eles não me vêem ajudar de certeza.

Q67- C — Eles dar, dão a quem não tem necessidade para irem passear para Lisboa, vão dizer para lá que estão doentes, porque assim, porque assado, tem as doenças e vão para Lisboa comprar coisas para estarem vendendo cá, isso Assim elas sabem ajudar, porque eu estive aí coisa de dois anos bem doente com uma pontada que me doía tudo, os medicamentos que a doutora me receitou-me era de vinte e tal contos, para os vinte e dois faltava pouco e eu cheguei a ir lá com a receita médica para me ajudarem, para pelo menos uma parte eles darem dos medicamentos e elas disseram-me que não me podiam dar, porque eu era nova que fosse trabalhar, então não me pude calar e então eu disse a elas: "vocês dão àquelas que andam com uns e com outros", foi a conversa que eu disse a elas, agora eu estou tão doente que que nunca me lembro de vir aqui senão agora, estou numa situação porque não posso, porque não tenho, porque se eu tivesse eu nunca vinha aqui pedir a vocês.

C — Pois claro, e não me deram e vim para cá, tomei a camioneta vinho-me embora para casa e foi à farmácia que eu tinha um colega meu que trabalhava lá e fui-lhe pedir a ele para me dar aqueles medicamentos guiados para mim pagar por duas vezes, e ele deu-me os medicamentos, porque era medicamentos que eu tinha que ter cá, mesmo naquela hora, porque senão, eu tinha que ficar internada no hospital, e não fiquei internada no hospital porque tinha que cuidar das crianças, para não ficar por aí e tinha esses em casa porque se não fosse o médico não queria que eu viesse para casa, e lá de vez em quando, ainda há coisa, no mês passado eu fui tirar radiografias para ver se estava bem curada ou não, mas elas dão, elas dão a pessoas que não têm necessidades, menos, às pessoas que têm necessidades se for preciso elas não dão, dão a pessoas que dizem que têm a doença o machado, que têm isso que têm aquilo, para irem passear para Lisboa, comprarem muitas coisas, vídeos, câmaras de filmar, câmaras de filmar, roupas, sapatos, para chegarem cá ao bairro e venderem aquilo pelo dobro do preço, para a feira da ladra, eu sei de onde é isso, para as feiras, compram mais baratos a trezentos e a quinhentos escudos, chegam aqui vendam por dois mil, três mil, mil e quinhentos, dois contos, isso assim é que eles sabem dar aos sessenta e aos setenta contos.

M22- ENTREVISTADA — Ah, senhor! Ajudam bastante. Algumas, não são todas, para quem mais precisa.

LB74- ENTREVISTADA — Acontece porque quando eu fiquei grávida para a minha filha eu fui lá cima elas ajudavam-me, davam-me seis contos por mês que era a doutora Cristina, foi a que nos inscreveu para o curso. Ela ajudava-me e depois disse-me que já não podia ajudar, claro, que já tinha um ano e que só me ajudavam na parte dos medicamentos. Quer eu quando fui pedir ajuda é mesmo para não andar para aí, para me ajudarem porque nesse caso de andar para aí não penso, nem tão pouco quero, estou como o outro prefiro morrer à fome e estar em casa, não é? E a ...portanto o que eu não acho justo é isso. Essa gente agora...a gente está no curso, pronto, a gente também não tinha necessidade de ir lá cima pedir, não é? Mas agora se eu tiver parada um ano e se eu for lá pedir ajuda não me dão. Porquê? Porque são injustas, porque elas dão a certas pessoas que têm os seu ordenado e dão quinze contos por mês, porque eu conheço exemplos.

S5- ENTREVISTADA — Eu não estou a par destas coisas, porque eu não peço nada a ninguém. Eu vou dizer porquê ao senhor. Uma pessoa trabalha e ao nível social não tem necessidade. P'ra já, p'ra já é assim: se tiver alguma coisinha da casa que não esteja à venda, é tudo pobrinhos, já são coisas de anos, a gente uma coisinha _ não temos necessidade. Porque eles estão ali cheios de esterco, mas aqueles que pedem esmola, esses é que têm necessidade, mas muitas vezes é um engano, porque as pessoas dão coisas e as pessoas não sabem aproveitar aquilo ou deitam fora ou... é assim, acho que havia de haver mais um empenho da própria pessoa mesmo ou da Junta ou daquilo. Quando desse saber se eles iam aproveitando aquilo, se realmente havia aquela necessidade porque no meio daqueles que são beneficiados às vezes têm menos necessidade do que aqueles que não foram beneficiados. Não é por experiência própria que eu nunca pedi nada a ninguém. Passei muito, mas nunca pedi nada a ninguém. Trabalhei porque o meu marido foi sempre um homem de bebida, ate que agora não está em casa, vai fazer cinco anos. E teve aí sete anos que vivia num quarto e eu noutra, porque ele era muito bêbedo, me batia, enfim foi uma vida que os filhos a crescer, também é uma coisa muito má, porque algum dia isso dá muita má coisa e assim, assim até que ele teve de sair, porque eu trabalho numa Creche, no Centro de Bem Estar, já trabalho lá há trinta anos. Mas para criar catorze filhos trabalhando passou-se muito mas eu nunca me lembro de dizer assim: eu vou bater à porta daquele pobre para me dar, porque ninguém me dá.

LB73- ENTREVISTADA — Dão, para pessoas que não merecem eu também já sou sincera, dão para as pessoas que têm os maridos a trabalharem conheço, conheço certas pessoas que já nem vale a pena dizer o nome que eu já não acho é justo o marido a trabalhar e só têm uma filha e portanto, ajudam com quinze contos todos os meses. Se eu for lá pedir ajuda, não me dão, está a perceber?

O131- C — A mim nem paróquias nem ninguém, ninguém me ajuda. Eu já sei se eu for ter com o padre eu já sei que ele vai olhar para a minha cara vai dizer que eu vou trabalhar, eu para ouvir dizer vou trabalhar, eu sei que não posso trabalhar, para que é que eu hei-de ir.

O127- C — Eu sou uma pessoa doente e eu preciso de ajudas assim para medicamentos, porque eu estou sempre com medicamentos, os medicamentos é sempre caros, é sempre de quatro contos para cima, e às vezes eu não tenho dinheiro para pagar e eu vou muitas vezes à Assistência Social e às vezes não dão.

ENTREVISTADOR — Você também não é propriamente uma pessoa rica, não é?

LB17- ENTREVISTADA — Não, por acaso não, sou mãe solteira, ainda hoje tenho os meus dois filhos e era o meu ordenado...e era essa bolsa que ia-me orientando. O meu pai é reformado, o pai dos miúdos ajuda os miúdos naquilo que é preciso, mas é os miúdos, tenho que ir à luta, em casa não posso estar.

ENTREVISTADOR — E mudando mais uma vez um bocadinho de assunto, o Governo através da Segurança Social, do Instituto de Acção Social, a paróquia e tal tem dado o seu contributo para o bairro e para as pessoas do bairro.

LB75- ENTREVISTADA — Aqui no bairro. E dão muitas...também conheço outra que é uma senhora que mora ali em cima essa vai para o Continente é de dois meses dois meses é três meses, portanto vive muito bem, tem o filho ao curso, tem o filho no curso de carpintaria e também ajudam-na muito, é aos vinte, é aos quinze, também não acho justo, porque às pessoas que têm mais necessidade não ajudam.

R17- B — Nada, nada, não tem nada, eu é que sustento, pronto, ele quando trabalha assim, uma semana, depois ele trabalha outra meia semana, umas vezes faz dois dias e pronto, vá dando para coisa, e então o meu emprego é para pagar água, à para pagar o padeiro, que eu recebo aqui dez pães por dia, porque tenho cinco crianças, um está internado, agora são quatro, mas somos seis pessoas ao todo, e pronto, e eu vou esticando ali para não voltar a ir para a assistência porque eu não quero ir outra vez estender a mão, porque a minha vida não vai ser isto, eu quero, pronto, sair disto, realmente a ajuda que dão não é suficiente, claro, quem tem despesas, gás, água e luz, não é suficiente, mas sabe quantas pessoas carenciadas há? Não sei quantas. Isso também é preciso a gente raciocinar e ver por esse ponto de vista: quantas pessoas vão lá pedir ajuda? A verba é X para dividir por estas X pessoas que são carenciadas claro que eles não nos vão dar um ordenado porque isto é totalmente impossível, há pessoas que vão lá pedir ajuda e coisa têm é chances na vida não as querem aproveitar, porque eu também sou sincera há aqui pessoas que têm necessidade, mas que não têm ajuda da assistência e há pessoas que infelizmente não têm necessidade e têm ajuda. Neste sentido então elas estão um bocadinho erradas, agora para dizer para dar a necessidade e para dar a pessoas que não querem fazer nada pela sua vida eu também acho que isto está completamente errado, isso é a minha maneira de ver, então eu tenho um marido, ele não trabalha, eu estou tirar um curso, não arranjo emprego fica em casa e a assistente social vai estar todas as vezes a dar-me um subsídeo que ao fim ao cabo não dá para eu comer, ao fim ao cabo, não resolve os meus problemas e a minha vida não vai para a frente e eu fico sempre nisto, não é, eu também não estou a dizer para o Governo resolver os problemas de cada um em si, eu estou a dizer, por exemplo, esse tipo de coisas, haver empregos as pessoas quererem colocar o pessoal no trabalho e o Governo não ter disponibilidade para dar este dinheiro, mas é ordenado pelo trabalho, não é ajuda da assistência, nem esmola, é trabalho em si, isso então é que eu estou em desacordo com o Governo.

R16- B — Ah! Eu não sei, eu não sou a pessoa mais indicada para lhe dizer isso, pronto, eu não vou dizer, nem vou condenar que eu sempre que precisei, eu fui lá e elas ajudaram-me, o que ajudaram-me foi pouco, mas ajudaram-me, porque da maneira que elas falam e da maneira que elas pensam eu também eu vou tentar, eu não vou inventar "ah! Elas dão. Elas que dão, mas que dão, porque os Governo dá porque elas que dão, elas podem dar quinze mil escudos como uma ajuda, o senhor sabe, não é desta maneira que a gente vai conseguir que as pessoas façam a sua vida porque se eu for estar todas as vezes na assistente social a pedir os quinze mil escudos e a fazer a minha vida com aqueles quinze mil escudos eu nunca mais vou sair disto. Se eu não aprender a ganhar o meu ordenado a dividir o meu ordenado pelas minhas despesas, se eu tenho um marido às vezes trabalha, infelizmente ele é que precisava mesmo de um trabalho, um trabalho, mas era efectivo a tempo inteiro, porque o meu marido é um artista a nível profissional, ele sabe fazer carpintaria, sabe fazer jardinagem, ele é que fez esses três jardins aqui, pedreiro, carpinteiro, ele sabe fazer de tudo, de tudo e mais alguma coisa, simplesmente é uma pessoa doente que precisa de ajuda e depois inventa muitas histórias tem um enfim, como é que eu hei-de explicar um ciúme doentio, mas é mesmo cisma, já ultrapassou todos os limites e mais algum, eu também, eu fico sem saber como é que eu hei-de lhe ajudar porque ele vem com acusações que eu fico, sei lá até, eu fico sem lhe ver na minha frente, eu tenho que, inclusivé, sair, fui para um lar de freiras, depois voltei para casa porque estava sempre a chantagiar e eu também não quero perder o meu emprego, porque se eu perder o meu emprego, eu também fico, como é que é? Vou voltar outra vez para trás, eu não a do para trás, eu sei de antemão que ele não se eu sair de lá se eu for para outro, vai ser sempre a mesma coisa, eu que adoro crianças, que sempre gostei de lidar com crianças pronto aquilo para mim caiu-me do céu, uma coisa que eu gosto mesmo de fazer.

O128- C — E já levei uma carta da médica para elas me ajudarem a dar os medicamentos, principalmente os medicamentos, mas elas para darem algumas coisas para os medicamentos a gente tem que comprar, se eu tivesse o dinheiro para comprar não precisava de ir lá, não precisava, não precisava de ir lá, a gente para de repente ela ajudar a dar o dinheiro para os medicamentos a gente tem que comprar e levar factura lá, ora eu para mim se eu tivesse o dinheiro comprava, eu se vou lá pedir é porque não tenho dinheiro para comprar, posso levar a conta de quanto é para comprar, não é? Para elas saberem isso elas têm que saber quanto é e quanto não é? A única ajuda, a única coisa que eu tenho, é o abono não contributivo, é só isso, mais nada, não tenho mais nada ajudas de ninguém, de ninguém de lado nenhum.

A — Mas porque é que acha que a senhora não é ajudada e há aí pessoas que são ajudadas.

O130- C — Não sei, eu não sei, eu acho que eu quando eu vou a qualquer sítio pedir qualquer ajuda parece que tenho cara de rica, que ninguém me ajuda, ninguém me ajuda, eu não vou suja, não vou rota, vou com roupas dadas que a minha família é que me manda e alguém que me dá algumas roupas, comprar roupas para mim eu não compro porque não se pode comprar, mas vou limpa, amanhada, não tenho necessidade, se for uma outra suja, rota, toda suja, e toda rota, aquela coitadinha é pobrinha, dá-se a ela porque ela é pobrinha tem fome. As pessoas não vêm a limpeza, vêm é a nojeira, por isso não dão nada, já percebeu?

O131- C — A mim nem paróquias nem ninguém, ninguém me ajuda. Eu já sei se eu for ter com o padre eu já sei que ele vai olhar para a minha cara vai dizer que eu vou trabalhar, eu para ouvir dizer vou trabalhar, eu sei que não posso trabalhar, para que é que eu hei-de ir.

M23- ENTREVISTADA — Sei lá ... portanto a falta portanto... eu acho que se devem cá a gente se eu for se por para Lisboa, conheço muitos casos, como tenho uma irmã minha, agora já é casada não é? Mas teve uma filha em solteira também, já é casada ela lá tinha ajuda de fraldas, ela lá tinha ajuda de tudo, a gente se for aí para fora temos ajuda, para o Continente a gente tem porque até leite lhe davam de coisa cá a gente se for pedir "Ah! Vai trabalhar", a gente se for atrás de emprego não há, não é e eu conheço pessoas que têm os seus maridos a trabalharem necessidade não têm muita e têm sempre apoio, portanto é que eu digo que não tenho sorte.

LB19- ENTREVISTADA — É só, não tenho cá mais ninguém. Portanto a gente-lhe paga de renda de casa dez contos, fora a luz, a água, ele ainda da reforma paga a renda, mas a luz e a água sou eu.

LB20- ENTREVISTADA — Ele é doente e aquele ...o que resta da reforma é para os medicamentos dele, porque ele tem um grande problema de coluna, não pode trabalhar nem nada, é assim...

A — E uma última coisa, dona XXXX, estava falando à bocado uma série de famílias que havia muita gente e a dona XXX também em dezembro também vai ficar numa situação difícil, já ...o que é que a dona XXXX acha da ajuda que o Instituto de acção Social dá às pessoas?

O125- C — Nada.

O126- B — Não dá nada.

O132- C — Não, eu nunca fui ter com o padre xxxxx, nunca me disse, ele não me disse nada disso, mas eu já sei que vai me dizer isso, mas eu sei que eu para ir trabalhar para não dar rendimento o patrão estou lá dois dias ele manda-me embora.

ENTREVISTADOR — Mas a senhora diga-me uma coisa, estivemos aqui a conversar e a senhora não escondeu que tem às vezes dificuldades de dinheiro, a senhora considera-se uma pessoa pobre?

S28- ENTREVISTADA — Verdade, eu sou pobre, eu não tenho nada, eu só tenho a graça de Deus, tenho o meu ordenado que eu posso contar se eu não estiver doente, tenho estado muito doente, se eu digo às vezes aos meus filhos, que eu estive agora muito doente, que eu até tinei agora três dias antecipados das minhas férias agora em Julho, mas eu estive bastante doente e eu julgava que tinha chagado ao fim, e eu digo a ele: "A maior pena que eu tenho é que eu parto e deixo vocês desamparados na vida, os outros estão amparados, têm as suas mulheres, os seus filhos, trabalham, lutam pela sua vida, um pobre rematado eu queria ao

menos morrer e deixar vocês assim, dizer assim: "Bom, eu não fiz o meu melhor, porque ninguém faz o seu melhor, mas para criar doze filhos sozinha, como eu criei ainda consegui muito, ainda consegui muito porque às vezes eu dizia assim: "Ah, senhor! Eu não sei como é que vai ser, às vezes é tão difícil, que eu não sei o que vou fazer, mas isto já não é meu isto é teu, toma ao teu cuidado, Senhor". E ele toma, porque na hora certa sempre dá o remedeio, porque se no meu serviço, se uma me emprestar dez contos já me está ajudando, já Deus permitiu que ela me pudesse emprestar, para eu poder reparar aquilo que eu precisava reparar, não é? No fim do mês eu tenho para lhe dar, eu não fico com aquele, já o outro mês vai ser mais dificuldade do que o outro, depois eu tive aqui quando o curo teve dois meses que não pagou, padeiro à porta, porque eu compro é ao mês o pão eu disse: "É agora, não houve dinheiro para pagar o pão, como é que ela vai dar pão o mês inteiro", porque quem tiver pão, não tem fome, mas eu falei com ela eu disse: "Éh, senhora! Eu sou uma pessoa séria, nunca tivemos problemas consigo, nós damos, mas, já se sabe que é preciso muitas vezes a cabeça girar mais do que os braços.

Entrevistador - Mas porquê? Porque é que vocês acham que tinha essa má fama?

A15- Outro - Má fama porque há certas pessoas que não mereciam ter essas casas, está a perceber? Isto foram casas dadas pelo governo há certas pessoas que deviam de ter essas casas, umas porque os maridos estiveram ... porque os maridos tinham muitos filhos porque os maridos bebiam, porque os maridos faziam ... maltratavam os filhos forem dadas as casa aos filhos agora eles partam eles não amam eles os filhos ... eles mandam os filhos para fora pedir esmolas para eles beberem os seus vinhos as suas coisas e essas pessoas que o governo deu essas casas, o governo deu essas casas a essas pessoas não deviam ... haviam de ter fiscalização, mas não tem, é muito raro um fiscal da nossa câmara aqui de Ponta Delgada vir aqui mas é muito mesmo raro desde que eu estou aqui só vi uma vez um fiscal dentro do bairro, porque eu sou funcionário da câmara agora tou em casa não é. Porque eles me despediram mas é muito raro eles virem aqui só pelo um motivo só p'os cães, só para apanhar cães que eles vêm aqui ao bairro e se é que eles deviam entrar em cada casa pelo menos ter um quarto de hora dentro de cada casa daqui do bairro mesmo que essa casa fosse, fosse ... que a pessoa fosse comprada a casa ... essas casas já forem vendidas algumas tão a pagar um certo x ai XXXXX mas mesmo assim devia de vir um fiscal pa ver se tinha a água em condições, electricidade em condições tudo em condições não é? Mas ... até agora que eu saiba ainda não apareceu ninguém, isso e quanto aos cursos acho muito bem que isso continuem se fosse possível sempre se continuar até que dava um grande jeito.

GRÁFICO 9

H16- Entrevistada — Eu não sei, porque eu não sei, eu não sei explicar, até parece que ele queria ver mal no Bairro das Laranjeiras, porque ele só ponha pessoas assim, quanto a mim queria-e pôr para a Fajã de Cima, para os Pastinhos, o senhor já percebeu? O meu marido é que saltou isso aqui porque eu tinha o meu nome era aqui em Ponta Delgada, e ele queria era pôr pessoas de fora, pessoas mais baixinhas, para ... para só para depois baptizar o Bairro por Bairro dos Canibais, foi até para os jornal falou tanto mal isso tudo do Bairro. E agora não queria pôr qualquer pessoas aqui, depois é que quando ele saiu é que começou a entrar gente melhor, 'tá compreendendo? Quando ele saiu é que começou a entrar gente melhor.

H14- Entrevistada — Tudo quanto era inferior ... de todo o sítio puseram aqui, por isso, caiu tudo aqui, logo no principio, está-me a compreender, é isso que eu quero explicar ao senhor, eu não sou mais do que ninguém, ou não sou melhor o que os outros, mas foi isso que eu achei logo no principio do bairro, vinha uma pessoa ... vinha pessoas da Relva, vinha pessoas de Fajã de Baixo, vinha pessoas do Livramento, vinha pessoas dos Arrifes, aqui a morar, no entanto pessoas de Ponta Delgada não tinham possibilidades de vir para aqui, está a perceber, e o XXXX como é da Câmara achou-me de pôr nos Pastinhos na Fajã de Cima, o meu marido não deixou. O que foi que o marido fez? Essa casa estava vazia, saltou pelo quintal e viemos para cá morar. A Câmara mandou-nos pôr para a rua, com policia, mobilias no lado de fora, tudo, está a perceber? Favores eu devo ao senhor agente XXXX na Câmara e ao XXXXX, que eu criei os meus filhos foi aqui nessa rua, dezoito anos que eu morei ao lado de baixo do XXXX do Mota Amaral, ele conhece as minhas filhas desde pequeninas e a mim também ele então andou com o Mota Amaral e com o Presidente da Câmara para a gente vir para aqui. O XXXX mandou a policia pôr-me gente na rua. Ele queria pôr a gente numa casa nos Pastinhos. Se eu dei nome para vir para Ponta Delgada, para esse Bairro, tirou o meu nome daqui outro nos Pastinhos para pôr gente d'outros sítio. Isso é que estava mal. Então o XXXX estava concorrendo para o Bairro ficar com mais má fama. É ou não é, senhor? Ele estava fazer isso. Antigamente ele era vereador, ou lá que era da Câmara.

GRÁFICO 10

G19- Entrevistada — Mas não posso, para onde é que hei-de ir com uma mão cheia de rapazes, com doze rapazes. O meu marido também, tenho um só ordenado só mesmo da meu marido, o meu marido também ... a vida não está para brincadeiras, agora aquele pequeno é que está trabalhando, está há seis meses, está há seis mese ou há sete, há sete meses, não é?

C21- Entrevistada - Esta vida não chegava, da maneira que a vida está muito cara, está tudo difícil de se viver.

C22- Entrevistado - Para ganhar 32 contos, 37.

C23- Entrevistada - A gente quando esteve na reforma de baixa, ele esteve um ano e tal de baixa, ele ganhava, ele recebia sempre, ele recebia sempre 27 contos 400 e tal. Ele foi para a reforma de invalidez para a SATA, passou a receber agora já subiram mais na reforma mais qualque coisa de maneira que é assim que se vai vivendo

C26- Entrevistada - Eu realmente eu vou dizer a verdade ao senhor, os primeiros tempos quando eu vinho para aqui, eu não gostava nada de estar aqui.

A30- Outro - Sim, sim. Não é pela minha esposa estar lá mas a minha menina tem a minha mais mocinha tem vai fazer um mês agora e vai pa uma creche que fica atrás ...

Entrevistador - Sei, sei ...

A31- Outro - Também por conta desse e a minha esposa já disse que eles tomam muito bem conta do curso eu nunca tive lá tou dizendo isto pela boca da minha ela disse que tá tudo bem que tratam dos miúdos a horas que fazem tudo em condições oxalá que sim né pa não tar a pagar à pessoa pa tomar conta dos miúdos também uma pessoa no Centro de Emprego a vir a ganhar pouco meia dúzia de escudos para a gente fazer uma vida pa tratar de duas meninas pa pagar a uma pessoa pa tomar conta.

D24- Entrevistado - Não, até essa questão, até essa questão está certo, até aí o senhor já pegou nesse fundamento, direito. A ajuda que o governo deu é pá penso eu pá, pelo amor de Deus na pode dar mais, não é, tem dado tá-se fazendo que esse bairro nunca teve mas vai ter, está tendo, tá bom o que é que querem exigir mais do governo nessa altura parou p'lo caminho, certo eu já disse ao senhor, disse uma vez e torno a repetir e tudo de bondade as vezes que for preciso não acho sim senhor, o curso dereto mas quando tiver o seu curso completo deem trabalho a quem coisa não é? O senhor vê quantos tamos desempregados cá no coiso uma loucura não é? Esse pessoal quer mas e trabalho, como eu tenho oito pessoas, oito, há minha conta, oito pessoas há minha conta eu desempregado eu como tou desempregado memo eu recebo uma renda do fundo de desemprego eu recebo 47 contos 47.400 o senhor ponha-se no meu lugar agora dá bem para essa casa, pagar a casa pagar o luz, pagar água e o resto, pronto aí é que está.

O5- B — Eu tenho que arranjar um trabalho agora, e ela a mesma coisa, uma pessoa com dividas não dá para estar parado em casa.

G21- Entrevistada — Ele está trabalhando, sempre dar mais uma ajudinha. Não tenho, não tenho coisa para pagar uma farin ... um ordenado, para pagar uma renda de casa enorme, não posso, não posso.

E13- Entrevistada - - Tem que ser a vida tá muito cara.

- 18- Entrevistada -- Na cozinha tem tudo. Se fosse para mim ir já eu ia. Para qualquer lado a cozinha, ou qualquer lado
- 19- Entrevistada — Não, não senhor, o que eu queria era ganhar dinheiro, porque isso é uma infelicidade a gente querer _ chegar ao mês querer dinheiro e não ter, porque eu recebo da minha pensão doze contos e é mais oito contos dos pequenos da pensão do pai e é o abono dez contos e vivo é só com isso.
- N28- OUTRO — (...) Há pessoas que são pobres de espírito e há pessoas que são pobres na entrega dos seus valores, e é o que está aí à vista é os poucos valores que nós temos, porque são quatro crianças, ela trabalha e eu também trabalho, e é assim vai-se tendo alguma coisinha, tudo à base do trabalho, quem não é capitão nem chefe, não trabalha com grandes dinheiros tem a impressão que o senhor se olhar...

GRÁFICO 11

- F101- Entrevistado — Não falta largos aqui dentro.
- F102- Entrevistada — Não falta largos. Se o Governo desse uma ajuda. Aquilo todos ajuntava-se todos as pessoas que soubessem ajuntava-se e faziam uma casa para ... faziam as casas para se meterem ali para dentro depois haverem de pagar ao Governo, e assim é isso.
- F112- Entrevistada — Ou há-de fazer a casa ou há-de pagar o terreno, não é? Não pode? Com filhos, não pode fazer nada disso. Que o Governo ajude, se o Governo ajudasse, precisa de ter o terreno, como é que vão comprar o terreno, o terreno às vezes é mais caro do que a casa, não era? Com tanto bocado que há para aí que podiam aproveitar. Tanto, tanto bocado. Olhe aqui este lado tem um bocado tão grande, ali, aqui para este lado daqui tem outro bocado tão grande, aqui em cima tem aqueles largos todos que davam casas, lá em cima, lá no caminho quem vai para a Fajã de Cima tem aquele largo tão grande ali isso fazia muita casa aqui.
- G43- Entrevistada — O Governo não está-me ajudando nada. Está-me ajudando é o meu filho está trabalhando, está lá nesse concurso, esse dinheirinho que ele está trabalhando, até nem é do Governo, é do Governo, mas assim para me dar uma casa para eu pagar a minha renda, pagar minha luz ele não está dando também auxiliar nenhum, está à venda por esses concursos, deixam mais concursos a esse pessoal, para trabalhar, para ver se ganham umas coisinhas, ganham para hoje em dia quem não tem dinheiro não se pode terminar. Deixam umas coisinhas a essa gente para essa gente se terminar.
- D12- Entrevistado - Pode haver não é senhor. Oh! Eu sou o Zé Povinho como o senhor na sabe o que pode haver, a gente na sabe se há se não há. Os capitalistas os cabeças daqui na sabem nem eu é que vou saber na posso saber também.

GRÁFICO 12

- J53- Entrevistado — Em termos de dinheiro vamos lá ver, há p'raí muita pobreza há que a gente tem de admitir que há, não se pode tapar o sol com a peneira, há pobreza e nessa pobreza na tenho visto fazerem nada.
- Entrevistador — Acha que essas pessoas mereciam mais ajuda por parte do governo?
- J54- Entrevistado — Pela parte do governo sim, julgo eu que merecia mais ou pelo menos abrissem empregos que a pobreza e as pessoas desempregadas aumenta e com todas essas inflações que vai existindo quem vai sofrendo mais o mais carenciado é aquele que sofre muito mais e quanto mais inflações houver quanto o governo mais trambulhões der ao fim ao cabo o mais pequinininho cada vez sofre mais, isso é uma coisa lógica.
- G40- Entrevistada — O que é que eu digo ao senhor? Não estão fazendo já o parque infantil? O que é que há-de fazer mais? Também coitadinhos desses pobrezinhos não tem nada além da gente, não têm mais nada, não há-de fazer tudo. O Governo também não é só para a gente que também olha para a gente tem que olhar para todos.
- A50- Outro - O governo, o governo faz muitas coisas que não deve fazer devia de olhar para isso. Olhava para isso um bocado.

GRÁFICO 13

- F155- Entrevistada — A minha filha com cinco filhos e eu tinha quatro na altura, que é os meus quatro filhos que eu tinha, os outros já estavam casados é seis pessoas e a minha filha com cinco era sete pessoas para vir-se meter num quartinho tão pequenino, numa casa tão pequenina para dar a casa a ...
- Entrevistador - Mas porque é que acha que isso foi assim?
- F156- Entrevistado — Foi a Câmara ...
- F157- Entrevistada — Eh! Senhor é a Câmara. É a Câmara é que fez ... é que resolveu isto assim.
- F144- Entrevistada — Ah! Pegou fogo e então a gente é que vierem a toda a força para aqui porque a gente estava a contar abóboras durante o ano. E como a gente já tinha o nome dado para aqui a gente então vieram para aqui, mas a minha casa não era essa, mudaram-me daqui detrás porque tinha o quarto maior e era uma casa maior, mandaram-me, tiraram-me dali e puseram-me aqui e donde está agora a outra casa com três pessoas e a gente aqui com uma casa cheia de ...
- F145- Outra — Também não é direito.
- F146- Entrevistada — Também não é direito. Tem ali casas ali...
- F147- Outra — Uma família tão grande ...
- F160- Neta — Tem aqui uma mais acima que é reformada e paga cinco contos.
- F161- Entrevistada — Quem é?
- F162- Neta — Aquela que mora ao lado de cima do XXXXX.
- F163- Entrevistada — Ah! Na paga, já paga quatrocentos qual XXXXXXXXXXXXXXXX ela nem chegou a pagar.
- Entrevistador - Mas porque é que a senhora acha que a Câmara fez isso assim?
- F164- Entrevistada — Eu sei lá, senhor! Eu suponho ... Eu não sei explicar. Isso já vem do tempo do ... como é que ele se chamava ?
- F165- Neta — Do XXXX.
- F166- Entrevistada — Do XXXX daqui da Calbeta.
- Entrevistador — Hum! Hum!
- F167- Entrevistada — O XXXX era para quem ele pendia. Quem lhe caia em graça era quem ele...
- F168- Outra -- Quem não tem padrinhos, não ...
- F169- Entrevistada - - Não se baptiza. Tem umas a pagar quatrocentos escudos, tem outras a pagar mil e tal, tem outras a pagar ... aquelas lá de trás hão-se estar pagando uma miséria.
- F170- Entrevistado — Nas casas grandes ...
- B32- Ah! Igual. Ah! Senhor igual não, então ficava nessa se fosse maiorzinha sim porque eu tenho tantos filhos, tiraram-me duma casa tão grande que está ali atrás uma família com dois pequenos e tiraram-me dali de trás com cinco filhos donde eu tenho aqui o meu filho casado que vem morar comigo agora e tinha

cinco filhos já está tudo grande só que ele ... o rapaz e as três raparigas dormem num quarto tem o meu filho que é aqui nesse quarto de baixo e a gente que estão aqui num outro quarto da frente e está ali uma casa tão grande dali de trás para pôr um casal com dois filhos, mas paciência a gente amanhou-se e eu gosto muito de estar aqui na minha casa gosto às vezes até eu digo se la pudesse leva-la atrás de carro leva-la para outro sítio Ah! Levava mesmo.

Entrevistador - Mas para um sítio, só para um sítio melhor, se fosse parecido não mudava?

H27- Entrevistada — Eu tenho aqui dez pessoas, não é? Ela vai a caminho do segundo filho, segundo bebé, e aqui ela só num quarto, ela com as duas crianças, só tenho três quartos. Isso está um bocadinho também mal feito que eles fizeram no princípio. Tem casas ali com duas pessoas e cinco quartos, naquela rua. E eu vim para aqui com oito filhos

F98- Entrevistada — Pois agora, eu tenho aqui dois, a minha filha tem o outro filho casado ali, mas o que ... não é uma tristeza? Tudo aqui morando aqui, a minha filha tem cinco filhos, casou um filho, está lá morando, com três quatinhos, é três quatinhos que a gente temos e aqui é a mesma coisa três filhos. Aquele a gente a gente fizeram ali atrás atrás uma ...

F99- Neta — Aqui é dez pessoas.

F100- Entrevistada — Um amanhã ali atrás para eles estarem. Está ali atrás morando numa coisinha e numa cozininha que faz uma coisa ... que faz a comidinha.

B22- Entrevistada - Ai, não falta p'rai estão p'rai assim até interdito p'rai para esse caminho.

Entrevistador - E os pais?

F148- Entrevistada — Uma família, duas famílias que tem ali nas casas maiores, uns com três crianças ou que é, e um outra... uma outra que foi a casa onde eu morei, com três pessoas, dois filhos e uma velha, não é direito.

F159- Entrevistada — De resto a gente está pagando as casas grandes. Pagam menos do que eu estou pagando. Eles estão pagando uma miséria, quatrocentos escudos, ou que é e a gente aqui, isso mesmo assim isto está aqui ... Oh! A gente fala, fala, mas há coisas piores, a gente está paga dois contos quinhentos e quarenta, mas eu sou reformada mais o meu homem

GRÁFICO 14

D27- Entrevistado - Ah! Pronto. Quinze anos. Pronto. Não, doze anos que eu estou morando aqui, isso não era mau, era um berrinho era ... onde albergava as orelhas, a mãe e aos meus filhos, não é? Isto hoje aqui é melhor. Portanto, 'tão, 'tão ... o Governo 'tá bem, o Governo, os cursos, o Governo 'tá dando o que era precioso ... o que era necessário p'ra aqui, 'tá dando tudo, o que é que eles querem mais? Mais só a água, ou para não dizer mais claro, água, a água é clara, não é? É o que eles querem. E esse bairro não está melhor porque muito ... não é o povo, o pessoal que mora aqui nesse bairro, não quer que seja um bairro discreto.

D24- Entrevistado - Não, até essa questão, até essa questão está certo, até aí o senhor já pegou nesse fundamento, direito. A ajuda que o governo deu é pá penso eu pá, pelo amor de Deus na pode dar mais, não é, tem dado tá-se fazendo que esse bairro nunca teve mas vai ter, está tendo, tá bom o que é que querem exigir mais do governo nessa altura parou p'lo caminho, certo eu já disse ao senhor, disse uma vez e torno a repetir e tudo de bondade as vezes que for preciso não acho sim senhor, o curso direito mas quando tiver o seu curso completo deem trabalho a quem coisa não é? O senhor vê quantos temos desempregados cá no coiso uma loucura não é? Esse pessoal quer mas é trabalho, como eu tenho oito pessoas, oito, há minha conta, oito pessoas há minha conta eu desempregado eu como tou desempregado mesmo eu recebo uma renda do fundo de desemprego eu recebo 47 contos 47.400 o senhor ponha-se no meu lugar agora dá bem para essa casa, pagar a casa pagar o luz, pagar água e o resto, pronto aí é que está.

GRÁFICO 15

J56- Entrevistado — Isso é aqui e é em toda a parte, toda a parte. Porque a iniciativa foi dos miúdos na altura de fazer o mini campo de futebol que eles tem ali, porque eles dantes bricavam era na rua porque na tinham outro sítio lá é que conseguiram o grupo dos moradores falar com o presidente da câmara pa ver o que é que se conseguia fazer diferente os camiões de terra puserem ali taparem aquelas covas, umas pedras grandes que havia ali uma contrapilha tirou puseram aquelas balizas, puseram terra p'ra cima e eles com os pés próprios é que amassaram, portanto, todas as vezes que eles vão jogar à bola vem p'ra casa tomar duche e mudar de roupa, saíram dali mais pretos do que os gajos de África. Não, há mais uma há um ginodesportivo nas Xxxx é isso que também me custa a crer e isso mais bem conversado se é um ginodesportivo que é das Xxxx porque é que os rapazes aqui na podem ir brincar p'ra lá isto é divertirem-se pelo menos aos fins-de-semana o futebol o campo da bola do futebol agora é tá interdito ao Santa Clara, é, uma equipa da 3ª Divisão jogam nas Xxxx porque é que tem o nome de ginodesportivo das Xxxx? Se não nos serve a nós serve aos de fora. É como aquele que diz eu tou numa padaria aqui mas na me dá pão vou comprar pão, pa que me serve esta padaria aqui eles que põem pa outro lado, não é?

J65- Entrevistado - Um clube por muito ... um rapaz se vai jogar tem de se levar pelo menos umas laranjas p'ra eles no intervalo pelo menos chupar nas laranjas ou pêras qualquer na é? Tem de minimizar com qualquer coisa na INATEL, sim senhor, mas quando se... a INATEL até promove esses campeonatos aí p'las aldeias isso na é de agora isso há anos quando jogava à bola até joguei no INATEL mas um clube tem de ter manutenção própria pa poder gerir o próprio clube, na é?

Entrevistador - Nem com apoios?!

J66- Entrevistado - Mas esse apoio vai-se manter, na se vai?!?! Um apoio que eu saba os apoios vão até a pessoa, é como um bebé vai engatinhar até andar é como o pai faz o filho, na é?

J67- Entrevistado - Depois anda com os teus pês. Mas vamos lá ver, p'ra isso arrancar p'ra frente é preciso que tenhas meios de subsistência, não... não é verdade?

J44- Entrevistado - Pois é, é e acho que não há bairro nenhum que faça perante só o pessoal do bairro que se faz a festa do Espírito Santo na temos ajudas do governo na temos ajudas de ninguém e há aqui uma festa com a gente grande e e no bairro porque há festas em vários sítios mas são subsidiados por um lado ou pelo outro, p'lo bairro o ano passado já houve o baile das crianças do Carnaval iniciativa do pessoal do bairro na se vê isso de mais lado nenhum.

J51- Entrevistador — Porque havia um problema aí, o material foi cedido pelo governo o arranque principal foi o Centro Paroquial é que começou a comprar o material arrancou-se primeiro foi com dinheiro do Centro um dinheiro que foi ... uma que foi uma verba qualquer que fizeram não sei como nem me interessa saber a gente arrancou tudo foi com dinheiro do Centro Paroquial, mas portanto o Centro dava o material e o nós do grupo do bairro é que aos fins-de-semana vamos para lá, depois consegui conciliar o útil com o agradável eu sube que o presidente da junta ia pôr assalariados a trabalhar na freguesia então entrei em contacto com ele e é que juntei que que viessem pelo menos três ou quatro homes p'ra qui o que é que acontecia, porque era muito mais fácil a gente ver a obra muito mais cedo acabava é a tempo inteiro o que já está feito se fosse pa fazer aos fins-de-semana a gente em 2001 talvez acabasse e assim, a obra está praticamente finalizada os remates é que leva mais tempo mas a estatura em si visível tá.

J60- Entrevistado — Sim, isso é uma ideia que já foi falado muita vez lá no Centro, mas p'ra isso é preciso, vamos lá ver, uma casa de serviço p'arrumar materiais botas camisas não sei quantos não sei que mais faz-se um ofício p'lo Governo, talvez o governo subsidiasse o equipamento mas se fosse dado o equipamento é coisa mesmo pa levar p'ra casa, na tá certo, tinha de haver um sítio onde o equipamento lá mantivesse vamos jogar, vamos jogar cada um vai-se equipar ali mas depois ali mesmo tira o equipamento e que houvesse na sei o mínimo de verbas pelo menos pá lavadeira pa lavar a roupa.

H15- Entrevistada — Estas psicólogas, também ajudaram-no muito, a convencê-lo, devo favores a elas, as psicólogas, e à Dona Xxxxx, eu falei com ela e tudo expliquei a situação, assim, o resto, eu para mim não tem nada de mal, não sei para os outros, não é? Também não gosto de falar mal porque, também não vejo nada de mal para falar, até eu penso que devia de continuar porque há mais alguém, está a perceber? Que queira aproveitar, mesmo senhoras, as senhoras que estão agora lá muitas, muitas não tinham ocupação para aí, era toda a tarde a conversar umas com as outras em casa e agora elas já têm aquela ocupação mesmo aquelas que queiram continuar, já qualquer pessoa pega, não é verdade? E aquelas já estiveram aprendendo qualquer coisa além daquilo que sabiam, porque eu tenho quarenta e três anos, mas se eu for para um curso destes aprender mais um bocadinho eu aprendo sempre mais, não é? Não ocupa lugar saber mais.

F101- Entrevistado — Não falta largos aqui dentro.

F102- Entrevistada — Não falta largos. Se o Governo desse uma ajuda. Aquilo todos juntava-se todos as pessoas que soubessem juntava-se e faziam uma casa para ... faziam as casas para se meterem ali para dentro depois haverem de pagar ao Governo, e assim é isso.

F112- Entrevistada — Ou há-de fazer a casa ou há-de pagar o terreno, não é? Não pode? Com filhos, não pode fazer nada disso. Que o Governo ajude, se o Governo ajudasse, precisa de ter o terreno, como é que vão comprar o terreno, o terreno às vezes é mais caro do que a casa, não era? Com tanto bocado que há para aí que podiam aproveitar. Tanto, tanto bocado. Olhe aqui este lado tem um bocado tão grande, ali, aqui para este lado daqui tem outro bocado tão grande, aqui em cima tem aqueles largos todos que davam casas, lá em cima, lá no caminho quem vai para a Fajã de Cima tem aquele largo tão grande ali isso fazia muita casa aqui.

F103- Entrevistado — É tudo num monte, tudo num monte, tudo num monte.

F104- Entrevistada — E não é só aqui. Isso em todo o lado tem, então filhos morando com as mães porque não têm que morar de novo. Aqui mais acima tem a outra _ filha morando consigo. A outra aí mais acima tem a filha que está morando consigo. Quem é outras que têm filhas morando consigo?

F105- Neta — É em todo o lado.

F106- Entrevistado — É em todo o lado.

F107- Entrevistada — Casados é ali tudo.

F108- Entrevistado — Não chegar a correr a ponta, aqui para não sobe ali bem para a eram cento e m'á que era cento e quarenta e cinco ou era cento e ...

F109- Entrevistada — Tanto largo que tem aí, porque é que na fazem ...

C90- Entrevistado - Dantes já era assim um bocado tarde, e já não dava, não é? Porque eu estou na reforma XXXXXXXXXXXX, o meu irmão está-me a perceber, mesmo somos irmãos, somos irmãos em tudo, porque eu fui acostumado de jardineiro, de camponês, e trabalhar agora homem, mas dessem uma casinha homem, um bocado de terra, e pronto uma assistência e que me dessem uma ajuda ou uma assistência qualquer, que me dessem, estou numa casa dada lá nada, agora quatrocentos escudos homem, isso é o cagueiro dos gatos que eu tenho, por aqui, o cagueiro dos gatos, por isso homem eu não gosto de ficar aqui. Não há ordem de criar galinhas, não há ordem de criar porcos, não há ordem de criar pombas, não há ordem de criar nada, até cães, toda a gente cria cães, coelhos e tudo, e eles ... não posso.

G43- Entrevistada — O Governo não está-me ajudando nada. Está-me ajudando é o meu filho está trabalhando, está lá nesse concurso, esse dinheirinho que ele está trabalhando, até nem é do Governo, é do Governo, mas assim para me dar uma casa para eu pagar a minha renda, pagar minha luz ele não está dando também auxiliar nenhum, está à venda por esses concursos, deixam mais concursos a esse pessoal, para trabalhar, para ver se ganham umas coisinhas, ganham para hoje em dia quem não tem dinheiro não se pode terminar. Deixam umas coisinhas a essa gente para essa gente se terminar.

H35- Entrevistada — Para a minha filha? Não sei. A minha filha, por exemplo, isso tem espaços daqui detrás _ isso aqui detrás dava quatro casas.

H36- Outro — A minha irmã ela comprava o terreno e o Governo ajudava com alguma coisa.

H37- Entrevistada — Mas agora o Governo não dá sem ganharem mais de cem contos. Têm que ganhar _ atingir cem contos os dois a trabalhar. Agora o marido é armazenista está no armazém a ganhar o salário mínimo, para sustentar agora quatro pessoas, que vem mais um bebé? Como é que a minha filha pode agora ocupar material, pagar mestres para fazer uma casa. Nunca mais. Era aí fazer mais umas casas no Bairro, ou mais umas casas um mais um bairro, porque cabe aqui ainda mais umas casas, tem espaço para isto.

J12- Entrevistado — É de nylon daquela carda de nylon, mas no princípio quer dizer as recolhas de lixos eram feitas um bocado descuidadas mas isso o grupo juntamente com o Centro Paroquial fez-se vários ofícios pa cambra hoje não se temos razdes de queixa sobre isso a própria _ as zonas verdes próprias que existe já são mais bem tratadas pelo pessoal da cambra e até à data vamos lá ver se isso melhora muito mais mas eu já tenho visto bairros com melhor nome mas não é um bairro como esse.

H1- Entrevistada — Não, eu acho que está muito bem, sincero, eu acho que está muito bem, até foi a melhor coisa, até acho que foi a melhor coisa que o Governo fez agora há pouco, que há anos não se via nada disso, isso está evoluindo, não é? Assim, como eu não faço ao Domingo como muita gente aqui, o Bairro estava muito falado, estava em baixo, com muita gente para aí que só se ocupava a fazer mal, e tudo, até está muito bem, acho que foi uma coisa boa que fizeram. A meu ver acho.

Q1- B — Já fui agradecer à Comissão que trabalhou nesse testamento que isso era uma coisa para já fazia falta para o bairro entre as crianças quando vivia aqui era muita criança para aí entre as ruas e coisa, pronto. Para mim foi a melhor coisa que lutamos, trabalhei nisso quatro anos dois anos foi para a gente se consumir um bocadinho, mas os outros dois pronto, foi para se ver o que hoje tem. E da minha parte agradeço àqueles que colaboraram com os moradores cá dentro, portanto, dentro da paróquia XXXX, e assim sucessivamente, Câmara Municipal e Junta de Freguesia também ajudou muito aqui para o bairro, pronto, e até agora é isso que se vê, de resto tenho a agradecer é só à Comissão que lutaram para isso

Q2- B — Sim, sim, eu quando entrei para aqui o nosso sonho e começámos em princípio a fazer uns desenhinhos, e coisa, coisas pronto, não de profissionais para fazer aquele quiosquezinho que está ali e tal e coisa. Não era para aquele fundamento que está, era para a coroa ficar efectiva lá dentro todo o ano, pronto mas não foi permitido, os arquitectos não deixaram ou viam que era uma coisa muito profunda porque ia levar gradeamentos de roda depois, podiam achar mal que aquilo era um tipo de uma cadeia que estava coisa e assim sucessivamente, a Câmara, os projectos foram para lá para a Câmara e a Câmara então fez lá outra planta, pronto chegou-se àquilo, chamamos a comissão dos moradores, portanto somos sete ou oito que ainda continuam já há quatro anos para trás, e continuamos sempre na mesma, vimos o coisa, o desenho, gostamos, sim senhor, e assim conseguiui-se andar para a frente com isso, levou um bocadinho de tempo, mas conseguiui-se ver o fundamento.

GRÁFICO 16

B13- Entrevistada - Ah! Pois o bairro o bairro não pega mal nenhum a ninguém, o próprio povo é que fala mal do bairro. Saio da manhã para o meu serviço, chego aqui às cinco horas, ponho-mo da minha porta para dentro quer dizer, nunca mais lido com ninguém aqui no bairro, senhor. Não tenho nada que dizer do bairro, não senhor.

G23- Entrevistada — Já se sabe, também rapazes quase sempre com um saquinho. "Ah! Que aquele foi roubar, aquele foi roubar ao hiper, foi roubar ao mini mercado, o senhor já percebeu? Já eu, muita vez, não é muita vez, já que dou sempre dinheirinho é às vezes trago do Mini Costa as minhas comprinhas e da minha cantina, no mínimo, também tenho as minhas compras e também tenho isso tudo, mas essas vizinhanças não podem ver nada, não podem, não podem, o senhor já percebeu?

E37- Entrevistada — Eu nunca ouvi nada, nunca vejo as brigas, nunca vejo nada disse às vezes disse Ah! olha uma briga ali mas eu na vejo isso eu tou dentro de casa na tou vendo o que se passa na tou vendo o que se passa, não vejo nada disso.

LA28- Entrevistada - Isso já não é muito bom, isso tem aí muita gente também que ... tem gente. Apanhamos um sitio muito bom que eu não sou de estar, de estar com muitas conversas com coisas, porque eu também trabalho e o tempo é sempre muito pouco, não é? Mas tem aí certas pessoas que a gente ... tem pessoas boas, mas tem outras que... aí por exemplo, para ali para aquele lado dali

B6- Entrevistada - Eu sou uma pessoa assim metida aqui para dentro, eu estou todo o dia fora de casa quer dizer só estou ao sábado e às vezes é pouco que eu às vezes se tenho assim serviços lá para cima eu vou também lá para cima pouco venho assim aqui para a porta, sou muito metida aqui dentro, cada qual está nas suas casas eu estou na minha, não estou aquilo...

Entrevistador - Então a senhora não tem muito convívio aqui com as pessoas?

B7- Entrevistada - Não, não senhor, não senhor, porque eu sou uma pessoa metida da minha porta para dentro, bom dia boa tarde, não sou de estar conversando com as pessoas, cada qual está terminando a sua e eu estou terminando a minha, não sou de estar conversando com a vizinhas.

Entrevistador - A senhora então estava falando da vizinhança, era?

C22- Entrevistada - Já se sabe, não gostam de ver uma camisa lavada a outro. Aqui neste Bairro não gostam, porque vai-se vestindo "Ah! Onde é que ela foi buscar, onde é que ela não foi buscar?" essas coisas todas. Traz-se um saquinho de compras "Ah! Onde é que aquela vai buscar tanto", essas coisas todas, o senhor já percebeu? É isso, não se pode, elas não podem ver uma camisa lavada a outro, não podem.

C56- Entrevistada - Eu estou todo o dia em casa, faço a minha vida, a minha filha agora está em casa, está à espera de serviço de ir para o Centro trabalhar, e coisa, e depois estou todo o dia aqui, eles podem brigar aqui na rua, podem se matar aí para baixo que não é, eu não saio da minha casa estou todo o dia metida ali ... aqui dentro, quem ... costuma-se dizer, quem não ouve, não diz, e coisa, mas é realmente um bairro, aqui tem um bocadinho.

B29- Entrevistada - Está tudo muito bem, sim senhor também não tenho que dizer das minhas vizinhas não tenho nada que dizer, p'ra que é que vou dizer é aquilo é aquele outro, não tenho nada que dizer cada qual está terminando as suas vidas.

B10- Entrevistada - A mim não me incomoda estão terminando a sua, quer dizer o que está no jornal, assim pessoas que falam no jornal essas coisas assim que eu não tenho nada a haver com isso, quer dizer, eu estou metida da minha porta para dentro, estou, não me importo com o resto das pessoas até tem pessoas aqui dentro, eu fui a primeira a vir morar para este bairro e tem pessoas qui dentro que eu não as conheço. Eu já moro aqui já vai fazer doze anos.

B11- Entrevistada - Nunca tive nada que dizer, cada qual está nas suas casas, terminam as suas vidas, eu estou na minha, termino a minha, quer dizer, não tenho nada a ver com essas coisas, cada qual termina a sua vida da maneira que quer e que pode.

Entrevistador - A senhora gosta de morar aqui no bairro?

D20- Entrevistado - Certo, sim senhor, mas eu vou dizer uma coisa ao meu senhor, vou dizer uma coisa ao senhor eu quando chego a casa como eu cheguei agora a casa o senhor apanhou-me olha acabei agora de chegar, eu cheguei a casa como alguma coisinha eu minha mulher, os meus filhos meu irmão e minha mãe pego em mim e na saio mais daqui p'ra fora nem que seja a matar problema é deles é no caminho eu não o quero aqui em casa, no caminho tou-me barimbando, aqui em casa é que eu na quero, um homem fazer a vida faz é em casa não é no caminho.

D23- Entrevistado - Na sei o problema é deles é porque quem desdanha o senhor pode ficar essa ... quem desdanha quer comprar eu sou graças a Deus dou-me bem porreiro da vida tudo dentro da minha família o resto tou-me barimbando fora não me interessa, interessa-me é da porta p'ra dentro de resto na me interessa. O que eu disse ao senhor eu já disse senhor, certo, discurso, direito, direito, o que eu não acho bem é tar gastar dinheiro que o Governo gasta um loucura com isso não é com obras depois gastos depois na fim do mês aqueles custou ou pagaram ou na pagarem, é assim mesmo, não é depois com é tem o curso tem o diploma, o que é que tu deste? Vai trabalhar. Oh! Não há trabalho. Ainda se houvesse trabalho, sim senhor, acho bem tira um curso, de amor um home tira com gasto, pode tirar o curso, mas quando acabar o curso vai trabalhar para onde é que ele va?

Entrevistador - E o senhor já me disse em relação às ajudas do curso, eu queria lhe perguntar uma outra coisa sobre o bairro que o senhor me lembrou agora que é aquela questão de, o bairro d'antes era de uma maneira agora está diferente, ou como é que o senhor acha que está?

B33- Entrevistada - Para estar mais sossegado. Mais sossegado isso não é lá, tem vezes que não é muito razoável. E é assim ... isso é assim, mas cada um não tenho nada a dizer, não posso dizer, cada qual está terminando a sua vida a gente estamos aí também tou todo o dia fora de casa a verdade é para se dizer tou todo o dia fora de casa só tou ao fim-de-semana e às vezes é pouco e é para terminar a nossa vida aqui da porta p'ra dentro não é para a gente estar agora, não sou pessoa p'ra estar à porta conversando com ninguém não sou, não fui criada assim.

E25- Entrevistada - Eu gosto de morar aqui antes tava morando em S. Roque, de S. Roque vim p'raqui já tou aqui morando há onze anos quer dizer eu gosto de morar aqui na tenho nada que dezer dos meus vizinhos cada um vive na sua, mas gosto de ta aqui.

B32- Ah! Igual. Ah! Senhor igual não, então ficava nessa se fosse maiorzinha sim porque eu tenho tantos filhos, tiraram-me duma casa tão grande que está ali atrás uma família com dois pequenos e tiraram-me dali de trás com cinco filhos donde eu tenho aqui o meu filho casado que vem morar comigo agora e tinha cinco filhos já está tudo grande só que ele ... o rapaz e as três raparigas dormem num quarto tem o meu filho que é aqui nesse quarto de baixo e é a gente que estão aqui num outro quarto da frente e está ali uma cas tão grande dali de trás para pôr um casal com dois filhos, mas paciência a gente amanhonhou-se e eu gosto muito de estar aqui na minha casa gosto às vezes até eu digo se lá pudesse leva-la atrás de carro leva-la par aoutro sitio Ah! Levava mesmo.

B15- Entrevistada - Não é injusto, por que as pessoas, as pessoas, há pessoas que moram aqui dentro que falam mesmo mal, mas se não tivessem arranjado estas casinhas nada disso se dava, mas vão-se aproveitando e essas, isto tudo para aí, mas eu gosto muito da minha casa que gosto muito da... não, não tinha uma casa, mesmo antes de casada que eu estava morando com a minha mãe, não tinha uma casa pois já se sabe, pegou fogo a gente viemos aqui para essas casas, que eu não tenho nada que dizer da minha casa, e que eu não tenho que dizer do bairro, senhor, não posso dizer nada do bairro porque não tenho nada a baver com isso, cada qual está terminando a sua vida.

ENTREVISTADOR - E isso de meter-se na vida dos outros?

LB42- ENTREVISTADA - Ah! Isso é todos os dias.

ENTREVISTADOR - Mas é mais quem homens ou mulheres?

LB43- ENTREVISTADA - Mulheres, claro.

ENTREVISTADOR - As mulheres estão à porta e vão ...

LB44- ENTREVISTADA - É, é, sempre houve, olha aquela e assim e assado, não faço caso também passo o dia fora, chego, arranjo a casa claro, ao fim de semana mesmo é que faço a limpeza maior, é assim.

M19- ENTREVISTADA - Olha senhor, vou dizer uma coisa, dentro da minha casa, de repente na casa que está para ser sogra da minha filha que mora mesmo aqui de frente, bom dia, boa tarde, pronto, é raro eu aparecer à porta, é assim, eu saio às vezes quando é preciso, é muito raro eu aparecer à porta. Então eu gosto de estar dentro de casa, não gosto muito de estar nas portas, nas janelas.

LB58- ENTREVISTADA - Portanto, dou-me bem, bom dia, boa tarde, cada um nas suas casas. É nisso que a gente se dá bem. Agora se fosse de entrar, de sair, aí é que havia mais mexericos, mais coisas, assim cada um está na sua casa. Não é que eu tenha vizinhas assim boas, boas, boas, que eu não, pouco me dou com elas. É A tal coisa, bom dia, boa tarde, e a gente agora no curso é que temos mais contacto. A gente já se conhecia todas, não é? Mas de conhecer bem bem a pessoa na maneira de ser foi mais quando a gente conviveu mais aí no curso, não foi por eu estar em casa delas.

S15- ENTREVISTADA - É como eu digo, para mim toda a vizinhança é boa, porque eu não me apoquento com ninguém, não estou na casa de ninguém, aqui também não tenho tempo, quando eu estou em casa é para me limpar, temos aqui a vizinha de frente que tem o telefone, de repente eu vou lá, não é? Eu sou sua vizinha, às vezes eu vou um bocadinho até lá distrair à noite um pouco, é assim, mas não é, não é dizer assim a gente não pode estar na casa das pessoas a gente tem a nossa vida, porque quem não ouve não diz, não fala, não é nomeado é como eu costumei dizer, mas até que está muito bom para aquilo que já foi, já não temos a policia aqui de dia e de noite a fazer ronda, não quer dizer, é como todo o lado, e eu vou dizer ao senhor francamente aquilo que eu acho, este bairro também tem mais fama do que aquilo que faz, porque vamos para sitios, não é bairro, mas que é pior do que este bairro aqui, tem aqui a nossa rua, não é a nossa rua, porque eu não vejo brigas em lado nenhum podem estar matando-se para ali, que se eu estiver acolá, eles ficam-se matando ali que eu não sei, mas eu acho

que as coisas têm mudado pouco a pouco, as pessoas têm todo gosto, agora já se sabe as crianças é que precisam de ter mais, mas também não têm compreensão para poder respeitar as coisas, não é? As coisas também são assim.

Entrevistador - Mas não gosta quando lhe dizem que mora no bairro dos canibais.

B16- Entrevistada - Ah! Pois já se sabe que não gosto não senhor, eu não gosto não senhor, o que é de há-de se fazer, porque também a mim, a mim me importa pouco, porque eu estou dentro da minha casa, não incomodo ninguém

D21- Entrevistado - Não seabor, aí é que ta o problema eu tou em minha casa abaixo deles tou bem, abaixo deles tou bem para fora não me interessa, nem que se matem.

D22- Entrevistado - É pá, pelo amor de Deus, a vizinhança boa, boa, boa, bem na tenho nada que dizer da vizinhança. Olha essa senhora aqui do lado de cimba, credo é como sendo famílias este bem também é bom, também na me queixo com o vizinho.

Entrevistador - Eu perguntava a si uma pergunta que já fiz esse senhor. O senhor sente -se bem a viver aqui no bairro?

A74- Filho - Sim, da porta p'ra dentro tou na minha casa como, durmo tomo duche, o que falam lá fora não tenho nada a ver com a vida deles, tenho a minha vida a vida da minha família não tenho nada a ver com ninguém da porta p'ra fora.

J8- Entrevistador — Bom, as pessoas mais velhas eu não sei só fazendo contacto com elas, eu também sou das pessoas que sou bem com todos mas cada um nas suas casas, portanto, há pessoas que vão pos cafés pa coisas assim conversa com um vizinho mais um vizinho mais outro mas eu venho p'ra casa e em casa fico tem lá um grupo de moradores é tudo aqui da rua infelizmente é o grupo que existe moradores do bairro é tudo dessa rua não há mais ninguém doutras ruas e uma coisa que se fez desde início quando se pegou nisso era pa fazer um grupo o maior possível já tivemos um grupo com vinte e tal pessoas mas depois foram desistindo foram desistindo.

E27- Entrevistada — Má fama, lá no bairro?

Entrevistador — Se o bairro ainda continua a ter má fama.

E28- Entrevistada — Na sei porque eu na vejo nada disso tou dentro da minha casa eu na sei.

M16- ENTREVISTADA — Não sei. Nunca mais ouvi falar nisso, daqui a pouco a gente ponha-se aqui, estou sempre cá dentro de casa, é assim.

GRÁFICO 17

B22- VER GRÁFICO 13

E23- Entrevistada — Na rua eu na gostava que ela andasse na rua, na gosto tantas horas eu gosto de ter os meus filhos dentro de casa.

Entrevistador — Mas ela está aí fora brincando, não é?

E24- Entrevistada — Ela vai p'rali p'ró pé do Liceu um bocadinho quando é sete horas eu já mando chamar p'ra vir p'ra dente só um bocadinho mas eu na gosto que tejem muito tempo e ainda assim é de dia tá melhor.

C76- Entrevistada - Os meus filhos eu faço por igual, falo com os meus filhos, eu digo às minhas filhas: "vocês o que ouvirem não se diz aqui nada, não se fala aqui nada"...

C77- Entrevistado - Ficam em casa de porta fechada.

C78- Entrevistada - Aqui é caluda e coisa, os meus filhos a partir das dez, assim nove, dez, onze horas, eu chamo-lhes para dentro porque a polícia passa aqui a ronda uma hora dessas, ...

C79- Entrevistado - Não, é mais cedo, não é?

C80- Entrevistada - E coisa, muita vez cheios e coisa, de maneira que é assim, a gente eu chamo-lhes para dentro, que às vezes ...

F76- Entrevistada — Elas não vão muito para a rua, que elas estão aqui dentro, por enquanto, elas vão _ a mãe sai com elas até ali, vai, vai-las levar para aqui, XXXXX Oh! Esta está em casa de uma senhora aqui, que toma conta dela, que eu tomo conta dum e aqui mais acima toma conta daquela e a outra está na escola infantil, portanto, não tem ninguém na rua. As crianças da rua o que é que vão ser aqui amanhã com esses rapazes, com essa canalhada que está para aí. Portanto, a gente _ se elas vão para a rua a gente anda sempre atrás delas. Não é eu que eu não posso, é a mãe.

Entrevistador - Então quer dizer que há quem ande assim, não é?

B23- Entrevistada - Ah! Quando 'tão em casa e é assim.

N25- ENTREVISTADA — Já, já, já, vi muito, porque eu estou para aqui praticamente há dez anos vouver se uma vizinha nova, arranja-se uma vizinha nova, tem um ambiente bom vem outra conversa, porque se for vizinhas que a gente pode falar, vizinhas civilizadas, das suas portas para dentro, pessoas que não se vê fazer zaragatas com ninguém, portanto eu não tenho razão de queixa das minhas vizinhas porque eu moro...

N26- OUTRO — ... isto esta melhor, mesmo não sei quem é que está no bairro, mais calmo.

D6- Entrevistado - Pronto. Por isso sim senhor, acho certo eu estou aqui morando porreiro de amor e vontade, estou cá porque vim p'raqui e vim p'ra cá porque quis vir, não é? Então como é vim p'ra cá porreiro da vida estou tenhos os meus filhos a minha velhinha tudo ao pé de mim mas o que eu na acho bem é isso, sim senhor, o curso ser ... epá, gasta uma loucura na é, aquilo é tudo bom dinheiro fazer as obras na fazendo e por aí fora é tudo bom dinheiro certo. Mas, para que serve tirar curso ... vão completos do curso e depois não há serviço quando acabar o curso pa lhe dar a eles na serve de nada, é como o estudante, tou estudando como eu disse ao senhor ... vou dizer ao senhor va pa juiz um va pa pofessoa outro va p'ra quê? Eles tem o diploma eles de certos que chegarem e pegar e como é que eles vão trabalhar. Se não há emprego p'ra eles trabalharem eu que sou uma mecha, perdão, que planto uma couve trabalho na minha vida, na é eu p'ra mim na tenho e um advogado tem serviço p'ra ele? Tem cá nada. Só por isso de resto tudo porreiro, acho bem os cursos ser.

GRÁFICO 18

I46- Entrevistada — Não, costumam brincar aqui fora quando está bom tempo, mesmo uma pessoa está sempre com medo deles não irem para a estrada por causa dos carros. Se estão aqui brincando, tenho que estar com a porta aberta, para estar vendo as crianças irem pelo meio do caminho. Porque desde que o meu marido teve um acidente de uma moto, eu fiquei com muito medo das crianças não terem acidente de carro, qualquer coisa. Brincam aqui, quando está bom tempo quando faz chuva eles não podem brincar aí fora, brincam cá dentro.

A — Isso é perigoso estar no caminho?

O18- B — O pessoal que mora aqui dentro sabe que tem aqui bastantes crianças, vêm é devagar com os carros.

O19- B — Uns vêm tirar a carta. É muito bom é isso aqui eles vêm tirar a carta para aqui, não é só eles, a tropa também vem para aí.

A25- Outro - Naquela ... em certos sítios, ali naquela zonazinha que estão fazendo que deve ser qualquer coisa para crianças não é uma coisinha que tão fazendo ali mas há muitos sítios aqui dentro do bairro que tem espaço pa fazer um jardim privado com vedação ta a perceber? Por causa dos miúdos está à vontade lá dentro na sair p'o caminho porque isso aqui sabe a escola de condução vem sempre p'ra qui fazer condução de repente uma pessoa não tem prática nenhuma atravessa um miúdo qualquer tá sujeito a haver um acidente qualquer na é, deviam fazer pelos menos ali um parque com um bocado de terra ali com um bocado de areia com uma vedação de roda um vigia mesmo desses pessoas no curso, desses pessoas do curso podia ter lá um vigia ou dois ali as crianças tavam mais à

vontade mas por enquanto agora está bom né não se pode fazer tudo de uma vez, não se pode fazer tudo de uma vez, se os cursos continuar sempre assim vá ... vá melhorar

A43- Outro - É por isso que eu digo que essas partes que não tem não tem nada só vedação só ervas coisas sem prestar podiam fazer uma parque p'as pessoas p'as pessoas tar ali pa não ir pa certos sitios mais coisa mais perigosos pois de repente sei lá esses caminhos p'ra os pais não sabem onde é que tão.

Entrevistador — Estão fazendo ai o parque infantil pondo os baloiços bons para as crianças.

E17- Entrevistada — Ah! P'as crianças a brincar.

Entrevistador — Sim.

E18- Entrevistada — E é bom tem crianças que gostam de brincar, essa minha leva sempre ali a brincar quando vem da escola, gostem de estar ali a brincar, minha sobrinha adora, pelo menos na tão fazendo mal muitas coisas pr'ai.

Entrevistador — E dantes?

E19- Entrevistada — Como?

Entrevistador — E dantes, antes de haver essas coisas?

E20- Entrevistada — Ela brincava aqui na rua.

E21- Outro — Andar atrás dos camiões.

E22- Entrevistada — E assim é bom.

E55- Filho — E o outro.

Entrevistador — Tens as tuas opiniões, não é.

E56- Outro — Foi bom.

E57- Entrevistada — Eu acho que é coisas boas p'as crianças.

E58- Outro — Eu não sei o que eles fizeram para as crianças. Há mais de vida os carros passam ai e as crianças estão ali brincando, no lugar das crianças estarem ali brincando já não estão no meio do caminho e tem aquela coisa da bola, de eles brincarem à bola ali que eles fizeram, balizas de um lado, balizas do outro ...

E59- Entrevistada — Antes na havia nada disso. Estão fazendo muitas coisas para as crianças.

GRÁFICO 19

D37- Entrevistado - De resto tudo porreiro da vida, sim senhor, para eles brincar, poder se distrair, para não 'tir sempre em casa, não é? que isso ai que o quintal é pequenino. Um homem se não é um cento de couves aqui dentro estarraça tudo, se for brincar no quintal estarraça. Para o caminho, um homem não deixa ir. Pelo menos ... Eh, pá! Vão brincar p' o jardim, não é? Vão brincar nos balouços ai 'tá bem. Tudo porreiro da vida. Quanto a mim é isso ao senhor. É só isso que eu digo ao senhor. É o que eu levo, que não há, que não sei, não sei, não sei, porque o Governo disso sei eu Governo manda muito dinheiro, dois escudos, gasta muito, um de um lado, outro do outro, isso é muito dinheiro. Tirar cursos no fim do mês sim, recebo ou vinte ou trinta isso que eu recebo, não é? No fim depois de verem que 'tá tudo direito, não há trabalho para eles, isto é que é uma coisa mal feita. Então é só dar cursos, cursos, cursos. Eu chego ao pé do senhor "um trabalho, não tenho." "Eh! Senhor, eu sou encartado, tenho o curso." "Mas não tenho." Não se vai matar, não é? Se não há trabalho, não vai ... não vai ... não vai pôr um que tem há dez ou doze anos para a rua para admitir aquele? Com curso, não é? Isto é que é uma coisa que esta ... Puf.. De resto uma coisa bem feita, sim senhor, é o melhor que estão fazendo ai, é o melhor, até hoje aquilo é que é o bom que 'tão fazendo ai, mais nada ...

GRÁFICO 20

A38-

H6- Entrevistada — Eu estou aqui há quatro anos. Gosto. Eu estou na minha casa, da minha porta para dentro, não me meto com ninguém, os meus filhos não gostam, isso é problemas deles, não é? Os sitios onde eu morava, que eu morei dezoito anos aqui em frente à ermida, claro que eu achava melhor que era menos crianças, que era menos pessoal, claro que um bairro é tudo quanto é pobre, não é?

H42- Filha — Sim, de preferência noutro sitio, mas se não houvesse ...

Entrevistador — Mas porquê de preferência noutro sitio?

H43- Entrevistada — Porque eu não gosto desse bairro. Não é o não gostar do Bairro, porque o Bairro, eu ... e o pessoal que mora no Bairro.

F59- Entrevistada — Olha, senhor eu estou aqui porque eu não tenho outro remédio, porque se eu tivesse outra casa eu não estava aqui. Eu digo muita vez, minha rica casa velha que pegou fogo na Travessa José do Canto na Arquinha, era muito velhinha, mas aquilo eu sei lá, minha rica casa é aquela, era aquela ali, muito velhinha que ela era, muito velhinha, mas eu queria estar lá e não queria estar aqui.

C30- Entrevistada - Ainda hoje choro pela minha casa, porque a minha casa ... a minha casa tinha assim espaços, a minha casa é este que trabalha no Mini Costa, esteve no centro de educação e de maneira que a minha casa lá em baixo, eu tinha assim mais ...

C31- Entrevistado - Santa Catarina.

C32- Entrevistada - Mais vivência e coisa, já se sabe. Os primeiros dias quando mudei-me para aqui, eu digo a verdade ao senhor, não gostava mesmo nada, chorava mesmo pela minha casa.

C33- Entrevistado - E agora também não gosta.

C86- Entrevistado - Eh! Mulher deixa-me falar, deixa-me falar com esse senhor ... XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX. Eu falava e ele falava, assim ninguém se entende. Eu penso que eu tenho falado contigo, não é Maria? De maneira que isso é assim, não é? Eu não gosto de morar ali, eu estou acostumado a um bocadinho de terra, uns porquinhos, umas galinhas, aquilo não se pode criar galinhas nem pode criar porcos, não se pode criar nada ali no meio. Isso é um Bairro que não presta, um Bairro da lata mesmo. Isso não é o Bairro do Espírito Santo, nem Bairro ... Isso não presta. Isso é um Bairro da lata mesmo. Meu irmão não baptizou por Bairro da lata, mesmo. Na lixeira é muito melhor do que isso, na lixeira é melhor do que isso.

G26- Entrevistada — Já. Eu vinho com, eu vinho, com esses mais velhos, quatro filhos, eu vinho com os quatro filhos mais velhos que eu tenho quatro e já me nasceram uma mão cheia deles aqui. Eu sou mãe de doze, de treze, não é? É os outros, as pequenas que eu tive são duas gêmeas que eu tenho lá dentro dormindo, estou aqui há uns tempos, vai fazer dez ou é nove, nove é. A minha pequena abaixo de ti, não tem nove, e nove, depois é a Sandra, não é? A minha Sandra _ a Sandra já tem nove anos, não é? Já há mais, acho que é o dez ou para onze que eu já estou morando aqui, minha rica casinha de lá de onde eu estava, era pobrezinha, era pobrezinha, verdades sejam, era pobrezinha, mas minha rica casinha. As vizinhanças não se metiam com ninguém, eu estava dentro da minha casa, criei os meus quatro filhos lá, minha rica casinha, aqui não se pode vestir uma saia, uma saia nova não se pode vestir porque elas, porque elas já estão falando nas janelas e nas portas. "Ah! Onde é que aquela foi buscar aquilo, onde é que foi buscar aquilo, não se pode". Donde eu morava senhor a gente nem sequer via vizinhas, eu nem sequer conhecia vizinhas, metia-me na minha casinha, cada uma meti a sua, tinha as minhas coisinhas, "Ah! Não me conheces? Eu morava ao pé de ti. Eh! Querida eu não sei, eu nunca te vi à porta e nunca fui à janela. De facto nunca apareci à porta, nunca apareci à janela. Aqui é que

comecem de manhã e acabem a noite e deitar às três horas da manhã, quatro horas, sempre vendo o que é que se passa, o que é que não se está passando, minha rica casinha, minha rica casinha.

H125- Outra — Está a ver, uma educação que eu não concordo nada, completamente nada, por isso, está a ver, por isso, morar aqui dão dava porque ou eu dava cabo de mim ou dava cabo dos meus filhos, já percebeu?

LB38- ENTREVISTADA — Porque portanto... esse bairro tinha muita má fama eram assim, eram pessoas que brigavam, era, está a perceber, era sempre zangadas, era assim senhor, e a rua onde eu vivi dezassete anos era um sossego, nem se via pessoas à porta nem nada, nunca soube o que era porta nem nada tive lá sete anos ...portanto dezassete anos, pelo menos eu fui criada lá, portanto quando a Câmara pegou na minha casa para aumentar a rua disse que a gente vinha para o Bairro, deram esta casa para a gente vir, mas nunca, nunca gostei, agora, pronto, em todo o lado há ruim e há mau, não é? Mas não, não gosto.

ENTREVISTADOR — Se a senhora pudesse mudar de sítio então mudava?

LB45- ENTREVISTADA — Mudava. Ah! Eu mudava.

M24- ENTREVISTADA — Ah, mudava! Tanta vez que eu tinha dito à minha casa. Se eu tivesse sítio onde eu pusesse essa casa, eu acho que eu era a primeira pessoa a sair daqui desta casa. Eu gosto do sítio, mas é ... não sei estes rapazes, esta cambada toda desses rapazes dessa rua uma pessoa está acostumada a estar no sossego, portanto, o que eu penso é ...

LB36- ENTREVISTADA — Não gostava nada nada de morar aqui, aliás quando eu soube que vinha morar para aqui nunca gostei, depois fui-me habituando, pronto, mas não ...

LB37- ENTREVISTADA — Eu não gosto desse ambiente.

G10- Entrevistada — Não Mais ou menos, mais ou menos, tamb- m não tenho parte por onde ia, se tivesse parte por onde ia, pronto ia. É eu tamb- m sa' a daqui, sa' a daqui.

GRÁFICO 21

A37- Entrevistada - Eu gosto. Morei numa casa 17 anos só num quarto com cinco filhos aí é que me arranjaram essa.

B12- Entrevistada - Gosto sim senhor, gosto da minha casinha, sim senhor.

B14- Entrevistada - Já ouvi, dizem que é o bairro dos canibais, essas coisas, até ... o que é que uma pessoa há-de fazer, não tem outro remédio senão ouvir e calar-se cá eu estou metida na minha casa, gosto muito da minha casinha, gosto sim senhor.

H52- Filha — Eu não gosto dessas coisas assim.

H53- Entrevistada — Elas não gostam estar aqui.

GRÁFICO 22

F46- Entrevistada — Pois é aqui, aqui no lado de baixo. Só um. E não param de cantar. Tem um que só compra dropes de droga para vender.

F47- Entrevistado — É claro que tem, mas a má fama não é desses homens assim.

F48- Entrevistada — Não é disso? Então ainda queres mais pior do que isso? Eh, pá! Não é isso?

Entrevistador — Então diga lá o senhor.

F49- Senhor — A má fama é algumas mulheres que tem para aí que não prestam, não é?

F50- Entrevistada — A má fama é droga.

F51- Senhor — Essas não tão estudando.

C45- Entrevistada - Por isso, porque o, quer dizer, ainda aqui esse bocadinho aqui, a gente está bem, mas da' para baixo, meu rico senhor, oh! Credo!

C46- Entrevistado - Pouquíssimo, pouquíssimo.

C47- Entrevistada - Isto é uma coisa séria, mesmo aí para baixo, esses meus filhos à noite eu tenho que pegar neles para dentro, de repente uns desassossegam os outros ...

C74- Entrevistada - Mas aqui, estas vizinhas daqui não têm nada que dizer de mim, porque eu sou uma pessoa que estou todo o dia metida em casa, quando não tenho que fazer sento-me à máquina a dar uns pontos ou qualquer coisa, porque eu não tenho tempo mesmo, eu vejo mesmo, eu vejo mesmo que não tenho mesmo tempo, a minha vida não dá para andar de porta em porta assim, ouvindo e dizendo aqui e acolá, não gosto destas coisas assim.

ENTREVISTADOR — E a senhora gosta de morar neste canto ou preferia morar noutra sítio aqui dentro do Bairro?

LB57- ENTREVISTADA — Gosto, gosto de morar aqui.

Entrevistador - Pronto, Vocês já estão aqui há muito tempo. Vocês gostam de morar aqui?

LA26- Entrevistada - Esse sítio aqui pra mim é bom.

Entrevistador - E se fosse lá mais para dentro, se vocês morassem lá mais para dentro.

LA27- Entrevistado - Eh! Senhor, já não era agradável lá.

GRÁFICO 23

O46- B — Eu gosto. Se não gostar de morar aqui, onde é que vão morar? Só se for para debaixo da ponte ou senão ali para o calhau.

Entrevistador - Há aí pessoas que têm esse problema, não?

A63- Filho - Tem, tem muitos por aí. E não são poucos.

A64- Outro - Isso em cada rua tem duas ou três.

A65- Entrevistada - Do teu lado tem uma.

A66- Filho - Tem um que tem.

A67- Outro - É em cada rua tem, tem no máximo três.

P62- ENTREVISTADO — É como nos outros lugares.

ENTREVISTADOR — Em princípio, em princípio quando se, tirando as casas novas o resto do bairro, um bairro social pessoas pobres, mas o senhor acha que no que era o bairro social há pessoas diferentes em termos de classe social. Tirando as casas novas da auto-construção, tem as casas do bairro social, diga, diga.

P63- ENTREVISTADA — Eu penso que sim, mesmo na parte que já estava construída, isso não quer dizer que as pessoas que vieram agora que são mais ricas ou mais pobres, não é nada disso, porque no outro lado, o senhor aqui nesta rua, falando especificamente desta rua do lado de lá tem pessoas que problemas financeiros, intelectuais, enfim a todo o nível, mas também tem pessoas que vivem muito bem.

P64- ENTREVISTADO — Tem até empresários.

P65- ENTREVISTADA — Tem até empresários, pois concerteza.

P66- ENTREVISTADO — Do outro lado tem empresários.

A38- Outro - Eu gosto mais de um bairro, e tou fazendo uma casa num bairro. Tou morando num bairro agora e tou fazendo uma casa num bairro só que não é aqui. Em todo o lado há gente boa e gente ruim.

GRÁFICO 24

O37- B — Que eu saiba não, eu nunca vi canibais aqui no bairro. isso usa-se mais é para o lado do Brasil os canibais. Bises como eles também tratavam o Xxxxx é bises, mas isso pode ser é na terra deles. eu aqui, um bicho que eu conheço é um gato. um cão isso é um bicho. para mim chamar as pessoas de bichos, eles mesmo é que davam os nomes.

N18- ENTREVISTADA — Não sei como é, eu por mim não dou má fama ao bairro. porque eyu moro nele, mas uma diz uma coisa, outra vai para um sítio "Ah! O Bairro é isso, só se vê assim, só se vê assado", agora eu já não vejo ninguém dizer nada disso.

J7- Entrevistado — Que eu saba portanto como eu já lhe disse moro aqui há dez anos eu nunca vi esse poço negro que fazem os anúncios dos jornais.

Entrevistador — Voltando, voltando aqui ao bairro. O senhor estava a dizer que o bairro tem má fama mas não merece porque isso é uma coisa dos jornais, não é?

J32- Entrevistado — Pois vamos lá ver uma coisa, eu vivo aqui há dez anos. vem pôs jornais o bairro da prostituição isso é uma coisa vamos lá ver, eu moro aqui, eu moro aqui, o que é que eles querem-se referir com isso bairro da prostituição, isso é tudo putas que morem aqui dentro! Não é?

J6- Entrevistado — A primeira vez até com o padre XXXX eu fui ter, fui ter com o padre XXXX com o dito jornal a coisa depois foi desmentida não sei quantos e que mais volta outra vez a segunda vez e pra fazerem o que promoverem vão buscar um passado que eu nunca vi.

Q57- C — Também puseram no jornal uma senhora que mora ali que são mais pobrinhas elas põem-se sentadas à porta com os rapazes todos encouros a ver as cabeças deles que até XXXX mandou a RTP vir aí filmar isso, pôs isso no jornal, isso foi guerra, isso foi um vexame para o bairro, algumas fazerem isso, não digam que todas vão fazer, isso foi uma vergonha, uma pouca vergonha aí o que andou ...

Q59- B — Foi uma coisa que nunca vejo a cor da última vez que vim da Terceira, é que XXXXXX tinha andado aqui, mas havia uma pessoa que contactava com ela, não sei quem era a pessoa, até hoje nunca soube quem foi, a tirar com uma máquina de filmar, ele está filmando cenas cá dentro do bairro, para depois ela estar a fazer jornais e estar pondo as fotografias das crianças aqui, em particular lá da ideia dela, mais esse senhor que não se sabe quem é.

Q58- B - Foi uma coisa que nunca vejo a cor da última vez que vim da Terceira, é que XXXXXX tinha andado aqui, mas havia uma pessoa que contactava com ela, não sei quem era a pessoa, até hoje nunca soube quem foi, a tirar com uma máquina de filmar, ele está filmando cenas cá dentro do bairro, para depois ela estar a fazer jornais e estar pondo as fotografias das crianças aqui, em particular lá da ideia dela, mais esse senhor que não se sabe quem é.

O90- E - Há tempos, o ano passado, o bairro da prostituição, o bairro da prostituição, tinham posto assim o bairro da prostituição.

O93- C - E ela sabia que ... e ela sabia de antemão que não era verdade, porque ela naquela casa, na casa donde está agora os padrecos, aquilo ali era...

O83- B — Os próprios jornalistas que vieram aqui à inauguração do bairro, eles não tiraram fotografias daquilo que se inaugurou, eles tiraram fotografias foi de dois barotes que estão ali pendurados em baixo, portanto, está a ver o que é.

O84- D — Já para falarem mal.

O85- E — É mas eu digo-te uma coisa, mas deviam de continuar, mas não é só o bairro, não é só o bairro daqui XXXXXX, mas não tiraram as fotografias ao parque novo, tiraram da parte velha. O que é que isso quer dizer?

O86- B — Aos barotes que estão ali.

O87- C — Aos barotes que tinham em baixo.

O88- B — Quem vê aquilo diz que eles inauguraram foi tudo barotes

O89- C — É uma desgraça, é uma desgraça, é para o senhor ver.

P15- ENTREVISTADA — Fazem ????? Ah! Mas é isso mesmo. Na última reportagem que eles puseram aí até prostituição e não sei mais o quê como se não existisse isso, sei lá, não vou citar ruas nem coisa, mas existe em alguns lugares, meu Deus, desde o início do mundo até existir.

P30- ENTREVISTADA — Pois claro. Mas há preconceito isso nós não duvidamos nada e sabemos que há pessoas que são preconceituosas e ...

J34- Entrevistado — Pois. Como é que eles vão-me aprovar uma coisa dessas como é que se mete no jornal por aí fora assim: o bairro da prostituição, como é? Como é uma afirmação dessas, e pegar num jornalista desses e parti-lo ao meio de repente e encosta-lo assim à parede? Não se chama assim uma coisa qualquer pela boca fora, dizer aquilo que eu quero e bem entendido, não é assim. Há liberdade mas temos de respeitar a liberdade dos outros.

ENTREVISTADOR — E a má fama acha ... dantes tinha ... chamavam bairro dos canibais e agora isso ainda continua.

S21- ENTREVISTADA — Ainda continua a fama, é porque as coisas não são tanto como aquilo que lhe pintam, porque eu não vejo aqui ninguém insultar ninguém, eu vejo cada um nas suas casas terminando a sua vida, o senhor não sabe da minha, eu não sei da sua, eu não sei da vida deste vizinho nem ele sabe da minha, e quem diz eu diz isso tudo por aí a fora, cada um mete-se mais na sua vida e depois como as pessoas dizem "Ah! Se fôr para a casa daquela estão fazendo ... cada uma tem que se evitar falar com alguém para não evitar brigas, para não evitar coisas, para não evitar conjuntos, bem, pelo menos aqui na rua onde eu moro eu acho que as pessoas não estão às brigas, nem é coisas dessas, é mais fama do que aquilo que o bairro faz porque há sítios donde a policia actua mais, donde há coisas piores do que há aqui no bairro e não têm esta fama, eu acho que o Governo fez muito bom, fez bem, assim dar trabalho a esses rapazes e a essas raparigas, porque eu vou dizer em qualquer lado às vezes há um trabalho, mas não há o apoio e nesses cursos foi um apoio muito bom porque se eu falar consigo, o senhor falar comigo, a gente está-se compreendendo, eu estou a perceber aquilo que o senhor está a dizer, para modificar a minha vida se realmente eu quiser ser alguém e tomar os seus conselhos e vou modificar e tem acontecido isso, porque aquelas reuniões diz que tem os psicólogos, aqueles que vêm, precisam de ajuda, têm feito muito, acho muito bom, o que o Governo fez, foi pena como eu já disse as pessoas não terem aproveitado como era preciso ser aproveitado como era

ENTREVISTADOR — Mudando um bocadinho de assunto, há bocado a senhora estava falando sobre a má fama que do bairro, a senhora acha que o bairro ainda tem essa má fama?

S20- ENTREVISTADA — É porque se realmente se perguntarem: "Onde é que mora?" "No Bairro das Laranjeiras". "Ah! Aquilo é o Bairro dos canibais, aquilo é um bairro muito mal amanhado", eu digo assim: "Não, aquele bairro não é que toda a gente diz, aquele bairro tem mais fama do que aquilo que é", porque se realmente for ali, vocês dizem que há brigas, ainda não vi uma desde que estou ali, embora às vezes a gente veja um marraquinho ali, mas a gente tem, eu nunca vi, "ah! Porque assim, porque assado foram buscar, foram buscar", é como vão a todas as casa, em todo o lado há bom e mau, agora podia ser uma coisa assim, quando foi a escolha das pessoas, havia de haver uma escolha, antes de entrarem para o bairro que é que faz confusão, e realmente o Governo tem feito muitas coisas boas vendendo estas casas às pessoas dum certo nível, para ir misturando um pouco, já tem aqui pessoas com outra cultura, aquilo _ e as coisas têm que ir melhorando, eu acho que está muito bom, eu tenho esperança, é que ainda fique melhor, talvez não seja para mim, também já estou ficando muito velha.

J33- Entrevistado — E como é que eles vão aprovar isso? Quem diz a mim diz aqui a essa gente toda.

J3- Entrevistado — O curso da mulheres que eu saiba pelo menos elas têm-se saído bem por aquilo que eu oiço elas a falar ... com respeito ao bairro, o bairro não é nada daquilo que se ouve e lê-se nos jornais infelizmente já vou aqui com dez anos e nunca ouvi semelhante coisa como já vi nos jornais recentemente é uma das coisas que mais me repugna é saber que ainda há pessoas que além daquilo que até nem gosto de dizer o nome nas entrevistas que dão nos jornais vão sempre ao

poço de um poço que nunca existiu eu não me lembro de existir com dez anos, não sei como é que essas pessoas tão aqui há menos tempo do que isso e assistirem a esse poço que p'ra mim nunca existiu.

J4- Entrevistado — É de fora as entrevistas nunca foi feitas com pessoas daqui do bairro é uma coisa que me admiro como é que um jornalista faz um apanhado global d'un bairro que não fala com ninguém do bairro, só com as pessoas de alto nível salvo erro.

Entrevistador — As pessoas ressentem-se aqui.

J39- Entrevistado — É ... Não é assim que se fala. Se eu for para o jornal dizer a rua do Passal é uma rua de prostituição, estou chamando àquela gente toda na é? Ou rua de Coronel Chaves ou a rua Tavares Taveres Canário seja lá a rua que for, se eu for falar nos termos da rua tou chamando tudo em geral não é verdade? Não é, quando logicamente, quando fala no bairro tão chamando a todos, isto é a minha maneira de ver.

J40- Entrevistado — Eu próprio, eu próprio, portanto eu só posso dizer que há putas aqui dentro se eu andasse com elas porque as que são não se as pode chamar. Sem provas, não é verdade? Então como é que vem para o jornal uma coisa que é publico mandem uma boca dessas por aí fora, é isso que eu não percebo é isso que eu... é uma das coisas que infelizmente.

GRÁFICO 25

Q59- B — Foi uma coisa que nunca vejo a cor da última vez que vim da Terceira, é que XXXXX tinha andado aqui, mas havia uma pessoa que contactava com ela, não sei quem era a pessoa, até hoje nunca soube quem foi, a tirar com uma máquina de filmar, ele está filmando cenas cá dentro do bairro, para depois ela estar a fazer jornais e estar pondo as fotografias das crianças aqui, em particular lá da ideia dela, mais esse senhor que não se sabe quem é.

O83- B — Os próprios jornalistas que vieram aqui à inauguração do bairro, eles não tiraram fotografias daquilo que se inaugurou, eles tiraram fotografias foi de dois barotes que estão ali pendurados em baixo, portanto, está a ver o que é.

O84- D — Já para falarem mal.

O85- E — É mas eu digo-te uma coisa, mas deviam de continuar, mas não é só o bairro, não é só o bairro daqui XXXXX, mas não tiraram as fotografias ao parque novo, tiraram da parte velha. O que é que isso quer dizer?

O86- B — Aos barotes que estão ali.

O87- C — Aos barotes que tinham em baixo.

O88- B — Quem vê aquilo diz que eles inauguraram foi tudo barotes

O89- C — É uma desgraça, é uma desgraça, é para o senhor ver.

H15- Entrevistada — O senhor XXX, o velho, pai deles todos. E ele é que pôs muita gente inferior aqui nesse bairro, está a ver o que estou a dizer, daqui e dacolá, aqui nesse Bairro e ele é que baptizou o Bairro dos canibais. Se o Bairro é dos canibais ele é que pôs o pessoal aqui, as pessoas mais inferiores aqui, porque se fosse só pessoas de Ponta Delgada, não é? Onde apanhava um mais coisa, mas o que é ou menos recomponha o mais de certo nível, já percebeu?

O34- B — Em todo o sítio tem isso, em todo o sítio tem esses nomes, o senhor se for ao Lajedo tem esses apelidos, o senhor vai a Rabo de Peixe tem outra fama, em todo bairro dão famas aí. Canibais porquê, porque as crianças levantam-se de manhã, qualquer coisa querem é fugir para o caminho, ainda agora essa folia dos baloiços ainda é pior, eles estão acordando de manhã, estão é fugindo é para os baloiços.

ENTREVISTADOR — E agora lembrou-me uma coisa que é, isso dantes chamavam, uns nomes ao bairro ...

Q54- B — Sim, sim, isso pronto, isso foi uma casa duma senhora que mora aqui nessas casas que pertence à marinha, penso eu, e houve aqui um miúdo que saltou o quintal foi-lhe roubar uma toalha, uma toalha, dessas de tomar banho, o miúdo é de cá de dentro do bairro, era um miúdo sei lá com nove, dez anos, na altura, penso eu, se tivesse, que penso eu que não tinha, pronto e aquela senhora pôs-se a caminho atrás do rapaz e não sei o quê e até foi posto no jornal que isso era o bairro dos canibais que ninguém podia dormir aqui, ou não sei o quê, em principio, as crianças dessa maneira não tinha divertimentos nenhuns era andar pela rua, quem diz aquele, diz os outros mais, pronto e essa senhora, por causa daquele roubo duma toalha publicou o jornal porque a gente mais tarde soubemos cá dentro do bairro quem foi a senhora. Que isso era o bairro dos canibais, pronto e diariamente isso foi concorrido pronto, foi concorrido de tal maneira que isso ficou sempre com esse nome de bairro dos canibais.

Q57- C — Também puseram no jornal uma senhora que mora ali que são mais pobrinhas elas põem-se sentadas à porta com os rapazes todos encouros a ver as cabeças deles que até XXXX mandou a RTP vir aí filmar isso, pôs isso no jornal, isso foi guerra, isso foi um vexame para o bairro, algumas fizeram isso, não digam que todas vão fazer, isso foi uma vergonha, uma pouca vergonha aí o que andou ...

Q59- B — Foi uma coisa que nunca vejo a cor da última vez que vim da Terceira, é que XXXXX tinha andado aqui, mas havia uma pessoa que contactava com ela, não sei quem era a pessoa, até hoje nunca soube quem foi, a tirar com uma máquina de filmar, ele está filmando cenas cá dentro do bairro, para depois ela estar a fazer jornais e estar pondo as fotografias das crianças aqui, em particular lá da ideia dela, mais esse senhor que não se sabe quem é.

Q58- B — Foi uma coisa que nunca vejo a cor da última vez que vim da Terceira, é que XXXXX tinha andado aqui, mas havia uma pessoa que contactava com ela, não sei quem era a pessoa, até hoje nunca soube quem foi, a tirar com uma máquina de filmar, ele está filmando cenas cá dentro do bairro, para depois ela estar a fazer jornais e estar pondo as fotografias das crianças aqui, em particular lá da ideia dela, mais esse senhor que não se sabe quem é.

O75- C — Acho que é uma ideia boa. Devia de ter mais coisas aí que é para os miúdos brincar e devia ter aí uma árvores e umas coisas para enfeitar este bairro não é como têm ideias de meterem aí um edifício, para aí que vai logo desmanchar logo o bairro, deviam era de fazer mais casas iguais a essas uns bancos onde tem aí esses bocados de terra para as pessoas que moram aí acompanhadas, que tem muitas famílias aí a morar acompanhadas, nas casas. Vem mais gente de fora, não é para os que estão aqui apertados, é para a gente de fora e o bairro não presta, não posso ouvir isso.

O76- B — Eles não gostam de morar aqui.

O77- D — O bairro tem má fama.

O78- C — É coisa que eu não posso ouvir isso.

O79- D — E querem fazer o edifício, e o bairro tem má fama.

O80- C — Eu vou dizer uma coisa ao senhor

O81- D — As pessoas do Bairro ficam doidas é com isso.

O82- C — Aqui já falaram muito mal do bairro eu vou-lhe dizer porquê porque eu sou uma pessoa que estou em casa, mas eu sei o que é essa vida o que é isso tudo, por exemplo as mães vão trabalhar é o mesmo que estejam em casa, há umas que são mais cuidadosas com os filhos do que outras a verdade é para se dizer, umas arranjam os filhos mais do que as outras, vestem, que seja pobrinho, mas limpinho, costuma-se a dizer, outras não se importam deixam os filhos nus para o caminho, uns meio vestidos, mal vestidos, pronto e é isso que viam e falavam mal, agora há as outras coisas todas que isso é tudo mentiras, tudo mentiras, agora eu vou dizer uma coisa, no principio, agora já não se vê tanto, mas antes via-se, agora já não se vê tanto, mas antes via-se, por exemplo a gente vinha de fora, das compras ou vinha da cidade, vinha de qualquer coisa a gente ficava envergonhados que via carros aqui com raparigas, rapazes, raparigas e coisa aqui a fazer poucas vergonhas aqui dentro e não eram pessoas do bairro, eram pessoas de fora do bairro, metiam-se aí com os carros com crianças aí pelo caminho, que era uma vergonha, isso então eu digo a verdade e muitos carros ainda, ainda hoje fazem isso vem os carros de fora, trazem o lixo e vêm aí com o lixo para aqui com os contentores aqui do bairro, trazem o lixo de fora para aqui, e depois falam mal é das pessoas do bairro, eles deviam de falar, de fulano, sicrano, deviam é de ver qual era as pessoas que falavam, não é meter toda a gente no barulho, toda a gente no rol e nada disso é verdade, as coisas são assim ...

Entrevistado - Eu acho que sim. Mas o Açoriano Oriental só vem fazer isso a pedido de alguém esse alguém não é difícil de saber quem é porque eu sei quem é, há p'rai casas pa terceira idade há muitas casas p'rai para a terceira idade ... porque o que eu não acho graça ... portanto vamos lá ver eu pa me promover pa estar

esmálgando vinte ou trinta ou quarenta pessoas eu prefiro não ser promovido, na é? Não é? Faz-me lembrar certas pessoas como um lavrador que tenha uma vaca que dá muito leite mas no fim ela prega um coíço na bilha derrama o leite todo, antes ela não desse leite nenhum, não é? A meu ver é isso.

O31- B - O principal para mim é o que XXXXX diz muita coisa para ai na televisãc ...

O32- B - Para mim não me serve de nada, não é nada disso, para mim não. Há quem ache bem, mas só vendo.

O33- B - Tirou muita gente da prostituição, que é mentira, isso é uma coisa que nunca houve aqui dentro. Houve, certo que houve, mas era pessoal que vinha de fora para cá fazer nos carros, mas agora ela vir dizer que tirou muita gente da prostituição aqui dentro isso é mentira. Teve ai um tempo que ela meteu no jornal e esse jornal foi encontrado na animação e ela disse que gente ia marcar uma reunião para mandar chamar o gajo que escreveu aquilo, para retirar aquilo e ela nunca fez isso, os moradores daqui do bairro, que era uma comissão de moradores era eu, era o meu cunhado, era o senhor Eugénio, o senhor Artur, estava tudo reunido para saber destas coisas, nunca mandou chamar, e essa fama continuou sempre, ela diz que melhorou por causa das conversas dela ela mesmo é que pôs essas conversas mais ninguém pôs isso.

P123 e P123

ENTREVISTADOR — E ainda aqui sobre o bairro estava-me a dizer que ele continua a ter má fama na cidade.

LB50- ENTREVISTADA — Sim, acho que sim, continua, para mim continua portanto em todo o lado que eu vá que diga que moro no bairro fazem sempre um...

LB51- ENTREVISTADA — Sempre senti, sempre, até às vezes, portanto agora já não tenho esse problema, mas no princípio que eu ia a um médico, com os meus filhos ou mesmo comigo, quando eu dizia Bairro das Xxxxx, muita gente olhava, eu não sei, fazia-me uma impressão.

P7- ENTREVISTADO — Sim e ainda hoje, e a imprensa deveria ajudar um pouquinho nisso e eles fazem precisamente o contrário, qualquer coisa que existe aqui, se é algum pessoal daqui, pronto, vem ao bairro.

P8- ENTREVISTADA — Eles dão muito ênfase, portanto, isso não quer dizer que não haja.

P9- ENTREVISTADO — Mas existe também nos outros lados, nos outros lados nos outros bairros ou melhores também existe, existe também os problemas das drogas.

P10- ENTREVISTADA — Ainda a semana passada a gente teve ali na inauguração ali do parque infantil, estiveram, pelo menos eu vi lá dois jornalistas não sei de que jornais, mas depois no dia seguinte tinha uma reportagem do Açoriano Oriental, com uma foto duns baloiços que nós já fizemos há mais de um ano, que já nem sequer existe quer dizer que não foi nada referente à inauguração então não sei como é que um jornal faz uma inauguração, uma reportagem da inauguração, quer dizer e pronto, eles podem não ter tido a intenção, mas será que não havia uma outra foto do bairro, então era preferível até nem terem feito, porque nós entendemos aquilo como uma acto depreciativo, eu por acaso tive a oportunidade de dizer algumas palavras e eu pus isso, eu disse isto, eu disse que agradecia, que aproveitava a oportunidade de dizer à imprensa ali presente que levasse à imprensa escrita ou falada de alguma forma alguma coisa de positivo, de construtivo, porque o parque foi iniciado pela comissão de moradores aos sábados nós iam para ali, foi mesmo ali os alicerces os buracos foi mesmo ali nas mãos, não teve cá a participação, eu trago-vos fotos que comprovam isso, porque infelizmente em todas as reportagens pelos menos as que nós conhecemos de há dois anos para cá são sempre feitas de um modo depreciativo e de favor. Pronto, eu não disse mais nada, no entanto infelizmente acabou por ser ... foi isso, e o senhor padre, tive oportunidade de comentar com o senhor padre isso e ele disse-me e ele disse-me que a jornalista é estagiária e não queria prejudicar o jornalista, e é assim.

P11- E a gente não tem aquela carta que ...

P17- ENTREVISTADA — Sim. Não as duas entrevistas que ela deu ela foi muito infeliz então, ela depois tentou dizer que a jornalista como é, não fez bem aquilo que ela disse ou não sei o quê, ou não fez as palavras que ela disse ou do modo como ela disse, não sei. Mas de qualquer forma, e é muito chato também as pessoas se quererem auto promover à custa disso ou daquilo, entendeu? Isso eu acho que é muito grave principalmente para quem tem um pouco de charme um pouco de bases, não precisa de nada disso, está a entender? Mas às vezes servem-se dessas ... há pessoas por exemplo, a XXXX e o XXXX, essas pessoas são pessoas que têm bagagem, vamos dizer assim, não é, não precisam disso ou daquilo para se auto promover, não é verdade? Eu penso assim, não sei, é o caso da entrevista da senhora, porque o bairro agora é assim e porque ela fez isso ou porque fez aquilo, não sei o quê, não sei o quê, é assim umas coisas que eu pelo menos a capacidade de raciocínio às vezes eu não consigo compreender porque é que se fala certas e determinadas coisas.

P22- ENTREVISTADA — Eu não sei o que é que foi que aconteceu aí que deu uma reportagem aí eram mais intervenientes, mas pronto um foi evidenciado que morava no bairro das Laranjeiras entre um dos ... não sei se foi assalto se o que é que foi, já não sei o que é que foi, já nem sequer me lembro. Mas não disseram ... era um emigrante daqueles ...

ENTREVISTADOR — Repatriados.

P23- ENTREVISTADA — Repatriado, isso. Um era repatriado mas não disseram onde é que morava o outro não sei o quê, e o outro era do bairro das Laranjeiras, e depois não sei o quê, não sei o quê, mas afinal foi o, o do bairro das Laranjeiras não tinha afinal não, quer dizer foi anunciado, mas afinal não foi culpado, não sei quê, entendeu? Mas no dia então já não era o do bairro das Laranjeiras, entendeu, era o senhor Fernando não sei das quantas, já entendeu, isso são coisas que a gente sente, isso então sente e ...

ENTREVISTADOR — Está-se referindo, está-se referindo àquelas duas entrevistas que ela fez?

Q61- B — Não, não, penso eu que nenhuma delas, a meu ver, daquilo que foi de coisa penso eu que ela não fez de coisa ... ela não fez um trabalho que ... ou talvez não pensasse aquilo bem, bem em princípio aquilo que ela estava a fazer, penso eu que foi, pronto, ela pegou num sobrinho meu que estava sem camisa ali em baixo a brincar, para vir buscar dois pequenos ali, para o gajo estar a gravar, para ela botar no jornal, que era uma coisa que a mãe não soube, que a mãe foi, que a mãe ia discutir xxxxxx como é que pega apesar ... pronto, o rapaz estava sem camisa, mas estava vestido ... pronto, aquilo já era uma atitude que ela queria pôr que o bairro tinha que ser estava sempre naquele barulho.

Q62- C — Ninguém a mandou ela fez duas crianças ir ao bidão do lixo ver para estarem assim debruçados.

Q63- B - Mandava as crianças coisa ... para essa pessoa estar gravando.

H20- Entrevistada — Ah! Está muito bem. Eu acho muito bem, as crianças assim têm ... depois pode acabar esses cursos, não é? Quando acabar esses cursos, a animação e tudo que os pequenos já têm onde se ocupar. Eu acho até muito bom, o campo de futebol salvo erro é isso que eles vão fazer, não é? O parque infantil, está muito bom. Está ficando bom até porque tinhamos ali o Espírito Santo também que estão fazendo. Está bom. Está melhorando, eu digo a verdade, isto está a melhorar. Isso já foi, no tempo que o XXXX estava na Câmara, que tomava posse muito ... de muita coisa ele ... ele é que pôs a maior fama neste bairro.

GRÁFICO 26

S15- VER GRAF. 16

ENTREVISTADOR — Mas acha que no bairro há mais problemas sempre há ... a má fama justifica-se?

M15- ENTREVISTADA — Sim, há más famas, qualquer coisa é o bairro, o bairro é assim, o bairro é assim.

S21- ENTREVISTADA — Ainda continua a fama, é porque as coisas não são tanto como aquilo que lhe pintam, porque eu não vejo aqui ninguém insultar ninguém, eu vejo cada um nas suas casas terminando a sua vida, o senhor não sabe da minha, eu não sei da sua, eu não sei da vida deste vizinho nem ele sabe da minha, e quem diz eu diz isso tudo por aí a fora, cada um mete-se mais na sua vida e depois como as pessoas dizem "Ah! Se fôr para a casa daquela estão fazendo ... cada uma tem que se evitar falar com alguém para não evitar brigas, para não evitar coisas, para não evitar conjuntos, bem, pelo menos aqui na rua onde eu

moro eu acho que as pessoas não estão as brigas, nem é coisas dessas, é mais fama do que aquilo que o bairro faz porque há sítios donde a policia actua mais, donde há coisas piores do que há aqui no bairro e não têm esta fama, eu acho que o Governo fez muito bom, fez bem, assim dar trabalho a esses rapazes e a essas raparigas, porque eu vou dizer em qualquer lado às vezes há um trabalho, mas não há o apoio e nesses cursos foi um apoio muito bom porque se eu falar consigo, o senhor falar comigo, a gente está-se compreendendo, eu estou a perceber aquilo que o senhor está a dizer, para modificar a minha vida se realmente eu quiser ser alguém e tomar os seus conselhos e vou modificar e tem acontecido isso, porque aquelas reuniões diz que tem os psicólogos, aqueles que vêem, precisam de ajuda, têm feito muito, acho muito bom, o que o Governo fez, foi pena como eu já disse as pessoas não terem aproveitado como era preciso ser aproveitado como era preciso ser aproveitado.

O34- B — Em todo o sítio tem isso, em todo o sítio tem esses nomes, o senhor se for ao Lajedo tem esses apelidos, o senhor vai a Rabo de Peixe tem outra fama, em todo bairro dão famas aí. Canibais porquê, porque as crianças levantam-se de manhã, qualquer coisa querem é fugir para o caminho, ainda agora essa folia dos baloiços ainda é pior, eles estão acordando de manhã, estão é fugindo é para os baloiços.

M14- ENTREVISTADA — Eu não concordo, eu não concordo com o que se está a passar aqui, em todo o lado há gente boa e gente má, mas é assim.

P12- Tenho.

ENTREVISTADOR — Vocês enviaram uma carta para lá, é?

P13- ENTREVISTADO — Não, foi o que ela ...

P14- ENTREVISTADA — Não, foi o que eu disse eu escrevi para não esquecer assim nada eu escrevi, eu sabia mais ou menos, mas pronto eu escrevi mas disse, mas uma das coisas que eu tentei dar assim uma certa ênfase era a essa situação da imprensa porque eu sei lá as pessoas, sei lá eu disse justamente isso, o bairro das Laranjeiras, quer queira, quer não é uma bairro da cidade de Ponta Delgada, está inserido na cidade, ele é igual ao Bairro da Vitória, ao Bairro arcanjo Lar, o bairro não sei das quantas a qualquer um dos bairros que anda para aí, que tem os seus problemas específicos, concordo, que tem um ou este problema acentuado, como os outros bairros também têm, em todos os lugares há gente boa e gente menos boa, porque eu acho que não há gente má, há gente boa e gente menos boa, entendeu? Mas há que ver também que as pessoas, há certas e determinadas pessoas que às vezes já tiveram oportunidade e a vida não se lhes ofereceu outra oportunidade e as pessoas não puderam, não conseguiram e além daquilo quer dizer acho que é a compreensão e uma certa parte do direito não é e até às vezes tem dificuldade em encontrar esse apoio e essa coisa, ter direito que é o caso da imprensa, só o que fazem é esculhambar, desculpe o termo. Se queres assim fala-se assim e vamos por aí fora.

ENTREVISTADOR — O bairro então para vocês não merece de todo a má fama que tem?

P18- ENTREVISTADA — Não, de forma nenhuma.

ENTREVISTADOR — E vocês acham que não houve nenhuma mudança nessa má fama?

P19- ENTREVISTADO — Sim, houve.

P20- ENTREVISTADA — Eu penso que sim, porque de tanto, de tanto as pessoas, coisa não é?

P21- ENTREVISTADO — Em todos os lados existe várias classes sociais, não é? Aqui, também tem gente que está bem de vida que moram aqui no bairro, tem quem está bem e quem está mal e tem os mesmos problemas que aqui tem, por outros problemas que hoje em dia afectam o mundo a droga está em todo o lado, tem sido muitos casos, muitos lugares que também existe, mas pronto se acontece aqui alguma coisinha é logo, sai logo nas primeiras páginas a falarem, assim é o bairro das Laranjeiras, eu não me incomodo nada de morar aqui, estou aqui há três anos e meio ...

Entrevistador - E o Bairro ficou com uma certa má fama.

LA29- Entrevistada - Exactamente.

LA30- Entrevistado - Exactamente.

M2- ENTREVISTADA — Foi dessas coisas de droga, prostitutas, que a gente não conta ... eu estou aqui à pouco tempo, ainda não tem três anos lá por o bairro ter esta fama já puseram as minhas filhas com a gola, aquele garoto.

GRÁFICO 27

E31- Outra — Nunca mais disseram.

E32- Outro — Nunca mais falaram nisso.

E33- Entrevistada — Nunca mais ... não têm falado agora no bairro

E34- Outra — O Bairro agora está famoso.

E35- Entrevistada — Antes falavam aqui no bairro.

E36- Outro — Falavam mas na é agora.

E38- Miúdo — Mas d'antes era pior.

E39- Entrevistada — Ah! Já foi pior, agora tá melhor.

E40- Miúdo — Agora está melhor. Dantes XXXXXXXXXXXX.

F42- Entrevistada — A gente não está falando do bairro. E noutros lado também não dão obediência do dinheiro todo.

F43- Entrevistado — É ainda não dão obediência aos que estão ensinando.

F56- Entrevistada — Era pior. Aqui mais acima era uma desgraça. Era um cento. Agora, mesmo assim isto já está mais calmo para aí.

F57- Entrevistado — Já vai saindo muito.

F58- Entrevistada — Já vai saindo certa gente daí. E é isso assim.

G31- Entrevistada — É também as pessoas daqui do Bairro, também. Também essas pessoas também daqui do Bairro também portam-se muito mal. As vizinhas umas com as outras, começam a mandar vir, todas as vezes é policiais aí, quando ... marido e mulher chamam a policia fazendo escândalo aí à porta, essas coisas todas. O senhor já percebeu? Se não fosse esse, os concursos, credo, isso havia guerra por todos os cantos aqui nesse Bairro. Agora está tudo calmo, vai tudo para os concursos, até as mulheres, as senhoras aqui nessa creche nova que fizeram, também que bem, agora também não sei que dizem para idosos, essa creche essa coisa nova que está aqui ... aqui mais ao canto, diz que é para idosos, não sei.

H12- Entrevistada — E até que no principio que os meus filhos não queriam vir para aqui, por causa disso, porque iam-se envergonhar de dizer que moravam no Bairro XXX, falavam em toda a parte, Ponta Delgada em tudo quanto era sítio o Bairro XXXX não prestava, era um bicho de sete cabeças. No entanto se a gente for... o Bairro da Lagoa, a gente vê as mulheres a brigar, a gente vê as crianças pela rua a fazer mal, a meterem-se uns com os outros, a baterem uns nos outros, às brigas e tudo em qualquer parte um bairro é sempre assim, é de pescadores, é o Bairro económico, qualquer Bairro, penso eu que é assim

ENTREVISTADOR — E a má fama que o bairro tinha acha que ainda tem?

LB46- ENTREVISTADA — Já mudou muito, acho que está melhor, está muito melhor para aquilo que era.

ENTREVISTADOR — Acha que o curso tem aí alguma influência?

N9- ENTREVISTADA — tem sim, tem, há rapazes que moram aqui no bairro também estão no curso e tiveram reuniões tiveram muitas coisas, tiveram aulas de enfermagem, tiveram isso, tiveram aquilo que acho que em si viram que o que faziam não deviam de fazer, e agora já não fazem, também estão no curso.

ENTREVISTADOR — E vocês aqui a nível do ambiente do bairro das relações entre as pessoas, vocês acham que as pessoas se dão bem aqui no bairro, os vizinhos.

Q44- C — Já este pior.

Q45- B — Já este pior, agora está mudando, agora a gente vai aprendendo, vai-se vendo a diferença, nas, nessa oportunidade daqui, já temos, portanto a nossa parte da nossa comissão a gente temos várias reuniões lá de vez em quando, pronto, de mês a mês, duas vezes por mês a gente vai a casa das pessoas entreguem uns papéis para vir às reuniões, para ter conversas, o senhor XXXX é que tem feito ultimamente estas coisas, pronto e hoje as pessoas já estão a ver que realmente, porque antes a gente ia à porta de uma, "Ah! Tem aqui um papelinho", elas liam o papelinho, mas aquilo para elas não era nada, mas hoje já está um bocadinho diferente, está muito diferente.

ENTREVISTADOR — E em relação aqui ao bairro, como é que a senhora vê, ach1 que o bairro, as pessoas são todas como a senhora, assim com dificuldades económicas ou há diferenças grandes?

S29- ENTREVISTADA — Não, se a gente pegar de uma ponta ou outra tudo tem necessidade, agora do ponto de vista social é porque quem trabalha não tem necessidade, eu não sou de acordo, porque às vezes se encontra mais necessidade daqueles que trabalham, que têm principalmente casas de filhos, muita criança, lutam a braços com muita dificuldade, porque eu sei o que é que custa criar uma casa de gente, eu sei o que é que custa lutar para a frente e se não tiver ajuda de lado nenhum aquela gente também passa muita dificuldade, pois então aquele que não trabalha também passa mais dificuldades, não é? Mas ainda quando não há trabalho é uma coisa, mas muita gente às vezes, não quer trabalhar, e a única coisa que eu apreciei muito nesse curso, deram às pessoas a vontade de trabalhar, embora a gente às vezes a gente diga assim: "Aquilo às vezes é trabalho de malandros, que estão o dia todo por estes caminhos, mas eles levantam-se da cama com o sentido de ir, embora um farte, o outro farte, sempre há um bocadinho de respeito por aqueles que estão ensinando, sempre há um bocadinho de respeito por aqueles que estão pagando, por fim, o que eu apreciei melhor foi isso, porque até eu ouvi, quando eu fui aquelas pequenas reuniões, no princípio quando havia aquelas reuniões dos pais é que muita gente conseguiu, porque havia pessoas muito rebeldes, não sabiam como lidar com elas, e então mais moços, mais calmos dito pelos pais, pelas mães, pelas famílias que achavam uma diferença, já se vê uma coisinha em casa, aquele amor para ajudar a consertar, os meus não gostam muito de consertar em casa, só numa grande necessidade, mas tem que ser, quando é, também vejo-me é com eles aqui, é assim, eu acho que eles tomaram um bocadinho de amor ao trabalho e como eu digo e repito principalmente para a classe feminina foi muito bom, porque elas aprenderam muito, eu tenho visto aí raparigas que depois aí desses cursos sabem bem trabalhar, então elas vão praticar aqui, vão praticar ali, a saber falar com as pessoas, porque às vezes as pessoas dão uma má resposta à outra não se interessa onde vai bater, já aí elas aprenderam, porque têm ido praticar aqui ou ali, da maneira como devem se comportar com as pessoas, isso é muito importante, embora não esteja dentro deste assunto, mas acho que foi muito importante, principalmente para essa juventude mais nova, raparigas que casaram novas, que tinham muitas dificuldades e que realmente elas estão aprendendo e agora também estou gostando, eu falei com uma pequena que é aqui que mora aqui defronte dos velinhos, ter amor pela velhice, ter amor pelos doentes que hoje em dia ninguém tem, porque mesmo os pais, os filhos, as noras e tudo, quando tem um pai, velhinho e doente estão sempre inquietos que eles partam, porque não têm amor pelas pessoas que estão doentes, não têm amor pela caridade, é o que faz as pessoas compreenderem não ter amor por ninguém.

ENTREVISTADOR — Por causa do curso.

LB48- ENTREVISTADA — O curso mudou muito, mudou muito, mudou mesmo muito certas pessoas. Uma coisa muito boa que fizeram para tirar as pessoas de casa para aprender muita coisa que nem estava ...havia muitas pessoas que nem limpeza sabem fazer. Foi, foi bom, foi bom.

LB49- ENTREVISTADA — Para mim mesmo também foi muito bom. Não foi em relação à limpeza, porque nunca fui para lá para aprender limpeza, mas eu cozinha sempre fiz, mas claro não lá as coisas que a gente faz nem fazia.

GRÁFICO 28

A13- Outro - Até que se mora bem aqui. Há sítios piores em Ponta Delgada há sítios piores. Já ... não havia sítio pior do que o bairro, o bairro qualquer coisa que a gente falava no bairro e porque é assim porque é assado as pessoas que para lá foram não prestam punham-se assim, não mas em Ponta Delgada nos arredores de Ponta Delgada há sítios piores daqui do que bairro.

Entrevistador - E, o bairro tinha assim uma certa má fama, não era?

ENTREVISTADOR — E a nível da relação entre as pessoas, aqui dos vizinhos?

Q50- B — Dão, dão.

Q51- C — Dão sim senhor, graças a Deus

Q52- D — Não tem que dar mal.

Q53- B — Pronto, eu da minha parte posso dizer, pronto, eu da minha parte posso dizer pronto, já houve zangas, já se sabe que isso é em todo o lado, já se sabe que isto não é tudo da mesma paróquia, tem aí pessoal dos Fenais da Luz, pessoal dos Arrifes, outros da Fajã de Cima, pronto ninguém está ligado sempre ao mesmo acesso das pessoas que vêm de fora, mas hoje pronto, penso eu, há uns anos já para cá desde dois anos, dois anos e tal, penso que as pessoas estão mais, pronto, já não há aquela discussão vizinha a discutir com a outra, o teu filho bateu no meu, pronto, penso eu que já não ... está muito mais calmo, muito diferente mesmo, as pessoas em si é que estão a ver que realmente já não é aquilo que era.

LB39- ENTREVISTADA — É a tal coisa, já estou mais habituada.

ENTREVISTADOR — Mas do que é que se se queixa mais é das brigas, do Quê?

LB40- ENTREVISTADA — Brigas mesmo assim não tenho visto é as pessoas se meterem mesmo nas vidas uns dos outros.

LB41- ENTREVISTADA — Às vezes, quando acontece uma briga, eu vejo sempre é homens e mulheres aido junto.

N1- ENTREVISTADA — quanto ao bairro também houve muita coisa que o bairro ficou melhorado, muita coisa melhorou aqui no bairro porque ao princípio isto não era nada disso, agora houve essas obras, esse parque infantil aqui em cima, essas pequenas festas que fazem, essas coisas da barraca também foi uma coisa que eu fui trabalhar para lá, tive lá até às tantas da noite colaborando com elas todas as semanas todas lá de S. João, portanto gostei muito, e colaborei em tudo aquilo em festas, em portanto festas que se ia para fora a gente tinha que fazer comida sempre colaborei, está aí os meus monitores que podem dizer, a qualquer festa que a gente ia eu nunca disse que não a qualquer coisa que a gente ia eu ia sempre, não tenho mais nada a dizer a respeito disso.

ENTREVISTADOR — E agora acha que as coisas continuam assim, além do curso? A senhora disse que há dez anos as coisas eram mais difíceis.

S14- ENTREVISTADA — Era pior, era muito pior, há dez anos atrás era muito pior, até a nível de brigas a nível disso a policia andava sempre aí, sempre a fazer rondas e não graças a Deus eu estou aqui há dez anos também nunca me apoqueitei com ninguém, não me meto na vida de ninguém, nem ninguém na minha, acho tudo assim dentro de casa, tem mais amigos para arranjar as suas casas, mais amigos do trabalho e este curso principalmente como eu digo para a juventude, para as raparigas, e vai passeando pelos caminhos, trazer latas de lá, assim foi muito bom e houve muitas que souberam aproveitadas, eu acho que as raparigas aproveitaram melhor do que os rapazes, como eu digo, aquilo que a gente vê, aquilo que a gente sabe aqui ao redor, mas não possa dizer que algum rapaz, não possa dizer que algum rapaz não tenha se aproveitar muito bem, mas as mulheres eu achei muito bem, porque realmente muita mãe tinha filhos e não sabia como cuidar das crianças, não sabiam como cuidar dos coitadinhos que chega-se a dizer "a gente aprende deles" muita vez e também aprendemos muitas coisas boas com as crianças para quem aprecia, eu adoro crianças, mesmo de pequeninos a gente aprende com eles.

S15- VER GRAF. 16

N20- OUTRO — Eu já vi o nome do bairro dos canibais, derivado dos problemas que se vão passando. As pessoas do Bairro conseguem pelas pessoas que não habitavam no bairro já viram o nome do bairro dos canibais, porque eram inseridas à obra.

N21- ENTREVISTADA — Agora já se vê certas senhoras a vir aqui.

N22- OUTRO — Não é muito civilizado, já percebeu?

N23- ENTREVISTADA — Essas coisas que diziam do bairro.

ENTREVISTADOR — E agora, acha que ainda tem?

Q55- C — Não, nunca mais se ouviu falar nisso.

Q56- B — Pronto, aquela senhora disparou-se com uma conversa que talvez nem sequer lhe coubesse na boca, pronto, ou talvez se o pai se ouvisse não gostasse de lhe ver falar daquela maneira, mas agora tudo bem, pronto, penso que isso que as vizinhas não se queixam, penso eu que já não há essas autoridades, pronto pode haver uma criança destas, não quer dizer que não pegue numa pedra e atire e pode ir a um vidro e de repente parte um vidro agora atirar uma pedra, uma coisa com a outra, mas assim essa coisa de roubos assim, e coisas eu penso eu que isto está, já não tem esta força.

N8- ENTREVISTADA — O que está mal? Portanto isto dantes havia zaragatas, havia isto, havia aqui, era polícia para aqui, brigas ali, e acho que agora, agora neste momento ... nestes momentos assim, não tem havido nada disto, não sei porquê?

ENTREVISTADOR — E diga-me uma coisa, acha que o curso mudou muito aqui o bairro ou não mudou nada?

S10- ENTREVISTADA — Mudou, sim, mudou muito, porque isso há dez anos atrás era uma miséria, miséria, não estou dizendo miséria de comida, nem disso mas miséria espiritual como de miséria de dizem assim "o pobre é pobre em tudo", não havia uma certa compreensão acho muito bom, agora às vezes eu sinto muita pena é que essas crianças partem tudo, às vezes a gente briga com eles, e esta água fizeram tão bom, eu digo assim "essas crianças ..." que eu trabalho numa creche, "vão para fora da cidade aquilo está tudo direitinho, aquilo não está partido é as flores e aquilo, eu digo assim: "é pena é que aquilo no bairro as crianças destroem tudo, mas os pais uma vez têm a culpa, outra vez não têm, porque rapazes juntos, o senhor sabe o que é, rapazes não há ninguém que os controle, mas é pena é às vezes que o bairro não possa aproveitar como em todo o lado aproveitam das coisas que o Governo faz é com muito dinheiro, se eu vejo, se eu estou por aqui, algum dia eu estou sujeita a alguma coisa, porque eu brigo, já se sabe tem aqui a água aqui ao lado, abrem aquela fonte abrem aquelas _ devia haver uma chave ali, uma pessoa ter o controle sobre aquela chave, sobre aquela água, porque eles batem, eles partem daqui a dias eles não têm nada, porque Ainda hoje eu falei nisso a respeito, pessoas que dêem assim tacadas de carro, ou o carro estava velho, não é de tacadas, que de tacadas eles ainda vão mas é consertar, o carro está velho ou por motivo ou de motores ou isso, ou aquilo, ou aqueloutro e havia, mas até que isto foi bom para desaparecer porque o bairro não era lixo, não era a lixeira e eles acharam mais pertinho e deixavam-nos nesta área por aí um carro aqui, uma carro ali, o senhor se passasse um semana depois, não digo, naquele sítio donde estava aquele carro, o senhor sabe o que é que encontrava? As rodas é que eles não davam caminho deles, nem vidros, nem acentos, nem cochins, aquilo estava uma lata mais do que certos pedreiros, mais que certos bate-chapas

R4- B — Sim, o curso mudou, principalmente no aspecto das pessoas estarem diariamente a discutir umas com as outras, a brigar umas com as outras, porque aquela assim, porque aquela assado, porque felizmente esse ano que se passou não se viu absolutamente nada disso. Houve brigas mas foi familiares no interior da casa, não se vê assim a vizinha a discutir com aquela aquela, felizmente isso mudou completamente, não tenho visto, graças a Deus, não não, as pessoas têm-se respeitado, se há alguma coisa já conversam de maneira diferente umas com as outras, já têm assim um pouco mais de educação enfim, pronto a gente também aprendeu as boas maneiras e quem aprendeu as boas maneiras e fixou-as e aplicou-as na sua vida eu penso que essa pessoa para si pronto está muito mais engrandecida do que estava antigamente dantes, eu penso que tem se visto que os miúdos na rua, a conviver tem se visto imenso as crianças umas com as outras, claro que crianças são crianças e faz parte do crescimento um bater no outro que isso é assim mesmo, mas assim aquelas brigas de irem depois os pais irem interferir e isso havia aqui muitíssima briga por causa disso a gente de conversa diz, tá lá, não acho que mudou... mudou mesmo muito.

E29- Outro — Como é agora, não é essas coisas

E30- Entrevistada — Lá fora dizem isso que o bairro é assim que o bairro é assado, na sei.

Q33- B — Tirou muita gente da prostituição, que é mentira, isso é uma coisa que nunca houve aqui dentro. Houve, certo que houve, mas era pessoal que vinha de fora para cá fazer nos carros, mas agora ela vir dizer que tirou muita gente da prostituição aqui dentro isso é mentira. Teve aí um tempo que ela meteu no jornal e esse jornal foi encontrado na animação e ela disse que gente ia marcar uma reunião para mandar chamar o gajo que escreveu aquilo, para retirar aquilo e ela nunca fez isso, os moradores daqui do bairro, que era uma comissão de moradores era eu, era o meu cunhado, era o senhor XXXX, o senhor XXX, estava tudo reunido para saber destas coisas, nunca mandou chamar, e essa fama continuou sempre, ela diz que melhorou por causa das conversas dela ela mesmo é que pôs essas conversas mais ninguém pôs isso.

ENTREVISTADOR — Os senhores moram aqui talvez há uns seis anos, não é?

P3- ENTREVISTADA — Mais, seis e meio talvez.

ENTREVISTADOR — Os senhores têm notado algumas mudanças aqui no bairro, a nível do ambiente, por exemplo?

P4- ENTREVISTADA — Olhe nós, eu não, eu não noto assim. O pessoal muito mau mas a gente nota que as pessoas que já moraram no bairro, que dizem que agora é outra coisa, não era assim há seis anos atrás.

ENTREVISTADOR — Mudou em que aspecto?

P5- ENTREVISTADA — Pronto no ambiente, por exemplo no caso verídico, tive uma vez uma pessoa que me disse aqui em baixo na rua as pessoas ficavam muito na rua muito na conversa, muito não sei quê, não sei quê, e que agora vêem por exemplo, que essas pessoas que moram lá as últimas estão inseridas, são pessoas que trabalham não têm mesmo tempo para andar na conversa, não é? É de casa para o serviço, do serviço para casa, ao fim de semana limpezas isso, aquilo, aqueloutro e então quer dizer as pessoas de uma certa forma também evitam fazer certas coisas que faziam porque os outros não fazem se não tivesse essa preocupação ??? acho que foi um pouco assim mais essa preocupação foi entregar à ??? depois ...

P6- ENTREVISTADO — ????? deixaram as casas ao Deus dará ????? e esses cursos veio também ajudar ??????? já deu ?????? tem muita criança nua na rua.

P7- ENTREVISTADA — Sim, sim, nesse aspecto também, as crianças semi despidas ou mesmo sem roupa nenhuma já não se vê mais. Mas isso é trabalho de base, mas sempre que a gente pode, a gente orienta, a gente diz mas tem de ser com muita cautela e com muito cuidado.

P8- ENTREVISTADO — Às vezes não aceitam.

P9- ENTREVISTADA — As pessoas às vezes não aceitam, pois sabe às vezes comentários.

P10- ENTREVISTADO — Tem de ser ao jeito.

P11- Tem de ser ao jeito. Isto quer dizer para dar a volta assim ninguém é perfeito, mas para dar a volta às vezes ...

ENTREVISTADOR — E a senhora acha que ainda esse bairro tem a má fama que tinha?

R8- B — Não, eu penso que não, as pessoas já olham de uma maneira diferente para bairro, ou foi pela divulgação que tem sido feita através dos cursos, ou foi também pelas pessoas de fora, tanto como empresas como as pessoas que aceitaram as pessoas do bairro ir fazer estágio, também virem, também tiveram contactos com as pessoas ... que infelizmente que há pessoas como eu já lhe disse que não crescem nem nunca vão crescer, podem até nunca vir a crescer, porque não querem mesmo, mas sempre existe aquelas pessoas que querem mudar e maioria delas mudou.

GRÁFICO 29

A26- Outro - Não se pode fazer nada na é, não se pode pôr o pessoal pô caminho as pessoas, as pessoas que tão nessas casas que o governo deu na se pode fazer nada é? Pois é indo levando com jeito na rua, quer dizer as pessoas sei lá esses miúdos esses miúdos eles vão crescendo e vão tomando mais já na fazem tanto, tantas asneiras que faziam quando eram pequenos.

A39- Outro - Não a má fama já não tem muita, já não tem muita má fama, Não tem muita má fama, as pessoas vão crescendo, vão tomando mais juízo já não. Oh! Mulher é.

A40- Entrevistada - Principalmente o meu filho mais velho tem muito juízo

A41- Outro - A gente quando era mais novos a gente tem a cabeça mais coisa ... mas a gente vai crescendo está compreendendo a situação como é que e já não faz ...

A42- Entrevistada - Já na faz tolices, né João?

Entrevistador — Mesmo com a má fama que isso tinha? Porque é que vocês acham que tinha má fama, já agora.

E64- Outra — Os senhores é que diziam o bairro dos canibais.

E65- Outro — Oh!

E66- Entrevistada — Falavam muito mal desse bairro.

E67- Outra — Que era o bairro dos canibais.

E68- Entrevistada — Até que eu na gostava porque quando eu ouvia como eu moro cá eu tinha de defender, e eu dizia na é isso porque eu na acho nada disso que as pessoas dizem, eu na gostava, mas tava aqui a morar.

Entrevistador — Os seus filhos estudam ou tão em casa?

GRÁFICO 30

I17- VER GRAF. 2; A10; H7; N10; R6; Q35

R6- B — As crianças a mesma coisa, eu tenho, eu pessoalmente falo e vejo que as crianças entre si estão diferentes, ou é porque os pais

N10- VER GRAF. 2

Q39- D - Sim, sim, aqueles que eu conheço era .. pronto, era isso que se via andavam para aí às voltas todo o dia, uns sentados para um lados, outros sentados para o outro. De Verão era piscinas, praias, chegavam aqui ao bairro, jogavam era à bola, ali ao meio, até às onze, meia noite.

Q39- D - As raparigas, algumas, outras pronto não vinha aqui jogar à bola bem fazer, pronto, mas raparigas algumas trabalhavam, outras não trabalhavam, mas não se comparavam as duas coisas.

Q36- D - E quem diz as senhoras, diz os rapazes, que estava aí já uma juventude que se não é, pronto essa parte do curso, pronto havia coisas piores, isso chamou muito a atenção a eles em trabalho e eles hoje sabem alguma coisa se algum aprendeu, penso eu que sim.

Q37- D — Era andar para aí, de Verão, de repente podia ser piscina todo o Verão, chegavam aqui era jogar à bola, saíam daqui às onze, meia noite, para aí, andar para um lado e para o outro, pronto, e assim, sucessivamente, alguns podiam estar a, não quer dizer que sejam todos a mesma deslocação, mas penso eu que muitos, pronto, daqui do bairro, nesses que estão no curso, aquilo é muito raro estarem a trabalhar, era muito raro estarem a trabalhar.

B26- Entrevistada - Não sei se é assim sabe, como é o nome alternativas para isso porque eles já tão já, já tão, acho esse curso já vai fazer já um ano e metade... ano meio se não me engano eles é que sabem se podem se não podem, olha se fizessem por um lado até que as crianças tem muitos rapazes aqui que não estão lidando tem ali tantos aqui naquele curso é um bom proveito para eles para não andarem por aí pelos caminhos até que é bom, tem muitas crianças que andavam p'los caminhos de onde tão das creches também é bom se fizesse, não era ruim, tanto era bom para a gente como era bom para os outros. É assim ...

E41- Entrevistada — Eu também no princípio quando eu vim morar pra'qui na gostava de morar aqui até que eu chorava tanto que eu na gostava de tar aqui nesse bairro e hoje em dia eu digo Ah! Se arranjasse uma casa se eu vendesse a minha casa comprava outra casa vamos lá ver porque às vezes eu sei essas vizinhas aqui elas a mim na me provocam nas há pessoas aqui que tem má fama à isso é claro que tem realmente aqui do lado cima da minha casa muita gente, também dizia antes se aparecesse uma casa que eu vendia a minha e mudava-me pa outra casa.

E42- Entrevistada — Até que eu disse lá também na cambra

Entrevistador — Continua a pensar assim?

E43- Entrevistada — Que eu não gostava muito de morar aqui. Agora mesmo assim é que eu vou-me habituando já aqui, mas ainda se eu arranjasse uma casa de repente ainda eu mudava. Ainda mudava-me daqui.

Entrevistador — E a senhora acha que melhorou o bairro. As coisas aqui melhoraram, porquê?

E44- Entrevistada — Sei lá, eu acho que está melhor.

E45- Outra — Desde que veio o curso, o curso mete balouços.

Entrevistador — E a sua opinião, a opinião dela é aquela e a sua?

E46- Outro — E tem muito arranjando nessa coisa coisa aqui detrás.

E47- Entrevistada — P'as crianças.

Entrevistador — Parque infantil.

E48- Entrevistada — Isso tinha aqui o inferno, não era o inferno, acho que era

E49- Outra — A casa para as crianças

E50- Outro — Aquela casa daqui é p'as crianças e agora a maior parte daquela cabine é que elas apanharam aquilo tudo em casa.

E51- Entrevistada — Meme assim tá bom.

E52- Outro — Na tá ruim, na é.

E53- Entrevistada — Meme assim tão fazendo muitas coisas que antes na havia nada disso.

E54- Outro — Lá nada, na havia nada disso.

Entrevistador — Mas pior como?

H10- Entrevistada — Eu não sei explicar, eu não sei. Os meus é capaz de dizerem da porta para fora, não é? Da porta para dentro eles não dizem diante de mim, não sei se eles dizem da porta para fora, mas eu não sei, eu não sei, por exemplo, o meu mais moço tem cinco anos, se o meu marido é alcoólico quando diz alguma asneira, já capta o que o meu marido está dizendo, já percebeu? Já os outros foram diferente. Antigamente era diferente, era diferente. Tinham mais respeito, até os pequeninos já não tinham dizem tudo quanto ouvem.

Entrevistador — E a senhora sabe, já disse, não é, que o Bairro tinha uma certa má fama. A senhora acha que era justa a má fama que o bairro tinha?

H11- Entrevistada — Eu não acho que a fama fosse também assim tanta, porque eu vou dizer o senhor o Bairro é um Bairro, não é a gente já sabe que vem do mais pobre, junta-se todos, e depois sempre há aquela mais má língua, não é, que fala: "Ah! Tu ..." antigamente eles chamavam o Bairro dos Canibais, hoje o senhor XXX aqui baptizou o Bairro dos Canibais outros diziam _ tanto nome que davam a esse Bairro. Eu pensava até que fosse pior, mas eu moro aqui na primeira casa como o senhor vê, a princípio como tinha má fama, eu estava com medo de vir para aqui, podiam-me saltar o quintal, roubar alguma coisa, ou coisa assim, graças a Deus eles respeitam-me, tratam-me é por senhora, e eu posso deixar ouro, ninguém me salta, ninguém me faz mal, há quatro anos que estou aqui, agora já se sabe que há sempre aquela má língua que há-de se ocupar da vida dos outros, há sempre aquela criança maldosa que tem o hábito dos pais, já percebeu? E repete, que as crianças captam tudo, por isso é isso que eu acho que tinha má fama, também não era justo publicar, porque havia bom e havia mau, já percebeu?

H18- Entrevistada ... É porque eles não paravam, faziam muitos cholés, bolas, pedras e tudo, no princípio quando eu vinho para aqui, mas agora fui-me habituando.

H132- Entrevistada — Não vêem ... vêem pouco para aquelas mulheres todas, enquanto elas estavam na rua a blá blá blá umas com as outras estavam ali ocupadas, não era haver mais bagunça, continua no mesmo

ENTREVISTADOR — Hum! Hum! Acha que a situação mudou aqui no bairro?

LB31- ENTREVISTADA — Mudou muito, então não as pessoas já não têm aquele muito tempo de darem à língua todo o dia como faziam, é mais aquela preocupação vão levar os filhos, vão buscar os filhos à creche, foi uma coisa muito boa que fizeram. É pena já de acabar, mas tem que ser.

LB55- ENTREVISTADOR — Portanto eu sempre ouvi falar, foi quando eu vim para o bairro que eram pessoas briguentas, havia muitas prostitutas também, sempre ouvi falar, quer dizer estou aqui, não posso apontar nenhuma, por eu já, eu não vejo coisas dessas, não é? A gente portanto ouvir falar e não ver é uma coisa e ver e estar a viver é outra. A partir daí eu vi também que muita coisa também não é daquilo que diziam, diziam que era assim, que era assado, também muita coisa não era não é? Mas de brigas, de se meterem umas com as outras é, estar a criticar a vida, portanto de ...se fosse preciso diziam coisas que não é, depois a gente tinha aqui uma casa que estragava não é da XXXX, é a outra, não é a outra, é ainda a outra do lado de cima, esta aí é que era mesmo...mesmo assim agora é que está mais sossegado porque a senhora saiu de casa abandonou o marido, até é irmã de uma das moças que trabalhava no curso. Essa então é que metia homens era, portanto era uma casa indecente, nem tão pouco se podia estar lá, agora está o pai e as filhas ele está com uma mulher, mas a mulher também anda, não é dessas assim muito coisa, mas o que estragou mais nessa rua foi aquela casa, agora é que está melhor, melhor, melhor, está muito melhor a gente já não vê aquele entra e sai, entra e sai.

ENTREVISTADOR — E o curso é que foi responsável por essa mudança?

R5- B — Eu tenho para mim que em parte foi, mas absoluto mesmo. Porque, quem conhecia regras de educação? Ninguém. Quem é que pedia licença para levantar da mesa? Ninguém. Quem é que esperava que as colegas servissem primeiro para depois serem a última? Ninguém. Todas estas pequenas coisas foram ensinadas através do curso. Eu por mim, eu falo pessoalmente por mim, eu aprendi muito, muito, muito, mesmo, principalmente com a XXXX, que ela é um testemunho vivo de pessoa e ela, pronto, ela sabe lidar com as coisas, sabe condizer, tirar, meter, sair da hora, meter na hora H, intervir, sair, separar, senão tinha havido, da maneira que as pessoas aqui do bairro chegaram acima da XXXX tinha havido desde o primeiro momento brigas, mas brigas feias, e nunca, graças a Deus, até ao ponto de hoje, nunca houve brigas lá entre a gente, nunca chegou a haver nada disso, havia discussões, mas com respeito, sem nomes, sem palavrões, como havia antigamente, não... houve mudanças houve, graças ao curso.

A73- Outro - A única coisa que tá mal aqui no bairro é isso mas o negócio tá indo tá razoável até, não 'tá assim tão ruim como a gente pensa.

GRÁFICO 31

ENTREVISTADOR — E na altura quando veio morar para aqui não havia aquela má fama que depois o bairro teve?

N17- ENTREVISTADA — Não, porque isto aqui era um bairro sossegado, não havia casas, não havia vizinhança, não havia ninguém, era um bairro sossegado, depois já se sabe foi-se juntando, juntando...

N15- ENTREVISTADA — Era, isto nem sequer casas tinha aqui feitas, nada, nem pensar nisso, isso era tudo obras que tinha para aí, tinha era meia dúzia de casas para aqui feitas e o resto era tudo, estava tudo em obras. Até estas casas todas por aqui fora estavam todas em obras.

C67- Entrevistada - Realmente, o p... às vezes eu digo ao meu marido, eu digo, o Governo precisava fazer uma limpeza, fazer pelo menos aqui no Bairro, porque eu primeiro, meu rico senhor, quando eu vim para aqui, só encontrei aqui três vizinhas, aquela senhora dali, quando eu vim para aqui do lado de cima e a outra do lado de baixo, era as únicas vizinhas que estavam aqui, estas casas...

C68- Entrevistado - Porque a gente não dava conhecimento, não dava conhecimento, a gente não tinha conhecimento com ninguém.

Entrevistador — Mas os outros não tinham fama e o do Bairro XXXX tinha ...

H13- Entrevistada — É isso, não sei. Ou é por ser Ponta Delgada, está a perceber? E puseram muita gente de A B C D. Por exemplo, quando eu vim para aqui, o senhor XXXX não me queria pôr aqui, queria-me pôr nos Pastinhos na Fajã de Cima e eu tinha dado o nome há muitos anos, desde o princípio, na Câmara, para vir para aqui, porque eu casei-me foi em XXXX, baptizei os meus filhos em XXXX, eu tenho as minha dívidas, que gasto no Mini Costa fiado, é em XXXX, eu não ia fazer dívidas para a Fajã de Cima, sem conhecer ninguém, ninguém, eu tinha as minhas contas todas aqui, estou habituada aqui, os meus filhos tomaram a comunhão, baptizaram-se, o meu marido nasceu aqui em baixo, criou-se, foi crismado, tudo aqui. Eu ia para a Fajã de Cima. No entanto vinha gente dos Arrifes para aqui, Fajã de Cima para aqui, da Relva para aqui de S. Roque para aqui e as pessoas de Ponta Delgada é que iam para longe, não podia ser, não está certo, não é? Porque cada freguesia tem o seu Bairro, as pessoas de S. Roque fossem para o Bairro de S. Roque, as da Relva fossem para o Bairro da Relva, porque se fosse só pessoas de Ponta Delgada para o Bairro de Ponta Delgada, o Bairro não tinha tanta fama, está a perceber, mas puseram tudo quanto era eu não sei explicar, que eu não gosto de falar mal...

GRÁFICO 32

Entrevistador - Acha que falam mal ...

B9- Entrevistada - Eu Estou aqui metida. Oh! Se falam mal, oh! O mal é deles, eu aqui estou metida da minha porta para dentro, só se falam é o pessoal, mesmo o próprio povo do bairro, eu estou aqui metida da minha porta para dentro, o Bairro não tem fama o pessoal mesmo é que bota a má fama no bairro, não vejo que o bairro seja ou ... sim senhor

D38- Entrevistado - E o bairro se não houvesse ... se não está ... se não tem melhor nome, hem, é porque o povo não quer, mas é o povo que mora no bairro, não é o povo que mora nas Furnas nem o que mora em Ponta Delgada, nem o que mora aqui na Calheta, bem isto é Calheta da mesma maneira, mas qualquer das maneiras, não é, o povo que mora aqui mesmo é que não quer o nome melhor para o Bairro, quer arressacas, quer desavenças, quer isso ... o povo mesmo que mora cá dentro é que não quer um nome melhor para o Bairro, só mais nada.

GRÁFICO 33

C69- Entrevistada - Estas casas aqui para baixo, estas casas aqui para baixo, não tinham assim pessoal nem nada estavam vazias, depois é que foi chegando, foram chegando, chegando.

C70- Entrevistado - O Bairro encheu ... quase enchendo.

C71- Entrevistada - Isto era um sossego aqui, primeiro eu dizia ao meu marido, eu dizia: "Cristiano, eu vou gostar de estar aqui. Se continuar assim" não passava carros aqui, isso quando ... eu ainda trouxe um miúdo com nove meses para aqui, e coisa ...

D25- Entrevistado - Tá deferente, porque primeiro que vinham pra'qui não havia nada disso, não haver havia que até há muita casa aqui que na tava feitas há muita casa aí que acho que a cambra vendeu, ou isso... na me interessa, na me interessa nem sou alguém pa pour déficits sobre isso vão a ver a Câmara amanharmos as casas fizeram as casas, acho que é um bairro agora como deve ser, não é? E se não é um bairro melhor o povo não lhe quer, na é o povo, os habitantes que moram cá é que não querem o Bairro como deve ser. Se eles fizessem um bairro discreto o que é que um home, pronto ... Quando eu vim ... Eu quando vim morar pra'qui eu tou morando aqui em cima, eu 'tou morando cá há 17 anos, não é?

LA31- Entrevistada - Ficou com uma certa má fama. Porque quando nós viemos pra aqui, eu fui das primeiras que eu vinho para aqui, eu fui a primeira que vinho para aqui, depois foi-se enchendo aqui essas vizinhas depois essas por aqui a baixo já foram pessoas, pronto, eles puseram a torto e a direito para ai, bom e ruim, tudo. Algumas aqui, essas casas daqui para baixo já foram pessoas que compraram, portanto, já não foi qualquer pessoa que veio para aqui. Pronto, essa rua daqui é tudo gente mais ou menos gente boa.

LA32- Entrevistada - Algumas ai. Tem umas ai, credo, a Câmara misturou tudo.

LA44- Entrevistada - Já, já, já falaram bastante mal desses aqui, até trataram que isso aqui era o Bairro dos Canibais e tantos nomes mais que deram. Eu disse "Oh! Senhor. Logo por sorte viemos para aqui e pronto, porque isso também tem muita gente do ... pronto e mesmo rapazes e coisa de maneira que ... e mesmo quem deu esses nomes foi um Bairro aqui para baixo que é da marinha e aquelas senhoras de lá mesmo é que puseram isso no jornal. Acho que até veio isso no jornal, que isso daqui que era o Bairro dos Canibais. Eu disse: "Olha"

N7- ENTREVISTADA — Portanto, a meu coiso ... a meu ver isto era a principio era um bairro como fosse um bairro deserto, portanto depois veio as vizinhas novas para aqui, vizinhas que também entraram nestes cursos, pessoas que moram aqui novas que entraram para o curso, portanto a respeito ao que fizeram no bairro fizeram um parque infantil para as crianças, portanto, também acho que foi uma coisa porque aquilo ali para cima não tinha nada de tarelo, é uma vista, tambémm vejo aquilo ali, aquele edificio ali, não sei se foi o curso que está cloaborando com isso, mas também dá uma vista boa ao bairro, não tinha nada disso, e espero que agora as vizinhanças do bairro que somos nós vamos melhorar o bairro melhor do que aquilo que ele era, porque não é as pessoas de fora que vêm melhor as coisas do bairro, é as vizinhas que têm de melhorar o bairro.

GRÁFICO 35

H5- VER GRAF. 15

LB30- ENTREVISTADA - A senhora só cozinha. Houve uma coisa muito boa que fizeram foi esse curso, muitas pessoas aqui não trabalhavam, andavam era às portas, isso fez muito bem.

S8- ENTREVISTADA — Eu vou dizer, os meus rapazes não são amigos de contar nada de fora aqui, são são muito aqueles "eh! Isso é do serviço, isso é com eles, não são amigos de explicar nada, nem como as coisas funcionam, o pouco que eu vi e percebi é quando eu ia lá com a dona Cremilde, falava que os professores falava e a gente trocava ali impressões foi o pouco que eu aprendi sobre aquilo, porque não são rapazes, são homens grande, chagam a casa, vão-se embora, uma pessoa chega a casa, como eu cheguei agora, agora eu ia-me despir, eu começava, ia começar a limpar que isto agora pouco se limpa, porque a gente acaba de limpar, já está tudo sujo, mas a gente tem que dar uma amanhã de vida, porque ... e tem que fazer alguma coisa para comer e essas coisas todas. Mas realmente eu acho muito bom, porque outras pessoas apanham a oportunidade o que eu achei ainda mais graça nesse curso, não é pela prática de lá foi as mulheres, porque realmente havia muito ajuntamento de mulheres sem fazer nada, porque a própria vida não dava para preencher a vida delas, mas ali têm aprendido que eu tenho visto pessoas que aprenderam muito a fazer bolos, comidas, como cuidar das crianças, e até para mim eu acho muito precioso o trabalho das mulheres do que propriamente dos rapazes, os os rapazes levaram mais numa brincadeira, mais numa falta de respeito, eu acho que as mulheres aproveitaram mais por aquilo que eu apreciei, uma faz rissóis, outra faz bolos, outra "Ah! A gente aprendeu no curso", tiveram aquele gosto, eu acho que as mulheres aproveitaram neste curso mais do que os rapazes, pode até que houvesse rapazes ... rapazes que aproveitassem muito e outros não, porque realmente a vida dos meus filhos é pintor, eles estavam desempregados e aproveitaram, já se sabe sempre aprenderam, já se sabe o meu Nuno tem muito gosto e gostava da carpintaria, mas também acho que para ele também tem pouco tempo porque ...

P50- ENTREVISTADA — Eu penso que sim, a convivência, a formação das pessoas a ????? porque quer as pessoas queiram quer não queiram a convivência com as outras pessoas por isso eu acho que anima um pouquinho o bairro, costume dizer que as pessoas ficam um pouquinho encolhidas, da convivência da ... e eu acho que sim, e a gente nota, por exemplo a senhora xxxx, aquela senhora que mora aqui na primeira, a que trabalhou connosco no hiper.

P51- ENTREVISTADO — Sim.

P52- ENTREVISTADA — Nós trabalhamos na xxxxx e então tivemos, há muitas pessoas aqui que trabalharam connosco na limpeza ou mesmo na vigilância e há uma senhora que acho que está a fazer costura.

ENTREVISTADOR — Sim, a dona xxxx.

P53- ENTREVISTADA — A xxxxx. Então essa senhora foi nossa funcionária de limpeza, e essa senhora era uma senhora grosseira, no dia da inauguração falei com ela e gostei tanto do jeito dela, eu não sei explicar, mas eu notei a diferença.

Q32- D — Antes, antes a maior parte, daqui, dessas que estão no curso, pronto ...

Q33- C — Estava tudo parado.

Q34- D — Que eu conheça que ainda está no curso trabalhavam algumas na fábrica do peixe, que botava aqui, que era para ir para Rabo de Peixe, pronto, mas quando souberam que esse curso se estava organizando e coisa, pronto, também aquilo não era o serviço que elas estavam também não era coisa, porque a mulher também esteve lá quase onze anos, porque acabava aquele contracto de seis meses, vinha para casa um ano, e estava coisa. Pronto, tinha esse período, muitas aproveitaram a vir aqui para o curso que era uma coisa mais mais aberta. Pronto que ia para lá uma coisa, além daquilo que sabia, pronto, mas a maior parte, muitas pronto, muitas senhoras do bairro, muita gente estava em casa, muita gente estava em casa.

ENTREVISTADOR — Se não for assim _ eu depois, é tanta entrevista, tanta coisa que _ pronto vamos começar pelos cursos que acabaram. O que é que a senhora acha dos cursos?

S1- ENTREVISTADA — Sim. Achei que foi muito bom porque havia muito rapaz desempregado, havia muito vício no bairro. Muitos não souberam aproveitar, outros souberam aproveitar. Mas eu acho que foi um bom tempo para estarem ali e até mesmo para as mulheres, que foi uma coisa preciosa, porque muita dona de casa não sabia como tratar os próprios filhos, nem os filhos dos outros, como lidar com crianças, como lidar com os serviços domésticos, como lidar com certas coisas. Eu acho muito bem, embora muitas coisas não tenham assim dado certo, porque foi muita mistura, muita gente, muita raça. E os que tinham pouco de actividade para pôr nesses cursos também, porque nem tudo serve para os nossos amigos, nem tudo isso _ eu falo por experiência própria, pela minha casa, pelos meus filhos, porque realmente foi muito bom, muito muito agradecida por aquilo que fizeram por este bairro, pelo que tudo que o Governo tem feito e assim tem melhoramento, mas há pessoas que não compreendem este melhoramento, que não compreendem essas coisas e que se lixam para o Governo, mas o Governo tem feito muita coisa boa. Agora eu não sei nada de políticas, nem disso, nem estive dentro do curso, mas assisti a algumas reuniões que falaram com os pais e tudo. E realmente foi pena porque verdadeiramente aqueles que não souberam aproveitar. Também pelos meus filhos porque alguns não aproveitaram aquilo que realmente deviam aproveitar. O meu mais novo está lá, gosta muito e quer ver se consegue porque ele gosta muito daquela coisa de carpintaria, que é o XXXX. E eu gostaria porque ele tem muito gosto e gosta e vamos andando assim.

Q30- C - Até por acaso foi muito bom esses cursos porque havia muitas senhoras que...

Q31- D - Havia muitas mulheres mesmo à base não tinha serviço nem coisa ajudaram muito, muita parte, que tinha muita mulher aqui que hoje está no curso e que não tinha emprego umas tinham três, quatro, cinco filhos, a creche coube, pronto, assim, e nesse espaço que eles abriram para dentro do bairro penso eu que foi uma coisa que fiou, tirou muita alternativa daqui, para mulheres e tudo que ainda penso eu que tem muito a ajudar, pronto umas efectivas, outras ainda com contractos, penso eu que está ainda dentro disso.

ENTREVISTADOR — O que é que os senhores acham do curso?

P1- ENTREVISTADA — Eu penso pelo menos na minha óptica, desculpe interromper mas isto é descongestionado. Penso que estes cursos são sempre muito importantes principalmente. Pronto para o pessoal foi direccionado e que foi ... que participou deles, eu acho que há sempre uma maneira do povo maioritariamente que o saber não ocupa lugar e acho que é uma maneira de sei lá das pessoas terem uma outra forma de vida de melhorar as condições de vida

das pessoas, etc. etc. Mais importante ainda do que os cursos é realmente as pessoas que tenham mercado de trabalho porque isso é tudo muito bonito enquanto ... isto é um curso em que são remunerados e tal e tal apesar de serem digamos assim, a melhorar os seus conhecimentos, tudo, não é? Ainda são remunerados por um X este país, quer dizer quando acabam os cursos infelizmente, não é só estes cursos o que a gente vê por aí fora, mesmo no Centro de formação nas Capelas as pessoas quer dizer isto é uma constante, não é? Vai-se para o mercado de trabalho igualmente e difícil luta é luta terrível, não é?

GRÁFICO 36

LB32- ENTREVISTADA — Ah! Isso para mim vai voltar ao mesmo. Tem muitas colegas que já estão a trabalhar, a XXXX saiu do curso esse mês, não continuou esse mês todo já está a trabalhar, a XXXX diz também que já arranjou uma casa para trabalhar, acho que é fazer limpezas, de resto está tudo em casa, vai tudo para casa.

O27- B — Para quê, se está tudo em casa. Eles meteram um ano, um ano e meio, dois anos a trabalhar foi só aquela epocazinha, depois está tudo em casa outra vez. E meteram outras para dentro para cobrir só aquela, outra vez esse novo tempo. Quando acabar essas crises, esse programas que tem havendo desses cursos, fica o bairro outra vez cheio de pessoas sem trabalhar.

A Ñ Que era o que acontecia?

O28- B Ñ O que acontecia a maior parte das vezes era isso.

O7- B — Esses que vieram-se embora, as mulheres que vieram-se embora todas também estão na mesma coisa.

O8- B — Se acabou o curso para elas, na sexta feira elas vieram-se embora, pronto, dali não sabem mais nada, ficam à espera que apareça mais uma oportunidade, se não houver estão sempre em casa.

R18- B — Ah! A maioria delas vai correr para a assistência a pés largos, a maioria delas vai carunhar a passos largos para a assistência e vai ser a mesma coisa, a umas dá sete e quinhentos, a outras dão quinze, principalmente eu nunca tive razão de queixa, quando eu ia para lá, por exemplo os miúdos, para irem para a escola, eu costumava a ir lá, à doutora XXXX, dantes era a doutora XXXX, ela conhecia, dava-me, pronto. "Doutora XXXX eu tenho isso e isso e isso para pagar" ela a mim dava-me quinze mil escudos todos os meses, só que uma vez houve aí um contratempo qualquer e não sei o que foi que aconteceu que não dinheiro naquele mês isso foi uma complicação, a gente viu-se todas à rasca, veio-se tudo embora, mas pronto, são estas coisas que a gente também não está no interior da instituição, não sabe o que é que se passa, não sabe, mas acho que ela mandou-nos ir na segunda-feira seguinte e acho que resolveu o problema doutra maneira, não sei se ela chegou a ir levantar do seu próprio dinheiro que tinha no banco, para dar à gente, para mim não ir para casa sem dinheiro, eu sei que ela resolveu o problema, agora quanto ao resto eu digo isto vai continuar a mesma coisa, vai tudo para a assistência.

O25- B — Podia ter mudado melhor, só mudou, coisa pouca.

O26- B — Aquilo que falam na televisão o que eu acho que mudaram foi só coisa pouca, dizem que mudaram tanta coisa, tanta coisa, mas eu não acho isso, achei foi só um pouco, foi a questão de baloiços e curso, para tirar muitas pessoas que estavam desempregadas, mas estão outra vez desempregadas na mesma, tiraram uma época, mas está outra vez tudo desempregado na mesma.

ENTREVISTADOR — E agora o curso está acabando imagine que não consegue emprego agora nos próximos meses, como é que vai fazer?

LB22- ENTREVISTADA — Tenho que arranjar emprego, nem que seja dar dias.

LB23- ENTREVISTADA — Claro que eu tenho que me manter, não é? Fazer ...eu não vou fazer coisas mal feitas, Deus me livre, nem tão pouco me passa pela cabeça, nem quero saber, mas à mesma, nem que seja mesmo a dar dias tenho que ir. Assim para limpezas tens que ir.

GRÁFICO 37

G6- Entrevistada — É, é que eu acho ... a minha solução é quando acabarem fazer uma reunião tão grande concordarem com isso, para eles outra vez virem normal, para uns com curso outra vez para virem trabalhar como deve ser. Isto, isto, isto é roubos para aí, isso é drogas, isso é tudo não se pode, ali estão sossegados, ali estão como deve de ser, ganham o seu dinheirinho, pois eu sei que o Governo é que dá para aquilo, mas com uma reunião grande, fazem outra vez outra reunião grande, um tem um pensamento, outro tem outro, depois juntam-se todos, concordam ou não concordam.

G3- Entrevistada — Quando os cursos acabarem o Governo outra vez façam uma reunião grande, fazem uma reunião grande outra vez se concordarem para pôr outra vez as crianças lá dentro. Depois do concurso aberto para onde é que essas crianças vão?

G5- Entrevistada — Os rapazes que estão agora para o curso, para onde é que hão-de ir? Se estão ali tanto ... já tem bastante tempo, como é que podem sair, não ...

B2- Entrevistada - Bem, se continuar assim como elas estão a levando eu acho que vão ter um bom futuro, principalmente a XXXX ... e a XXXX, a XXXX está tirando curso de computadores e a Belinha é de ama ... de tomar conta de bebés e se continuar assim se forem até ao fim, se chegarem até ao fim, eu acho que é um belo dum futuro que elas vão chegar a ter. Desde de o momento que arranjem um outrompregozinho através quando acabarem aquele coisa. E é assim!

C8- Entrevistada - Este que está aqui em baixo se ele diz que depois quando o curso fechar aqui que depois que vai trabalhar assim por fora, eles vão trabalhar por fora, vão aprendendo, aprenderem ali, tem o dia de escola ali, e esta coisa toda, está da manhã, está com a professora, da tarde está ... da tarde está assim ... está de serviço, às vezes de manhã está no serviço fazendo trabalhos, da tarde está com a professora a ler...

D2- Entrevistado - Esta, esta acho bem moro aqui gosto de morar por isso vim pra cá eu na vim pra cá vim porque a minha necessidade obrigou pra vir pra aqui por isso, vim mas diga-me uma coisa acho bem os cursos, acho sim senhor, pra mim no lugar de tar fazendo mal p'los caminhos tão lá dentro, certo, mas quando eles tiver os seus cursos p'onde é que eles vão trabalhar? Se não há trabalho pra gente há trabalhos p'ós do curso pra uns tudo pra outros é assim.

Entrevistador - Não, não tem fê no futuro depois de acabar o curso, não é?

S29- ENTREVISTADA — Não, se a gente pegar de uma ponta ou outra tudo tem necessidade, agora do ponto de vista social é porque quem trabalha não tem necessidade, eu não sou de acordo, porque às vezes se encontra mais necessidade daqueles que trabalham, que têm principalmente casas de filhos, muita criança, lutam a braços com muita dificuldade, porque eu sei o que é que custa criar uma casa de gente, eu sei o que é que custa lutar para a frente e se não tiver ajuda de lado nenhum aquela gente também passa muita dificuldade, pois então aquele que não trabalha também passa mais dificuldades, não é? Mas ainda quando não há trabalho é uma coisa, mas muita gente às vezes, não quer trabalhar, e a única coisa que eu apreciei muito nesse curso, deram às pessoas a vontade de trabalhar, embora a gente às vezes a gente diga assim: "Aquilo às vezes é trabalho de malandros, que estão o dia todo por estes caminhos, mas eles levantam-se da cama com o sentido de ir, embora um farte, o outro farte, sempre há um bocadinho de respeito por aqueles que estão ensinando, sempre há um bocadinho de respeito por aqueles que estão pagando, por fim, o que eu apreciei melhor foi isso, porque até eu ouvi, quando eu fui àquelas pequenas reuniões, no princípio quando havia aquelas reuniões dos pais é que muita gente conseguiu, porque havia pessoas muito rebeldes, não sabiam como lidar com elas, e então mais moços, mais calmos dito pelos pais, pelas mães, pelas famílias que achavam uma diferença, já se vê uma coisinha em casa, aquele amor para ajudar a consertar, os meus não gostam muito de consertar em casa, só numa grande necessidade, mas tem que ser, quando é, também vejo-me é com eles aqui, é assim, eu acho que eles tomaram um bocadinho de amor ao trabalho e como eu digo e repito principalmente para a classe feminina foi muito bom, porque elas aprenderam muito, eu tenho visto aí raparigas que depois aí desses cursos sabem bem trabalhar, então elas vão praticar aqui, vão praticar ali, a saber falar com as pessoas, porque às vezes as pessoas dão uma má resposta à outra não se interessa onde vai bater, já aí elas aprenderam, porque têm ido praticar aqui ou ali, da maneira como devem se comportar

com as pessoas, isso é muito importante, embora não esteja dentro deste assunto, mas acho que foi muito importante, principalmente para essa juventude mais nova, raparigas que casaram novas, que tinham muitas dificuldades e que realmente elas estão aprendendo e agora também estou gostando, eu falei com uma pequena que é aqui que mora aqui defronte dos velhinhos, ter amor pela velhice, ter amor pelos doentes que hoje em dia ninguém tem, porque mesmo os pais, os filhos, as noras e tudo, quando tem um pai, velhinho e doente estão sempre inquietos que eles partam, porque não têm amor pelas pessoas que estão doentes, não têm amor pela caridade, é o que faz as pessoas compreenderem não ter amor por ninguém.

GRÁFICO 38

N2- ENTREVISTADA — Olah, para lhe ser franca eu não fiquei como as atrasadas, não fiquei com as mãos amarradas como aquele que diz "eu vou esperar que me caia um serviço do céu", não pode ser, portanto falei com a assistente social que é uma pessoa que está a par disso que é a de lá de cima e ela arranhou-me uma casa na Rua XXXXXX ela vai falar com a XXXXX a dizer qualquer resposta a respeito do meu serviço, para tomar conta de uma idosa, duma senhora que é idosa, e para arranjar, para fazer portanto a limpeza da casa e tomar conta ... não trabalho Sábados nem Domingos, é só de Segunda a Sexta Feira só que ela disse-me que ela não me podia pagar o ordenado que eu estava a ganhar pelo curso, não é ordenado, isto é uma bolsa de estudo, a gente sabe que isto nunca foi uma bolsa de estudo, a gente sempre soube (...)

LB14- ENTREVISTADA — Para toda a gente não, tanto que já tem algumas em casa, nem acabaram o curso, viram que realmente iam para casa, que não faziam mais nada meteram-se em casa este mês. A gente quando tem interesse a gente vai à luta, não é?

N3- ENTREVISTADA — (...) a minha vida foi sempre a trabalhar, empregada doméstica trabalhei tanto tempo na casa do Dr. XXXX, trabalhei na casa daquele senhor que é chefe XXXX, portanto a minha vida foi sempre a trabalhar, parada é que eu não vou ficar, não vou esperar que me batam à porta e digam er dizem assim: "queres serviço?" Não, a gente é que tem que ir procurar o serviço.

R23- B — Eu penso que de futuro eu não sei, porque principalmente a maioria delas algumas vão para a assistência pedir esmola, isso de certeza, eu tenho uma irmã XXXX que também teve na costura ela tem quatro filhos, de certeza absoluta ela vai para lá.

Q9- C — Não conseguiram porque não vão pedir, têm vergonha, querem que os empregos vão bater à porta, trabalhar não é desprezo, nem que fosse para lavar chãos, como eu estou lavando no Solmar, no Supermercado Solmar, é lavando chãos e eu não me desprezo a lavar, porque em casa não nos dão nada e a gente é que temos que ir pedir, temos que ir saber onde é que tem serviço, onde é que não há, tanto é que a Amélia, a dona Amélia, a enfermeira Amélia quando disse que faltava quinze dias para acabar o curso, ela mandava a gente desenrascarem-se, foram-se pondo à procura de outros empregos, para irem vendo onde é que havia empregos antes de acabar o curso. Eu tive essa oportunidade de ir para o Solmar porque já trabalhei lá quatro anos, no Centro Comercial e pronto ela mandou desenrascar, e eu, já que ela está mandando desenrascar, eu vou-me desenrascar, tive essa oportunidade até ter a proposta do aeroporto novo ir para lá ou para o aeroporto novo ou então para o Hiper para limpezas, fazer turnos também, pronto eu estou ali, já disse a várias colegas que me vieram pedir que vão precisar de muitos homens e mulheres para irem para o Modelo e Aeroporto.

A — E a dona XXXX acha que esse curso que agora acabou, acha que esse curso veio mudar alguma coisa aqui no Bairro ou não?

O51- C — Mudou, mudou porque estava as pessoas todas ocupadas, não tinha assim coisa, mas ficaram à mesma desempregados.

O52- C — Por exemplo a minha filha que é a que me ganha aqui para casa e o meu filho, o meu filho que está agora para casar ele já tem a sua idade, mas eu conto com o ordenado dela, ela ficando-me em casa, senhor, como é que vai ser a minha vida. Eu sou uma doente, eu não posso trabalhar estou aqui em casa, ela saindo-me, o curso é muito bom, mas no fim do curso elas deviam ter um serviçozinho já para seguirem, não é? Eu acho que sim, que era bom era isso, agora estão no curso, a gente põe, por exemplo, estão ali no curso, está tudo bem e coisa, saiam do curso vêm para casa, vêm para a mesma coisa. Vêm para o mesmo, vêm para a miséria outra vez, enquanto estão no curso a gente fica mais levezinhas, vão para o curso mesmo para elas, para as suas coisas que elas precisam que elas daqui não têm depois dinheiro nenhum para comprar nada, vêm para casa. Mesmo assim essa está na MEFE, está até Dezembro. Quando chegar a Dezembro como é que vai ser? É preciso que arranjem um emprego, não é? Vai-se para o fundo de desemprego às vezes eles arranjam, outras vezes não arranjam que eu conheço o Fundo de Desemprego, que eu também já tive lá.

LB2- ENTREVISTADA — Agora acaba, ven...portanto venho para casa, mas na condição também de arranjar emprego, não é de ficar em casa, porque não dá porque eu tenho dois miúdos, e eu tenho que assim que andar por eles, depois meu pai também não trabalha, é reformado, vivo com ele e a reforma dele é de vinte e sete contos, não, não chega. E não é mais por isso, é porque a gente aprendeu muito e tenho pena já de sair. De ter durado, portanto era para a gente acabar em Dezembro.

O4- B — Não, não é só o nosso caso, tem mais casos para aí assim, vieram-se embora na sexta feira, parados em casa é que não dá, não é?

J24- Entrevistado — Já ouvi dizer que o curso ia abrir novamente novo curso, não é? Com outras pessoas, salvo erro.

J25- Entrevistado — Bom, o que ouvi dizer foi o seguinte: isso não é nada concreto isso foi a gente do bairro, é que a CEF parece que subsidia até 99 não é?

J26- Entrevistado — E que iam arrancar com outras pessoas naturalmente na pode ser sempre os mesmos um novo curso com outros rapazes outras raparigas outras mulheres, não sei quantos, não sei que mais.

J27- Entrevistado — O problema que está aí e que se coloca e que se coloca em Portugal inteiro é após a formação ao trabalho.

Entrevistador — E essas pessoas não estão a ser ajudadas como deviam?

J75- Entrevistador — Que eu saba, que eu saba, não, mas também vamos lá ver isso é uma afirmação que eu não posso fazer porque há pessoas que podem tar sendo ajudadas e dizer que não são, não é? Isso é uma afirmação que eu não posso...

GRÁFICO 39

A4- Outro- A meu ver isso devia continuar sempre só que em fases, a pessoa ia lá trabalhar para esse curso, tirava o curso, que eles realmente estão a dar ele, uns de carpinteiro, outros de electricista, outros de auxiliar de educação mas quando acabar, acaba-se o curso e era bom era que um certo período do ...XXXXXX um curso destes a minha já está há seis meses nesse... seis não, tem mais, não tem? Tem mais de seis meses...

A5- Entrevistada- Tem mais de seis meses.

D4- Entrevistado - Aí é que está, vamos lá ver agora há muito estudante que tão estucando uns pa professores outros pa advogados outros po que eles querem é que está aí, e agora quando eu acabar o meu curso eu tenho meu trabalho pa ir pa pádvogado eu tenho o meu trabalho pa ir pádvogado? Na se sabe se temos se na temos não é? Pronto. Acho bem esses cursos, sim senhor, certo, certo, certo acho bem esses cursos mas diga-me uma coisa o senhor e a outro qualquer digo-lhe a mema conversa eu achava bem era quando ele sa'sse do curso, de ter o curso completo dar um trabalho p'ra ele ma na há trabalho p'ra eles, não há trabalho, pronto, de que serve tirar esses cursos? É empatar dinheiro só não é?

GRÁFICO 40

- F30- Entrevistada — Isto foi bom! Isto foi bom, porque tirou muita gente daí da rua, dos caminhos, da má vida, disso tudo.
- I4- Entrevistada Ñ Não tenho ninguém.
- Entrevistador Ñ Não tem ninguém que pudesse ir?
- I5- Entrevistada Ñ Para mim, s— se fosse para mim.
- I6- Entrevistada Ñ Para mim eu gostava de ir Tenho trinta e cinco anos, sou viúva, não tenho ninguém a trabalhar para mim, vivo de uma reforma pequena de doze contos, também ia. Trinta e cinco anos que eu tenho. O meu marido morreu há nove meses, eu sou viúva, não tenho ninguém no curso.
- B1- Entrevistada - Eu, eu acho bem, até que é bom para elas estão lá no curso, aquilo é bom elas de repente podem tirar algum curso que elas um dia podem vir a realizar é ... não acho que seja ruim isso até foi uma bela coisa para todas as pessoas que andavam aqui no bairro. Concordo com isso.
- E1- Entrevistada — Eu acho bom, na é?
- E2- Outro — Ela tá muito bem.
- E3- Entrevistada — Está bem. Aprenda-se.
- E4- Outro — Estava fora da coisa da electricidade. Tá bom Agora está vendendo ao balcão.
- E5- Entrevistada — Herbanária, está aprendendo fazendo comidas e tudo, é bom aprender
- Entrevistador — Hum, hum. Mas o curso vai acabar daqui a uns meses não é? E o que é que vai ser depois, o que é que vocês pensam?
- B26- CF. GRAF. 30
- E72- Entrevistada — Oxalá abrisse mais um curso com dois filhos que eu tenho tenho um com 16 na altura eu dei o nome ele tinha 14 anos na tinha idade foi quando eu dei pra irmã eu dei o nome do XXXX na altura ele na tinha idade tinha 14 anos e é de 15 anos pra cima até que ele já tem 16 anos, disserem que ele ia ser chamado até que ninguém lhe mandaram chamar. Tenho também um que é o Luis também já tem 15 anos no lugar de eles tarem a fazer mal aqui e ali assim estavam no curso estavam aprendendo, e era melhor e era bom pra eles.
- LB8- ENTREVISTADA - Dá sim. Portanto, agora vou baptizar o meu pequeno em Agosto nem tão pouco vou comprar bolos fora nem nada. Aquilo que eu aprendi de fazer em casa.
- ENTREVISTADOR - Hum! Hum! E a impressão geral que ficou, acha que toda a gente conseguiu ...
- LB9- ENTREVISTADA - Muitas, nem foi portanto É algumas nem todas, algumas conseguiram aprender muito venham e outras não. Eu tenho impressão que aquelas que tiveram mais interesse aprenderam Outras não. Também vai muito no interesse das pessoas e na vontade, não é?
- G27- Entrevistada— Num ponto é os concursos que dá que fazer a essa gente, o senhor já percebeu? Quem tivesse possibilidades para ir para esses concursos.
- G28- Entrevistada - Curso, sim. Têm que fazer, têm aquelas lidas dessas de rapazes, de bolos, se não fosse esses concursos, senhor, a fama do povo, o Bairro tem fama de droga e de ladrões ainda pior ainda ficava com mais fama.
- Entrevistador - E a senhora acha que esta fama é porque?
- G29- Entrevistada - Porque não têm que trabalhar, também.
- Entrevistador - Mas a fama é das pessoas ou é as pessoas de fora que põem mal só por dizer mal?
- G30- Entrevistada - É também as pessoas daqui do Bairro, também. Também essas pessoas também daqui do Bairro também portam-se muito mal. As vizinhas umas com as outras, começam a mandar vir, todas as vezes é policia aí, quando ... marido e mulher chamam a policia fazendo escândalo aí à porta, essas coisas todas. O senhor já percebeu? Se não fosse esse, os concursos, credo, isso havia guerra por todos os cantos aqui nesse Bairro. Agora está tudo calmo, vai tudo para os concursos, até as mulheres, as senhoras aqui nessa creche nova que fizeram, também que bem, agora também não sei que dizem para idosos, essa creche essa coisa nova que está aqui ... aqui mais ao canto, diz que é para idosos, não sei.
- A8- Outro - Sim, sim, sim.
- A9- Outro - Sim, é bom, o trabalho que esses cursos estão a dar é sempre rentável é uma coisa sempre que serve, eles vão fazendo qualquer coisa vão aprendendo e tão dando jeitos também às criancinhas mais miúdinhas da escola em lugar de estar saíem de lá para fora vão, mas vão para esses lados aí para fora, assim eles tão cá no bairro e tão ... e brincam nos baloiços
- Entrevistador - Acha que com um curso conseguem arranjar?
- B5- Entrevistada - Ah! Eu acho que sim. Eu acho que sim. Do feito que elas vão andando e do feito que elas vão falando através do curso que elas dizem lá do curso eu acho que pode ser que elas tenham um bom futuro daquela, daquele curso. Vamos lá ver intê lá a gente ainda falta mais seis meses vamos lá ver então lá o destino do que é que vai acabar.
- H4- Entrevistada — Sim, foi para a animação primeiro e está agora na carpintaria. Estou contente porque o pai ... está aprendendo a ler porque não sabia ler, já percebeu? Não sabia ler, teve problemas em criança e isso tudo, e depois esqueceu-se porque teve um problema na cabeça, esqueceu-se do alfabeto e tudo e estava já na segunda classe, nunca mais quis saber da escola. Ele agora é que está aprendendo a ler, com o professor Macedo lá no curso e Minerva, professora Minerva é que está aprendendo qualquer coisa, ele diz que já sabe qualquer coisa. Já sabe que sem ler ninguém quer um empregado, não é? Sem saber ler nem escrever. E qual é o futuro do meu filho? Está a ver? Só para andar para aí ... sem trabalho o que é que se pode amañhar é mais vícios, não é? Havia de haver um emprego para aqueles que são ... como é que eu hei-de explicar, que ... claro que nem todos somos inteligentes, não é? Não somos todos iguais, há uns médicos, outros são varredores, não é? Havia de haver empregos para aqueles que sabem menos, os que sabem ler, os sabem ler pouco e os que sabem ler menos, para eles estarem ocupados, o Governo devia-se impor mais a isso, não é só o que tem estudos porque quem tem estudos é que tem capacidade, porque, por exemplo o meu filho mais velho tem capacidade para estudar, estudou, e alguém sabe trabalhar em qualquer parte, tem emprego em qualquer parte, já percebeu, está na América, mas se estivesse cá, eu nunca me apoquentei, porque ele tinha emprego em qualquer parte, porque estudou, o meu XXX está estudando de noite está meio caminho andado agora e a XXXX também, agora aquele vai custar muito, á a percebe, porque aquele teve um problema desde criança, evoluindo do meu marido que era alcoólico, isso tudo, teve muito doente da cabeça e ele então não sabe ler e tem um grande problema, muito nervoso, altera-se por tudo e por nada, está a perceber?
- S3- ENTREVISTADA — Já entrou no outro curso e ficou mais. Não foi logo nos primeiros cursos. Nos primeiros cursos estive foi o meu XX, XXXXXX que estive em dois cursos também teve carpintaria, electricidade ... foi logo dos primeiros cursos que entraram eles ficaram. Mas acabou e renovaram e eles ficaram. Só que já se sabe que agora que tem que dar lugar a outros porque é assim mesmo tudo é pobre e tudo precisa de aprender, principalmente era precioso que eles compreendessem que quem sabe trabalhar ganha dinheiro em qualquer lugar. E eles tiveram essa oportunidade teria sido muito bom que as pessoas reconhecessem que foi um sacrifício principalmente para as pessoas que lidavam com eles porque não foi fácil ... cada um com o seu feito, cada um com as suas malcriações, cada um com as suas rebeldias.

GRÁFICO 41

J29- Entrevistado — Agora, agora pode haver portanto, da maneira que a coisa tá sendo feita agora é possível, é possível até empregar quase todos, se eu for um empresário e se me vierem oferecer dois ou três pessoas pa trabalhar de graça ao pé de mim pois é, eu agradeço-lhes e agora quando acabar isso pergunto eu? Que essas pessoas são colocadas nesses empresários, esses pequenos empresários ou seja grandes empresários não interessa é entregue a eles sem a responsabilidade deles na é a pessoa está ali colocada mas está sobre o Centro Paroquial, portanto, acabou o Centro Paroquial a pessoa na tem responsabilidade nenhuma perante o trabalhador pa dizer a ele pronto, já te dei uma lições mais ou menos da vida mas agora já não preciso porque é o custo da mão-de-obra não sei quantos não sei que mais e a gente volta à estaca zero. Mas a gente só ouve pelo menos nos jornais, telejornal só se ouve é cada vez o desemprego aumenta, se o desemprego tá aumentando as pessoas que tão classificadas tão indo p'rou fundo de desemprego na vão buscar outras na é? O que é que é mais fácil é trabalhar com uma pessoa que já tá acostumada a trabalhar do que ir buscar uma pessoa que ainda vai aprender para depois fazer o serviço na é? São maneiras diferentes.

Entrevistador — Tem coisas que deviam estar melhor?

H2- Entrevistada — Hem! Dentro deste assunto, não estou bem dentro do que podia estar melhor, por exemplo os meus filhos estiveram no grupo Horizon, a minha filha está a estagiar agora, já é meio caminho andado para um emprego, não é? O meu XXXX vai também acho que é para a TELECOM ou lá que é estagiar, também é meio caminho andado, daí pode surgir um emprego para ele, não é? No entanto, com a idade que ele tem e com os estudos que ele tem que são muitos, até ao segundo ano não dá nada. Se ele não tivesse nem o segundo ano, estavam agora em casa sem fazer nada, porque ninguém quer rapazes, jovens agora têm que ter um certo estudo, não é? Portanto, da maneira que está o emprego p'rai pela hora da morte que não há emprego para ninguém, com esse curso já é meio caminho andado, sempre ajuda aos jovens, penso eu. O que está mal então não sei porque eu não estou bem dentro do assunto, está a vendo? O senhor acha conforme a pergunta que o senhor me fizer se eu vir que isto está uma coisa mal ...

GRÁFICO 42

A19- Outro - ... pelo menos a mim dava-me um grande jeito. Porque sabe o Centro de Emprego o que é que dá? Meia dúzia de escudos. E assim a esposa a trabalhar ... o serviço tá muito ruim p'ra ai tem bastantes e bastantes pessoas aí desempregadas e o senhor sabe muito bem disso.

ENTREVISTADOR — Então dona XXXX eu queria-lhe perguntar era em primeiro lugar o que é que achou do curso?

R1- B — Eu achei, portanto, para quem vivia isolada enfim nunca teve oportunidade de trabalho, nunca teve acesso a convívio com outras pessoas, a pessoa vivia entre a casa e entre os vizinhos, muitas vezes o que originava brigas entre os vizinhos, entre familiares, isso foi uma oportunidade da gente ter novos conhecimentos a nível de higiene de cozinha de enfim, de educação, como é que hei-de explicar, pronto, foi um mundo que se abriu uma coisa sei lá, não sei m exprimir bem, é como se um cortinado tivesse ali ... tivesse dado novas oportunidades da gente pensar também em si como mulheres e como seres humanos, porque a gente sentia -se marginalizadas pelas outras pessoas, as pessoas do bairro "ah! O bairro é assim, o bairro", a gente até tinha vergonha e medo de dizer que morávamos no bairro e acho que o curso principalmente para mim foi uma caminhada, uma coisa que eu aprendi muito e que eu gostei imenso, principalmente aprendi muito com a minha monitora, com a XXXXX, que ela foi uma pessoa espectacular, a todos os níveis, aprendi muito com ela, e pronto isso deu-me oportunidade agora de ver as coisas de uma forma totalmente diferente daquilo que eu via há dois anos atrás.

A3- Entrevistada - Eu também já ouvi dizer que isso ia acabar, agora não sei se realmente é verdade. Dizem que vai acabar, porque isso dava muito jeito a gente que não tem trabalho que não tem emprego o emprego está muito difícil agora amanhar. Que eu queira dizer mais alguma coisa João ajuda aqui, amor...

A35- Outro - Esse curso tá a dar muito jeito a muita gente principalmente a mim sou franco, esse curso tá a dar muito jeito a muita gente.

A36- Entrevistada - Pois realmente estás parado.

G45- Entrevistada — Exactamente. Para vir, uns que saírem, outros que entraram, esses que não saíem, quando saírem também para onde é que hão-de ir? Se pusesse bem numa profissão, se saísse com um diploma já para entrarem para outro edifício novo, estava bem, havia outros que não sabiam, aprendiam e essas coisas todas. Deiam mais concursos a essa gente, mais uma coisinha para eles trabalharem, para eles viverem.

J30- Entrevistado — Não, não, não porque sempre foi uma coisa que eu debati desde o princípio: é que eles saíam dali e não saíam com um curso nenhum oficial na é, mas na vamos agora dar culpas ao curso nem ao centro às altas patentes é que tem culpa disso não lhes dar os poderes deles poderem dar o diploma, não posso dar culpa disso ao centro paroquial de S. Pedro na é? O centro paroquial prevê esses cursos na é, mas houvesse uma autoridade no fim fosse ver os valores sobre o curso do tempo e então pudesse-lhes dar o diploma disso daquilo ou daquilo outro porque eu quero crer que com um diploma na mão oficial era muito mais fácil um rapaz desses depois quando acabasse o curso na é, chegava ao pé de um engenheiro qualquer um empreiteiro ou coisa assim apresentavam-lhes o seu diploma como é oficial naquilo na é? E então já era muito mais fácil, assim dão-lhes um certificado que não tem valor nenhum é isto é ir p'o mercado do trabalho aquele certificado não significa nada porque aquele certificado ao fim ao cabo só vai certificar p'ra eles ao fim de vinte ou trinta anos de exame eu passei por um curso há tanto ainda tenho aqui o certificado só como uma recordação porque no mercado de trabalho aqui não, não tem validade.

G1- Entrevistada — Aqui fora. O que é que eu acho? Que deviam fazer mais do que um curso para esses rapazes novos irem trabalhar.

Entrevistador — A senhora acha que esses cursos são um bom trabalho para eles?

G2- Entrevistada — São bons, são bons. Dão um jeito às crianças, trabalham, estão ali, estão entretidos. O que é que hei-de dizer mais? É isso. Até neste ponto o Governo está trabalhando bem, porque está para ai tanta maldade, tanto roubo, estão ali, estão sossegadinhos, depois recebem as suas artes, um é carpinteiro, o outro é pintor, o outro é assim, o outro é acolá. Estão lá estão sossegadinhos, estão trabalhando, estão isso ... estão se consolando.

LB1- ENTREVISTADA — Não porque portanto...uma pessoa estava ali a aprender muito e no entretanto, também era uma grande ajuda, não é?

A1- Entrevistada - Acho bom realmente aquilo é bom p'ra trabalharem, não é? p'ra nós que não têm trabalho estão ali a trabalhar acho como um serviço fixo p'ra quem gosta acho que é muito certo e mais que hei-de explicar ao senhor isso agora é que fiquei nervosa com isso?

A2- Entrevistada - Maneira que eu acho bem, acho natural e aquilo É bom para quem não tem trabalho procurasse ali aquele serviço, não era?

GRÁFICO 43

Entrevistador — Já está a haver o estágio, mas e depois isso também vai acabar como é que vocês acham que vai ser depois?

E11- Outro — Ela vai arranjar um outro emprego por ai.

E12- Outra — Isso ...

E7- Outra — Arranjar outro trabalho para ela.

E8- Outro — Exactamente.

Entrevistador — Digam lá vocês.

F9- Entrevistada — Ela ha-de arranjar outro serviço, não é?

Entrevistador - A senhora acha que elas vão arranjar outro emprego?

B3- Entrevistada - Não sei. Ao mesmo tempo eu estou com aquela com aquela, como é o nome, com aquela coisa que elas vão arranjar e de repente podem não arranjar.

Entrevistador - Mas qual é a sua opinião?

B4- Entrevistada - A minha opinião é que se elas através daquele curso, quando acabassem o curso arranjar um empregozinho bom para elas, era bom.

LA9- Entrevistada - Eu acho bom. Pelo menos ajuda, não é, a ensinar pronto, algumas raparigas que não conheciam de nada nem de cozinha nem de nada e assim ela já estão a aprender alguma coisa, não é? Eu penso que é bom.

GRÁFICO 44

D1- Entrevistado - Eu gosto muito de tá ouvindo de amor e vontade apenas pergunto uma coisa só para que serve esses cursos? Para que serve esses cursos, eles tiram o curso cedo cadê o trabalho p'ra ele tar com o seu curso completo cadê o trabalho p'ra eles? Não há. Pronto. Essa o senhor ouviu essa.

Entrevistador - O senhor não tem fé no futuro do bairro.

D4- Entrevistado - Não, tenho fé sim senhor mas cádo trabalho p'ra eles quando eles o curso completo.

D8- Entrevistado - Seu, eu na tenho visto não senhor que eu deia a razão ao senhor eu saio daqui ponho-me na brincadeira p'rai na ... no coiso a minha conversa é sempre a mesma isso aqui é como o tribunal um homem quando for testemunha de outra pessoa tem de dizer assim alguma coisa entre o juiz pode ser mentira mas um homem quando a próxima vez que disser, disser a mesma coisa sabe o que tem a dizer se na disser a mesma coisa vai preso se eu mentir ou tiver um lapso qualquer se disser assim: é pá isto tá mal feito. Ele tem razão e eu tou mentindo diante o doutor juiz, tá mal feito. Por isso mesmo esses cursos acho bem, sim senhor de acordo ter esses cursos tem de ser assim não é agora vou repetir a mesma conversa se ele o curso depois deles ter o curso onde entrarem de carpinteiro de marceneiro de pedreiro o curso que a pessoa quer, não é? Quando ao cabo do curso tar completo se houvesse serviço p'ra eles mas é que não há esse serviço p'ra eles, senhor. Que serve esses cursos? Certo, acho bem. Pá até eu gostava mas ...ou este quem diz eu diz os outros. Hem! Ouvi dizer o curso de carpinteiro, é pá porreiro, futuro p'ra ele, futuro p'ra ele. É pá acabou o curso é me pa eu vou trabalhar amanhã o futuro sempre p'ra ele não p'ra mim porque ele tem 15 anos pro ano ou este ano faz 16 pro ano vai p'ra tropa uma hipótese quantos é ... o que é que e e quer fazer? vamos lá ver como é quer casar não é? Qual foi a ajuda que o senhor me deu? Deu-me despesa e na me deu ajuda nenhuma me ele nem outro qualquer mas deu despesa mas era preciso que o curso dê-lhe o tubo mas era preciso que lhe dê-se trabalho ohm tens o curso?, pronto, e ele vai todo vaidoso porque tem o curso eu chego ao pé do senhor que é um empreiteiro ohm o senhor precisa de um carpinteiro, é pá eu na preciso. Tá percebendo?

D9- Entrevistado - O senhor vai a um lado hem eu na preciso, pronto, o que é que esse home ... para que serve este curso. Na me serve de nada não é sagrada, sabe bem que é verdade.

Entrevistador - E o senhor acha que não vai mesmo haver possibilidades deles arranjar emprego?

D11- Entrevistado - Não. A minha conversa é essa, a minha conversa é essa sempre. Eu fui primeiro então certo se eu ... dão os cursos justos, justos memo lindo, certo, dá um futuro pos rapazes na é? Mas é preciso dar serviço a eles, eles na dão serviço a eles.

J55- Entrevistado — Sim, há muito desemprego e esses miúdos que tão acabando o curso d'onde é que eles vão? É como eu sei, como eu sei que nesse projecto pelo menos tinha a palavra sido dada 20% do pessoal que tinha de se dar emprego, eu tou metido dentro desse assunto porque sei metido nisso desde o início desde que começou até agora há bem pouco tempo, mas actualmente é difícil só podem garantir isso é como já lhe disse é pôr agora os rapazes por conta do Centro Paroquial mas nessas respectivas empresas que deram oportunidade de arrumar alguma coisa pa pôr um rapaz, ou dois, ou três, ou quatro mas não garante que eles mantenham esses rapazes, felizes seríamos que eles garantissem que ficavam com eles aí, sim senhor, já era um futuro para o bairro próprio quanto ... portanto, se os rapazes tiverem uma formação e tiverem um emprego condigno à formação que tiveram pois isso daqui a dez anos já é outras pessoas na maneira de falar aqui no falar ainda se vê aí muita gente um bocadinho brutos no falar, mas não são eles que tem culpa da formação que tiveram na é? Na se pode dar culpas a gente que não tiveram formação, há pessoas que a gente tá a falar com eles não ... o diálogo p'ra eles é fraco partem mais pa violência e a violência é uma coisa ... querem acabar e como é que vai acabar na continuação dos anos se esses miúdos futuros tivessem uma formação digna de vamos pá frente com isso, na é?

Entrevistador — E vocês têm esperança que ela arranje outro emprego.

E14- Entrevistada — Se ela aprender na é? Eu acho que na vai na sei, sobre isso na sei responder.

Entrevistador — Acha que vai ser fácil vai ser difícil?

E15- Entrevistada — Eu acho que as coisas na são muito fácil.

GRÁFICO 45

F32- Entrevistada — Muitos dali estão ... idos para ali estão fazendo estão aprendendo alguma coisa e hão-de tirar uma vida dali.

F5- Entrevistada — Está bem, é assim, para uns está bom, mas para outros não está bom. Sabe o senhor que tem ali muita gente que podiam tar trabalhando, que não estão trabalhando e eles largaram de trabalhar para ir para ali

F22- Entrevistada — Assim está bem. Agora, mas há gente aí que não era para estar ali. Agora, credo, ním pensar nisso!

F23- Entrevistado — Há gente que nunca quiseram trabalhar e eles estão-se fiando naquele dinheiro que é para comprar droga.

F24- Entrevistada — E ainda não dão os ordenados às mães.

F25- Entrevistado — Isso é demais.

F26- Entrevistada — Até fazer coisas que não presta.

F27- Entrevistado — Aquilo é com dinheiro.. Aquilo é que é mal empregado...

F28- Entrevistada — Sei lá até não convém dizer mais nada. Aquilo não presta.

F29- Entrevistado — Aquilo que á mal empregado é aquele dinheiro, agora para essas raparigas e aqueles rapazinhas abaixo desses que tem aí está bem, mas matalotes como aqueles vir cá, credo ...

F7- Entrevistada — É aqueles que não têm tra ... aquelas que andaram que não têm trabalho, que não tinham para onde fosse, crianças novas, essas assim, está muito bem e tirar o curso para fazer qualquer coisa, não é?

F8- Entrevistada — Agora tem muita gente ali, já livres da tropa que não era p'ra tar ali. Vaiam trabalhar como os outros trabalham.

F9- Outra — Estão ali numa brincadeira.

F10- Entrevistada — Estão ali, mas é brincando

F11- Entrevistado — Brincando, chegar ao fim do mês receber o dinheiro...

F44- Entrevistada — Ainda se viram a eles. Há gente tão malcriada. Porque eu não vou aqui a casa de ninguém. Eu estou terminando a minha vida. Eu mesmo estou velha, já não ... já trabalhei bastante, eu agora já não, não vou a casa de ninguém, mas é o que gente ouve e vê. Não está bem, isso assim não está bem, não está bem, porque assim com eu já disse ao senhor, não é para homens que largam de trabalhar para ir para ali.

F45- Entrevistado — Homens cheios de saúde que tem ali era para estar trabalhando.

F33- Entrevistado — Essas mulheres ...

F34- Entrevistada — Mas tem muitos que não era para estar ali.

F35- Entrevistado — Essas mulheres que estão no curso está bem, uma está cá para ali, outra está para acolá, já vão...

F36- Entrevistada — Quantos livres da tropa que largaram de trabalhar, pintores e tudo, para se meter ali ...

F37- Entrevistado — Para ir comer aquele dinheiro ali. Limpo e seco, aquilo é um ...

F38- Entrevistada — É senhor, aquilo consola a vida. Para eles dá limpo e seco e comprar coisas que não presta e essas coisas todas.

D5- Entrevistado - Não sei. Aquilo às vezes funciona à base duma brincadeira pa falar em questão de camaradagem pa estar na brincadeira, aquilo às vezes não é curso aquilo não é curso. Aquilo há muitos que vão po curso vão para o curso honestos mas aquilo às vezes não p'lo curso vão pa vaidade, pa brincadeira porque eles tão-se marimbando do que estão fazendo lá, o senhor já percebeu.

F12- Entrevistada — Eu digo a verdade, eu para mim eu acho que aquilo não está bem para aqueles assim, está bom para aqueles ... para as crianças ... para criancinhas que tão aí com catorze anos, quinze anos, dezasseis anos, dezassete anos, que não têm para onde vaim, que não têm donde ...

F13- Entrevistado — Onde venha ...

F14- Entrevistada — Onde venha nada e para ajudar, não é? Agora aqueles outros largam de trabalhar, outros andam na má vida, na boa vida e estão ali ganhando aquele dinheiro. Isso é que eu não acho bem.

H3- Entrevistada — Eu penso, eles estão é de vontade, não é? Eles mesmo tendo o curso e não querendo, mas não é o caso, eles querem mesmo, qualquer um dos meus filhos quer, quer trabalhar, também o meu XXX está aqui no ...

ANEXO 5

Protocolo do Inquérito

UNIVERSIDA DE DOS AÇORES

INQUÉRITO

casa nº [] []

O SR./ A SRª É O (A) RESPONSÁVEL PELA CASA?

(SE SIM → P.1, SE NÃO LINHA SEGUINTE)

É POSSÍVEL CHAMAR UM DOS RESPONSÁVEIS PELA CASA? (VOLTAR A APRESENTAR-SE)

1- COMO VÊ O AUXÍLIO QUE O GOVERNO PRESTA A PESSOAS AQUI DO BAIRRO?

1.1- É SUFICIENTE PARA AS PESSOAS QUE DELE PRECISAM

1.2- É INSUFICIENTE E DEVERIA SER MAIS

1.3- NÃO CONHEÇO NINGUÉM AQUI DO BAIRRO A QUEM SEJA PRESTADO AUXÍLIO

1.4- DEVERIA SER MENOS POIS NA REALIDADE AS PESSOAS NAO PRECISAM DELE

2- COM QUEM COSTUMA PASSAR MAIS O TEMPO LIVRE?

2.1- COM AMIGOS QUE NÃO MORAM NO BAIRRO

2.2- COM AMIGOS QUE MORAM AQUI NO BAIRRO

2.3- COM A FAMÍLIA CHEGADA

2.4- COM OUTROS, QUEM _____

3- ALGUM DOS AMIGOS COM QUEM SE DÁ NORMALMENTE É SEU VIZINHO?

3.1- SIM, QUANTOS?

3.2- NÃO

GOSTARIAMOS AGORA DE FALAR SOBRE AS PESSOAS QUE MORAM CÁ EM CASA**RESPONDENTE****ESPOSA(O)**

1- QUAL A SUA IDADE E A DO SEU/SUA MARIDO/MULHER?

1- IDADE

2- SEXO

2.1- MASCULINO

2.2- FEMININO

3- QUAL É O VOSSO ESTADO CIVIL?

3.1- CASADO

3.2- DIVORCIADO

3.3- VIÚVO

3.4- SOLTEIRO

3.5- OUTRO

4- QUAL A ESCOLARIDADE DO SEU/SUA MARIDO/MULHER?

R: _____

5- GOSTARIAMOS AGORA DE SABER QUAL A SUA PROFISSÃO E A DO SEU MARIDO/MULHER.

R: _____
(SE REFORMADO ANTES DA REFORMA)

6- ANTES DE MORAR AQUI EM QUE FREGUESIA MORAVA? E O SEU MARIDO/MULHER?

R: _____

DIGA-NOS, POR FAVOR, O PRIMEIRO NOME DE CADA UM DOS SEUS FILHOS QUE MORAM CONSIGO.

1- _____	7- _____
2- _____	8- _____
3- _____	9- _____
4- _____	10- _____
5- _____	11- _____
6- _____	12- _____

----- FILHOS -----

VAMOS FALAR DO: _____

1-SEXO

1.1- MASCULINO

1.2- FEMININO

2- QUAL A IDADE DESTE SEU FILHO(A)?

3- O QUE É QUE ELE FAZ?

3.1- É MUITO NOVO PARA ANDAR NA ESCOLA ---->

P.8

3.2- ANDA NA ESCOLA

3.3- ESTÁ INSCRITO MAS NÃO A FREQUENTA

3.4- ESTÁ DESEMPREGADO

3.5- NÃO TRABALHA NEM ANDA NA ESCOLA, ESTÁ EM CASA

3.6- TRABALHA

4- E QUAL É A SUA ESCOLARIDADE?

R: _____

5- QUAL O SEU ESTADO CIVIL?

5.1- CASADO

5.2- DIVORCIADO

5.3- VIÚVO

5.4- SOLTEIRO

5.5- OUTRO

(PARA OS QUE TRABALHAM E PARA OS DESEMPREGADOS)

6- QUAL A SUA PROFISSÃO?

R: _____

(PARA OS TRABALHADORES, DESEMPREGOS E PARA OS QUE ESTÃO EM CASA)

7- E ANTES, TINHA ALGUMA PROFISSÃO?

7.1- SIM, QUAL? _____

7.2- NÃO

(PERGUNTA SOBRE AS CRIANÇAS QUE NÃO TÊM IDADE ESCOLAR)

8- ONDE COSTUMA FICAR A MAIOR PARTE DAS VEZES?

8.1- FORA DE CASA

8.2- EM CASA

8.1.1- NA CRECHE

8.2.1- COM A MÃE

8.1.2- NO JARDIM E INFÂNCIA

8.2.2- COM OUTRA PESSOA, QUEM?____

8.1.3- COM FAMILIARES

8.1.4- NUMA VIZINHA

8.1.5- NOUTRO LOCAL, QUAL? _____

----- OUTROS RESIDENTES NO FOGO -----

GOSTARIAMOS FINALMENTE DE FALAR SOBRE OUTRAS PESSOAS QUE AQUI HABITEM PARA ALÉM DE SI, DO SEU ESPOS E DOS SEUS FILHOS.

GOSTARIA QUE DISSESSE O PRIMEIRO NOME DESSAS PESSOAS:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

1-SEXO

1.1- MASCULINO

1.2- FEMININO

2- ELE(A) TEM ALGUM PARENTESCO COM O DONO DA CASA?

2.1- NÃO

2.1- SIM, QUAL? _____

3- QUAL É A SUA IDADE?

4- QUAL O SEU ESTADO CIVIL

4.1- CASADO

4.4- SOLTEIRO

4.2- DIVORCIADO

4.5- OUTRO

4.3- VIÚVO

5- O QUE É QUE ELE(A) FAZ?

5.1- AINDA É MUITO NOVO PARA ANDAR NA ESCOLA —> P. 9

5.2- ANDA NA ESCOLA

5.3- ESTÁ INSCRITO NA ESCOLA MAS NÃO A FREQUENTA

5.4- ESTÁ DESEMPREGADO

5.5- NÃO TRABALHA, NEM ANDA NA ESCOLA, ESTÁ EM CASA

5.6- TRABALHA

6- E QUAL É A SUA ESCOLARIDADE?

R: _____

(PARA OS QUE TRABALHAM E PARA OS DESEMPREGADOS)

7- QUE PROFISSÃO É QUE TEM?

R: _____

(PARA OS QUE TRABALHAM, DESEMPREGADOS E PARA OS QUE ESTÃO EM CASA)

8-E ANTES, TINHA ALGUMA PROFISSÃO?

8.1- SIM, QUAL? _____

8.2- NÃO

(SÓ PARA AS CRIANÇAS QUE AINDA NÃO TÊM IDADE ESCOLAR)

9-ONDE COSTUMA FICAR A MAIORIA DAS VEZES?

9.1- FORA DE CASA

9.1.1- NA CRECHE

9.1.2- NO JARDIM DE INFÂNCIA

9.1.3- COM FAMILIARES

9.1.4- NUMA VIZINHA

9.1.5- NOUTRO LOCAL, QUAL? _____

9.2- EM CASA

9.2.1- COM A MÃE

9.2.2- COM OUTRA PESSOA, QUAL? _____

